



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DEUZIMAR COSTA SERRA

**GERONTAGOGIA DIALÓGICA INTERGERACIONAL PARA AUTOESTIMA
E INSERÇÃO SOCIAL DE IDOSOS**

FORTALEZA/CE

2012

DEUZIMAR COSTA SERRA

GERONTAGOGIA DIALÓGICA INTERGERACIONAL PARA AUTOESTIMA
E INSERÇÃO SOCIAL DE IDOSOS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação de jovens, adultos e idosos.

Orientadora: Profa. PhD. Eliane Dayse Furtado.

FORTALEZA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- S496g Serra, Deuzimar Costa.
Gerontagogia dialógica intergeracional para autoestima e inserção social de idosos /
Deuzimar Costa Serra. – 2012.
267 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós
- Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Educação de jovens, adultos e idosos.
Orientação: Profa. Dra. Eliane Dayse Pontes Furtado.
1. Idosos – Educação – Caxias(MA). 2. Interação social na velhice – Caxias(MA). 3. Idosos –
Caxias(MA) – Relações com a família. 4. Autoestima – Caxias(MA). I. Título.

CDD 305.26098121

DEUZIMAR COSTA SERRA

GERONTAGOGIA DIALÓGICA INTERGERACIONAL PARA AUTOESTIMA
E INSERÇÃO SOCIAL DE IDOSOS

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação de jovens, adultos e idosos.

Aprovada em: 13 / 04 / 2012.

BANCA EXAMINADORA

Profa. PhD. Eliane Dayse Pontes Furtado (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Sônia Pereira Barreto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Sandra Maria Gadelha de Carvalho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri
Universidade de Campinas (UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

À Deus, companheiro inseparável, fonte de inspiração, luz divina, meu colo de mãe e pai, que me confiou essa grande missão: viver, produzindo ciência para dignificar a vida;

À minha mãe e vó, Maria Penha, que nunca frequentou uma escola, mas se tornou doutora na escola da vida...com ela aprendi saberes jamais apreendidos na Escola e Universidade, de modo especial os valores que nunca perdi;

À minha mãe Rainha, pelo seu ventre acolhedor, mediadora da minha vida;

Às minhas filhas amadas, Kétsia e Gláucia, razões de viver na labuta cotidiana por vida digna, extensão da minha existência, águias da vida e da esperança, brilhos dessa geração;

Ao Evannildo, amigo, amor e companheiro, águia de luz também parceiro deste trabalho;

Aos meus dez irmãos, águias da vida, diferenciais neste mundo;

Aos meus quase futuros genros Lucas e Ronildo, filhos tutelados pelo amor às águias da minha vida;

Ao Dom Frei Luís D'Andreia (in memorian), amigo e orientador espiritual, modelo de bom pastor;

A Prof^a PhD Eliane Dayse, profissional de excelência, humana e prestativa, aguerrida em defesa da EJAI, sábias observações e orientações na tessitura desta tese;

A Prof^a Dra Anita Liberalesso, minha referência e modelo de pesquisadora, pela competência e determinação nas orientações realizadas;

Aos colegas de trabalho, de modo especial aos Professores Georgyanna, Raimundo Moura, Antonia e Nadja pelo apoio, estímulo e coragem;

Aos professores do Doutorado em Educação, particularmente Professoras Doutoradas Ercília Braga, Sônia Pereira, Sandra Gadelha, pela sabedoria em suas orientações;

Aos professores que trabalham com alfabetização de jovens, adultos e idosos em Caxias, de modo especial os que estão experimentando parte do nosso trabalho;

Ao inesquecível casal Valquíria e Arlindo (in memorian), exemplos de dedicação, amor, união e competência;

Ao casal José Salgado e Eliane amigos que o tempo, convivência e as experiências da vida me deram de presente;

Ao amigo Dr. Erlan Quevedo, companheiro, amigo, pela atenção e empenho, parceiro do Projeto Intergeracional;

Às amigas Cacilda e Erlinda, nem a distância e o tempo nos separam, dentre tantas outras e outros que acompanharam a trajetória da minha vida acadêmica e profissional;

A amiga Edna Castro, companheira das horas certas e incertas, na partilha e convivência durante o Curso, minha gratidão e carinho;

Às amigas Socorro Waquim e Suely Mendes, guerreiras, lutadoras e vitoriosas de muitas batalhas desta vida...trabalho, lealdade e ação são marcas da nossa amizade...

A todos que integram a SEMED/Timon, pelas experiências e amizades, minha gratidão e carinho;

Às amigas Maria, Luciana, Ana Elizabeth e amigo, o poeta César William, presteza e paciência nos momentos de angústias e superações na tessitura desta tese;

A comunidade acadêmica do CESTI/UEMA, também motivo da nossa educação permanente;

À equipe de trabalho do CESTI, sem distinção, de modo especial Lila, Márcio Túlio, Edite, Maristela e Juanita, dentre outros, pelo apoio e compreensão na presença e nas ausências.

Nas travessias da vida, mais uma experiência e desafio, o CESC, comunidade acadêmica de Codó, meus amigos UEMIANOS, o acolhimento e carinho, vocês fazem parte também desta história...

Ao Prefeito de Codó, Zito Rolim e sua família, equipe da educação municipal, pelo apoio e reconhecimento do meu trabalho;

Aos amigos o casal Dr. Arthur Almada Lima e Prof^{da}. Miramar, pelos momentos de lazer e fortalecimento dos laços de amizade;

A Coordenação do Programa de Pós-Graduação Doutorado em Educação da UFC, de modo especial a Geísa e Adalgisa pela dedicação, empenho e atenção;

Gratidão especial aos parceiros deste trabalho, os amigos (a) integrantes do SESI de Caxias-Maranhão, a UEMA, representada pelo companheiro de trabalho, Magnífico Reitor José Augusto Silva Oliveira, de modo particular a PROEXAE, Secretaria de Cultura e Assistência Social do Município de Caxias, os acadêmicos do Curso de Enfermagem e Pedagogia do CESC, Juiz Antonio Manoel Araújo Veloso, Promotores de Justiça e Conselho Municipal do Idoso de Caxias...

Minha eterna gratidão a Deus, pela oportunidade de viver e lutar mediante adversidades, obstáculos e desafios para atingir mais uma etapa na minha vida pessoal e profissional...Inexorável conquista!

Aos idosos do Projeto Intergeracional, águias do amor, amigos para sempre... fontes de sabedoria e inspiração para este trabalho.

“Os critérios da avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser os do calendário. Somos velhos ou moços em função de como pensamos e agimos no Mundo.”

(Paulo Freire)

“No calendário da vida...o que vale é a beleza e a juventude interior e não a ordem cronológica do tempo.”

(Deuzimar Costa Serra).

RESUMO

A tese aborda uma temática atual e pertinente ao contexto social, a educação de idosos, considerando o crescimento demográfico, aumento da expectativa de vida no Brasil e pela necessidade de propostas educacionais voltadas para a educação ao longo da vida, mediatizado pela garantia dos direitos à educação; Tem como objetivo analisar as atividades gerontagógicas, desvelando as contribuições para a alfabetização mediada pelo diálogo intergeracional para autoestima e inserção social dos idosos. A pesquisa tem como referência uma abordagem qualitativa, na modalidade pesquisa-ação e, como procedimento metodológico principal, utilizou Círculos de Cultura para trabalhar os temas geradores retirados do contexto dos sujeitos pesquisados e do Estatuto do Idoso. O processo de alfabetização e formação ao longo da vida, norteado pela Gerontagogia Dialógica Intergeracional, fundamentos epistemológicos Freireano, no Campo da História e Memória, dentre outros estudos que dialogam e convergem com os elementos encontrados nesta investigação. Em relação ao percurso metodológico, foram utilizados a entrevista semiestruturada com roteiros, questionários e observação dos participantes; os sujeitos desta pesquisa são denominados de águias do amor (idosos), vida (filhos), esperança (netos) e de luz (professores). Os dados sócio-demográficos são resultados dos questionários com 20 (vinte) idosos (águias de amor) no corte etário (60 aos 85 anos de idades), que participam do Projeto Intergeracional e revelaram a realidade socioeducacional e econômica, fruto de uma história de vida que os condicionou por diversos motivos a permanecerem à margem do processo de inserção social. Como não tiveram oportunidade de estudar, pois não existia escola na localidade, todas, sem exceção, trocaram o campo pela cidade, em busca de melhores condições de vida, principalmente com o escopo de colocar os filhos na escola e conseguir formá-los como recompensa e projeção dos sonhos que não puderam atingir. As informações da pesquisa após realização da entrevista e das atividades do círculo de cultura, confirmam que trabalhos dessa natureza mediatizados pela Gerontagogia dialógica intergeracional corroboram para autoestima e inserção social dos idosos, constatados nos diálogos e atitudes das águias, como ápice dos resultados. Repercutiu na construção desta tese: apropriação da leitura e da escrita como processo que potencializou a relação conhecimento, reflexão, ação e exigência dos direitos garantidos no Estatuto do Idoso; alfabetização digital; participação, perseverança e engajamento nas atividades com alegria e gestos de solidariedade; valorização pessoal; envolvimento dos filhos e netos com a melhoria das relações na família e mudança nas concepções sobre velhice. Ademais, fica explícita a necessidade de ser incluída na Política Educacional uma Pedagogia propiciadora não só de inserção dos idosos em contextos escolares e não escolares, como também a inclusão nas propostas curriculares da educação básica, de conteúdos que contemplem a educação intergeracional e o processo de envelhecimento; Nessa abordagem é indispensável que as Propostas dos Cursos de formação de professores, principalmente no Curso de Pedagogia, possam fornecer as competências para atuarem, de modo especial nas turmas de EJA (Educação de Jovens, Adultos e Idosos), ancoradas na contribuição da Gerontagogia, a partir dos novos paradigmas sobre velhice e o processo de envelhecimento e, assim contribuir com a educação ao longo da vida.

Palavras-chave: Gerontagogia. Dialógica. Intergeracional. Autoestima. Inserção.

ABSTRACT

The thesis addresses a topic relevant to current social context, education for older adults, considering demographic growth and increased life expectancy in Brazil by the need of educational proposals concerning education for lifelong, mediated by the guarantee of the rights to education; It aims to analyze the gerontological activities, unveiling contributions to literacy mediated intergenerational dialogue to self-esteem and social integration of the elderly. The research has a qualitative approach as a reference, modality in action research as the main methodological procedure, and Culture circles used to work generating themes removed from the context of people surveyed and the Elderly Statute (Estatuto do Idoso). The process of literacy and lifelong formation, guided by Gerontological Dialogic Intergenerational, epistemological fundamentals from Paulo Freire, in the field of history and memory, among other studies converge and converse with the elements found in this investigation. Regarding the methodological approach, were used semi-structured interviews with scripts, questionnaires and participant observation; Individuals of this research are called eagles of love (the elderly), life (children), hope (grandchildren) and light (teachers). The socio-demographic data are results of the questionnaires with twenty (20) elderly (eagles of love) in cutting age (60 to 85 years of age), who participate in the Intergenerational Project and revealed the social educational and economic true, result of a life story that conditioned by several reasons to remain outside the social inclusion process. How had no opportunity to study because there was no school in the locality of residence, all, without exception, changed the countryside for the urban area in search of better living conditions, especially to put their children in school, get from them as a reward and projection of dreams that could not achieve. The survey information after the interview and the activities of the culture circle, confirmed that work of this nature, mediated by Gerontological intergenerational dialogue contribute to self-esteem and social integration of older people, found in the dialogues and attitudes of the eagles, as the apex of the results. Reverberated in the construction of this thesis: the appropriation of reading and writing as a process that maximizes the relation between knowledge, reflection, action and requirement of the rights guaranteed in the Elderly Statute; digital literacy, participation, persistence and engagement in activities with joy and gestures of solidarity; personal enhancement; involvement of children and grandchildren with the improvement of family relations and change in conceptions of old age. However, this explicit need to be included in the Educational Politics a pedagogy pledge not only insertion of old people in school and non-school contexts, as well as the inclusion in the proposed curriculum of basic education, with contents that include education and intergenerational process aging, this approach is essential that the proposals of teacher training courses, mainly pedagogy courses in, can provide the skills to work, especially in classes EJAI (Education for Youth, Adults and Elders), anchored on the contribution of Gerontological, from the new paradigms about senescence and the aging process, and thus contribute to lifelong education.

Keywords: Gerontological. Dialogic. Intergenerational. Self-Esteem. Insertion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Tema Gerador: Inserção Social e Auto-Estima.....	72
Figura 2	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: Meu nome.....	73
Figura 3	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: Família.....	75
Figura 4	– Ciclo de valores essenciais nas relações intergeracionais.....	76
Figura 5	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: Vida e Valores.....	77
Figura 6	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: Trabalho.....	78
Figura 7	– Tema Gerador: Estatuto do Idoso (Direitos Fundamentais).....	78
Figura 8	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: Estatuto do Idoso.....	79
Figura 9	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: Estatuto do Idoso.....	80
Figura 10	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: Círculos de Leitura.....	81
Figura 11	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: Círculos de Leitura.....	82
Figura 12	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: Círculos de Leitura.....	82
Figura 13	– Tema Gerador: Ciclo da Vida (Características da Idade).....	82
Figura 14	– Tema Gerador: Qualidade de Vida (Longevidade).....	83
Figura 15	– O ciclo de vida humana, mostrando as principais transições da vida (STAUDE, 1981 p. 118).....	85
Figura 16	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: O Ciclo da Vida em quatro estações.....	85
Figura 17	– Círculos de Cultura. Tema Gerador: O Ciclo da Vida em quatro estações.....	85
Figura 18	– Campanha Adote um Idoso: Encontro para entrega de óculos às águias do amor.....	87
Figura 19	– Campanha Adote um Idoso: Exposição dos óculos.....	87
Figura 20	– Dinâmicas.....	88
Figura 21	– Dinâmicas.....	88
Figura 22	– Dinâmicas.....	88
Figura 23	– Alongamentos.....	88
Figura 24	– Tema Gerador: Eventos (Atividades em Parceria)	89
Figura 25	– Tema Gerador: Dia do Idoso (Oficinas).....	89
Figura 26	– Comemoração “DIA DO IDOSO”	90
Figura 27	– Café da Manhã.....	90
Figura 28	– Batizado do “Boi Brilho das Gerações” por Dom Luís D’Andréa.....	90

Figura 29 – Apresentação do Boi Brilho das Gerações.....	91
Figura 30 – Apresentação do Boi Brilho das Gerações no Arraiá do CESTI-UEMA em Timon/MA.....	91
Figura 31 – Dramatização na abertura do II Seminário Intergeracional.....	94
Figura 32 – Participantes do II Seminário Intergeracional.....	94
Figura33 – Comissão Organizadora, juiz e promotor de Justiça no II Seminário Intergeracional.....	94
Figura 34 – Comissão Organizadora do II Seminário Intergeracional.....	95
Figura 35 – Organizadores das Oficinas no II Seminário Intergeracional.....	95
Figura 36 – Participantes de oficina do II Seminário Intergeracional.....	95
Figura 37 – Visita a Fábrica Schincariol em Caxias MA, 2009.....	96
Figura 38 – Visita a Igreja São José de Ribamar em São Luís/ MA.....	97
Figura 39 – Passeio na praia “Olho D’água em São Luís/ MA.....	97
Figura 40 – Visita ao Projeto Reviver em São Luís/ MA.....	97
Figura 41 – Festa Natalina Seresta Intergeracional, SESI, Caxias/ MA.....	98
Figura 42 – Festa Natalina Seresta Intergeracional, SESI, Caxias/MA.....	98
Figura 43 – Entrega de Presentes na Festa Natalina, Seresta Intergeracional, SESI, Caxias/ MA.....	99
Figura 44 – Curso de Informática /Parceria: SESI/Caxias.....	99
Figura 45 – Curso de Informática /Parceria: SESI/Caxias.....	99
Figura 46 – Curso de Informática /Parceria: SESI/ Caxias.....	100
Figura 47 – Palestras Educativas no Círculo de Cultura.....	100
Figura 48 – Acompanhamento da saúde dos Idosos no Círculo de Cultura.....	100
Figura 49 – Palestras Educativas no Círculo de Cultura.....	101
Figura 50 – Menção Honrosa ao Projeto Intergeracional.....	101
Figura 51 – Participação na Solenidade de Menção Honrosa promovida pelo MEC ao Projeto Intergeracional.....	102
Figura 52 – Exposição de materiais utilizados no Projeto Intergeracional para a visita da Equipe Técnica do MEC/SECADI, do qual concorre ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”	102
Figura 53 – Apresentando o Projeto Intergeracional na visita da Equipe Técnica do MEC/SECADI concorrendo ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”.....	102

Figura 54 – Entrega de Certificado do Curso de Informática ao Projeto Intergeracional na visita da Equipe Técnica do MEC/SECADI concorrendo ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”.....	103
Figura 55 – Professoras da UEMA e Técnica do MEC/SECADI, visitando o Projeto em função do prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”.....	103
Figura 56 – Acadêmicos do curso de Pedagogia e Enfermagem da UEMA na Apresentação do Projeto Intergeracional na visita da Equipe Técnica do MEC/SECADI concorrendo ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”.....	103
Figura 57 – Homenagem à Profª Deuzimar pelo Projeto Intergeracional na visita da Equipe Técnica do MEC/SECADI concorrendo ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”.....	104
Figura 58 – Outorga de grau Teresinha de Jesus Macedo de 82 anos no Curso de História/UEMA (São João dos Patos/MA em 07/12/2007)	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção de analfabetos por faixa etária de 1991 a 2010.....	243
Gráfico 2 – Taxa de Analfabetismo por Unidade Federativa.....	244

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Competências Básicas no processo de alfabetização de Idosos.....	93
Quadro 2	–	Motivos que impediram os idosos de freqüentar a escola.....	221
Quadro 3	–	Importância de estudar.....	222
Quadro 4	–	Fatos que marcaram a sua vida.....	223
Quadro 5	–	Concepções negativas sobre envelhecimento.....	224
Quadro 6	–	Valores.....	225
Quadro 7	–	Concepções positivas sobre envelhecimento.....	226
Quadro 8	–	Mudanças significativas.....	227
Quadro 9	–	Experiências marcantes.....	228
Quadro 10	–	Projeto Intergeracional: sugestões.....	229
Quadro 11	–	Projeto Intergeracional: perspectivas de participação.....	230

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Taxa de Analfabetismo (a partir de 15 anos).....	242
Tabela 2 – População recenseada, por sexo e grupos de idade, segundo dados do IBGE – Caxias/Maranhão – 2010.....	245
Tabela 3 – Participação de idosos na população brasileira 1940/2000/2010.....	246

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Ação Básica Cristã
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPs	Caixa de Aposentadoria e Pensão
CCI	Centro de Convivência do Idoso
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão/ UEMA
CES	Câmara da Educação Superior
CESC	Centro de Estudos Superiores de Caxias/UEMA
CESTI	Centro de Estudos Superiores de Timon/UEMA
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNI	Conselho Nacional do Idoso
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAE	Conferência Nacional de Educação
CONFINTEA	Conferência Internacional de Educação de Adultos
DENATRAN	Departamento Nacional de Trânsito
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EJAI	Educação de Jovens, Adultos e Idosos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUNDEB	Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Ensino Superior
INPS	Instituto Nacional da Previdência Social
LBA	Legião Brasileira de Assistência
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NUEJAI	Núcleo de Educação de Jovens, Adultos e Idosos
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PAEMA	Plano de Alfabetização Educadora de Jovens, Adultos e Idosos do Maranhão
PAPI	Programa de Atendimento a Pessoa Idosa

PAR	Plano de Ações Articuladas
PEI	População Economicamente Inativa
PIBEX	Programa Institucional de Bolsa de Extensão-UEMA
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
PNI	Política Nacional do Idoso
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SENAC	Serviço Nacional do Comércio
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNITI	Universidade da Terceira Idade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	22
2	O DIREITO DE CONTINUAR APRENDENDO.....	41
2.1	Políticas e Diretrizes para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos.....	52
2.2	A Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Perspectiva do Documento Base Nacional Preparatório à CONFINTEA, Marco de Ação de Belém e da CONAE – Conferência Nacional da Educação.....	58
2.3	A EJAI nas Preposições da CONAE e o Plano Nacional de Educação para o Decênio 2011/2020 – Projeto de Lei Nº 8.035/2010.....	63
3	MARCANDO OS PASSOS DA PESQUISA.....	65
3.1	Etapas dos Procedimentos Metodológicos.....	69
3.2	Atividades Gerontagógicas – Círculos de Cultura.....	70
3.2.1	<i>Temas Geradores.....</i>	72
3.2.1.1	<i>Meu Nome.....</i>	
3.2.1.2	<i>Família.....</i>	
3.2.1.3	<i>Vida e Valores (dois encontros).....</i>	
3.2.1.4	<i>Trabalho.....</i>	
3.2.1.5	<i>O Estatuto do Idoso (05 Encontros)</i>	
3.2.1.6	<i>Círculos de Leitura (05 Encontros)</i>	
3.3	Etapas da Organização, Sistematização e Análise de Dados.....	105
4	DIALOGANDO COM OS TEÓRICOS E OS SUJEITOS DA PESQUISA	107
4.1.	Diálogos com as Águias de Amor (idosos) após realização dos Círculos de Cultura.....	118
4.1.1	<i>Concepções de Velhice, Mudanças, Aprendizagens e Experiências.....</i>	118
4.2	Experiências Marcantes e a Inserção Social dos Idosos.....	128
4.3	Sugestões para o Projeto, os Eventos e a Participação.....	130
5	GERONTAGOGIA DIALÓGICA E INTERGERACIONAL.....	132
5.1	Educar e aprender ao longo da vida: um diálogo entre Freire, Neri, Cachione e Kachar.....	132
5.2	Contribuição da neurociência para educação dos idosos.....	138
5.3	Educação dialógica e a relação intergeracional.....	143
5.4	A memória, lembranças e conteúdos intergeracionais.....	159

5.4.1	<i>Memórias e experiências</i>	167
5.4.2	<i>Aprendizagem idosos e a escola</i>	169
6	CONCLUSÃO	172
	REFERÊNCIAS	181
	APÊNDICE A – CESSÃO DO ESPAÇO DO SESI (SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA)-CAXIAS/MARANHÃO	189
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOSSÓCIO-DEMOGRÁFICOS	190
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA IDOSOS	191
	APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA PROFESSORES QUE TRABALHAM COM EDUCAÇÃO DE IDOSOS	192
	APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM FILHOS E NETOS DOS IDOSOS	193
	APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (APÓS INTERVENÇÃO)	194
	APÊNDICE G – PLANOS DE TRABALHO	195
	APÊNDICE H – ATIVIDADE SOBRE MEMÓRIA COM OS IDOSOS	219
	APÊNDICE I – BOI BRILHO DAS GERAÇÕES	220
	APÊNDICE J – QUADRO 2 – MOTIVOS QUE IMPEDIRAM OS IDOSOS DE FREQUENTAR A ESCOLA	221
	APÊNDICE K – QUADRO 3 – IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR	222
	APÊNDICE L – QUADRO 4 – FATOS QUE MARCARAM A SUA VIDA	223
	APÊNDICE M – QUADRO 5 – CONCEPÇÕES NEGATIVAS SOBRE ENVELHECIMENTO	224
	APÊNDICE N – QUADRO 6 – VALORES	225
	APÊNDICE O – QUADRO 7 – CONCEPÇÕES POSITIVAS SOBRE ENVELHECIMENTO	226
	APÊNDICE P – QUADRO 8 – MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS	227
	APÊNDICE Q – QUADRO 9 – EXPERIÊNCIAS MARCANTES	228
	APÊNDICE R – QUADRO 10 – PROJETO INTERGERACIONAL: SUGESTÕES	229

APÊNDICE S – QUADRO 11 – PROJETO INTERGERACIONAL: PERSPECTIVAS DE PARTICIPAÇÃO.....	230
APÊNDICE T – PRODUÇÃO DOS IDOSOS.....	231
ANEXO A – RESOLUÇÃO Nº 641/ 2005 CEPE/ UEMA- PROJETO INTERGERACIONAL.....	241
ANEXO B – DADOS ESTATÍSTICOS ÍNDICE DE ANALFABETOS BRASIL.....	242
ANEXO C – GRÁFICO 1 – PROPORÇÃO DE ANALFABETOS POR FAIXA ETÁRIA DE 1991 A 2010.....	243
ANEXO D – GRÁFICO 2 – TAXA DE ANALFABETISMO POR UNIDADE FEDERATIVA.....	244
ANEXO E – TABELA 2 – POPULAÇÃO RECENSEADA, POR SEXO E GRUPOS DE IDADE, SEGUNDO DADOS DO IBGE – CAXIAS/MARANHÃO – 2010.....	245
ANEXO F – TABELA 3 – PARTICIPAÇÃO DE IDOSOS NA POPULAÇÃO BRASILEIRA 1940/2000/2010.....	246
ANEXO G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE.....	247
ANEXO H – SINOPSE DOS FILMES “O ESTUDANTE” E “UP – ALTAS AVENTURAS”	248
ANEXO I – TEXTO DA ÁGUIA.....	249
ANEXO J – MÚSICA “ORAÇÃO DA FAMÍLIA”	250
ANEXO K – ATIVIDADE DA ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA..	251
ANEXO L – MÚSICA “É PRECISO SABER VIVER”.....	252
ANEXO M – MÚSICA “O QUE É, QUE É?	253
ANEXO N – TEXTO “A ILHA DOS SENTIMENTOS”.....	254
ANEXO O – MÚSICA “CIDADÃO”_.....	255
ANEXO P – PARÁBOLA DA VAQUINHA.....	256
ANEXO Q – MÚSICA “DE TERESINA À SÃO LUÍS”	258
ANEXO R – VALSINHA.....	259
ANEXO S – POEMA “DAS PEDRAS”	260
ANEXO T – POEMA “QUEM É VOCÊ?”.....	261
ANEXO U – LETRA DA MÚSICA “COMO UMA ONDA”.....	263

ANEXO V – TEMPO REI	264
ANEXO W – TEXTO “A VELHICE”	25
ANEXO X – TEXTO “QUATRO ESTAÇÕES”	266
ANEXO Y – TEXTO “COLHEMOS O QUE PLANTAMOS”	267

1 INTRODUÇÃO

A Gerontagogia dialógica intergeracional, como assim denominamos a temática desta tese, é resultado do nosso envolvimento na modalidade educação de jovens, adultos e idosos manifestado na construção da dissertação de mestrado, na qual expressamos dados que revelaram o aumento do quantitativo de idosos nas turmas de alfabetização.

Esse envolvimento se dá também na minha vida pessoal, tendo como exemplo de vida, minha avó, que mesmo não sendo alfabetizada, educou com disciplina e honestidade, avó e mãe, hoje 96 aos de idade, nunca mediu esforços para, como os sujeitos desta pesquisa, renunciar sonhos e a própria vida do campo para se doar aos filhos, deslocando-se para a cidade a fim de buscar condições dignas para si e sua família. Mulher guerreira, viúva, de origem da baixada maranhense, de uma família humilde e trabalhadora, formada por mulheres e homens camponeses.

Os estudos que antecederam esta investigação estão referendados com a seleção e ingresso no doutorado em educação pela Universidade de Portugal, sob a orientação da Profa. Dra. Mariana Capitão Silvestre, em Lisboa e Co-orientadora no Brasil, a Profa. Dra. Silviane Barbatto, da Universidade de Brasília. As leituras e o cumprimento de seminários inclusive em Lisboa no ano 2005, resultaram em várias atividades práticas, envolvendo a comunidade idosa do município de Caxias-Maranhão, de modo particular o grupo de idosos do Centro de Convivência do Bairro da Cohab.

A temática Gerontagogia é pertinente, atual e em realce na modalidade da educação de jovens e adultos, a categoria de idosos e, de modo específico, evidenciamos o interesse pela Gerontagogia¹ dialógica e intergeracional² como temática de investigação na perspectiva de que esta contribua para a autoestima e inserção social dos idosos. Ao tomarmos este tema como objeto de investigação, partimos do pressuposto de que atividades que cunham uma pedagogia baseada no diálogo e nas relações intergeracionais podem favorecer a elevação da autoestima e inserção social dos idosos, quando incluída uma proposta curricular que contemple conteúdos específicos para os idosos, quais sejam:

¹ Para Lemieux (2000, p. 118) “*Gerontagogia es la ciencia aplicada que tiene por objeto el estudio de métodos y técnicas seleccionadas y reagrupadas en un habeas corpus de conocimientos orientados en función del desarrollo del discente mayor*”.

² Intergeracional é o termo utilizado para referir-se às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações. (NERI, 2005, p. 175).

- Na alfabetização, trabalho com temas geradores a partir do Estatuto do Idoso; socializando outros saberes relacionados ao processo de envelhecimento e a própria vida dos idosos;
- Círculos de Cultura (troca de experiências, danças, coral, artes manuais, encontro entre gerações, confraternização de datas comemorativas, dentre outros).

Considerando o exposto e ainda, a carência de metodologias específicas para alfabetização e educação ao longo da vida³ dos idosos, buscamos neste estudo, que incluiu as estratégias referidas, investigar como as atividades gerontagógicas possibilitam a alfabetização por meio de uma postura dialógica intergeracional para autoestima e inserção social dos idosos. A fim de responder a questão em apreço, definimos como **objetivo geral** analisar as atividades gerontagógicas, desvelando as contribuições para a alfabetização mediada pelo diálogo intergeracional para autoestima e inserção social dos idosos e como **específicos** caracterizar os círculos de cultura na aplicação das atividades gerontagógicas e suas contribuições para o processo de alfabetização dos idosos de classes populares; identificar nas atividades gerontagógicas indicadores que revelam uma relação dialógica intergeracional no processo de alfabetização dos idosos; desvelar como as atividades gerontagógicas contribuem para alfabetização, autoestima e inserção social dos idosos e relacionar as contribuições dos filhos, netos e professores para melhoria da autoestima dos idosos e das relações.

Nesta investigação foi utilizada a Pesquisa-ação, como método de pesquisa, tendo como referência principal, Thiollent (2002) que concebe este método como uma estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de forma cooperativa ou participativa.

A Pesquisa-ação enquanto método ou estratégia de pesquisa oportunizou neste trabalho recorrer a métodos e técnicas para movimentar e interagir com os sujeitos da

³ Adotamos o conceito de educação ao longo da vida conforme Documento intitulado Marco de Ação de Belém, resultante da VI CONFINTEA, realizado de 01 a 04 de Dezembro/2009, em Belém do Pará. [...] Aprendizagem ao longo da vida, do berço ao túmulo, é uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos [...] Reafirmamos quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver [...], enquanto que Formação Continuada, segundo os organismos internacionais, a formação continuada implica na aquisição de conhecimentos, atitudes e habilidades relacionadas ao campo profissional, realizada numa Instituição de Ensino em função de construir uma identidade profissional, ou seja, faz parte do processo de construção profissional.

pesquisa, razão pela qual foi possível selecionar círculos de cultura como forma para realizar a intervenção nesta pesquisa.

Sem dúvida, como pessoa e profissional vinculada à UEMA (Universidade Estadual do Maranhão), mergulhamos no desejo de contribuir para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, tendo como referência os sujeitos pesquisados no período de 2008 a 2010 no município de Caxias-Maranhão; no início, enfrentamos os primeiros obstáculos, local para realizar as reuniões e as condições necessárias, bem como materiais didáticos, lanche, dentre outros e, como se não bastasse, os preconceitos com a temática e, porque não dizer dos sujeitos, que na fala de alguns colegas professores de universidade, estão prestes a morrer, então na visão deturpada e ultrapassada, sujeitos sem importância, expressão cultural de uma sociedade capitalista excludente.

Nessa perspectiva, elaboramos e aprovamos um Projeto denominado Intergeracional no Departamento de Educação do Centro de Estudos Superiores de Caxias da Universidade Estadual do Maranhão (ANEXO A) para desenvolver extensão universitária, após compor uma comissão para realizar uma pesquisa por solicitação do Bispo da Diocese de Caxias-MA, com a finalidade de conhecer a realidade dos idosos de Caxias em preparação aos ciclos de estudos da Campanha da Fraternidade/2003 com o tema “A Fraternidade e pessoas idosas” e o lema Vida, Dignidade e Esperança. A pesquisa teve como parâmetro 400 idosos cadastrados nos quatro centros de convivência existentes nos bairros, incluindo dados daqueles que participam do grupo do Serviço Social do Comércio (SESC). Os resultados dessa pesquisa contribuíram para eleger os critérios de seleção dos sujeitos da investigação, foco do doutorado.

Nos países em desenvolvimento, inclusive no Brasil, o analfabetismo é um dos mais graves problemas sociais. Os dados estatísticos revelam o elevado índice de analfabetos e semianalfabetos em todo o país, principalmente na região nordeste (ANEXO B). Dados do Censo/2010 apontam que, 9,7% da população de 15 anos ou mais são analfabetos e que a maioria se concentra na faixa etária a partir de 60 anos (39,2%) (ANEXO C) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). Inclui-se nesse contexto, o tratamento desigual dado à educação básica do sistema educacional brasileiro, marcado pela exclusão social, no qual predomina a distorção série/idade, evasão e repetência na escola, acumulando milhares de pessoas excluídas do processo educacional; Em números absolutos, o contingente era de 14,1 milhões de pessoas analfabetas. Destas, 42,6% tinham mais de 60 anos, 52,2% residiam no Nordeste e 16,4% viviam com $\frac{1}{2}$ salário mínimo de renda familiar *per capita*.

No estado do Maranhão, conforme IBGE (2010), 20,88% (ANEXO D) da população na faixa etária igual ou superior a 15 anos é analfabeta, o que corresponde a aproximadamente a um milhão de pessoas que não tiveram acesso a escola; essa população jovem, adulta e idosa foi excluída do mundo letrado e está espalhada nos duzentos e dezessete municípios do estado supracitado.

A temática em pauta, reflexo da conjuntura política e social do país, ressoa no cenário do Estado do Maranhão, mais precisamente na comunidade Caxiense, com a população a partir de 15 anos analfabeta em 2000, 33,93% e 2010, 25,75% respectivamente, cujo contexto despertou o nosso interesse de realizar esta pesquisa, na intenção de contribuir com a educação dos idosos, para minimizar os índices de analfabetismo e para a sua inclusão social (IBGE, 2000, 2010).

É visível o crescimento progressivo da população idosa no estado do Maranhão, com 1.692.556 de idosos (ANEXO E); de modo particular, destacamos Caxias (155.202), com uma estimativa de população idosa de 16.291, sendo 9.061 mulheres e 7.230 homens, envolvendo zona urbana e rural, com maior concentração na zona urbana (IBGE, 2010).

Este segmento social apresenta características peculiares, dependentes de um trabalho educativo diferenciado dado à sua realidade social, rural e urbana. Com isso, a educação do idoso, na modalidade da educação de jovens e adultos, merece atenção especial no sentido de inserir-se numa pedagogia inerente a essa categoria.

Entretanto, na atual conjuntura, a escola concentra seu trabalho pedagógico na formação de crianças, jovens e adultos, sem dar enfoque à educação dos idosos, principalmente no que concerne aos saberes que fomentem os valores: respeito, justiça, compromisso, diálogo e solidariedade, como pilares para um processo educacional que viabilize a emancipação humana, na dimensão individual e coletiva.

Com isto e tendo conhecimento dos resultados da pesquisa divulgados pela Diocese de Caxias, destacamos o perfil dos idosos que frequentam os Centros de Convivência de Caxias/MA que coadunam com dados específicos da pesquisa preliminar com os idosos que frequentam o Centro da Cohab: a maioria não teve oportunidade de estudar; são oriundos do campo; sustentam as famílias com a única fonte de renda, aposentadoria; residem com filhos; ou criam netos; enfrentam confrontos no cotidiano nas relações intergeracionais; demonstram que não são conhecedores da totalidade dos seus direitos. Além disso, não conseguem por diversos fatores, participar ativamente no meio social, nas relações formais e informais.

No conjunto, todos esses indicadores, de certa forma, contribuem significativamente para a baixa autoestima dos idosos, de modo que essa relação se caracteriza pelas seguintes evidências:

- a) Ausência de perspectiva de continuar aprendendo ao longo da vida;
- b) Projeção de sonhos em outrem, isto é, nos filhos e netos, em vez de enxergar-se como sujeito ainda em processo de aprendizagem e realização pessoal;
- c) Isolamento social, ou seja, a maioria não apresenta interesse em participar dos eventos socioeducativos oferecidos pelas instituições escolares e não escolares.

É notório que na sociedade contemporânea em constante mudança e evolução nos aspectos sociais, políticos e econômicos, acentua-se a necessidade da educação voltada para os idosos, enquanto promotora de dignidade humana em superação aos conflitos e contradições emergidas nas relações entre as gerações, inversão de valores, papéis e concepções, bem como outros fatores que influenciam na baixa autoestima dos idosos.

Isto posto ressaltamos que a descrição das informações sobre o contingente da população idosa no Brasil e os estudos que demarcam as classificações etárias vinculados à conjuntura social, constituem um desafio, que demanda a adoção de políticas específicas com o objetivo de propiciar um envelhecimento ativo, respeitando os direitos, as diversidades e a dignidade dos idosos, preconizado pelos Direitos Humanos, a Constituição e a legislação atual sobre o idoso. Com esse pensamento, importa mencionar que a viabilização de políticas educacionais é fundamental para dinamizar propostas educativas que possam trabalhar uma nova concepção de educação para o envelhecimento, da pré-escola à universidade.

Desta forma, consideramos nesta pesquisa, o envelhecimento populacional como um fenômeno mundial que está colocando o Brasil no grupo dos países com o maior número de idosos do planeta. Segundo Kachar (2003), os principais fatores desse fenômeno são os avanços da medicina e tecnologia, melhores condições sanitárias e de alimentação, diminuindo a taxa de mortalidade infantil, as mudanças comportamentais e culturais, bem como a redução da natalidade, dentre outros, que contribuem para a melhoria da qualidade de vida e aumento da longevidade.

Essa autora defende que o desenvolvimento social, econômico, cultural e a tecnologia aumentaram a longevidade, criando condições de qualidade de sobrevivência, destaca que a definição cronológica do idoso não é única, mas deve ser utilizada para determinar uma população, a fim de apresentar dados demográficos sobre o envelhecimento e as expectativas de vida.

Nessa abordagem, Camarano (2004), contribui ressaltando que o crescimento da população idosa é consequência de dois processos: alta fecundidade no passado, principalmente nas décadas de 50 e 60, se comparada com o contexto atual e a redução da mortalidade da população idosa. Paralelo a isso, a queda da fecundidade mudou a distribuição etária brasileira e os idosos passaram a ser um contingente significativo da população total, resultando no envelhecimento pela base, enquanto que com a redução da mortalidade, aumentou a longevidade para os idosos, alargando o topo da pirâmide, provocando o seu envelhecimento⁴.

A Organização das Nações Unidas (2003), afirma que a descoberta dos antibióticos no final da década de 40, a criação das unidades de terapia intensiva e das vacinas, na metade do século passado e, as mudanças de concepções sobre estilo de vida na década de 1960, contribuíram para aumentar a longevidade. Nessa prerrogativa, Kalache (1987), colabora enfatizando que nos países desenvolvidos, o saneamento básico, nutrição, condições de moradia, trabalho e higiene, caracterizaram o nível elevado de vida e aumento da perspectiva de vida na primeira metade do século passado, iniciando esse processo 50 anos antes dos países em desenvolvimento, portanto com 50 anos de defasagem.

Conforme dados do IBGE (2008), a expectativa de vida ao nascer, em nível mundial, para esse ano foi estimada em 67,2 anos. Esses dados apontam que, no Brasil, a expectativa de vida ao nascer (2008) era de 72, 8 anos (sendo 76,7 anos para as mulheres e 69,1 anos para os homens). O Brasil ocupa a 87ª posição entre os países, quanto à expectativa de vida ao nascer. O país com maior expectativa de vida é o Japão (82,6 anos), e o país no qual a expectativa é menor (39,60) é a Suazelândia, país localizado no interior da África, entre Moçambique, penúltimo país no ranking, no qual a expectativa é de 42 anos e a África do Sul, com expectativa de 49 anos.

Esses dados comprovam que a transição demográfica no Brasil tem sido progressiva. Os dados IBGE (2003), revelam que no início do século XX, a expectativa de vida era de 33 anos e 7 meses, atingindo 43 anos e 2 meses no início da década de 50 e, a partir de então, foi aumentando expressivamente, com progressão de expectativa de vida em 2000, de 68.5. E os dados do IBGE (2000) confirmam que a expectativa de vida no Brasil era de 64,8 anos para o homem e 72,5 anos para a mulher. Com isso, constatamos que, em 20 anos, a estimativa de vida aumentou 7,6 para o homem, e 8,2 para a mulher. Constatamos o

⁴ O envelhecimento de uma população pode ser melhor visualizado por meio de uma pirâmide etária, pois segundo Camarano (2004), o movimento do envelhecimento pode ser reconhecido pelo estreitamento da base e alargamento do topo.

crescimento progressivo da população idosa brasileira, do IBGE/PNAD/2003, 9,6% para 11,3% no IBGE/PNAD/2010 (ANEXO F), totalizando vinte e um milhões de pessoas com 60 ou mais anos de idade.

Kachar (2003) cita, dentre os aspectos que possibilitam à mulher viver mais que o homem, a questão do fator hormonal que a protege contra os problemas cardiocirculatórios; os fatores de risco a que ficam expostas são menores; o consumo de bebida e fumo é maior entre os homens e o fato das mulheres serem mais cuidadosas com a saúde, procurando com maior frequência os serviços médicos.

As projeções populacionais das Nações Unidas, realizadas em 2005, apontam que o Brasil pertence ao grupo dos dez países com maior população de pessoas de 60 ou mais anos, em termos absolutos, representando, juntos 62% da população idosa do mundo. Para estes cálculos, foi considerada a população de 60 ou mais anos, não obstante, os países desenvolvidos, consideram idoso o indivíduo com 65 ou mais anos. Como parâmetro, no Brasil temos como referência o Estatuto do idoso (Lei Nº 10.741), no art.1º, que atribui 60 anos ou mais às pessoas idosas. Neri (2005) argumenta que os idosos são populações ou indivíduos que podem ser assim categorizados em termos da duração do seu ciclo vital. Segundo convenções sócio-demográficas atuais, idosos são pessoas de mais de 60 anos nos países em desenvolvimento, e de mais de 65, nos países desenvolvidos.

Conforme Py *et al.* (2006), no final do século passado, eram estimados 590 milhões de pessoas idosas, com projeção para 2025 de 1 bilhão e 200 milhões, atingindo 2 bilhões em 2050. Neste ano, pela primeira vez na história da humanidade, as populações com 60 anos ou mais superarão as crianças na faixa etária de 0 a 14 anos, fenômeno acontecido no final do século passado, no ano 2000 em alguns países desenvolvidos, como Alemanha, Japão e Espanha, sendo importante destacar que, 60% das pessoas definidas como idosas, vivem nos países em desenvolvimento, com estimativa para atingir 75% em 2025. As pesquisas indicam que até 2050 os idosos serão mais de 2 bilhões ou seja, 21% da população mundial. Tendo como referência esses dados, abordamos as classificações das idades para compreender quando podemos considerar uma pessoa idosa, não só a partir da ordem cronológica do tempo, mas sob outras definições estabelecidas por pesquisadores. Senão vejamos a seguir:

Segundo Simões (1998), caracterizar a pessoa idosa é desafiante, pois em geral a literatura classifica de idoso (a), tendo como referência a idade de 60 anos, mas em função da expectativa de vida, da legalidade para aposentadoria, dentre outros motivos, é também considerado idoso (a) a partir dos 65 anos dependendo da cultura e sociedade em que está inserido. A autora afirma que as várias capacidades do indivíduo também envelhecem em

diferentes proporções, razão porque a idade pode ser biológica, psicológica ou sociológica. Nessa perspectiva na abordagem cronológica das idades, citamos a Organização Mundial de Saúde (OMS), que classifica o envelhecimento em quatro estágios: meia-idade (45-59); idoso (60-74); ancião (75-90); velhice extrema (90) anos em diante.

Velasco (2005) refere-se à Organização Mundial de Saúde, quanto ao envelhecimento cronológico, classificando os idosos com três outras faixas: de 60 a 69 anos, são os jovens idosos; de 70 a 79 anos são os meio idosos e a partir dos 80 anos são os idosos velhos, também chamada a quarta idade, pelos franceses; o mesmo autor ressalta que vários estudiosos declaram que a velhice não tem nada a ver com a idade cronológica e, afirma que é comum classificar em primeira idade, do nascimento até aos 28 anos, período de formação física, moral, social e profissional; A segunda idade, dos 28 aos 56 anos, vivência da maturidade; terceira idade, dos 56 aos 84 anos, denominado outono da vida e a quarta idade, a partir dos 84 anos, chamada idade da velhice.

Contraopondo a essa concepção Negreiros (2003), imprime que o envelhecimento ao longo dos tempos ganhou várias concepções: Ancião, denominação atribuída aos patriarcas, alguém com experiência acumulada e valorização cultural; o Velho, referindo-se a quem está gasto, em desuso; Idoso, termo utilizado com mais respeito, mas para as classes mais ricas da população para, enfim, chegar à terceira idade. Para o mesmo autor, sob o ponto de vista da produção, compreende a vida em três fases: preparação, produtividade e aposentadoria. A última fase, no atual contexto é definida não só como ócio, inatividade, mas como uma nova forma de viver, de oportunidades, desfrute do que foi vivido, momento do lucro.

Negreiros (2003), afirma ainda, que com o aumento da expectativa de vida, podemos conceber o envelhecimento prorrogado para uma quarta idade, associado à imagem de perdas de capacidades físicas e psicossociais. Com isso, na atualidade há uma tendência de distinguir jovem-idosos, os sexagenário-septuagenários, saudáveis e ativos e idoso-velhos, octogenários, mais dependentes.

Levinson (1978) descreve sobre a teoria da estrutura da vida, junto aos seus colaboradores, dividindo o trajeto da vida em várias eras essenciais: primeira fase da idade adulta (20 a 40); idade adulta intermediária (40 aos 60) e maturidade dos 60 em diante; nessa teoria, o autor defende que a transição da primeira fase adulta, ocorre aos 22 anos, para a meia idade, aos 45 e o auge da idade adulta, ou seja, da maturidade, aos 60 anos.

Jung (1972) também aborda sobre o Ciclo da Vida, comparando a um arco no formato do sol, levantando-se do mar, do nascimento à infância, passamos pela primeira

transição, da adolescência à primeira fase da idade adulta; Na meia idade, enfrentamos outra transição e passamos pela idade adulta intermediária e entramos na segunda metade da vida; Quando aproximamos da velhice, entramos na última transição da vida. Jung teve interesse principal nos estudos sobre a dinâmica da transição da meia idade, suas consequências e potencialidades em relação à criatividade e à integridade na última fase da vida; Para Erikson (1998), o ciclo da vida está classificado nas oito idades do ser humano (fase bebê; infância inicial; idade do brinquedo; idade escolar; adolescência; idade adulta; Maturidade e Velhice);

Rodrigues (2000) aponta que um geriatra chileno, faz a seguinte classificação das idades: Primeira idade: de 0 a 20 anos; Segunda idade: de 21 a 49 anos; Terceira idade: de 50 a 77 anos e Quarta idade: de 78 a 105 anos. Para essa autora, alguns psicólogos dividem a maturidade em três etapas e suas idades cronológicas: maturidade inicial (20 a 40 anos), maturidade média (41 a 65 anos) e maturidade tardia (66 anos em diante). Sendo que na maturidade tardia haverá três novas ramificações: idoso (65 a 75 anos); idoso velho (75 a 85 anos) e a manutenção pessoal (acima de 86 anos).

Mazo (2004), reportando-se aos tipos de envelhecimento, cita a Organização das Nações Unidas (ONU), através da Resolução 39/129, que divide o ciclo de vida sob o aspecto econômico, considerando a força do trabalho do ser humano, que produz e consome em três idades:

[...] primeira idade: as pessoas que só consomem: idade improdutiva (crianças e adolescentes); Segunda idade: as pessoas que produzem e consomem: idade ativa (jovens e adultos) e Terceira idade: as pessoas que já produziram e consumiram, mas que pela aposentadoria, não produzem mais e só consomem: idade inativa (idosos), ou seja, essa categoria integra a população economicamente inativa (PEI). (*Grifo nosso*). (MAZO, 2004, p. 57).

Na verdade, quando tratamos da classificação das idades, adotamos a afirmativa de Neri (2005, p. 114), quando explicita que “Para além de critérios cronológicos, à medida que o ciclo vital da humanidade se alonga, aumenta substancialmente a heterogeneidade entre os idosos.” A mesma autora enfatiza que gênero, classe social, saúde, educação, fatores de personalidade, história passada e contexto sócio-histórico são importantes elementos que se mesclam com a idade cronológica para determinar diferenças entre os idosos, dos 60 aos 100 anos ou mais. E sobre essa questão também adotamos os conceitos da idade, classificadas por Neri (2005) de Idade Biológica, Psicológica e Social.

A partir da abordagem sócio-histórica, recorreremos à história dos idosos em Mazo (2004), quando se refere a essa questão, lembrando que o tratamento dado aos idosos depende

da história da humanidade em diferentes sociedades, épocas e varia também de cultura para cultura.

Antes de contextualizar os idosos na sociedade brasileira, a autora cita que nas Sociedades primitivas de várias regiões e culturas, como exemplo, as comunidades do Sul do Sudão, os povos Yacutas do nordeste da Sibéria, tinham procedimentos discriminatórios e condutas eliminatórias diante dos idosos, enquanto que na China milenar, as pessoas de idade avançada tinham uma situação privilegiada, conservando princípios na organização familiar e patriarcal, de respeito e obediência, atribuindo aos idosos, pela própria formação religiosa e filosófica a condição de possuidores de sabedoria; assim também no Judaísmo, que exigia um respeito especial às pessoas de idade avançada.

Mazo (2004) descreve ainda que na Grécia e Roma antiga, não havia prioridade sobre os problemas sociais relacionados à mulher, aos escravos e aos idosos. Nessa sociedade, as leis só protegiam os gerais idosos. Mas, destacamos que Cícero (2009), aos 63 anos de idade, escreveu um ensaio com o título *De Senectude*, expressando vários aspectos da velhice, dentre os quais se refere às quatro queixas mais frequentes contra a velhice, sendo que a primeira considera a velhice má, porque afasta as pessoas de suas atividades; a segunda que concebe a velhice como indesejável, sem vigor físico; a terceira, como ruim, porque priva dos prazeres da vida e a quarta, a questão da proximidade da morte. Cícero contra argumenta enfatizando que a velhice pode ser uma etapa da vida de realizações, previamente planejadas e, também de novos interesses, com pleno vigor e criatividade; inclusive, utiliza de reflexões para ser grato à velhice, tendo mais discernimento em não cometer mais os mesmos erros. No que se refere à morte destaca dois pontos interessantes: a extinção do nosso ser ou nos conduz à morada eterna, e nesse caso a morte é algo desejável e, que não devemos ter preocupação com a morte, porque sendo um processo natural, pode acontecer em qualquer idade da nossa vida.

Ainda é Mazo (2004) que enfatiza quando nas cidades gregas, as atitudes dos artesãos e comerciantes que necessitavam ampliar suas negociações no mercado interno e externo, alteraram a posição dos mais velhos nessa sociedade. Os saberes dos filósofos conduziam às novas formas de pensar sobre a velhice; inclusive, ensinava Aristóteles que a partir da meia idade o ser humano estava no ápice da produção da vida.

Para Beauvoir (1990, p. 156), a Igreja teve contribuição positiva no século IV, criando asilos e hospitais. Lembra que em Roma e Alexandria, o sustento dos órfãos e doentes foi garantido por ela, que considerava a esmola um dever. “Os velhos devem ter-se beneficiado dessas caridades, mas nunca são mencionados explicitamente.”

Retornando a Mazo (2004) vemos que esta ressalta que na idade Média, ocorreram mudanças significativas na área social e econômica; o predomínio do rural, foi substituído com o surgimento do urbano; desse contexto, surge uma nova classe, a burguesia. Essas transformações contribuíram para modificações na vida dos idosos de classes abastadas. A autora destaca que, a idade média termina com o surgimento do Renascimento, valorização das artes, letras e ciências, tendo como base a prosperidade das cidades italianas, de uma forma geral, o movimento urbanista. A partir daí, as pessoas de idade avançada, com poder aquisitivo, conseguem participar na sociedade, e os camponeses eram condenados à indigência, nesse caso amparados pela família ou pela Igreja, o que não era suficiente para socorrer suas necessidades.

Com o fim do século XVIII e o processo de industrialização nas sociedades européias, surge o regime capitalista, trazendo mudanças na sociedade. No século XIX, com o progresso da medicina, a longevidade aumentou, período em que surge a preocupação com a velhice. A autora reforça que nessa época, aumenta a quantidade de estudiosos e obras nessa área.

Nesse contexto, o crescimento demográfico da população idosa na Europa, acelerou, pois a diminuição da taxa de natalidade e mortalidade proporcionou aumento dos idosos em relação à população geral; ademais, com a revolução industrial acelerou também o êxodo rural e o crescimento urbano, surgindo uma nova classe social: o proletariado. A industrialização e a urbanização dos países alteraram substancialmente a posição do idoso dentro da família e na sociedade como um todo. Esse processo está mencionado em Whitaker (2007) que detalha, sociologicamente, essa mudança na posição do idoso relacionada também às transformações na estrutura de empregos; à entrada da mulher no mercado de trabalho; ao êxodo rural; ao crescimento das cidades e, principalmente, à substituição da família ampliada pela família conjugal moderna. Beauvoir (1990) também considera que a revolução industrial trouxe o êxodo rural e favoreceu o desenvolvimento urbano e o surgimento do proletariado como três fenômenos que acompanharam o crescimento demográfico. Sobre isso, Mazo (2004) ressalta que esse fenômeno demográfico, se conhece com o nome de envelhecimento populacional, ou seja, aumento de pessoas de idade avançada em relação à população total, acarretando conseqüências que resultaram na denominação do Século XX, de Revolução vital.

No Século XX, continua a urbanização da sociedade, complementa Mazo (2004) e, em consequência inicia o desaparecimento da família patriarcal. Neste século surgem os termos geriatria e gerontologia; em 1903 a gerontologia, que estuda o envelhecimento de todos os seres vivos em seus múltiplos aspectos: biológicos, psicológicos e socioeconômicos;

e a geriatria em 1909, como ciência médica que estuda o processo natural do envelhecimento e a vulnerabilidade às doenças.

As autoras Mazo (2004) e Beauvoir (1990) enfatizam que foi no Século XX que os direitos sociais do homem foram consolidados, citando várias conquistas por meio de revoluções, tendo como marco importante a Declaração Universal dos Direitos do Homem, nos Estados Unidos, em 1948. Paralelo a isso, com o aumento da população idosa mundial, iniciam-se maiores reflexões e movimentos por parte da sociedade e dos governantes em relação à velhice.

Destacamos que na evolução das relações entre essa temática e a sociedade, muitos eventos foram realizados, dentre os quais destacamos a Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre o envelhecimento, em Viena, no ano de 1982, tendo a participação de 120 países, o que resultou na elaboração de um Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento.

Entretanto, o crescimento da população idosa não se restringe apenas aos países desenvolvidos, mas é uma realidade nos países em desenvolvimento que, eram considerados “países jovens”, como assim denomina a Organização Mundial da Saúde - OMS, para aqueles que apresentam 7% de idosos em sua população.

No Brasil, desde a década de 70, conforme Mazo (2004), iniciou-se a preocupação da sociedade com essa questão; devido ao crescente incremento da população idosa, começa a ser um “país jovem de cabeça branca”. Em 1976 foi realizado o I Seminário Nacional sobre o Idoso, o que resultou na organização de movimentos em quase todo o país.

Mazo (2004) destaca fatos marcantes que resultaram em intervenções sociais e políticas para os idosos brasileiros:

- a) Em 28 de Setembro de 1885, surge a Lei Saraiva-Cotegipe, a chamada Lei dos Sexagenários. Lei que concedia liberdade aos cativos maiores de 60 anos, mas ao mesmo tempo os relegava à fome e a miséria;
- b) Na Década de 30, a Criação das CAPs-Caixa de Aposentadoria e Pensão e os IAPs-Institutos de Aposentadorias e Pensões, sendo os Institutos gerenciados pelo Estado;
- c) Na década de 70, surge o primeiro programa de governo, o PAI-Programa de Assistência ao Idoso, no INPS- Instituto Nacional de Previdência Social, que em 1979 foi transferido para a LBA-Legião Brasileira de Assistência, com a denominação de PAPI-Programa de Atendimento a Pessoa Idosa;
- d) Em 1973, o Ministério do Trabalho e Previdência Social, regulamentou a aposentadoria por velhice, assegurando aos homens que completassem 65 anos ou mais de idade e 60 ou mais para as mulheres;
- e) Em 1975, por meio da Lei Nº 6.243, possibilitou a vinculação ao sistema previdenciário de cidadãos com 60 anos ou mais idade;
- f) Em 1976, o SESC de São Paulo e o Ministério da Previdência e Assistência Social realizaram Seminários sobre o Idoso em vários Estados do país. (MAZO 2004, p. 32-39).

A iniciativa do SESC de São Paulo, em 1963, como primeira Instituição que iniciou trabalhos de intervenção em Gerontologia Social repercutiu nas instâncias dos setores governamentais e não governamentais, intensificando a partir de 1970, o surgimento de várias organizações e movimentos em todo o país em relação às pessoas idosas, desencadeando a realização pelo SESC do I Encontro Nacional de Idosos em 1982, o II Encontro em 1984, no qual foi promulgada “A Carta de Declaração dos Direitos dos Idosos Brasileiros”.

Nesse contexto surge a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia-SBGG uma organização importante que mobilizou e realizou o VII Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia no Rio de Janeiro em que culminou com a elaboração de um documento fazendo recomendações ao governo e à sociedade brasileira. Em 1988, com a Carta Magna, pela primeira vez uma lei menciona a importância da atenção à velhice no artigo 230; nesse mesmo ano foi realizada a VIII Conferência Nacional da Saúde, ocasião em que foi apresentado o programa sobre Política de Envelhecimento;

A partir dessa época surgem vários movimentos em defesa dos idosos no Brasil, fóruns, associações, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, organizações que encaminham a realização do Seminário “O idoso na Sociedade Atual,” em 1989, na cidade de Brasília-DF, ocasião em que foi elaborado um documento requerendo Políticas Públicas para a 3ª idade nos anos 90.

Dentre outras ações voltadas para executar atividades com idosos, citamos as Universidades, que na década de 80 iniciaram trabalhos relevantes e de impactos sociais para as pessoas idosas, com destaque as pioneiras: UFSC-Federal de Santa Catarina; UFSM Universidade Federal de Santa Maria, chegando em 1998, um total de 119 Universidades públicas e privadas envolvidas com projetos destinados aos idosos. Ressaltando que nos Cursos de Pós-Graduação, em 1994, a PUC iniciou cursos e criou linhas de pesquisas vinculadas ao Curso de Medicina com ênfase na Geriatria. Em 1996, a UNICAMP iniciou Cursos de Mestrado e Doutorado em Gerontologia Social, primeiros do Brasil e América Latina.

Nesse percurso tanto as sociedades como as associações cresceram na década de 90, nas diversas regiões brasileiras; essas organizações se intensificam muito mais com a Criação dos Conselhos Estaduais e Municipais, principalmente com a realização do Fórum Permanente da Política Nacional do idoso;

Em se tratando de Legislação em função da garantia dos direitos dos idosos e das Políticas Públicas, ressaltamos a Lei nº 8.742/93/LOAS, que inclui em seus artigos o direito dos idosos, estabelecendo critérios de atendimento;

Em 1994, foi sancionada a Lei Nº 8.842 pelo Presidente Itamar Franco, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso – PNI e o Conselho Nacional do Idoso-CNI, Lei que tem como referência a Constituição Federal, regulamentada pelo Decreto Nº 1.948/96, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso;

Destacamos que para implementação do PNI, os Fóruns tiveram uma participação fundamental, inclusive com o I Fórum realizado em Fortaleza em Outubro de 1997 e, a partir de então outros mobilizaram a Sociedade em função do PNI, da Criação dos Conselhos e de promoção de Políticas Públicas em prol da dignidade da pessoa idosa;

Em 2003, um dos maiores avanços para o idoso foi a aprovação no Senado Federal do Estatuto do Idoso, Lei Nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003, sancionado pelo governo Luiz Inácio Lula da Silva. O Estatuto prevê direitos, com respeito à inserção do idoso no mercado de trabalho, acesso à educação, cultura, esporte e assegura promoção e recuperação da saúde.

Essa breve descrição sobre as pessoas idosas no Brasil, em diferentes épocas, reflete os avanços ocorridos nas intervenções realizadas pela sociedade civil organizada, pelas políticas públicas e legais, mas os desafios continuam em busca de valorização, dignidade e respeito, dentro de uma sociedade que minimize as desigualdades sociais e econômicas e promova a melhoria da qualidade de vida dos idosos.

Concordamos com Bosi (1994, p. 18), quando afirma “Em nossa sociedade de classes, dilacerada até as raízes pelas mais cruéis contradições, a mulher, a criança e o velho são, por assim dizer, instâncias privilegiadas daquelas crueldades-tradições do dilaceramento e da culpa.” É nessa arena que contextualizamos uma categoria tão relegada e renegada denunciando na fala de Bosi (1994, p. 18): “Se os velhos são os guardiões do passado, por que *nós* é que temos que lutar por eles? Porque foram desarmados.” Ao mostrá-lo, a autora expõe uma ferida aberta em nossa cultura: a velhice oprimida, despojada e banida.

É nessa realidade que os idosos estão inseridos, como bem explicita Freire (2000, p.50): “Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra, acomoda-se, ajusta-se.”

Nos percursos traçados e percorridos na história, registramos a resistência e a persistência dos idosos, senão por si, pelos filhos e netos, abnegados renunciam a si próprio para oportunizarem a outros pelas condições impostas pelo meio e sistema social implantado desde o Brasil Colônia. É nessa trajetória que o Brasil foi acumulando milhares de brasileiros

à margem do saber e do desenvolvimento social, atualmente quatorze milhões da população analfabeta, dentre os quais, a maioria é idosa (39,2%).

Como se não bastassem as condições sociais a que se submeteram ao longo da vida, os idosos por não terem tido acesso ao saber, foram aos poucos se acomodando e se adaptando à realidade, resignados pela sorte ou pela visão fatalista em atribuir todas as suas mazelas sociais à querência divina.

Com essa fala, nos reportamos a Neri (2007), quando ressalta que o preconceito existe na sociedade brasileira, mas os brasileiros não assumem que são preconceituosos, referindo-se à cor ou idade; a autora lembra que o preconceito ocorre na humanidade desde os primórdios e se manifesta de várias formas e em relação aos idosos, são atingidos por diversos adjetivos para caracterizá-los, tais como: “velhos”, “lerdos”, “gagá”, “bruxa”. Tal como ocorre com os negros, outros adjetivos preconceituosos são usados e essa questão se reforça quando associada à condição social, ou seja, ser idoso(a) e pobre, reforça a discriminação e preconceitos com a idade, o ageismo.

Essa realidade traz subjacente uma trajetória histórica que negou o acesso à escola acumulando milhões de analfabetos, pois o maior índice de analfabetismo/IBGE/2010 está concentrado na população idosa, 39,2% (IBGE, 2010), ou seja, nas pessoas que no passado foram crianças, adolescentes, jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar, lideram no *ranking* do analfabetismo, fortalecendo os preconceitos com os idosos, não só pela idade, mas também por ser pobre e analfabeto. Essa relação é objetiva e real quando remontamos à história das políticas de EJA, modalidade de ensino que contempla o idoso, o que parece estar “implícito”. Por essa razão defendemos a inclusão dos idosos, ficando a sigla EJA acrescido para Educação de Jovens, Adultos e Idosos-EJAI, exatamente para destacar essa categoria na Política de Educação Inclusiva, não só pelo fato de ser adulta, mas por pertencer a uma etapa de vida que tem suas peculiaridades e, portanto, exige atenção especial.

Essa relação permeia o cenário do analfabetismo, enfatiza Falcão e Dias (2006), atribuindo aos idosos o caráter de párias da sociedade, discriminados muitas vezes pela sua condição social e ageismo⁵. Para os autores, o ageismo difere do racismo e sexismo nas formas de discriminação e preconceito, porque teoricamente qualquer pessoa pode ser vítima de ageismo ao longo da vida, desde que tenha o privilégio de experimentar a velhice.

Nesse contexto, revisitando as Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos abordamos a trajetória da EJA no Brasil, inserindo os idosos, elucidando que suas

⁵ (termo utilizado pela primeira vez em 1969 por Robert Butler que o definiu como uma forma de intolerância relacionada com a idade, como forte preconceito e discriminação contra pessoas idosas).

marcas pautadas na realidade sócio-política e econômica do país trazem subjacentes a todas as iniciativas de políticas nessa área, concepções pedagógicas que serviram de sustentação para reprodução do tipo de educação destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram oportunidade de estudar no período dito obrigatório pela Lei de Diretrizes e Base da Educação-LDB.

As primeiras iniciativas formais para a educação de adultos, tal como era chamada no Brasil surgiram na década de 40, no entanto, sem nenhuma estrutura com sustentação e continuidade a essa “modalidade de ensino”, que vinha sofrendo influências equivocadas sob o ponto de vista político, pedagógico e social. Naquela época, o analfabetismo era considerado como causa e não efeito do tipo de sociedade implantado desde o Brasil Colônia.

Dentre as iniciativas de enfrentamento do analfabetismo, elencamos os Principais acontecimentos na EJA/Brasil:

- a) 1ª Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (1947), orientada pelo Prof. Lourenço Filho;
- b) Campanha Nacional de Educação Rural (1952);
- c) Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958);
- d) Movimento de Educação de Base (CNBB/61);
- e) Criação do Centro Popular de Cultura (1961/UNE);
- f) Lançamento (Jan/1964) do Plano Nacional de Alfabetização, orientado pelas ideias de Paulo Freire;
- g) Movimento de Cultura Popular/Paulo Freire;
- h) Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC) – (65 a 71) (Iniciativa dos evangélicos/Recife) (Alfabetização);
- i) Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral (1967);
- j) Movimento Cultural Popular (em Natal), cujo lema era: De pé no chão também se aprende a ler”;
- k) Implantação dos Centros de Ensino Supletivo (CES) (para atender aos egressos do Mobral);
- l) Criação da Fundação Educar, com parcerias entre governos e sociedade civil (em substituição ao Mobral);
- m) Implantação do Programa Alfabetização Solidária em parceria com Universidades, Prefeituras e Empresas; (Governo Federal, 1997);
- n) Criação da Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo (em 2003);

- o) Lançamento em 2003 do Programa Brasil Alfabetizado (Governo Lula), que beneficiou 12 milhões de jovens, adultos e idosos no período de 2003 a 2010 e, no governo da Presidente Dilma, o Programa teve continuidade, com o desafio de enfrentar e minimizar o analfabetismo, para reduzir os índices de 9,7% (IBGE, 2010) até o final de 2014.

Os programas, as campanhas, as contribuições pedagógicas de Paulo Freire e de outros educadores não foram suficientes para desencadear de forma satisfatória a Educação de Jovens e Adultos no país. Somente a partir da década de 90, com novos paradigmas e práticas inovadoras do saber fazer, sob a égide da participação dos movimentos sociais, educação popular, das Universidades e de instituições como SESI/SENAC dentre outros é que têm se verificado mudanças significativas na área. Embora a EJA tenha se tornado na teoria modalidade de ensino, na prática está distante de ser o que efetivamente está previsto na legislação do ensino e nas Diretrizes Curriculares Nacionais da EJA no Brasil, pois a oferta continua sendo de caráter compensatório, posto que atendida através de programas sem continuidade.

A partir da Lei Nº 11.494 de 20/06/2007 que trata do FUNDEB, a EJA passou a ter o mesmo tratamento que as outras modalidades de ensino, mas na prática continuam os equívocos e ignorância na educação pública quanto à oferta da EJA, como se não fosse a prioridade na educação básica. Nesse processo, o que importa não é apenas o acesso a educação escolar, mas, oportunizar a continuidade dos estudos aos jovens, adultos e idosos. Na prática tem profissionais da educação que ainda fazem diferença dentro da modalidade EJA, ao afirmarem que Alfabetização não está incluída como EJA. Na verdade a EJA está inclusa na educação básica e como modalidade de ensino a sua oferta pode ser através da Alfabetização, ensino fundamental, 1º segmento, 2º segmento e no ensino médio.

É através desta pesquisa que buscamos afirmar a necessidade da EJAI ser efetivada, conforme a sua institucionalização, cumprindo desta forma as exigências das Diretrizes para EJA; em relação aos profissionais que atuam nessa área, precisam de formação continuada voltada para aprofundar seus estudos sobre o ciclo da vida, os componentes pedagógicos direcionados para a EJA, respeitando suas peculiaridades, inclusive abordando o componente curricular intergeracional pelo acentuado número de idosos na sala de aula.

Apesar dos poucos avanços na EJA, pela primeira vez no Brasil a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), Lei nº 9.394/96 nos artigos 38 e 39 aborda a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de Ensino, as Diretrizes Curriculares e

proposta curricular para o 1º e 2º segmentos, no entanto ainda perdura um elevado índice de analfabetismo de jovens, adultos e idosos.

Na atual conjuntura social brasileira, a maioria dos idosos enfrenta problemas em todos os setores e, apesar dos obstáculos, são verdadeiros esteios (pilares) na sustentação de suas famílias. Alguns alimentam suas esperanças e sonhos nos filhos e netos, outros lutam, resistem e defendem seus espaços para conquistarem melhores condições de vida, dentro das suas limitações e, participando, quando lhes oportunizam, de vários contextos sociais.

Iniciamos o percurso desta pesquisa, debruçamo-nos nas leituras para produzirmos esta tese em partes que se imbricam, porque se complementam na sintonia com nossas convicções e com os teóricos citados. Neste capítulo introdutório enfatizamos o contexto sócio demográfico, o tema, contexto, as classificações etárias, o histórico, o contexto, o problema e os objetivos da pesquisa. No segundo capítulo, o direito de continuar aprendendo, dialogando com os teóricos e ditames legais que asseveram esse direito como princípio norteador para educação ao longo da vida dos idosos.

Nesse percurso chegamos ao terceiro capítulo, relacionando as etapas da metodologia no contexto dos sujeitos da pesquisa, que por opção estratégica são denominados de águias, utilizando esse termo como metáfora para, conforme Boff (1997), reativar a águia dentro de cada um, tendo como referência o conceito de autoestima voltado para esse “olhar sobre si mesmo, avaliar a si mesmo” numa perspectiva otimista, esperançosa, marcado por perdas e ganhos, mas persistente nos objetivos que se pretende, para fazer feliz a si próprio e aos outros.

Desta forma, situamos as águias do amor (idosos), os filhos de águias da vida, os netos águias da esperança e os professores de águias de luz em diálogo com os teóricos e, como cerne da tese tecer, como um trabalho de artesão sobre as atividades gerontagógicas por meio dos Círculos de Cultura aplicadas com as águias de amor (idosos). Enveredamos numa experiência significativa, possível de se aplicar e vivenciar como alternativa para alfabetização e educação ao longo da vida.

Revestida desse compromisso e propósito, apresentamos no quarto capítulo o diálogo dos teóricos com as falas dos participantes desta pesquisa, revendo também conceitos e paradigmas sobre velhice, como princípio integrador e mediador com as falas das águias do amor (idosos), vida (filhos), esperança (netos) e de luz (professores) para definir e adotar paradigmas atuais em função de percorrer os caminhos necessários e atingir os objetivos desta investigação.

Com esse propósito, ancoramos no quinto capítulo que narra sobre a Gerontagogia Dialógica e Intergeracional, uma possibilidade para alimentar formas de ensinar e aprender ao longo da vida, mediatizado na relação recíproca entre ensinante e aprendente, no diálogo permanente, nas relações intergeracionais, com a humildade do esvaziamento necessário para admitir que todos sabemos e ignoramos algo, como bem explicita Freire (1996), para melhoria da autoestima e inserção social dos idosos

Para finalizar uma trajetória de leituras, trabalho e achados da pesquisa, apresentamos as conclusões, um diálogo inquietante e urgente, abordando os principais resultados. Primeiro apontamos a necessidade das mudanças de paradigmas sobre velhice para elencar desafios e possibilidades focando que o estudo em evidência, tendo como referência a Gerontagogia Dialógica e Intergeracional, poderá contribuir como instrumento de reflexão e aprofundamento dos profissionais que trabalham com essa categoria e, na mesma direção, servirá para posteriores investigações sobre o fenômeno pesquisado.

2 O DIREITO DE CONTINUAR APRENDENDO

O direito à educação como bem preconiza a Declaração dos Direitos Humanos, aprovada em 1948⁶ e legislações que convalidam a efetividade dessa questão, remetem para um diálogo sobre os direitos dos idosos continuarem aprendendo. Todos os sujeitos pesquisados para concretização desta tese, na faixa etária entre 60 e 85 anos externaram que não tiveram oportunidade de estudar por diversos fatores. Esses pronunciamentos convergem para reflexões sobre “direito” desta feita, relacionados à educação, como sendo esse princípio para aquisição de outros direitos. O Documento Preparatório para a VI CONFINTEA⁷ explicita bem essa questão em relação à Educação de Jovens, Adultos e Idosos:

Todos os esforços feitos pelo Brasil, nesse campo, em especial a partir da Constituição Federal de 1988, que preceitua no Art. 208 a educação como direito de todos e dever do Estado; da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que passa a assumir a EJA como modalidade da educação; e da Resolução CEB/CNE nº 1/2000 que reafirma a especificidade desta modalidade, demonstram que a cobertura é ínfima, se comparada ao número de pessoas que não possuem educação básica, e que a oferta existente ainda está longe de corresponder às reais necessidades de jovens e adultos brasileiros. (BRASIL, 2008, p. 21).

Telles (1999) narra sobre direitos na história, destacando marcos que imprimem, ainda tardiamente, a garantia de direitos sociais, sem distinção, inclusive etário:

Desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, da ONU em 1948, os direitos sociais foram reconhecidos, junto com os direitos civis e os direitos políticos, no elenco dos direitos humanos: direito ao trabalho, direito ao salário igual por trabalho igual, direito à previdência social em caso de doença, velhice, morte do arrimo de família e desemprego involuntário, direito a uma renda condizente com uma vida digna, direito ao repouso e ao lazer (aí incluindo o direito de férias remuneradas), e o direito à educação. Todos esses são considerados direitos que devem caber a todos os indivíduos igualmente, sem distinção de raça, religião, credo político, idade ou sexo. Com variações, esses direitos foram incorporados no correr desse século, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, nas Constituições da maioria dos países, ao menos do mundo ocidental. No Brasil, essa concepção universalista de direitos sociais foi incorporada muito tardiamente, apenas em 1988, na nova Constituição, que é uma referência política importante em nossa história recente, que foi celebrada (e hoje é contestada) como referência fundadora de uma modernidade democrática que prometia enterrar de vez 20 anos de governos militares. (TELLES, 1999, p. 173).

A autora ainda aborda que na atualidade há equívocos quanto a própria noção de direitos por conta do sistema social ao qual estamos submetidos, que concebe noções de

⁶ Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948; A Constituição de 1988 – marco fundamental; Leis de Diretrizes e Bases da Educação 4.024/64; 5.692/72; 9.394/96.

⁷ Conferência Internacional de Educação de Adultos: Mobilização nacional e internacional para consolidar o compromisso pela educação de jovens e adultos de qualidade e no fortalecimento do direito à educação ao longo da vida.

direitos e cidadania⁸ como promessas da modernidade e, agora como seu avesso, como figuras de “atrasos e anacronismos, privilégios e corporativismos que obstam a potência modernizadora do mercado”. E enfatiza que compreender um acontecimento, supõe enfrentamento da realidade, “Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que nosso século colocou sobre nós e não negar sua existência, nem se submeter mansamente a seu peso.” (TELLES, 1999, p. 37).

Nessa direção, Telles (1999, p. 128), reforça que é necessário construir um espaço público para elaborar e difundir uma nova consciência acerca dos direitos, em busca da cidadania “Marcada pela luta e conquista e a reivindicação de direitos com base nas aspirações por uma vida mais decente, por uma sociedade mais civilizada nas suas formas de sociabilidade.”

E é nessa dinâmica que abordamos a questão dos direitos em Telles (1999), por meio das práticas de cidadania que se concretizam quando o outro “indiferenciado e inominado”, passa a elaborar sua identidade, construindo o seu espaço de pertencimento e inserção por inteiro no seu contexto, acumulando experiências no mundo, fazendo a sua história.

Bobbio (2004) tem razão quando afirma que direitos do homem, democracia e paz fazem parte de três momentos necessários do mesmo movimento histórico, ou seja, concordando com esse autor, sem direitos reconhecidos e protegidos, não existe democracia e, sem esta não existem condições para solucionar os conflitos. Nessa prerrogativa, o cidadão de direito é aquele que consegue o reconhecimento dos direitos fundamentais, que por sua vez terá adquirido paz, que não tem a guerra como alternativa, mas os direitos preservados e garantidos. Alerta ainda que vivemos numa sociedade que tem como desafio o tema da convivência com o diferente, em especial diz o autor, as minorias, os excluídos e, nesse contexto registramos a categoria dos idosos que ao longo da história e até os dias atuais não tiveram direitos efetivados.

Neri e Debert (1999, p. 141) “Mostra que o idoso, especialmente a partir da década de 80, tornou-se um ator político cada vez mais claro na sociedade brasileira”, ocupando espaço na mídia e ganhando a atenção da indústria do consumo do lazer e do turismo.

⁸ A palavra cidadania deriva de cidadão, que vem do latim *civitas*. Na Roma antiga, era considerado cidadão aquele que estava integrado a vida política da cidade; essa ideia estava relacionada a privilégios, normalmente restritos a determinadas classes e grupos; Ao longo da história, pelas alterações dos modelos econômicos, políticos e sociais seja como conquistas. A cidadania era o meio para alcançar a integração social e política.

Na constituição Federal (BRASIL, 1988) todos os indivíduos, enquanto cidadãos são iguais perante a lei, porém, na prática as desigualdades sociais e as estruturas de poder impedem que tal ideia se efetive. Como ser plenamente cidadão numa realidade marcada pela desigualdade, pela negação da meritocracia e pela subversão do princípio de justiça, principalmente para a categoria dos Idosos? As respostas ficam a cargo da dinâmica da sociedade no caminho equitativo da justiça social, mas acima de tudo da práxis das legislações que visem à efetivação da cidadania.

A Cidadania vem sendo construída em detrimento de um Estado democrático em transformação contínua, o qual, de forma dinâmica estabelece direitos iguais a grupos diversificados, mas em contrapartida se depara com uma sociedade injusta. Porém, no Brasil, a Carta Magna de 1988, traz consigo o incremento da justiça social, a equidade, entre os homens, parâmetros que ao longo de 20 anos de sua promulgação vem aos poucos sendo conquistado. A categoria dos idosos obteve garantias que foram regulamentadas com o surgimento da Lei 10. 741, de 1º de Outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Cabe, portanto sua divulgação e a viabilização de sua prática, como também respeitar e valorizar os mais idosos de nossa sociedade, iniciando dentro da própria família de cada brasileiro.

O texto de Faleiros (2007, p. 165) faz considerações enfáticas a Cidadania da seguinte forma:

O processo de ampliação e efetivação da cidadania implica um pacto civilizatório de toda a sociedade, não se restringindo à garantia de direitos de uma parcela da população. A cidadania é, por definição, universal, mas não deve ser concretizada de forma genérica ou abstrata. Na medida em que os direitos universais forem assegurados a todos, cidadãos e cidadãs, teremos uma sociedade de dignidade, respeito e participação, num Estado de direito e democracia. Isso porque a construção da cidadania se articula num processo dialético à construção da democracia. Estado, família e sociedade devem interagir na construção da cidadania, como está previsto na Constituição Federal.

Essa questão nos faz lembrar os direitos negados na trajetória de vida dos pesquisados, como bem expressa Neri (2007, p. 40), quando aborda acerca dos direitos à educação:

Enquanto não existir um sistema realmente universal de educação fundamental de qualidade, não poderemos ter esperança de mudanças reais nos direitos sociais dos idosos porque, como usuários dos serviços sociais, eles não terão a força para provocá-las e acompanhar sua implementação.

Nessa prerrogativa, as minorias têm lutado pelos seus direitos, reagindo a todas as formas de exclusão, como exemplo, a mulher e o negro, mas reitera Bosi (1994, p. 81), o

velho não tem armas. “Nós é que temos que lutar por ele”, inclusive questiona: se os velhos são os guardiões do passado, por que nós é que temos que lutar por eles? Nesse contexto, a autora expõe no seu livro memórias de velhos, uma ferida aberta em nossa sociedade: a velhice oprimida, despojada e banida.

Vivemos numa sociedade capitalista, que valoriza mais o ter, do que o ser, a mercadoria, o lucro. Nesse aspecto concordamos com Bosi (1994, p. 78), na sua afirmativa: “Quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização.” É nesse contexto que refletimos sobre o direito à educação, recordando Telles (1999), questionamos: que relações sociais foram construídas historicamente para que os idosos de hoje, os 39,2% de analfabetos, tivessem vida digna, enfim direito à educação e cidadania?

Certamente a noção de direitos e cidadania são referências de valor pelas quais a barbárie dos tempos atuais pode ser nomeada, descrita e denunciada. Mas também é certo que direitos e cidadania significam um modo de nomear (e imaginar) as formas pelas quais as relações sociais podem ser reguladas e construídas regras civilizadas de sociabilidade – e é exatamente por esse ângulo que estamos sendo desafiados no núcleo mesmo de nossas questões. (TELLES, 1999, p. 15).

Dialogando sobre cidadania, Freire (1987, p. 53) colabora enfatizando que o “conceito de cidadania vem casado com o conceito de participação, de ingerência nos destinos históricos e sociais do contexto onde a gente está”. Nesse sentido realça afirmando que não é apenas o fato do cidadão votar, mas está relacionado com a sua inserção social.

Bosi (1994) refere-se aos preconceitos com a cor, dentre outros, citando a velhice, como fator natural, mas que também tem sido alvo para discriminações e preconceitos. E, convivendo com as adversidades, os idosos são no cotidiano, punidos por um olhar ou com insultos de recriminação, por qualquer falha cometida, como bem explicita:

A velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise e identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas. (BOSI, 1994, p. 79).

Alimentar e dar sentido a tudo que fazemos, é dar sentido à vida, engajados em causas que nos transcendem e que dão vigor e coragem no cotidiano. Concordando com Bosi (1994, p. 80) “Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo. Esgotada sua força de trabalho, o idoso sente-se um pária, e é comum que o escutemos agradecendo sua aposentadoria como um favor ou esmola”, ou seja, o próprio idoso se exclui, não se sente

parte de um processo histórico, também integrante da força de trabalho que lhe rendeu uma aposentadoria que não é uma benéfica, mas fruto das suas conquistas.

É nesse entorno social, fruto de uma história e cultura, que os idosos, principalmente a maioria não alfabetizada, são comumente tratados como inúteis e fracos, até mesmo pela própria família. Recordando Bosi (1994, p. 76):

Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar.

Se a sociedade rejeita os idosos, como bem afirma a autora, não oferece nenhuma forma de valorização do seu trabalho, pois sem a sua força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. Por outro lado, mesmo pertencendo a uma classe favorecida, os idosos sofrem desvalorização, imagine aqueles que não possuem condições dignas de sobrevivência.

Nessa reflexão, cabe ressaltar a garantia dos direitos em função da sedimentação de uma educação, cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna, o que nos remete a outras reflexões tendo como referência as políticas de Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Brasil.

Para iniciar tal diálogo, lembramos Freire (2001, p. 101):

Portanto, a perspectiva da educação em Direitos Humanos que defendemos, é esta, de uma sociedade menos injusta para, aos poucos, ficar mais justa. Uma sociedade reinventando-se sempre com uma nova compreensão da produção. Uma sociedade em que a gente tenha gosto de viver, de sonhar, de namorar, de amar, de querer bem. Esta tem que ser uma educação corajosa, curiosa, despertadora da curiosidade, mantenedora da curiosidade, por isso mesmo uma educação que, tanto quanto possível, vai preservando a menina que você foi, sem deixar que a sua maturidade a mate.

Sabidamente, Freire aborda a educação focando a maturidade, preservando a juventude interior na prática do amor em tudo que fazemos, na possibilidade de nos fazer e refazer, dentro do espaço e tempo que detemos, como se fosse o último a ser vivido.

Em se tratando de tempo e história é indiscutível em Freire a dinâmica do fazer e se refazer nas relações com os outros no tempo e na história: “Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades não de determinismo. Daí, que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade.” (FREIRE, 1996, p. 118).

Com esse pensamento, inserimos “a palavra” como instrumento e recurso importante para consolidar o sentimento de pertencimento, ser, estar e agir no mundo,

recorrendo a Telles (1999, p. 179) “que atribui à palavra enquanto mediadora pela qual os sujeitos que a pronunciam se nomeiam e se declaram como iguais”, igualdade que não existe na realidade dos fatos, mas que se apresenta como referência simbólica e essa exigência tem o efeito de desestabilizar e é própria daqueles que são privados da palavra ou cuja palavra é descredenciada como pertinente à vida pública de um país; A autora reitera alertando que nos desafios atuais, a palavra que diz o direito e se pronuncia sobre a ordem do mundo, pode ser ou estar sendo reinventada e reelaborada na dinâmica conflituosa da vida social.

Nesse sentido, Freire (1987, p. 134), tem razão em dizer: “[...] a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante.” É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo e, segundo o autor a educação para ser verdadeiramente humanista, tem que ser libertadora, não pode ser manipuladora e, uma de suas preocupações básicas, pelo contrário, deve ser a tomada de consciência dos homens e mulheres.

É interessante a forma humanizadora da leitura que Freire faz sobre a relação educação, liberdade e direitos, quando menciona:

Essa educação para a liberdade, essa educação ligada aos direitos humanos nesta perspectiva, tem que ser abrangente, totalizante; ela tem que ver com o conhecimento crítico do real e com a alegria de viver, e não apenas com a rigorosidade da análise de como a sociedade se move, se mexe, caminha, mas ela tem a ver também com a festa que é a vida mesma. (FREIRE, 2001, p. 87).

É nesse contexto que Telles (1999, p. 48) diz que “[...] A perda do mundo comum constrói a figura do indivíduo desinteressado e desprovido de responsabilidade perante o mundo.” Para esse indivíduo, o outro pouco importa e pouco conta, sua existência ou não existência não faz a menor diferença.

Precisa, portanto, da participação dos outros para que ganhe significado na construção de um mundo plenamente humano, “o espaço público é o lugar que preserva a ação do esquecimento”, diz a autora. E é por isso que a ação exige a palavra para que sua obra se complete no mundo. A palavra se determina como discurso através da qual, eventos, fatos e acontecimentos podem ser registrados, narrados, transmitidos e, por essa via, transformados em uma história comum. “É nesse registro que se pode perceber a abismal distância entre a linguagem dos direitos e o discurso humanitário sobre os ‘deserdados da sorte’” (TELLES, 1999, p. 179) que constrói a figura do pobre carente e fraco, vítima e sofredor das desgraças da vida, fixados nas determinações inescapáveis das leis da necessidade.

Defendemos neste trabalho, o direito à educação como forma de inserção social e exercício da cidadania dos idosos nos reportando a um diálogo de Freire com os trabalhadores rurais, concordando com o autor quando afirma que “A profundidade da significação de ser cidadão passa pela participação popular, pela ‘voz’. [...] Não é abrir a boca e falar, recitar. A voz é um direito de perguntar, criticar, de sugerir. [...] ter voz é ser presença crítica na história. Ter voz é estar presente, não ser presente. (FREIRE, 2001, p. 53) e, enfatiza que “Pela palavra acessamos o direito de ser partícipe da decisão de transformar o mundo” (FREIRE; MACEDO, 1994, p. 147), nesse enfoque, Paulo Freire, na obra *Pedagogia da Esperança* reproduz uma conversa com trabalhadores rurais:

- Muito bem, disse eu a eles:
- Eu sei algumas coisas que vocês não sabem. Mas por que eu sei e vocês não sabem?
- O senhor sabe por que é doutor. Nós, não.
- Exato, eu sou doutor. Vocês não. Mas, por que eu sou doutor e vocês não?
- Porque foi à escola, tem leitura, tem estudo e nós, não.
- E por que fui à escola? – Porque seu pai pôde mandar o senhor à escola. O nosso não.
- E por que os pais de vocês não puderam mandar vocês à escola?
- Porque eram camponeses como nós.
- E, o que é ser camponês?
- É não ter educação, posses, trabalhar de sol a sol sem direitos, sem esperança de um dia melhor.
- E por que ao camponês falta tudo isso?
- Porque Deus quer.
- E quem é Deus?
- É o pai de todos nós.
- E quem é pai aqui nesta reunião?
- Quase todos de mãos para cima, disseram que eram. Me fixei num deles e lhe perguntei:
- Quantos filhos você tem?
- Três.
- Você seria capaz de sacrificar dois deles, submetendo-os a sofrimentos para que o terceiro estudasse, com vida boa no Recife? Você seria capaz de amar assim?
- Não!
- Se você, disse eu, homem de carne e osso, não é capaz de fazer uma injustiça dessa, como é possível entender que Deus o faça? Será mesmo que Deus é o fazedor dessas coisas? Um silêncio diferente do anterior. Em seguida:
- Não, não é Deus fazedor disso tudo. É o patrão. (FREIRE, 2000, p. 25-26).

Esse diálogo permite revisitar conceitos e reflexões em torno dos direitos dos idosos ao acesso à educação, tendo como referência dados do crescimento sócio-demográfico, concepções sobre o envelhecimento e experiências de alfabetização de idosos, tema pertinente e inerente ao contexto social brasileiro e de modo particular maranhense.

O diálogo de Freire (2000) com os trabalhadores rurais tem relação com a memória histórica muitas vezes esquecida, de tantas crianças, hoje jovens, adultos e idosos

que não tiveram ou que não têm ainda o acesso à leitura e escrita, como instrumento fundamental para o exercício da cidadania, constituindo-se numa dívida social, como afirma Jamil Cury em (BRASIL, 2000, p. 5), referindo-se aos elevados índices de analfabetismo, que a educação de jovens, adultos e idosos representa “[...] uma dívida social não reparada para os que não tiveram acesso e nem domínio da leitura e escrita como bens sociais, dentro e fora da escola [...]”.

O analfabetismo no Brasil é uma realidade. Segundo o IBGE (2010) 9,7% da população, com 15 ou mais anos de idade são analfabetos, sendo que o maior percentual, 39,2% está na faixa etária de 60 ou mais anos. Embora existam programas para superar o analfabetismo, eles não têm dado conta de cumprir com essa missão. Não só com a função reparadora dessa dívida social, mas equalizadora e, sobretudo qualificadora, funções da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), que implica no compromisso de todos, governo e sociedade, pela garantia dos direitos à educação ao longo da vida.

Face ao exposto, no que se refere ao compromisso de todos pela educação observamos ainda a distância entre o discurso e a prática, neste aspecto, corrobora Telles (1999, p. 103), quando explicita

[...] Se é verdade que muita coisa mudou no Brasil contemporâneo, se direitos, participação, representação e negociação já fazem parte do vocabulário político ao menos nos principais centros urbanos do país, mas a questão da pobreza, do analfabetismo, permanece e persiste desvinculada de um espaço público que esteja em permanente discussão sobre critérios de igualdade e justiça.

Na verdade, a pobreza brasileira, persistente no decorrer das décadas, como diz Telles (1999) é o retrato de uma sociedade que confundiu e ainda confunde modernização com modernidade, uma sociedade na qual as noções de igualdade, liberdade e justiça, valores definidores dos ‘tempos modernos’, não critica, e assim fica na desconversa e num eterno imbróglio.

Nessa direção, concordamos com Freire (1987, p. 38): “A alfabetização, como a educação em geral, não é a força motriz da mudança histórica. Ela não é apenas meio de libertação, mas instrumento essencial para todas as mudanças sociais”. Sem dúvida, Freire (1996, p. 90) afirma: “A educação é uma forma de intervenção no mundo”, é com esse pensamento que defendemos a garantia do direito à educação como ferramenta para inserção social dos idosos, e, para as águias do amor, o processo de alfabetização é de suma importância para sobreviver no atual contexto, também exercício de cidadania.

Linhares (2009), destaca os dados estatísticos pesquisados e fornecidos no Plano de Alfabetização Educadora de Jovens, Adultos e Idosos do Maranhão (PAEMA), os quais revelam que a população maranhense estimada em 6.103.327, indicam que 962.358 desse contingente, encontram-se na faixa etária igual ou superior a 15 anos e não tiveram acesso à escola na idade regular. Dos 217 municípios maranhenses, os índices mais elevados de analfabetismo concentram-se em 117, com percentuais iguais ou superiores a 35%. Conforme o IBGE (2010), 20,88% da população maranhense é analfabeta, numa população de 6.569.683 mil habitantes.

Comparando os dados no Brasil, podemos confirmar que houve mudanças relevantes a partir do ano 1985, resultado das lutas e conquistas dos movimentos sociais. Em se tratando de educação de jovens e adultos, o marco histórico dessas mudanças iniciou com Paulo Freire, antes do golpe militar em 1964; no entanto, os avanços significativos se consolidaram a partir da década de 90.

A Educação como um dos direitos fundamentais garantido no Estatuto e em documentos que imprimem as necessidades dos idosos, requer também, com urgência, a reestruturação das políticas educacionais, que contemplem a educação ao longo da vida, proposta pelas V e VI CONFINTEA e fundamentada nas concepções da Gerontagogia (Educação do Idoso), tendo como eixo norteador as diretrizes curriculares da EJA, o Estatuto do Idoso, a Declaração de Hamburgo (1987) e o Marco de Ação de Belém (2009), dentre outros amparos legais.

Avançando nessa reflexão, nos reportamos à questão do direito, buscamos um entendimento do direito em sua etimologia do latim *directum*, que significa aquilo que é reto; vem do particípio passado do verbo *dirigere*, que significa dirigir, alinhar. Paralelo a este, no sentido amplo, outras definições citadas por Fiúza (2006) colocam o direito como princípio de tudo o que é bom e justo; conjunto de normas.

Direitos, na ótica de Telles (1999), lembram a Declaração dos Direitos Humanos, da ONU, em 1948, ao reconhecer os direitos sociais em todos os setores da vida, inclusive, a educação independente de raça, credo, idade e sexo. Destaca que, no Brasil, essa foi incorporada tardiamente com a Constituição de 1988, pois o cenário das lutas e movimentos começa a mudar a partir de 1985, após transformações do regime político brasileiro. Importa lembrar que os direitos escritos em leis, fizeram parte de debates e embates que mobilizaram homens e mulheres na luta por melhores condições de vida e a tão sonhada igualdade social, como descreve Telles (1999):

[...] Nos anos 80, os movimentos sociais se organizaram, os sindicatos se fortaleceram e as aspirações por uma sociedade mais justa e igualitária ganharam forma na reivindicação de direitos, projetaram-se no cenário público, deixaram suas marcas em conquistas importantes na Constituição de 1988 e se traduziram na construção de espaços plurais de representação de atores coletivos reconhecidos como interlocutores válidos no cenário político nacional. Essa década, vivida sob o signo da esperança democrática, encerrou-se, no entanto, como o espetáculo de uma pobreza talvez jamais vista em nossa história republicana. O fato é que entrávamos nos anos 90 vivendo o paradoxo de uma democracia consolidada, aberta ao reconhecimento formal de direitos sociais, garantias civis e prerrogativas cidadãs reivindicados, mas que conviviam (como continua convivendo) cotidianamente com a violência, a violação dos direitos humanos e a incivilidade nas relações sociais. [...] (TELLES, 1999, p. 17).

De fato, como diz a autora, sob o impacto das lutas sociais que agitaram toda a década de 80, a velha e nunca resolvida questão social, foi colocada no centro das promessas que acenavam com a construção de uma sociedade capaz de conciliar liberdade e igualdade.

Concordando com Telles (1999, p. 84), “[...] Se a pobreza contemporânea diz respeito aos impasses do crescimento econômico num país situado na periferia do mundo capitalista, põe em foco, sobretudo a tradição conservadora e autoritária dessa sociedade.” Depois de 20 anos de arbitrariedades, conflitos, que atravessaram as mais diversas dimensões da vida social e fizeram ressoar por toda a sociedade, através de reivindicações diversas, a exigência por uma vida mais justa e igualitária.

A autora colabora com essa temática, enfatizando que falar de direitos sociais também significa falar de uma perda, e, também pensar os direitos na dinâmica da sociabilidade, no que se refere ao modo como as relações sociais se estruturam. Seguindo esse raciocínio, deslocamos a discussão para repensar os direitos, na fala da Telles (1999, p. 176): “[...] como cifra pela qual problematizar os tempos que correm e, a partir daí, quem sabe, formular perguntas que correspondam às urgências que a atualidade vem colocando”, e porque não dizer formular respostas para superar os desafios postos, por exemplo, da demanda de idosos analfabetos, no sentido de favorecer uma vida melhor e inseri-los a sociedade, pois conforme Neri (1999, p. 125):

Uma velhice bem sucedida depende das condições oferecidas pelas instituições sociais e dos valores que nelas vigoram a respeito do que é uma vida digna para seus cidadãos, a respeito de quem tem direito de acesso a essas condições, por quanto tempo e em que grau de intensidade.

Nesse aspecto, vale destacar no tocante à educação, as pesquisas revelam que a população idosa é menos escolarizada que as gerações mais jovens, sendo significativo o número de analfabetos e daqueles que possuem dificuldades na leitura e escrita, dados

confirmados também no Censo/2010, expressam que as Políticas Educacionais têm negligenciado o atendimento às pessoas idosas.

Concordando com Neri (2007, p. 216), “[...] a baixa escolaridade limita o usufruto de bens e produtos culturais e a defesa dos próprios direitos, e constitui-se num dos principais fatores de exclusão social”, e, para que haja mudanças é de suma importância não só a garantia a todos os idosos, o acesso à educação ao longo da vida, independente da escolaridade, respeitando seu ritmo de aprendizagem e suas peculiaridades, incluindo também, como diz a mesma autora, o domínio das novas tecnologias e a participação junto a outras gerações, na produção de bens e cultura.

Recordamos na fala das águias de amor, o quanto é importante para eles o domínio do uso, por exemplo, do caixa eletrônico, pois todas afirmaram da desconfiança em outras pessoas, inclusive da própria família na retirada do salário (aposentadoria), e, nesse sentido o Curso sobre Noções de Informática, em parceria com o SESI/SENAI, favoreceu um aprendizado que rendeu sucesso não só nas retiradas do dinheiro, mas no entendimento sobre o funcionamento do computador. Após o término do curso, uma das águias do amor (idosa) comentou: “Professora, se você puder arranje um trabalho, que posso ser contratada como digitadora”, foi muito engraçado, mas na verdade, ela se destacou, digitando seus dados pessoais, da família e na formulação de pequenas frases e textos.

Destacamos ainda que nos depoimentos das águias de amor (idosos), quando investigamos os motivos que impediram de estudar, está explícito a falta de oportunidade, principalmente pelo contexto histórico da época, todos moravam no campo e não tinha escola, além do mais o trabalho e a família, também aparecem como justificativa, por conta de salvar a convivência e sobrevivência, o que denota a exclusão e acúmulo de uma demanda que ficou a margem do processo de inserção social.

Retomando a reflexão sobre direitos, ressaltamos que a garantia e o acesso aos direitos fundamentais, precisam ser discutidos e consolidados com a participação dos idosos, que muitas vezes estão à margem do envolvimento nas definições de políticas públicas, ademais os eventos e organizações (Conferências, Conselhos, Delegacias), também estão concentrados e conduzidos por uma minoria. Nessa perspectiva, os idosos ativos, ou seja, aqueles que não possuem nenhum impedimento para se locomover e se comunicar, podem colaborar com seus saberes e experiências.

Nesse diálogo, ressaltamos que nesta pesquisa, as águias do amor, falam da importância de estudar, entendendo a leitura e escrita como uma forma de se comunicar, de viver melhor, de se sentir útil, aprendendo e interagindo com a vida, no seu cotidiano, como

elas destacaram: “aprender a ler e escrever pra não colocar o dedão, porque quem não sabe ler, é como cego, mudo e surdo”, isso preceitua o entendimento de se lançar, ser ousado para continuar dando sentido às suas práticas no cotidiano, como um direito inalienável e condição para uma vida melhor, observando que essa leitura das águias foi antes da aplicação de atividades com os temas geradores, que teve como eixo norteador, o Estatuto do Idoso, ou seja, antes de dialogar sobre os direitos fundamentais.

Concordando com Neri (2007, p. 109) abordamos que “[...] a educação ao longo da vida e na velhice é considerada um instrumento fundamental à determinação de uma velhice bem-sucedida”, aproveitando os contextos escolares e não escolares para construir possibilidades de uma educação inclusiva, tanto discutida e legalmente constituída, mas ainda distante de ser efetivada.

Em nosso entendimento, tal perspectiva requer superação das atitudes, preconceitos e estereótipos em relação à competência e produtividade dos idosos, sem discriminação etária, e, no que se refere à garantia dos direitos à educação, é importante inscrever nesse diálogo os idosos, que também carregam suas formas de existência em termos de valores, crenças, cultura, esperanças e sonhos, conteúdos valiosos para um trabalho inclusive intergeracional na escola, desde a educação infantil, sem necessariamente ter presentes várias gerações.

2.1 Políticas e Diretrizes para Educação de Jovens, Adultos e Idosos

Entendemos o acesso e continuidade dos estudos, como um direito subjetivo, e, consolidado no Estatuto do Idoso, nas Diretrizes Curriculares da EJA, assumido em compromisso coletivo na V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), realizada em Hamburgo/1997, na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB 9.394/96) nos seus artigos 37 e 38; no Fórum Mundial da Educação em Dakar/Senegal, em 2000, no Plano Nacional de Educação PNE/2000, e debatido nos Fóruns, na VI CONFINTEA, evento realizado pela primeira vez no Brasil, em Belém do Pará, em dezembro de 2009, culminando com a elaboração do Documento Marco de Ação de Belém. Porém, cabe salientar, que esses movimentos, ampliaram (no âmbito da educação, principalmente na escola) discussões e decisões acerca da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), incluindo os idosos, pois na prática muitos fatos expressam violação de direitos, lembrando que a família deveria ser o principal espaço de socialização, acolhimento e interação com os idosos.

Nessa abordagem, enfatizamos o direito à educação, como um instrumento e ferramenta para a construção do ser cidadão, como direito singular e subjetivo. Essas questões desencadearam a elaboração da Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos, (V CONFINTEA/1997) indicando essa modalidade de ensino como chave para o século XXI. Com essa mesma envergadura, a VI CONFINTEA (2010) proporcionou espaços para avaliar os avanços alcançados na aprendizagem e educação dos adultos desde a V CONFINTEA para que todos jovens, adultos e idosos possam exercer esse direito; essa mobilização resultou em discussões relevantes para o Marco de Ação de Belém, para assumir o compromisso governo e sociedade, com políticas que garantam educação ao longo da vida, na forma como estabelecido no item 07, p. 6 desse documento:

[...] Aprendizagem ao longo da vida, do berço ao túmulo, é uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação, baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos [...] Reafirmamos os quatro pilares da aprendizagem, como recomendado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver [...]. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2009, p. 6).

Cabe ressaltar que pela primeira vez nesse documento aborda no item 08, aprendizagem ao longo da vida em atendimento às necessidades de adultos e idosos e ainda no item 15 quando trata da participação, inclusão e equidade, reforça:

A educação inclusiva como fundamental para a realização do desenvolvimento humano [...] sem exclusão de idade, gênero, etnia, condição de imigrante, língua, religião, deficiência, ruralidade, identidade ou orientação sexual, pobreza, deslocamento ou encarceramento. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2009, p. 11).

Na verdade, comentamos com entusiasmo a respeito dessa questão, visto que na atual conjuntura educacional brasileira, embora com tantas políticas e discursos de educação inclusiva, não se verificam diretrizes e políticas específicas para a educação do adulto idoso. Constatamos por meio das discussões nos GTs (Grupos de Trabalhos) da CONAE (Conferência Nacional da Educação) em Abril/2010, quando perguntamos ao Secretário da SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão) sobre as ações educativas voltadas para idosos dentro das Políticas da EJA, a resposta foi objetiva e direta, “não há”, sem dúvidas, por falta de interesse por essa questão, de especialistas, pesquisadores e, sobretudo, por uma cultura discriminatória carregada de estigmas e tabus acerca da velhice, observando que o Estatuto do Idoso, principalmente os artigos que rezam sobre educação, estão em voga desde 2003.

Merece destaque nesse compromisso selado no Marco de Ação de Belém, o Direito de aprender por toda a vida, reafirmado na agenda para o futuro da educação de adultos, quando cita Jacques Delors, presidente da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI, que também relatou sobre a educação ao longo da vida, tendo como base os pilares da educação, aprender a conhecer, a fazer, a ser e conviver. Dessa forma, a declaração do VI CONFINTEA, contempla os idosos, principalmente quando trata da educação básica para todos, independente de idade, oportunizando a essa categoria o direito de continuar aprendendo e ensinando, pois suas habilidades devem ser reconhecidas, respeitadas e utilizadas.

Destacando as temáticas abordadas na Conferência Nacional dos Idosos (2006, p. 18), realizada em Brasília, merece atenção as discussões travadas sobre educação, cultura, esporte e lazer:

- Garantia na rede pública de ensino, educação formal, presencial e à distância para as pessoas idosas da zona urbana e rural, em todos os níveis da educação, adequando metodologias, recursos, currículos e materiais didáticos, alimentação, horário adequado, acessibilidade e profissionais qualificados para o trabalho pedagógico;
- Criação nos Estados, Municípios, Centros de Educação Continuada para a população idosa;
- Inserir o envelhecimento como tema transversal em todos os níveis de ensino;
- Incluir, mediante convênios entre Estados, Municípios e Universidades, conteúdos e disciplinas de gerontologia e geriatria para eliminar preconceitos e produzir saberes sobre esse conteúdo nos cursos de graduação;
- Criação nas IES privadas e públicas, cursos de graduação, extensão e de pós-graduação, *Stricto e Lato Sensu* em Gerontologia para educação permanente;
- Implementar Núcleos e Projetos de Extensão em parcerias com Universidades Abertas em torno da temática do idoso;
- Democratizar o acesso nas Universidades da terceira idade;
- Adequar a metodologia da EJA, para incorporar a realidade da pessoa idosa;
- Estimular e implementar nas Secretarias de Educação, projetos de valorização da pessoa idosa, articulada com Escola, Comunidade e Família;
- Regulamentar em nível nacional, através do DENATRAN, a inclusão do tema 'O idoso e o Trânsito' nos cursos para condutores, instrutores e diretores de Centros de Formação de condutores; Inclusão digital e tecnológica para idosos.

Nessa direção, destacamos que, mesmo com o crescente número dessa categoria, ainda são escassas as articulações voltadas para a sua valorização por meio de pesquisas e incremento de projetos educativos, referendados pelo Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003, onde institui na íntegra os direitos à educação dos idosos, como se pode verificar no Capítulo V, nos artigos 20 a 25:

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

Art. 22 Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Art. 23 A participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.

Art. 24 Os meios de comunicação manterão espaços ou horários especiais voltados aos idosos, com finalidade informativa, educativa, artística e cultural, e ao público sobre o processo de envelhecimento.

Art. 25. O poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual. (BRASIL, 2004, p. 4).

Assim, a garantia e o acesso aos direitos à vida, liberdade, respeito, dignidade, alimentação, saúde, educação, cultura, esporte, lazer, trabalho, previdência social, assistência social, habitação e transporte, precisam ser discutidos e efetivados com a participação dos próprios idosos, que segundo assevera Faleiros (2007), em sua maioria estão alheios à participação na esfera pública e se recolhem à vida privada.

Porém, no início do século XXI, através do Estatuto do Idoso os órgãos públicos, instituições e estabelecimentos públicos e/ou privados passaram a dar preferência ao atendimento ao idoso, um exemplo de ação para a cidadania do idoso no Brasil.

Cabe, portanto a todos, sua divulgação e a viabilização de sua prática, como também respeitar e valorizar os mais idosos de nossa sociedade, iniciando dentro da própria família de cada brasileiro.

A legislação brasileira de amparo aos idosos, com a edição da Lei Nº 10.741/2003, conhecida como “Estatuto do Idoso”, se destaca como uma das mais modernas do mundo, mas, na prática, direitos essenciais têm sido negados às pessoas que já passaram dos 60 anos de idade. Esses direitos podem ser garantidos por meio de medidas simples, que podem ser adotadas por qualquer pessoa e em qualquer lugar.

O desafio é grande, pois muitas vezes o argumento de desenvolvimento econômico a todo custo é muito sedutor, principalmente, para um país que sofre com sérias dificuldades econômicas, políticas e sociais, em suma, dificuldades financeiras. Para enfrentar essa realidade faz-se necessário uma parceria urgente entre cada um de nós, indivíduo, família, sociedade e Estado para juntos construirmos e termos a garantia de uma vida digna para todos.

Diante dos pressupostos supracitados, tratar da pessoa idosa revela um desafio, pois histórica e culturalmente essa categoria tem sido desmerecida, taxada como improdutiva para o sistema econômico vigente. Entretanto, com o crescimento demográfico dessa categoria, aos poucos os idosos brasileiros conquistam sua merecida honra de pessoas soberanas, tuteladas pelas normas tratadas em seu Estatuto. Apesar disso, nas lições de Neri (2007):

Algumas disposições do Estatuto do Idoso [...] podem ser apontadas como exemplos de estereótipos compassivos com mais potencial para prejudicar os idosos do que para protegê-los. O artigo 3º assegura absoluta prioridade ao idoso no que tange à efetivação dos seus direitos. Contudo, o atendimento imediato e individualizado de uma categoria social depende de seu poder econômico, como se pode observar no Brasil, onde a posição social assegura profundas diferenças de tratamento, em todas as instâncias. Grande número de brasileiros, idosos em particular são discriminados por serem pobres e por terem baixo nível de instrução. Podemos ver isso todos os dias nas filas do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) e dos hospitais públicos. (NERI, 2007, p. 38).

No que se refere à legislação educacional, converge a LDB Lei nº 9.394/1996, no artigo 37 da educação de jovens e adultos:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.
§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996, p. 29).

A legislação em vigor nos ajuda a refletir sobre a inserção dos idosos em contextos escolares e não escolares, como direito garantido e, sobretudo por uma questão de exercício de cidadania, constrói as condições de igualdade, entendida como isonomia e que se qualifica no direito comum à ação e à opinião, ou seja, no reconhecimento do direito de cada um e de todos à participação na vida pública que na visão de Telles:

[...] é através das práticas de cidadania que se faz a passagem da natureza para a cultura, tirando o outro do indiferenciado e inominado, elaborando sua(s) identidade(s), construindo os seus lugares de pertencimento e integrando-os por inteiro nesse espaço em que a experiência do mundo se faz como história. (TELLES, 1999, p. 130).

Em relação à educação para os idosos, Neri (1999, p. 123), lembra que “[...] é muito comum negar a educabilidade dos mais velhos, com base em argumentos fundados nos estereótipos de velhice incapaz, doentia e improdutiva [...]”. No entanto, afirma a mesma autora, que a participação em atividades educacionais pode favorecer o envolvimento e o engajamento social, o senso de autoeficácia e o bem-estar subjetivo dos idosos.

Isto posto, é relevante enfatizar o conceito de velhice bem-sucedida, a qual em suas lições, Néri e Deberth (1999), destacam três conotações, que se apresentam da seguinte forma: a primeira associa-se à ideia de realização do potencial individual para o alcance do grau de bem-estar físico e psicológico avaliado como adequado pelo indivíduo e pelo seu grupo de idade; a segunda está associada é parecido com a média da população mais jovem, a qual, refere-se a práticas médicas, cirurgias, cosméticas, físicas, sociais e educacionais destinados a preservar a juventude, retardar os efeitos do envelhecimento, mascarar ou reabilitar as consequências desse processo e promover o envolvimento dos mais velhos em atividades julgadas a eles apropriadas; e em terceiro, a autora se refere à manutenção da competência em domínios selecionados do funcionamento, através de mecanismos de compensação e otimização.

Nesses parâmetros, pode-se destacar como essencial e efetiva a realização plena denominada de biopsicossocial de cada indivíduo que se encontra na faixa etária em voga. Porém, para tanto, há de se convir que essas conquistas, são inerentes a cada indivíduo de forma que seu equilíbrio encontra-se entre as limitações e potencialidade de cada homem e/ou mulher, categorizados como idosos, como também, de sua participação efetiva na sociedade nos anos de “vigor”.

Portanto, o sonho de promoção de uma velhice bem sucedida converge na mesma direção, da participação dos idosos ativamente na sociedade em que se encontram inseridos. Assim, faz-se necessário o desprendimento, de esforço individual e coletivo que condicionem e ajudem na compreensão e aproveitamento do potencial dos idosos no Brasil.

Para finalizar esta etapa de estudo, cumpre destacar a lição de Ramayana (2004, p. 16), o qual assevera que,

A relevância da estruturação da cidadania gerontocrática é inerente à sobrevivência da espécie humana e de sua perpetuidade no planeta Terra. Trata-se de um direito fundamental que independe de estar formalmente na constituição, pois precede à formalização do *jus scriptum*.

Importa enfatizar que os idosos como aprendizes na escola, pertencem à modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), que permite reconhecê-los como sujeitos de sua história e aprendizagem, com uma bagagem de experiências e conhecimentos que os sistemas de ensino precisam valorizar e inserir na sua proposta pedagógica, fundamentada na Gerontagogia (Educação do Idoso), tendo como princípio básico o processo de ensinar e aprender ao longo da vida.

2.2 A Educação de Jovens, Adultos e Idosos na perspectiva do Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA, Marco de Ação de Belém e da CONAE-Conferência Nacional da Educação

Na perspectiva de consolidar Políticas Públicas que potencializem ações que estão na efervescência dos debates, reflexões e produções resultantes dos movimentos dos FORUMEJA em todo o país e da Agenda Territorial, destacamos elementos para uma prática mais pertinente à educação de jovens, adultos e idosos, extraídos do Documento Base Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA).

Primeiramente, quando nas páginas 13 e 14, aborda a concepção ampliada de educação de jovens e adultos, que entende educação pública e gratuita como direito universal de aprender, de ampliar e partilhar conhecimentos e saberes acumulados ao longo da vida, e não apenas de se escolarizar. É nessa percepção que se inserem os idosos, enquanto sujeitos de direitos; Segundo, destaca que a EJA como direito, significa reafirmar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, para a qual a educação constitui direito fundamental da pessoa, do cidadão; mais do que isto, significa criar, oferecer condições para que esses direitos sejam, de fato, exercidos.

Em relação à EJA é inquestionável e, por isso, tem que estar disponível para todos, em cumprimento ao dever do Estado, como modalidade no âmbito da educação básica preceituada na legislação nacional, bem como na perspectiva da educação ao longo da vida; Terceiro, a EJA como direito, pressupõe na prática, um trabalho que garanta acesso, elaboração e reconstrução de saberes que contribuam para a humanização e emancipação do ser humano, nesse sentido os idosos carregam consigo uma vasta literatura popular, de conhecimentos e experiências que deveria ser incorporada à proposta curricular para essa modalidade de ensino.

O Documento menciona que os idosos começam a representar um número bastante significativo na população brasileira, ressaltando que a tendência é ampliar, face ao aumento da expectativa de vida e ao envelhecimento considerável, de um significativo contingente de população e com isso, o Brasil hoje começa a compreender a importância de se preocupar com a qualidade de vida e com os direitos dos brasileiros com 60 anos e mais;

Os idosos estão contemplados no documento, quando esse aborda a existência de idosos que não se escolarizaram ou nem se alfabetizaram; por outro, a concepção do aprender por toda a vida, “exige repensar políticas públicas que valorizem saberes e experiências dos

que, não mais vinculados ao trabalho, podem continuar contribuindo para a produção cultural, material e imaterial da nação brasileira”, com dignidade e autonomia, isto, portanto, só será possível, a partir das mudanças de paradigmas tradicionais a respeito da velhice e do envelhecimento, para não continuar relegando-os ao ócio e às atividades pouco criativas e que não oportunizam espaços para assumir compromissos sociais com o legado de uma vida, na transmissão da herança cultural.

Ressaltamos que o documento alerta para pensar os sujeitos da EJA, nas especificidades do trabalho com esses sujeitos, o que necessita refletir sobre a formação dos professores, para que estejam preparados e articulados às particularidades dos jovens, adultos e idosos, o que exige uma adequação curricular que contemple a realidade e possa validar as experiências obtidas nos espaços educativos.

Nessa perspectiva, o referido documento na p.24, deixa claro que é na formação de licenciados em Pedagogia que se deve abordar a EJAI e constituir núcleos que dinamizam iniciativas de pesquisa e extensão. As Universidades têm como desafio, a partir da graduação, a proposição de currículos que contemplem estudos sobre a EJAI, as instituições e o Sistema de Ensino Federal, Estaduais e Municipais o desafio de estabelecer compromisso com a formação continuada de educadores para esta modalidade educativa. Nesse aspecto, é relevante a contribuição desse documento, porque às licenciaturas e mais especificamente o Curso de Pedagogia no estado do Maranhão, ofertam a EJA, como disciplina optativa, sem contar que em matéria de Prática de Ensino Supervisionado e Estágio, os alunos concluem o curso sem nenhuma experiência acadêmica na educação de jovens, adultos e idosos.

Entretanto, alerta ainda sobre a necessidade das Universidades adotarem o Campo da EJAI, fomentando a Pesquisa e Extensão articuladas e com apoio dos Órgãos Superiores, inclusive da Secretaria de Ensino Superior do MEC e de agências de fomento à pesquisa tais como CAPES, CNPQ e Fundações Estaduais de Apoio à Pesquisa.

O documento destaca nas páginas 14, 18, 21, 22 e 25, os principais desafios para implementação de Políticas Educacionais na EJA, fazendo alusão aos idosos, dentre os quais ressaltamos:

- 1-A produção e efetivação de política pública de Estado para a EJA, centrada nos sujeitos jovens, adultos e idosos com a expressão de toda a diversidade que constitui a sociedade brasileira. Com esse enunciado o documento cita os sujeitos da EJAI, situados no contexto de uma sociedade excludente, para sob a responsabilidade do governo, com a participação da sociedade, superar todas as formas de desigualdade e exclusão;
- 2-A EJA é indicada como espaço de relações intergeracionais, de diálogo entre saberes, de compreensão e de reconhecimento da experiência e da sabedoria,

tencionados pelas culturas de jovens, adultos e idosos; isso é constatado com a presença de várias gerações em sala de aula. (BRASIL, 2008, p.14).

É louvável, quanto à referência às políticas de EJA, focando as de alfabetização, refletindo sobre o que é alfabetizar e garantir o direito à educação para jovens e adultos, na perspectiva de formar leitores e escritores autônomos, que não só dominem o código linguístico, mas que também sejam capazes de atribuir sentidos e recriar histórias; de compreender criticamente sua realidade, intervindo para transformar o seu cotidiano, pela escrita, provocando inovações e/ou mudanças nas formas de alfabetizar essa categoria.

3-Políticas Públicas de Estado que se materializem mesmo como projetos e programas, articulados com os entes governamentais nos âmbitos federal, estadual e municipal, neste tópico, destacamos a importância das Universidades no sentido de envolver a pesquisa e extensão, como também a produção de conhecimentos de jovens e adultos. (BRASIL, 2008, p. 24).

Reconhecer e garantir o direito da EJAI em tempos e espaços pedagógicos diferenciados no sistema nacional de educação deve romper com a reprodução da oferta de EJA nas tradicionais formas e modalidades de educação, tipo aligeirada e compensatória, com justificativa equivocada de que os “educados têm pressa, por isso a escola oferece pouco conteúdo em pouco tempo.

A realidade de propostas mais consequentes de EJA tenciona esse raciocínio e demonstra que não há como pensar em educação como direito público subjetivo apenas no ensino fundamental para jovens, adultos e idosos, sem uma clara definição, no sistema de ensino, de mudanças necessárias nas estratégias de acesso, permanência e qualidade do conhecimento produzido.

Nessa conjuntura, o documento pontua que ainda persiste como desafio o FUNDEB, no sentido do tratamento isonômico de educandos de EJA com relação aos demais do ensino fundamental e médio, com controle social do uso dos recursos do Fundo pela participação efetiva e fortalecimento dos conselhos de fiscalização e acompanhamento, neste aspecto, percebemos na realidade investigada que temos tratamentos equivocados e distorcidos na oferta da EJAI, quando o Sistema, principalmente municipal, deixa de ofertar o Ensino Fundamental, alegando a evasão e não ter alunos suficientes, sem fazer um diagnóstico prévio da situação, no que tange aos aspectos pedagógicos e metodológicos aplicados a essa modalidade de ensino.

O documento preparatório para VI CONFINTEA, além de apontar desafios para a EJA no Brasil, faz recomendações que contemplam a realidade no cenário educacional dessa modalidade de ensino, dos quais elegemos, destacamos e transcrevemos como principais:

- a) As políticas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), ao serem implementadas, deverão ainda considerar as seguintes dimensões: intersectorialidade, controle social, concepções de EJA, formação de educadores/as, aspectos didático pedagógicos, gestão pública e diagnóstico da EJA, estas deverão compreender diversas estratégias de ação;
- b) Promover a construção de políticas públicas e de matriz de referência curricular de formação integral, por meio de diálogos, parcerias horizontais, intersectoriais e articuladas, entre vários setores do MEC e entre escolas da Rede Federal, em programas de escolarização de jovens e adultos e trabalho, como sujeitos de direitos, nas diferentes instâncias governamentais e da sociedade civil, de forma a promover a integração da EJA com setores da saúde, do trabalho, meio ambiente, cultura e lazer, dentre outros, na perspectiva da formação integral dos/das cidadãos/cidadãs, buscando a objetividade, nas ações e projetos de EJA e ampliando o sistema de atendimento da modalidade.

Diante desses desafios, mencionamos o Estatuto do Idoso nos artigos 20 a 25 relacionados à educação, para argumentar que não temos uma política de educação que defina os idosos como sujeitos da EJA exigindo, portanto, que no processo de escolarização seja inserido e construído diretrizes e propostas condizentes à educação dessa categoria.

A própria Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) admite que embora esteja previsto nas políticas públicas da EJA, o que explicita no texto em preparação a VI CONFINTEA, não atende a demanda dos idosos que buscam o acesso ao conhecimento como via para uma vida mais saudável e digna.

O Marco de Ação de Belém, que contempla algumas recomendações do documento brasileiro, oferecendo diretrizes para ampliar referenciais na busca de uma EJA mais inclusiva e equitativa, teve pouca ou quase nenhuma preocupação no sentido de enfatizar ou destacar ações peculiares e referendadas no Estatuto do Idoso, inclusive se refere a outras categorias excluídas tais como, mulher e indígenas e não aborda o idoso, também como mais uma população vulnerável, mesmo tendo dados estatísticos que comprovam o elevado índice de analfabetismo concentrado na faixa etária a partir de 60 anos de idade, 39,2%.

Nesse panorama, ainda citamos o Marco de Ação de Belém, como expectativa para uma possível inclusão da educação dos idosos, destacamos algumas questões localizadas

na p. 07, nos itens referentes à Aprendizagem de Jovens, Adultos e Idosos, que deve ser de forma abrangente, focando questões vocacionais, alfabetização, família, cidadania e outras áreas, quando menciona alfabetização, define como pilar indispensável em todas as fases da aprendizagem e como pré-requisito para o desenvolvimento do empoderamento pessoal, social, econômico e político, enquanto instrumento de construção de capacidades, preferimos competências para enfrentar os desafios e complexidades da vida em todas as dimensões sociais.

O Marco de Ação de Belém no item Participação, Inclusão e Equidade, aborda a educação inclusiva como fundamental para a realização do desenvolvimento humano, social e econômico e, neste prisma, reforça que não pode haver nenhuma forma de exclusão, inclusive decorrente de idade, questão importante, pois nunca é tarde para aprender.

Aprendizagem ao longo da vida é o diferencial, princípio norteador, mencionado no preâmbulo do Marco de Ação de Belém, “do berço ao túmulo”. Apropriamo-nos desse referencial, munidos do respeito às diferentes formas de educar e aprender, dos valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos, como trata esse documento para reforçar e recomendar uma Agenda voltada à educação ao longo da vida, que inclua os idosos, observando e considerando suas contribuições, histórias e memórias construídas e retransmitidas a outras gerações como ponto de partida para também construir políticas educacionais pungentes, gestadas de conteúdos e temas que alimentem e dê sentido ao curso da vida.

Essa prerrogativa/preposição faz valer os pilares da educação, recomendados pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI: aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver e como bem acrescenta o teólogo Libaneo (2002), na arte de formar-se, referindo-se ao relatório organizado por Jacques Delors, atribui à educação o edifício que possibilita o aprender a conhecer e pensar, aprender a fazer, conviver, ser e discernir como alicerces que sustentam a aprendizagem ao longo da vida. Acrescentando agregados aos quatro pilares, temos mais um, pois aprender a discernir para Libaneo (2002, p. 109) “[...] é cultivar uma atitude fundamental de liberdade diante das coisas”, pois embora a liberdade não tenha limites, somos seres condicionados, alerta o autor e mesmo envolto a essa fragilidade, devemos investir na capacidade de discernir para nossa libertação, dos condicionamentos que nos envolvem.

2.3 A EJAI nas Preposições da CONAE X Plano Nacional de Educação para o Decênio 2011/2020-Projeto de Lei Nº 8.035/2010

No documento final que registrou as discussões e proposições realizadas dos participantes da CONAE⁹, em Brasília, no período de 28 de março a 1º de Abril/2010, movimento que envolveu a sociedade política e diversos setores da sociedade civil vinculados à educação, destacamos que em relação à educação de jovens, adultos e idosos na proposição constante no Documento Final da CONAE, é necessário se consolidar uma política de educação de jovens, adultos (EJA) e idosos/as, concretizada na garantia da formação integral, da alfabetização e das demais etapas de escolarização, ao longo da vida, inclusive para aqueles/as em situação de privação de liberdade.

Comparando essa proposição com o Projeto de Lei Nº 8.035/2010, nas metas e estratégias, observamos que esse Projeto de Plano Nacional não demonstra explicitamente uma Política voltada para a educação dos idosos, muito embora defina no seu artigo 2º, no Inciso I, a Erradicação do Analfabetismo, e no II, a Universalização do atendimento escolar, não menciona uma meta e estratégia específica para a EJA, incluindo os idosos, principalmente quando trata do analfabetismo a partir dos 15 anos, não dá prioridade ao maior percentual de analfabetos que estão na faixa etária a partir de 60 anos.

As proposições da CONAE abordam uma questão importante, no que tange à adoção por parte das instituições de ensino, de uma política de formação permanente, específica para o/a professor/a que atuam nessa modalidade de ensino e que seja ministrada por professores/as licenciados/das. Nessa direção converge o Projeto do Plano Nacional, mas não menciona a categoria dos idosos, como cita outros sujeitos que precisam ser incluídos no processo de educação ao longo da vida.

Na perspectiva de garantir aos/às educandos/as de EJA, conforme explicitado nos desafios desse documento, condições de apoio ao acesso e à permanência na escola, como alimentação adequada no período de escolarização; transporte público e escolar quando necessário; material específico; educadores/as professores/as habilitados/as; instalações apropriadas; projeto pedagógico adequado à diversidade dos sujeitos, entre outras, o referido Projeto de Plano, também não deixa claro sobre essas condições, imprime e vincula a elevação da taxa de alfabetização até 2020, sem uma devida atenção aos idosos, categoria com maior incidência de analfabetismo.

⁹ CONAE (Conferência Nacional de Educação) foi precedida por Conferências Municipais, Estaduais com a participação dos representantes dos diversos segmentos da educação.

Concluindo este capítulo “O direito de continuar aprendendo” enfatizamos que, apesar dos avanços, os quais citamos anteriormente nos documentos legais e eventos realizados, continua os desafios, a luta por uma educação inclusiva e de qualidade com sentimento de esperança militante, ocupando os espaços públicos sejam os fóruns, agenda territorial, dentre outros que possam garantir as discussões para, sobretudo, consolidar as propostas encaminhadas que surgirão no decurso da vida em defesa da efetivação dos direitos de modo particular dos jovens, adultos e idosos quanto ao acesso, permanência e conclusão do processo de escolarização e, ainda de continuar aprendendo ao longo da vida.

3 MARCANDO OS PASSOS DA PESQUISA

Os procedimentos metodológicos desta investigação se fundamentam na abordagem qualitativa, utilizando dados sócio-demográficos para definir o perfil dos sujeitos idosos voltado para o aprofundamento da compreensão de um fenômeno social, do seu universo de significados (MINAYO, 2002).

Dessa forma, um olhar sobre a realidade dos idosos na sua rotina cotidiana e a intervenção gerontagógica, dialógica e intergeracional, realizada na perspectiva da formação ao longo da vida converge à pesquisa-ação como escolha metodológica de condução deste estudo, por se apresentar compatível à natureza do objeto de investigação.

Essa escolha tem como referência Franco (2008), pois optamos por trabalhar a pesquisa-ação, porque temos a convicção de que a pesquisa e a ação devem caminhar juntas em função de perseguir e atingir os objetivos propostos nesta pesquisa. Por certo, esse caminho possibilitou mudanças significativas junto aos pesquisados. Inclui-se nesse entendimento, a abordagem da pesquisa-ação como processo e, por meio desse, percebemos as transformações e ressignificações na forma de pensar e agir dos sujeitos da pesquisa. Nessa direção, enfatizamos a relevância de recorrer à pesquisa-ação assumindo o caráter de criticidade, o que Franco (2008), denomina de pesquisa-ação crítica, visto que durante os percursos desta investigação abordamos a conjuntura social que envolve os sujeitos pesquisados, revisitando informações que congregaram respostas satisfatórias para concretização deste trabalho.

Nesse sentido, por meio da pesquisa-ação aliada ao círculo de cultura, como estratégia para realização das atividades, estudamos e aprendemos as nuances da vida pessoal e comunitária dos idosos, na perspectiva de compreender os significados de sua cultura, sua problemática social, e produzir juntamente a esses mesmos sujeitos, o conhecimento formativo para suas idades. Desta forma, a pesquisa permitiu uma análise minuciosa e fiel do tema em estudo por ter possibilitado um melhor conhecimento acerca dos problemas vivenciados pelos idosos, sua cultura, valores, sentimentos, enfim, sua rotina cotidiana, estratégia primordial para lograr os objetivos desta investigação.

A pesquisa foi realizada no município de Caxias, cidade cognominada Princesa do Sertão, no Estado do Maranhão, um dos maiores estados do país em termos territoriais, com baixa densidade demográfica (29,71hab/km²); macrorregião do Leste Maranhense, com clima equatorial, cidade banhada pelo rio Itapecurue vários afluentes que a cercam com diversos banhos naturais; localizada a 360 km da capital maranhense de porte médio, com uma

população de 155.202 habitantes, conforme (Censo 2010), é composta por 75.111 homens e 80.091mulheres residentes.

Nesse contexto, situamos a população idosa, segundo o (IBGE, 2010), Caxias possui o quantitativo de 16.291 idosos, sendo 9.061 mulheres e 7.230 homens, envolvendo zona urbana e rural, com maior concentração na zona urbana.

O primeiro contato com os idosos se efetivou por meio de uma pesquisa realizada pela Diocese de Caxias/MA, envolvendo cerca de 400 idosos no período de janeiro e fevereiro de 2003, que participavam dos centros de convivência no município de Caxias (nos bairros Cohab, Seriema, Ponte, Trizidela, e no Serviço Social do Comércio (SESC/Centro), envolvendo a turma de alfabetização que funciona no Centro de Convivência dos idosos no bairro da Cohab, bem como os idosos que residem no Lar da Divina Providência, localizado no mesmo bairro, sendo portanto, os resultados dessa pesquisa, apresentados no lançamento da Campanha da Fraternidade 2003, cujo tema versou sobre A Fraternidade e Pessoas Idosas e o Lema: Vida, Dignidade e Esperança.

Após diagnóstico detectado na pesquisa realizada para a Diocese de Caxias/MA, em quatro Centros de Convivência do Idoso, elaboramos e aprovamos no Departamento de Educação do CESC (Centro de Estudos Superiores de Caxias) e na instância do CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual do Maranhão), o Programa Intergeracional com a finalidade de iniciar o referido programa para realizar esta pesquisa e desenvolver atividades e, posteriormente consolidar os estudos na tese e ampliar o Projeto como atividade de extensão no âmbito da Universidade; com essa intenção selecionamos para participar desta investigação, 20 (vinte) idosos do Centro de Convivência de Idosos da Cohab, 05 (cinco) filhos, 05 (cinco) netos dos idosos e 05 (cinco) professoras designadas pela Secretaria Municipal de Educação de Caxias para trabalharem com idosos do referido Centro.

Esta pesquisa foi realizada, a partir do segundo semestre de 2008 até dezembro de 2010, utilizando o espaço cedido pelo Serviço Social da Indústria (SESI) de Caxias-Maranhão (APÊNDICE A), local que consolidou este trabalho com aplicação de 20 (vinte) atividades gerontagógicas para 20 (vinte) idosos do mesmo grupo do Centro da Cohab, utilizando Círculos de Cultura como Metodologia de Pesquisa para obter informações durante e após aplicação das atividades.

Romão (2006) descreve sobre círculo de cultura, como metodologia de pesquisa, tendo como referência Freire (1996), que a concebe como uma forma de intervenção no processo educacional, de modo particular na alfabetização, mas enfatiza que a possível

utilização enquanto instrumento metodológico de pesquisa, a priori, através de re-leituras dos conceitos freirianos por grupos de estudos e equipes de pesquisadores brasileiros que desenvolvem um Projeto sobre Globalização e Educação, que denominaram Círculos de Cultura como Círculo epistemológico, visto que, no círculo, pesquisadores e pesquisandos, são sujeitos da pesquisa.

Considerando esses estudos e as experiências com alfabetização de jovens, adultos e idosos, adotamos o círculo de cultura como instrumento facilitador da expressão dos idosos durante a aplicação das atividades gerontagógicas nesta investigação.

Essa metodologia possibilitou um ambiente interativo, pois enquanto coordenava os Círculos de Cultura, provocava a pesquisa, a descoberta dos temas geradores, criava ambiente de aprendizagem para os idosos, razão pela qual utilizamos esse método como estratégia de alfabetização, que permitiu instigar os participantes da pesquisa a pensar sobre a realidade e, nesse sentido, quando dialogamos sobre os temas geradores e de modo particular os direitos fundamentais garantidos no Estatuto do Idoso, favoreceu desvelar o contexto e revelar o conhecimento na perspectiva de obter uma leitura crítica de mundo por meio da apropriação da leitura da palavra.

Para o trabalho com alfabetização de idosos, adotamos a concepção em Freire (1987) de educação e alfabetização quando afirma que esse processo não é neutro, ou seja, o ato de educar tem em si uma intenção política. Nessa direção, podemos citar, por exemplo, a aplicação das atividades gerontagógicas com os temas geradores extraídos do estatuto do idoso, como forma de problematizar o contexto social, pela leitura de mundo e da palavra. E como eixo norteador, utilizamos o diálogo como método de trabalho no círculo de cultura, na (do) discência.

Nessa visão, entendemos o processo de alfabetizar como um ato que extrapola a decodificação ou mecanização da leitura e da escrita é, sobretudo, ler e escrever a partir do chão da vida, sendo sujeito de sua palavra e de sua história. Desse modo, a seleção dos temas geradores seguiu as etapas propostas por Freire (1987), enquanto plano norteador da aplicação das atividades nos círculos de cultura, quais sejam: Pesquisa do universo vocabular e a seleção dos temas geradores a partir do contexto pesquisado neste trabalho, elegendo os temas relacionados com os direitos fundamentais da pessoa idosa e outros apontados na entrevista, temas geradores que estão gestados de palavras que expressam a vida, o cotidiano, as necessidades e os anseios dos idosos. Nas atividades realizadas o pesquisador alfabetizador participou das atividades em comum, enquanto colaborador no processo de aprendizagem recíproco.

Nesta perspectiva, os Círculos de Cultura como um espaço dinâmico de aprendizagem e troca de conhecimento, favoreceu os encontros com os sujeitos da pesquisa para debaterem temáticas de interesse do próprio grupo. Esse formato metodológico de realizar os encontros possibilitou a reflexão acerca da própria realidade para escrever e ler os temas geradores, ou seja, as palavras, frases e textos que contemplassem o contexto dos sujeitos. A metodologia foi adequada porque diferente do ambiente escolar, o Círculo de Cultura possibilita a educação popular¹⁰, em que na visão de Brandão (2006), um saber da comunidade, torna-se saber das classes populares, transferido entre grupos e pessoa se, nessa perspectiva este trabalho contemplou os saberes dos idosos inseridos nesse contexto. Ao referir-se à Círculo de Cultura, Paulo Freire dialogando sobre suas experiências de alfabetização de jovens e adultos, enfatiza:

[...] em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o coordenador de debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado. (FREIRE, 1996, p. 111).

Nesse propósito, lembramos que os Círculos de Cultura facilitaram o trabalho em equipe, os diálogos, a troca de saberes e experiências que foram sedimentadas com a participação livre e nas relações interativas dos idosos e, a definição dos temas geradores na perspectiva da educação libertadora, foi desafiadora para selecionar uma metodologia que abarcasse os objetivos desta pesquisa, como bem confirma Freire (1987, p. 87):

Uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos “temas geradores” e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos.

Com esse entendimento, afirmamos que uma pesquisa deve ter coerência metodológica, o que implica numa postura dialógica, isso começa pelo exemplo de quem educa, das suas convicções pedagógicas, por isso Freire (1996) na Pedagogia da Autonomia,

¹⁰Surge no Brasil no começo da década de 60. Surge no interior de grupos e movimentos da sociedade civil, alguns deles associados a setores de governos municipais, estaduais ou da federação. Surge como um movimento de educadores, que trazem para o seu âmbito de trabalho profissional e militante, teorias e práticas do que então se chamou cultura popular, e se considerou como base simbólico-ideológica de processos políticos de organização e mobilização de setores das classes populares, para uma luta de classes dirigida à transformação da ordem social, política, econômica e cultural vigentes. O lugar estratégico que funda a educação popular é o dos movimentos e Centros de Cultura Popular. (BRANDÃO, 2006, p. 82).

destaca a importância do diálogo e a sua prática para uma educação humanizadora; aborda ainda a corporificação pelo educador das palavras pelo exemplo.

Os participantes da pesquisa foram selecionados a partir de critérios definidos previamente, dentre os quais destacamos:

Os idosos, por terem participado da pesquisa inicial realizada pela Diocese de Caxias-Maranhão, ser de origem do campo, por não dominarem a leitura e escrita; participar da renda familiar; revelar problemas no relacionamento com outras gerações; estar na faixa etária dos 60 aos 85 anos de idade e, por concordarem em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO G);

Os professores do Centro de Convivência da Cohab, por desenvolverem trabalhos educativos com os sujeitos idosos e terem concordado em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Os filhos e netos dos idosos pesquisados e por terem concordado em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como estratégia e para manter no anonimato os nomes dos sujeitos pesquisados, nesta investigação denominamos os participantes de águias do amor (idosos), da vida (filhos), da esperança (netos) e de luz (professores). Com isso, entrevistamos e aplicamos atividades gerontagógicas com 20 (vinte) idosos, envolvendo 10 (dez) pessoas de outras gerações, sendo 5 (cinco) filhos e 5 (cinco) netos, e ainda com a participação de 5 (cinco) professoras do Centro de Convivência da Cohab, bairro situado em Caxias, Maranhão. Para identificar as falas dos sujeitos, utilizamos a nomenclatura Aga para os idosos, Agv (filhos), Age (netos) e Agl (professores).

3.1 Etapas dos Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos foram executados em 03 (três) etapas, quais sejam:

Na primeira etapa, aplicamos um questionário sobre dados sócio-demográficos, para conhecer o perfil dos sujeitos idosos (APÊNDICE B) que frequentam o Centro de Convivência da Cohab, para situá-los em faixa etária, origem, grau de instrução, ocupação, tipo de renda, convivência, gênero e participação das águias do amor(idosos) nos movimentos sociais.

Na segunda etapa, aplicamos a entrevista semiestruturada (APÊNDICE C) com 20 (vinte) idosos) para investigar os motivos que os impediram de estudar, bem como,

importância dos estudos para a vida; os fatos que a marcaram (perdas e ganhos), as concepções sobre velhice, dificuldades de aprendizagem, problemas de saúde, participação na renda familiar, memória e lembranças adquiridas com os mais velhos e os valores indicados pelos conselhos das águias do amor (idosos);

Nessa etapa, por meio de entrevista semiestruturada, investigamos 05 (cinco) filhos e 05 (cinco) netos dos sujeitos idosos; (APÊNDICE E) das águias da vida (filhos) e da esperança (netos), sobre concepções de velhice, diálogo e relações intergeracionais, para detectar as contribuições destes para melhoria da autoestima dos idosos e das relações intergeracionais; das 05 (cinco) águias de luz (professores), (APÊNDICE D) conhecer a formação, experiências com educação de idosos, memórias e lembranças com os mais velhos, concepções sobre velhice, diálogo e relações intergeracionais, sugerindo como a escola poderia trabalhar esse conteúdo com crianças, jovens e adultos (APÊNDICE H).

A entrevista semiestruturada com os sujeitos idosos após participação nos círculos de cultura (APÊNDICE F), permitiu verificar a validade e a importância das atividades para o aprendizado dos idosos, pois esses externaram as mudanças significativas, experiências marcantes, concepção sobre velhice, conhecimento dos direitos garantidos no Estatuto do Idoso, sugestões e perspectivas de participação. A entrevista foi gravada depois da permissão dos participantes, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Paralelamente às entrevistas, foram utilizados os círculos de cultura com os idosos, inserindo a participação de outras gerações (filhos e netos) nas atividades que envolviam datas comemorativas, lazer e palestras sobre saúde e educação.

Na terceira etapa, após liberação e cessão do espaço físico do SESI (Serviço Social da Indústria) de Caxias, Maranhão, nos dias de quinta-feira, sábado e domingo, realizamos a intervenção, aplicamos as atividades gerontagógicas que consistiram na utilização dos Círculos de Cultura, como metodologia de pesquisa. Esta pesquisa seguiu os quatro princípios da Bioética dentre os quais: autonomia, não-maleficência, beneficência, justiça e equidade. (VIEIRA; HOSSNE, 1998).

3.2 Atividades Gerontagógicas – Círculos de Cultura

As atividades Gerontagógicas foram realizadas visando à alfabetização das águias do amor (idosos) por meio dos Círculos de Cultura. Após observação e diagnóstico, realizamos 20 (vinte) encontros para aplicar atividades, utilizando círculos de cultura, com temas geradores, extraídos das entrevistas e sugestões das águias do amor (idosos) e do

Estatuto do Idoso, agrupando em temas: Direitos, Vida, Educação, Saúde, Família, Valores, tais como: amor, respeito, justiça, compromisso, diálogo e solidariedade; Trabalho, Cultura, Participação, Relações Intergeracionais, envolvendo rodas de leitura e diálogos.

Os Círculos de Cultura foram utilizados como estratégia para o processo de alfabetização das águias do amor (idosos), ao mesmo tempo em que identificamos durante as atividades gerontagógicas, indicadores da relação dialógica e intergeracional, desvelando como as atividades contribuíram para autoestima e inserção social dos idosos.

Dentre as atividades, foram realizados: alfabetização com temas geradores; produção de pequenos textos; momentos de lazer, com o boi brilho das gerações, de terapia (através da música, movimentos físicos, caminhada e passeios); círculo de cultura religiosa (momentos de espiritualidade); encontros entre as gerações, envolvendo filhos e netos em datas comemorativas; articulação com a Secretaria de Saúde para consulta de vista; campanhas de solidariedade, a exemplo da Campanha “Adote um Idoso”, para doações de armação e lente de óculos; eventos significativos: Viagem a São Luis para conhecer a Universidade Estadual do Maranhão, as praias, Projeto Reviver¹¹, São José de Ribamar; o II Seminário Intergeracional em Caxias; Ciclo de Palestras na área da saúde; visita a Schincariol e sessão de filmes educativos, O Estudante e UP, conforme Sinopses (ANEXO H).

Para realização das atividades foram utilizados os Planos de Trabalho, planejados previamente, conforme (APÊNDICE G).

Com o envolvimento das águias foi impossível realizar apenas 20 (vinte) atividades, mas dentre tantos encontros, passamos a descrever as atividades que consolidaram os objetivos deste trabalho.

A memória, a participação e a interação das águias do amor sempre foram perceptíveis pelo carinho e sinergia contagiante, desde o primeiro convite e os contatos entre si, visitando as casas um do outro, telefonando, mandando recado, combinando para que todos estivessem presentes, assim foi se construindo esse percurso de troca de saberes e experiências com pessoas sedentas de continuarem vivendo com sentido, partilhando sonhos e realidades, aprendendo e ensinando uma nova trilha, como se estivessem em busca do tempo perdido, não desfrutado, mas confiantes de acharem algo que pudesse oportunizá-los a uma vida mais feliz.

Para além de todo e qualquer propósito colocado a cada encontro, foram se sedimentando os laços de amizade, as preocupações de uns com os outros, incluindo a

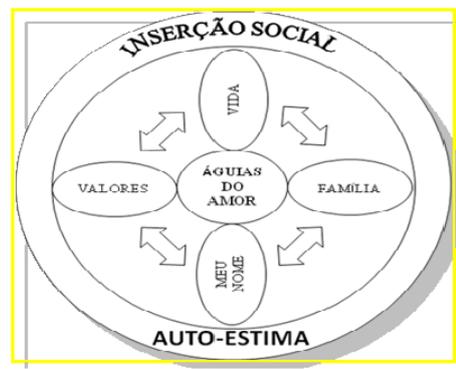
¹¹Projeto Reviver – Buscou recuperar e revitalizar o conjunto arquitetônico do Centro Histórico de São Luís, conforme website disponível em <http://www.guiasaoluis.com.br/mapag02.htm>.

pesquisadora e a bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Extensão-PIBEX, aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que acompanhava as atividades, utilizando a experiência para trabalhos acadêmicos. Relembrando Bosi (1994, p. 37), referindo-se a uma pesquisa realizada com idosos: “esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito”.

Nesse contexto, construímos a memória das principais atividades, as quais serão sistematicamente descritas para verificar a importância dessas atividades para a vida dos idosos. Os temas foram selecionados mediante observação e diálogo mantido com o grupo de idosos que deram sugestões de conteúdos para os encontros; dessa forma, construímos os planos de trabalho para aplicação das atividades gerontagógicas, conforme destaque nas mandalas com os temas geradores, indicando sub-temas dos diálogos realizados nos círculos de cultura.

Os encontros foram realizados seguindo o mesmo roteiro, iniciando com reflexão, música ou relaxamento como forma de acolher e inserir a temática. Para destacar os temas esses foram expostos em mandalas, nas quais destacamos as principais atividades realizadas:

Figura 1 – Tema Gerador: Inserção Social e Auto-Estima



Fonte: Projeto Intergeracional. Elaborado pela autora/ 2011.

3.2.1 Temas Geradores

Apresentamos os roteiros dos Círculos de Cultura para trabalhar os temas geradores como forma de planejar e organizar o trabalho, indicando os apêndices e os anexos que foram utilizados para realização das atividades.

3.2.1.1 Meu Nome

O diálogo em torno da importância de si mesmo, da origem do nome e das relações consigo mesmo e com o outro, possibilitou conhecer melhor uns aos outros e integrar o grupo na atividade, utilizando o texto da águia e a dinâmica de apresentação dos nomes com as vogais.

Roteiro do Círculo de Cultura do Tema Meu Nome:

- a) Diálogo sobre a origem do nome (Conversa dois a dois);
- b) Reflexão sobre o texto da Águia (ANEXO I);
- c) Exercícios práticos com dinâmica (qual é o seu nome) (dinâmica das vogais),
Gestos: A (se abraçar) E (estender as mãos à frente) I (suspender um braço) O (com os braços, gesticular no formato de barriga) U (esticar as duas mãos para cima).

Essa temática contribuiu para que as águias de amor revelassem a história sobre o nome, quem colocou o seu nome, onde, porque, se gosta do nome, e ainda como gostaria que fosse seu nome; esse diálogo rendeu muito, pois surgiram várias trocas de informações para que as águias buscassem remontar uma trajetória, buscando na linha do tempo a memória de dados importantes, tais como: o nome é [...] porque [...] e ainda o quanto é importante ser chamado pelo nome, gostar e valorizar o nome.

E, durante as reflexões sobre o texto da águia, cada uma externou as mudanças ocorridas em sua vida e a lição retirada das reflexões do texto, como forma de falar de se mesmo, avaliar-se e valorizar-se; em seguida, podemos conferir uma foto que registra o diálogo do tema gerador sobre o nome.

Figura 2 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: Meu nome



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2009.

3.2.1.2 Família

Tendo como cerne refletir sobre a família no atual contexto social, dialogamos em torno dessa temática para reconhecer a importância da família na formação do ser humano como primeira escola da vida.

Roteiro do Círculo de Cultura do tema Família:

- a) Ouvir a música “Oração da Família” de Pe. Zezinho (ANEXO J)
- b) Diálogo sobre o contexto da família, com base nas questões: O que é família? Importância? Qual a realidade da família atual? Como viver em família? Relacionar os problemas enfrentados na família;
- c) Construir a árvore genealógica da família (ANEXO K);
- d) Escrever palavras, frases e parágrafos tendo como referência a música Oração da Família.

No decorrer do diálogo sobre a família, percebemos o quanto esse tema mexe com a emoção, afetividade e amor expresso na fala, por exemplo, de uma das águias “se a família desse sossego para o idoso, ele viveria em paz e tranquilo, teria mais prazer em viver”.

As reflexões em torno dessa temática demonstram que a família ainda é para as águias do amor (idosos) um porto seguro, o seu pilar, mas quando ocorre algum problema, a tristeza e a decepção ficam estampadas no rosto dessas águias.

Os gestos e palavras dialogadas reforçam o desejo de ver e ter principalmente os filhos e netos realizados, felizes com o seu projeto de vida; ao mesmo tempo apresentam insatisfação por questões vinculadas à desobediência e outros problemas de relacionamento, muito presente na fala a forma como filhos ou netos ignoram os conselhos, orientações, como algo ultrapassado e em desuso, como bem explicita Bosi:

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhe parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes. (BOSI, 1994, p. 75).

Os diálogos em torno dessa temática também proporcionaram a discussão das relações intergeracionais, e, durante o círculo de cultura, todas as águias do amor (idosos) concordaram que o respeito é fundamental nas relações, mesmo com os problemas é preciso usar da compreensão e respeito acima de tudo.

Nesse diálogo valeu apenas abordar as falas das águias do amor (idosos) sobre as relações intergeracionais, valorizando as contribuições para serem ao mesmo tempo conteúdo e eixo norteador deste círculo de cultura; a foto revela a união que os idosos indicaram como sendo indispensável na família.

Figura 3 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: Família



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2009.

3.2.1.3 Vida e Valores (dois encontros)

O diálogo girou em torno da valorização da vida como um bem precioso, refletindo sobre a aceitação de si mesmo e dos outros e ainda em função de aprender a aceitar e respeitar as diferenças.

Roteiro do Círculo de cultura do tema Vida e Valores:

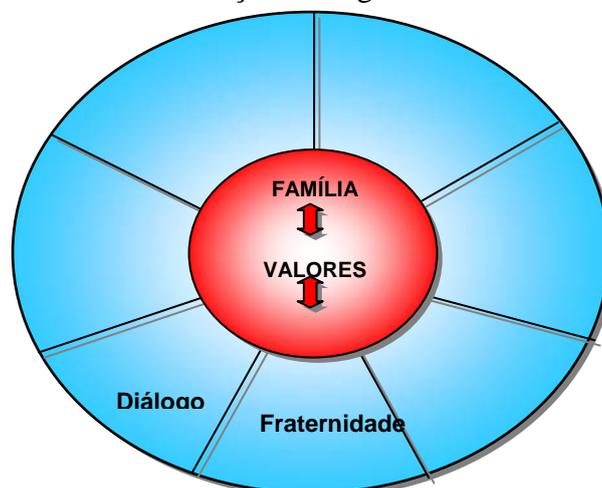
- a) Leitura compartilhada do texto da música “É preciso saber viver” (Roberto Carlos) e a música “O Que é, o que é, de Gonzaguinha” (ANEXOS L e M);
- b) Diálogo sobre o tema VIDA: O que é vida? Importância? O que significa saber viver?
- c) Apresentar faixas com os valores e o lugar desses valores na vida de cada um. Essa temática trouxe à baila, a questão dos valores, pela relação e necessidade abordada pelas águias do amor (idosos) no saber viver com princípios reguladores das nossas atitudes, dentre os principais se destacaram: o amor, diálogo, respeito, responsabilidade, fraternidade, solidariedade e justiça.

- d) Reflexão dos textos das músicas;
- e) Reflexão da Parábola: A ilha dos sentimentos (ANEXO N)
- f) Dialogar sobre os textos;
- g) Valores discutidos: amor, respeito, responsabilidade, fraternidade, solidariedade e justiça.
- h) DINÂMICAS: Balões com 50 palavras que expressam valores (trocar balões com os colegas, cumprimentando), logo após, formar frases que expressam a relação da educação com o valor encontrado.
- i) Diálogo sobre a dinâmica, relacionando com os textos discutidos;
- j) Outras atividades, localizar palavras, sublinhar, destacar, escrever, criar frases sobre a temática.

Nesse Círculo de Cultura, reafirmamos a importância das relações intergeracionais na perspectiva do resgate dos valores, pois com o advento da modernidade, da industrialização, a mobilidade geográfica das populações para os grandes centros urbanos, o fenômeno do consumismo e o individualismo acarretaram, conseqüentemente, alterações na esfera familiar bem como no modo de vida das pessoas mais velhas.

Partindo do pressuposto que as relações intergeracionais são fundamentais para superar conflitos e conseguir equilíbrio nas relações interpessoais de uma geração a outra, como um componente pedagógico indispensável na relação docente educativo para construir ou reconstruir e vivenciar valores, destacamos um modelo elaborado ao longo da pesquisa, que representa um ciclo de valores essenciais para o trabalho pedagógico tendo como foco as relações intergeracionais.

Figura 4 – Tema Gerador: Ciclo de valores essenciais nas relações intergeracionais



Fonte: Projeto Intergeracional. Elaborado pela autora/ 2011.

Na atual conjuntura, a educação familiar deve fomentar os valores, respeito, justiça, ética, diálogo e solidariedade que devem ser palavras-chave para um processo educacional que tenha como finalidade a emancipação humana, como referência para melhoria das relações intergeracionais; A seguir observamos fotos que registraram as atividades com dinâmicas, ao som de música para enfatizar a temática vida e valores.

Figura 5 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: Vida e Valores



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2010.

3.2.1.4 Trabalho

O diálogo em torno da importância do trabalho fortaleceu a valorização de todo tipo de trabalho, como forma de dignificar o ser humano.

Roteiro do Círculo de Cultura do tema Trabalho:

- a) Leitura compartilhada do texto da música: Cidadão (ANEXO O).
- b) Reflexão da parábola a Vaquinha (ANEXO P).
- c) Diálogo sobre o tema Trabalho: Tipos; Importância.

Durante o diálogo, as águias de amor (idosos) ficaram entusiasmadas, porque esse tema mexeu com a vida de todas e, logo iniciaram discutindo em que tipo de trabalho se dedicaram, sobressaindo, a roça, com plantio e colheita, fazer coivara, criação de galinha e porco, tudo como meio de garantir a sobrevivência, criar e manter seus filhos. Esse tema foi marcante, pois sem dúvida oportunizou momentos para recordar, dialogar, refletir e valorizar todo tipo de trabalho. Na sequência, podemos observar na foto aplausos para todas as águias pelas experiências e a coragem de continuar ocupando sua rotina diária com atividades domésticas e ainda se deslocando para o campo, no período propício para plantio e colheita.

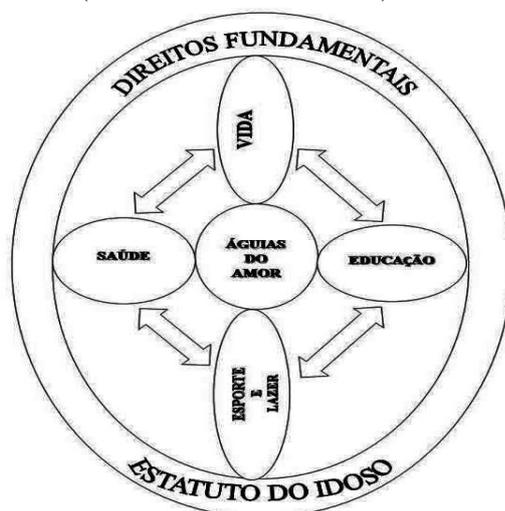
Figura 6 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: Trabalho



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2010.

3.2.1.5 O Estatuto do Idoso (05 Encontros)

Figura 7 – Tema Gerador: Estatuto do Idoso (Direitos Fundamentais)



Fonte: Projeto Intergeracional. Elaborado pela autora/2011.

Lei Nº 10.741, de 01/10/2003 e os direitos fundamentais: Vida, Saúde, Educação, Esporte e Lazer, Trabalho e Previdência Social.

Roteiro do Círculo de Cultura do tema Estatuto do Idoso:

- a) Leitura de trechos da lei, utilizando o retroprojeter e Data Show;
- b) Produção de frases e parágrafos sobre os direitos fundamentais dos idosos;
- c) Leitura de trechos da Lei em Cordel.

Os círculos de cultura a partir dos temas geradores do Estatuto do idoso, foi interessante, pois os idosos ficavam atentos, acompanhando e discutindo sobre os direitos garantidos, no entanto, todas as águias de amor no primeiro encontro sobre essa temática, expressavam que há um distanciamento entre a lei e a realidade.

Aos poucos as águias de amor (idosos) foram construindo pequenas frases e parágrafos manifestando o interesse e o domínio escrito dos pensamentos construídos, conforme anexo (APÊNDICE T), apresentando uma leitura de vida, pautada nas memórias de fatos que negligenciaram ou violaram seus direitos, com destaque para uma frase adotada por todas: “velho é o teu preconceito”.

As discussões em torno dos direitos estabelecidos pelo Estatuto do Idoso, mexeram com o contexto vivenciado, permitindo consciência desses direitos e ao mesmo tempo das obrigações que a própria lei impõe, quando também atribui a família o dever de zelar e cuidar dos idosos; durante essas discussões identificamos nas falas das águias do amor, exemplos de fatos ocorridos em casa e em outros espaços sociais, expresso nas emoções positivas quando se referiam aos direitos adquiridos pelo Estatuto.

Interessante que, ao final dos encontros, notamos a participação e interação com situações relacionadas a saber exigir mais seus direitos; quando, por exemplo, uma águia, relatou que tinha sido mal atendida nos postos de saúde e em outros estabelecimentos públicos e retrucou argumentando ter conhecimentos dos direitos exigindo respeito e um bom tratamento. A foto expressa um dos momentos de diálogo e estudo sobre o Estatuto do Idoso, com a entrega do texto do referido estatuto em formato de Cordel.

Figura 8 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: Estatuto do Idoso



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2010.

A foto faz memória de um encontro com a participação da presidente do Conselho do idoso e notamos o entusiasmo de todos quanto aos questionamentos acerca das Políticas de Atendimento ao Idoso em Caxias e as ações do Conselho no referido município.

Figura 9 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: Estatuto do Idoso



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2010.

3.2.1.6 Círculos de Leitura (05 Encontros)

Leitura e escrita do nome, vida, valores, família, trabalho, tendo como objetivo escrever e ler palavras, frases e pequenos parágrafos.

Roteiro do Círculo de Cultura, revisando os temas: nome, vida, valores, família e trabalho:

- a) Leitura das palavras no formato de uma corrente;
- b) Leitura e escrita de palavras, frases e parágrafos;
- c) Corrente para colagem das letras no formato de uma corrente;
- d) Música: De Teresina à São Luís (compositor: João do Vale e Helena Gonzaga)(ANEXO Q)
- e) Dialogar sobre a música;
- f) Analisar a letra da música;
- g) Leitura compartilhada;
- h) Apresentação dos nomes escritos;
- i) Na sequência, foi explorado um gênero textual muito presente na história de vida dos idosos, a carta. (Para esta atividade, os idosos trouxeram carta);
- j) Leitura de cartas recebidas;

- k) Analisar a letra da música “Valsa” de Chico Buarque de Holanda (ANEXO R);
- l) Observar as diferenças entre a linguagem oral e a escrita;
- m) Estimular a produção de uma carta;
- n) Diálogo com as águias do amor sobre o envio e recebimento de cartas;
- o) Atividade sobre memórias e aprendizagens com idosos. (APÊNDICE H)

TEXTO POÉTICO: *Das Pedras* de Cora Coralina (ANEXO S)

Cora, Coralina, quem é você?(ANEXO T)

Roteiro do diálogo:

- a) Leitura de texto poético;
- b) Processo de escrita;
- c) Discutir acerca da leitura;
- d) Analisar os textos poéticos;
- e) Dialogar sobre a autora Cora Coralina.

Os círculos de cultura, sobre leitura, tiveram sua culminância com a participação oral e escrita dos idosos que demonstravam o desejo de continuar esse exercício como forma de garantir melhor desempenho nas suas atividades de rotina de vida, tais como: ler e escrever o nome, a bíblia, o estatuto do idoso, se comunicar melhor, assim podemos constatar nas fotos.

Figura 10 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: Círculos de Leitura



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2009.

Figura 11 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: Círculos de Leitura



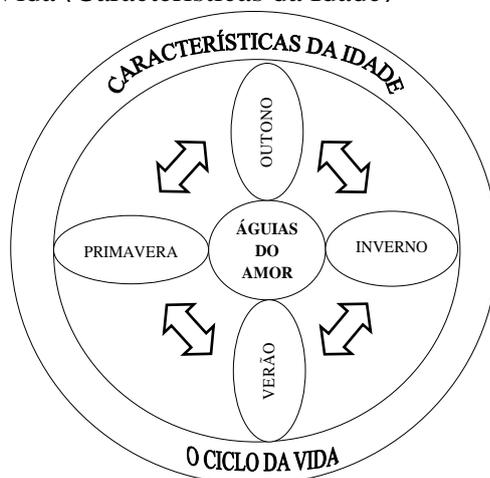
Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2009.

Figura 12 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: Círculos de Leitura



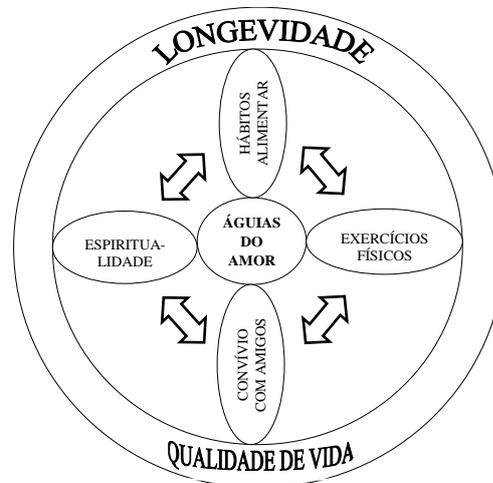
Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2009.

Figura 13 – Tema Gerador: Ciclo da Vida (Características da Idade)



Fonte: Projeto Intergeracional. Elaborado pela autora/2011.

Figura 14 – Tema Gerador: Qualidade de Vida (Longevidade)



Fonte: Projeto Intergeracional. Elaborado pela autora/2011.

TEMA: O Ciclo da vida em quatro estações (05encontros)

Essa temática envolveu a participação de todas as águias do amor, propiciando reflexões que aos poucos conduziu na fluência de novos conceitos sobre a vida e o envelhecer.

Roteiro:

- a) Início do diálogo com as músicas: Como uma Onda (Tim Maia) e Tempo Rei (Lobão) (ANEXOS U e W)
- b) Compreender as fases da vida e características;
- c) Diálogo sobre o Ciclo da vida, comparando as quatro estações do ano;
- d) Leitura compartilhada dos textos: Crepúsculo de Rubem Alves e de Esther Harding (autora de estudos sobre a vida e as quatro estações) (ANEXOS V e X).
- e) Diálogo sobre velhice, com dicas de como viver melhor e ter longevidade, adotando um novo estilo de vida em relação aos Hábitos Alimentares, Exercícios Físicos, Espiritualidade e Convivência com amigos, em sintonia com os estudos de um geriatra:

Moriguchi (2003) corrobora afirmando que,

[...] a longevidade com saúde, ou seja, o envelhecimento bem sucedido depende de vários fatores, mas principalmente o estilo de vida [...]. Como estilo de vida, estaria em primeiro lugar, certamente, os hábitos da alimentação, em segundo, a atividade física, o aspecto familiar e social, da religiosidade e da prática da espiritualidade. MORIGUCHI, 2003, p. 12-13).

Durante o diálogo, refletimos sobre a teoria de Harding, aluna de Jung, que compara a vida com as quatro estações do ano: primavera, do nascimento até a maioridade; o verão, a maturidade; o outono a fase entre os 40 e 60 anos e o inverno a velhice; dessa forma, a autora relaciona o ciclo da vida com a época propícia para semear, colher e no diálogo, percebemos que assim é a vida do ser humano, para colher, precisa conhecer suas estações; interessante ainda as características citadas pelas águias do amor sobre o que ocorre em cada estação do ano, e, ao mesmo tempo com a vida do ser humano, ressaltando que em todas as idades podem surgir dores, doenças ou limitações. O importante é ser feliz na condição e idade que se vive.

No diálogo sobre as fases e características da vida a partir dos 60 anos, adotamos também Erick Erikson (1998), a partir das conclusões de Neri (2001):

A teoria de ciclo de vida de Erikson representa dois avanços em relação às teorias clássicas do desenvolvimento. Um foi à consideração da vida humana em toda sua extensão. O outro avanço consistiu na proposição de que as influências socioculturais contextualizam a manifestação e a resolução das crises evolutivas do ciclo de vida. (NERI, 2001, p. 13)

Para trabalhar essa temática, abordamos a estrutura do Ciclo da Vida, que se constitui desafio para os seres humanos em reconhecer que as mudanças precisam ocorrer, e permitir que isso aconteça demanda coragem, porque toda mudança gera insegurança.

Jung (1972) dividiu o ciclo da vida humana em quatro eras:

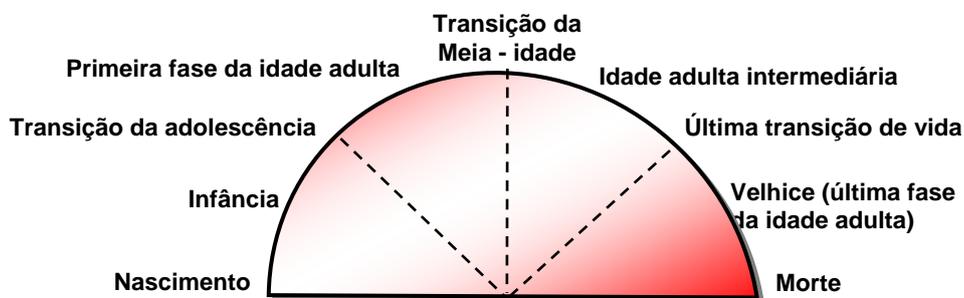
- 1 – Nascimento: Infância a Adolescência;
- 2 – Primeira fase da idade adulta: (20 aos 40 anos);
- 3 – Idade adulta intermediária: (40 – 60) Transição da Meia Idade: 40 aos 45 anos;
- 4 – Última transição de vida: Após 60 anos.

Jung (1972) compara o ciclo da vida com o arco que o sol parece descrever no horizonte durante o curso do dia. Como o sol levantando-se do mar, ao nascer emerge-se do ventre da mãe para crescer durante a infância, passando pela transição da adolescência rumo a primeira fase da idade adulta. Na meia idade, enfrentamos outra transição determinada pelo desenvolvimento, ao passarmos pela idade adulta intermediária e entrarmos na segunda metade da vida, bem como ao se aproximar da velhice, enfrentamos outra transição, análoga à da adolescência, a última transição da vida.

Jung (1972) dividiu o ciclo da vida humana em quatro eras, como está representado na figura. Em suas obras, falou relativamente pouco sobre a infância e a velhice; seu interesse principal estava na idade adulta intermediária e particularmente na dinâmica da

transição da meia-idade, e na sua consequência e potencialidades no que diz respeito à criatividade e à integridade na última fase da vida.

Figura 15 – O ciclo de vida humana - principais transições da vida



Fonte: Staude (1981, p. 118).

Figura 16 – Círculos de Cultura. Tema Gerador: O Ciclo da Vida em quatro estações



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2009.

Figura 17- Círculos de Cultura. Tema Gerador: O Ciclo da Vida em quatro estações



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2009.

Nas fotos observamos estudo e diálogo sobre o ciclo da vida, a contribuição de todas as águias do amor (idosos) referindo-se às experiências em fases distintas de suas vidas representadas nas quatro estações do ano.

Nesse diálogo, discutimos questões relacionadas ao estilo de vida, acontecimentos que nos trazem alegrias e ou tristeza, o que relembra reflexões de Chopra (1994) quando aborda alguns fatores que interferem no Envelhecimento:

Fatores Positivos:

Casamento feliz (ou relacionamento satisfatório);
 Satisfação no trabalho;
 Sensação de felicidade pessoal;
 Capacidade de rir com facilidade;
 Vida sexual satisfatória;
 Capacidade de fazer e manter amigos íntimos;
 Rotina diária regular;
 Rotina de trabalho regular;
 Tirar pelo menos uma semana de férias por ano;
 Tempo de lazer agradável, hobbies satisfatórios;
 Capacidade de exprimir os sentimentos facilmente;
 Visão otimista do futuro;
 Sentir-se financeiramente seguro, viver de acordo com suas disponibilidades.

Fatores negativos:

Depressão;
 Incapacidade de expressar as emoções;
 Sentir-se incapaz para modificar-se e modificar os outros;
 Viver sozinho;
 Solidão, ausência de amigos íntimos;
 Falta de uma rotina diária regular;
 Falta de uma rotina de trabalho regular;
 Insatisfação com o trabalho;
 Ter que trabalhar mais de 40 horas por semana;
 Dificuldades financeiras, dívidas;
 Preocupação habitual ou excessiva;
 Arrependimento por sacrifícios feitos no passado;
 Irritabilidade, enraivecer-se com facilidade ou ser incapaz de exprimir a raiva que sente;
 Criticar demais a si mesmo e aos outros. (CHOPRA, 1994, p. 91).

A partir deste diálogo que, embora enfrentando os conflitos existenciais, as perdas e ganhos, os idosos trazem consigo marcas históricas que determinam a sua forma de pensar e agir no mundo, alimentando com otimismo e esperança dias melhores, como notamos a expressão de fé e espiritualidade durante as atividades, solicitando momentos de oração e louvor a Deus, uma prática muito presente no estilo de vida dos idosos pesquisados.

Durante os Círculos de Cultura nos deparamos com um diagnóstico realizado por um oftalmologista, parceiro do projeto para verificar a necessidade de mudança de óculos, pois as águias de amor se queixavam que não enxergavam bem na hora das leituras. Com esse propósito, articulamos uma Campanha com o Slogan “Adote um idoso” e com a participação

de pessoas da comunidade conseguimos doações de armações e das lentes, por meio de uma ótica que facilitou os preços e os doadores adotavam um idoso (a) se deslocavam até a ótica para pagamento, as fotos registraram o dia da entrega dos óculos para os idosos, como mostra a figura abaixo:

Figura 18 – Campanha Adote um Idoso: Encontro para entrega de óculos às águias do amor



Fonte: Projeto Intergeneracional, Lar da Divina Providência Caxias/MA, 2009.

Figura 19 – Campanha Adote um Idoso: Exposição dos óculos



Fonte: Projeto Intergeneracional, Lar da Divina Providência Caxias/Ma, 2009.

Na realização dos Círculos de Cultura, criamos momentos de lazer, com dinâmicas, alongamento e caminhadas como forma de valorizar e inserir os idosos nas atividades; uma característica marcante dos pesquisados, a alegria e entusiasmo em participar e colaborar para que todas as atividades fossem executadas com sucesso, a contento de todos. Assim podemos observar nas fotos:

Figura 20 - Dinâmicas



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/MA, 2010

Figura 21 - Dinâmicas



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/MA, 2010.

Figura 22 – Dinâmicas



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/MA, 2010

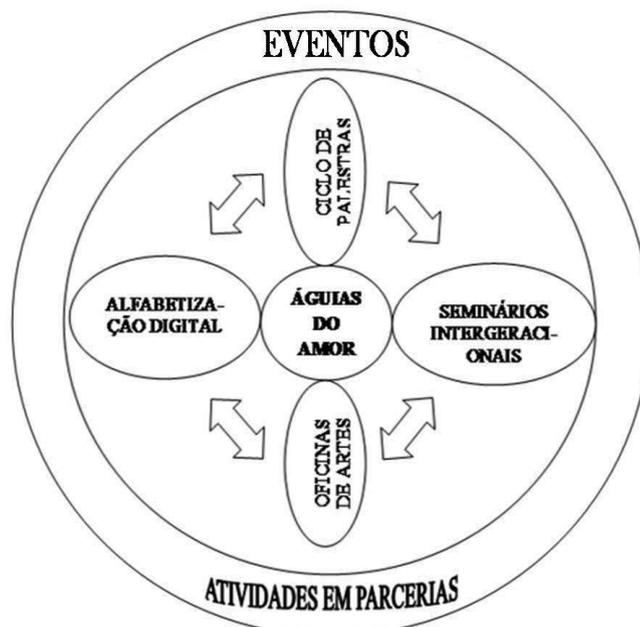
Figura 23 – Alongamentos



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/MA, 2010.

Paralelos aos Círculos de Cultura foram realizados vários eventos para integrar outras gerações (filhos e netos) e professores da Educação de Jovens e Adultos, com as seguintes temáticas:

Figura 24 – Tema Gerador: Eventos (Atividades em Parceria)



Fonte: Projeto Intergeracional. Elaborado pela autora/2011.

Figura 25 – Tema Gerador: Dia do Idoso (Oficinas)



Fonte: Projeto Intergeracional. Elaborado pela autora/2011.

- a) Encontro Intergeracional para comemorar o Dia do Idoso - Com a participação de professores de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, filhos, netos e acadêmicos da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, com várias oficinas, tais como: noções de informática, roda de leitura, arte e movimento e música; A foto registrou um desses momentos, um café da manhã.

Figura 26 – Comemoração “DIA DO IDOSO”



Fonte: Projeto Intergeracional, 2010.

Figura 27 – Café da manhã



Fonte: Projeto Intergeracional, 2010.

b) Boi Brilho das Gerações- O Encontro das Gerações foi aos poucos se consolidando, surgindo a ideia de ser criado o Boi Brilho das Gerações em 2008, tendo como objetivos gerais:

- Promover atividades com o bumba meu boi para cultivar e resgatar as raízes e identidade cultural maranhense;
- Oportunizar momentos de integração entre gerações, envolvendo idosos, filhos e netos.

O Boi Brilho das Gerações é mais uma das atividades educativas e culturais que integra o Projeto Intergeracional, interagindo idosos com outras gerações, sendo apresentado principalmente durante os festejos juninos, com a sua toada “chegou [...] chegou boi brilho das gerações”. (APÊNDICE I). As fotos registram o batizado do boi “brilho das gerações” pelo Bispo de Caxias-Maranhão, ao lado da Catedral, e, logo após uma apresentação especial para a comunidade presente.

Figura 28 – Batizado do Boi Brilho das Gerações” (Dom Luís D’Andréa)



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/ MA, 2009.

Figura 29 - Apresentação do Boi Brilho das Gerações



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/ MA, 2009.

Figura 30 – Apresentação do Boi Brilho das Gerações no Arraia do CESTI – UEMA em Timon/MA



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/ MA, 2010.

- c) II Seminário Intergeracional: Dentre os principais eventos organizados paralelos à aplicação das atividades, podemos destacar o II Seminário Intergeracional, realizado no período de 20 a 21/11/2009, com a seguinte Programação: No primeiro dia houve abertura com a participação de autoridades locais, no auditório do Centro de Treinamento “Dom Luis Marelim” da Diocese de Caxias, Maranhão, com a composição da mesa, execução dos hinos Nacional e Caxiense, seguido da apresentação cultural com a participação dos idosos, filhos e netos: Dramatização “Colhemos o que plantamos” (ANEXO Y). O II Seminário contemplou a participação de um público intergeracional: idosos, filhos, netos e professores da educação de jovens, adultos e idosos do município de Caxias, Maranhão.

1-Tema do II Seminário: Estatuto do Idoso com foco na educação continuada, qualidade de vida e longevidade.

2-Objetivo Geral:

- Propiciar um encontro entre gerações, espaço para estudar, refletir, dialogar e trocar experiências na perspectiva de congregar ações educativas que contribuam para autoestima, educação continuada, qualidade de vida e longevidade.

Mesa Redonda - Tema: Estatuto do Idoso em Caxias: Avanços e Desafios

Componentes: Daniel Ponte Vieira – Defensor Público/Dr. Antonio Manoel Araújo Veloso – Juiz de Direito da Infância e Juventude/ Dr. Fernando Evelin – Promotor dos direitos dos idosos da comarca de Caxias.

Lançamento do Estatuto do Idoso em Cordel.

Apresentamos as principais palestras no II Seminário:

- Secretaria Municipal de Assistência Social (Ação Integrada nos Centros dos Idosos) – Sec. Dr.^a Maria de Fátima Liguori Trinta;
- Política do Idoso em Caxias: Avanços e Desafios-Sr.^aJosefa Sousa Oliveira (Presidente do Conselho do Idoso – Caxias/MA);
- Política do Idoso em Caxias: Avanços e Desafios – Sr.^a Josefa Sousa Oliveira (Presidente do Conselho do Idoso - Caxias/MA);
- A contribuição da Universidade na formação continuada dos idosos numa perspectiva dialógica e intergeracional – Profa. MSc. Deuzimar Costa Serra;
- Alimentação é Vida (Acadêmicos do Curso de Enfermagem do CESC/UEMA).

No dia seguinte foram realizadas as seguintes oficinas com as temáticas:

1-Corpo e Movimento; 2-Educação para o envelhecimento; 3-Roda de Leitura Intergeracional; 4 - Prevenir para Viver Melhor; 5-Noções de Informática.

Essas temáticas foram orientadas e coordenadas pelos alunos dos Cursos de Enfermagem, Pedagogia e Letras do Centro de Estudos Superiores de Caxias e Timon da Universidade Estadual do Maranhão.

A seguir, apresentamos um quadro que elaboramos como proposta de conteúdos para trabalhar no processo de alfabetização dos idosos, que também contempla educação para o envelhecimento saudável. Com esse propósito, na oficina “Educação para o envelhecimento” o referido quadro foi dialogado com os professores de educação de jovens, adultos e idosos.

Competências Básicas no processo de alfabetização de Idosos: Aprendendo e Ensinando para viver melhor.

Quadro 1 – Competências Básicas no processo de alfabetização de Idosos “continua”

Conteúdo	Competências Básicas
Envelhecimento e a Educação	<ul style="list-style-type: none"> – Compreender os conteúdos de modo interdisciplinar na mudança de paradigmas e na atuação do idoso na sociedade; – Entender a educação continuada como direito ao longo da vida; – Trocar experiências e conhecimentos numa relação intergeracional no contexto da sala de aula; – Entender a contribuição das relações entre as gerações para preservação de valores e da memória histórica marcada pelos aspectos sócio, político, cultural e econômico. – Compreender os conteúdos de modo interdisciplinar na mudança de paradigmas e na atuação do idoso na sociedade; – Entender a educação continuada como direito ao longo da vida; – Trocar experiências e conhecimentos numa relação intergeracional no contexto da sala de aula; – Entender a contribuição das relações entre as gerações para preservação de valores e da memória histórica marcada pelos aspectos sócio, político, cultural e econômico.
Envelhecimento e sociedade	<ul style="list-style-type: none"> – Ressignificar o processo de viver/envelhecer na dimensão bio-psico-sócio-cultural e espiritual; – Compreender a vida familiar do (a) adulto (a) idoso (a) no mundo contemporâneo; – Conhecer o direito do idoso na legislação brasileira para a conquista da cidadania.
A saúde e o envelhecimento na maturidade	<ul style="list-style-type: none"> – Reconhecimento das alterações normais do envelhecimento; – Reconhecimento do bem-estar físico na maturidade; – Reconhecimento da prevenção das principais doenças crônicas não transmissíveis ao adulto idoso (a).
Corpo e mente reeducados para a vida na maturidade	<ul style="list-style-type: none"> – Compreender que autoestima não tem idade; – Compreender que o toque através das práticas terapêuticas do abraço, da automassagem e das atividades de recreação e lazer, contribuem para a longevidade.
Estatuto do Idoso	<ul style="list-style-type: none"> – Os Direitos fundamentais: Educação e Cultura, Saúde, Lazer, Previdência Social, Segurança, Moradia.

Fonte: Própria autora.

Para finalizar o Seminário na plenária, houve socialização e avaliação das experiências e atividades realizadas nas Oficinas e avaliação do II Seminário Intergeracional;

As fotos na sequência registram a abertura do II Seminário Intergeracional, com a participação do Juiz e Promotor de Justiça e da presidente do Conselho do Idoso do município de Caxias, dentre outras atividades que mobilizaram uma participação efetiva de todos os inscritos, idosos, filhos, professores e outros profissionais da educação.

Figura 31 – Dramatização na abertura do II Seminário Intergeracional



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/ MA, 2009.

Figura 32 – Participantes do II Seminário Intergeracional



Figura 33 - Comissão Organizadora, juiz e promotor de Justiça no II Seminário Intergeracional.



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/ MA, 2009.

Figura 34 – Comissão Organizadora do II Seminário Intergeracional



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/ MA, 2009.

Figura 35-Organizadores das Oficinas no II Seminário Intergeracional



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/ MA, 2009.

Figura 36 – Participantes de oficina do II Seminário Intergeracional



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/ MA, 2009.

- d) Aula Passeio na Fábrica Schincariol de Caxias/ Maranhão e a São Luís: Estas atividades oportunizaram momentos emocionantes, de troca de conhecimentos e experiências, dos quais destacamos como marcantes, na Schincariol: as indagações sobre os procedimentos e ingredientes necessários para preparar a cerveja e os refrigerantes e a atenção dispensada durante as explicações feitas pelo funcionário da empresa e ainda, o passeio dentro dos compartimentos da fábrica e a emoção de lanchar no restaurante da Schincariol, foram suficientes para contagiar e se sentirem valorizados, por terem sido bem recebidos e tratados com gentileza e cordialidade;

Figura 37 – Visita a Fábrica Schincariol em Caxias MA, 2009



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias/ MA, 2009.

A viagem a São Luís, para todas as águias do amor (idosos) foi marcante nas suas vidas, pois apenas duas conheciam a Ilha e não tinham visitado os principais pontos turísticos, como praias, o Projeto Reviver o famoso Festejo de São José de Ribamar, realizado no mês de setembro; essa atividade foi envolvente, porque oportunizou momentos de lazer, interação com outras pessoas, como por exemplo, um momento forte, entrar e conhecer a Universidade Estadual do Maranhão, almoçar no restaurante universitário e concluírem assim: [...] “não tive o prazer de fazer um curso na UEMA, mas consegui almoçar junto com os alunos no restaurante da Universidade [...]” e fotos, cumprimentos e abraços expressaram a gratidão a todos que nos acolheram, o pessoal da cozinha, professores, pró-reitores, enfim, as águias de amor fizeram uma festa, como podemos observar nas fotos:

Figura 38 - Visita a Igreja São José de Ribamar em São Luís/MA



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

Figura 39 – Passeio na praia “Olho D’água em São Luís/MA



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

Figura 40 – Visita ao Projeto Reviver em São Luís/MA



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

e) Seresta Intergeracional: Esta atividade foi realizada no final de cada ano (2009, 2010 e 2011), com a participação de filhos e netos, a programação recheada de momentos especiais, tais como: reflexões, orações de agradecimento pelo ano, vida, família e essa abertura, é sempre liderada pelas águias de amor; troca de presentes, sorteios de cesta para o natal, comidas típicas, sucos, refrigerantes e, algo interessante regado aqui e acolá por uma cervejinha ou uma taça de vinho ao som de um seresteiro, cantando melodias que contextualizam e agradam todas as gerações.

Figura 41 – Festa Natalina Seresta Intergeracional, SESI, Caxias/MA



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

Figura 42 – Festa Natalina Seresta Intergeracional, SESI, Caxias/MA



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

Figura 43 – Entrega de Presentes na Festa Natalina, Seresta Intergeracional, SESI, Caxias/MA



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

- f) Inclusão Digital, em parceria com o Serviço Social da Indústria - SESI foi oportunizado às 20 (vinte) águias do amor (idosos) um Curso de 40 horas/aulas, no período de agosto a dezembro do ano 2010, na foto constatamos a participação dos idosos nas aulas:

Figura 44 – Curso de Informática /Parceria: Sesi/Caxias



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

Figura 45 – Curso de Informática /Parceria: SESI/Caxias



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

Figura 46 – Curso de Informática /Parceria: SESI/Caxias



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

g) Palestras Educativas: Na realização das atividades gerontagógicas, contamos com a participação e parceria de um médico Cubano, que voluntariamente fazia acompanhamento com intervenções importantes: controle de peso, diabetes, pressão, e ainda palestras educativas para prevenção de doenças, principalmente câncer de mama e de próstata, como podemos observar nas fotos:

Figura 47- Palestras Educativas no Círculo de Cultura



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2010.

Figura 48- Acompanhamento da saúde dos Idosos no Círculo de Cultura



Fonte: Projeto Intergeracional, SESI Caxias/ MA, 2010.

Figura 49 – Palestras Educativas no Círculo de Cultura



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA / 2010.

- h) Menção Honrosa para o Projeto Intergeracional na premiação medalha Paulo Freire, promovido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, no ano final do ano 2010, tendo sido avaliado por uma Comissão do MEC; as fotos registram a solenidade de entrega do Certificado em Brasília, com a presença da autora do projeto e da Prof^a PhD Eliane Dayse e ainda da visita da Consultora do MEC em Caxias-Maranhão, conforme Certificado e fotos:

Figura 50 – Menção Honrosa ao Projeto Intergeracional



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias - MA/ 2010.

Figura 51 – Participação na Solenidade de Menção Honrosa promovida pelo MEC ao Projeto Intergeracional.



Fonte: Projeto Intergeracional, DF - Brasília/.2010.

Figura 52 – Exposição de materiais utilizados no Projeto Intergeracional para a visita da Equipe Técnica do MEC/SECAD, do qual concorre ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias MA, 2010.

Figura 53 – Apresentando o Projeto Intergeracional na visita da Equipe Técnica do MEC/SECAD concorrendo ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias MA, 2010.

Figura 54 – Entrega de Certificado do Curso de Informática ao Projeto Intergeracional na visita da Equipe Técnica do MEC/SECAD concorrendo ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”



Figura 55- Professoras da UEMA e Técnica do MEC/SECAD, visitando o Projeto em função do prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias MA, 2010.

Figura 56 – Acadêmicos do curso de Pedagogia e Enfermagem da UEMA na Apresentação do Projeto Intergeracional na visita da Equipe Técnica do MEC/SECAD concorrendo ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias MA, 2010.

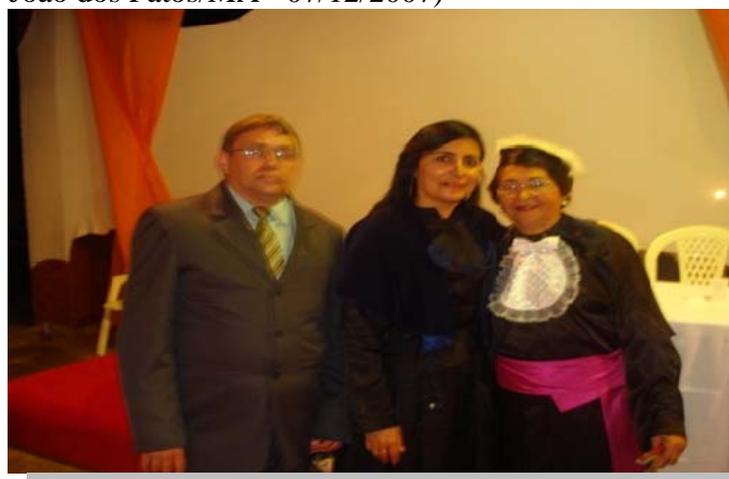
Figura 57 – Homenagem à Profª Deuzimar pelo Projeto Intergeracional na visita da Equipe Técnica do MEC/SECAD concorrendo ao prêmio “Medalha de Ouro Paulo Freire”



Fonte: Projeto Intergeracional, Caxias MA, 2010.

Participação na outorga de grau da aluna Teresinha de Jesus Macedo de 82 anos no Curso de História/UEMA em São João dos Patos, Maranhão - 07/12/2007, registro importante na vida da UEMA, um fato inédito, confirmando que nunca é tarde para estudar e continuar aprendendo ao longo da vida, também como uma experiência pessoal e profissional enquanto Professora da UEMA, representando o Magnífico Reitor nessa solenidade de Outorga de grau no Centro de Estudos Superiores de São João dos Patos-MA; essa solenidade foi marcante e serviu de referência e exemplo nos diálogos com as águias do amor (idosos) durante a realização das atividades gerontagógicas.

Figura 58 – Outorga de grau Teresinha de Jesus Macedo de 82 anos no Curso de História/UEMA (São João dos Patos/MA - 07/12/2007)



Fonte: UEMA/ CESTI, Timon/MA – 2007.

Os encontros sempre movimentaram os idosos em finais de semanas alternados para reunir o grupo que participava com entusiasmo, os quais comprometidos se comunicavam para que ninguém faltasse, aos poucos adquirimos uma confiança, carinho e amizade jamais experimentados em nossas vidas; assim iniciamos o nosso trabalho, falando da realidade, tendo como parâmetro o contexto dos idosos.

3.3 Etapas de Organização, Sistematização e Análise de Dados

Para organizar, sistematizar e analisar as informações utilizamos uma dinâmica que consistiu em planejar, organizar e observar a similaridade e divergências para congregar as falas em função dos objetivos pretendidos.

Na sistematização, por categorias temáticas, procedemos à análise de conteúdo, colocando as falas na sequência de importância e significados, com fito de ser fidedigna ao processo de análise e conclusão sobre os achados da pesquisa.

As evidências captadas nesta pesquisa foram organizadas em categorias temáticas e unidades de análise, que neste trabalho denominamos de indicadores a fim de proceder à análise do conteúdo, agrupando as respostas dos idosos, conforme similaridade dos conteúdos em referência. Para categorizar as informações obtidas nas entrevistas, foi utilizado o método preconizado por Bardin (2007), análise de conteúdo, tipo de método, definido por Franco (2008) como mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada; necessariamente ela expressa um significado e um sentido.

Enfatizamos a importância desse método em Bardin (2007) quando afirma que a lingüística estuda a língua para descrever o seu funcionamento e a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça, ou seja, busca outras realidades através das mensagens, por isso indica a análise de temática, no processo de organização de categorias, que segundo Bardin (2007, p. 111) o critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas): por exemplo, “todos os temas que significam ansiedade ficam agrupados na categoria [ansiedade]”. A utilização da análise de conteúdo como método contribuiu significativamente para organizar as temáticas em função de obter resultados fidedignos do fenômeno pesquisado.

Para materializar esta investigação, no próximo capítulo, com auxílio de estudiosos, as informações colhidas nas entrevistas, foram classificadas em categorias temáticas com seus respectivos indicadores que comprovam as assertivas, ou seja, os

argumentos teóricos e práticos desta tese, tecendo saberes e vivências dos participantes desta pesquisa.

4 DIALOGANDO COM OS TEÓRICOS E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Neste capítulo, iniciamos o diálogo destacando o perfil gerontológico, dos 20 (vinte) idosos na faixa etária dos 60 aos 85 anos, nascidos na zona rural por meio de parteira, filhos de famílias carentes, cujo único meio de sobrevivência era trabalhar na roça partir de indicadores socioeconômicos. Como não tiveram oportunidade de estudar, porque não existia escola na localidade, todas sem exceção trocaram o campo pela cidade, em busca de melhores condições de vida, principalmente colocar os filhos na escola, conseguir formá-los, como recompensa e projeção dos sonhos que não puderam atingir.

Recordando Neri (2007, p. 161) “o acesso à educação foi cerceado para boa parte da população idosa, principalmente rural, ao longo da vida, reduzindo a sua cidadania”; e, neste estudo, confirmamos que todos os idosos foram excluídos do processo de escolarização, não só pela inexistência de escola, sobretudo pelo modelo social instalado no Brasil, que no decurso da história negou às classes mais carentes o acesso ao conhecimento sistematizado.

No ano de 2008, todos os idosos estavam participando do Centro de Convivência da Cohab (CCI Cohab). Cinco deles afirmaram ter participado de Campanhas de Alfabetização, do antigo primário, mas como não tiveram êxito, não conseguiram concluir, principalmente por causa do trabalho e família.

Acerca dessa questão, o livro *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade*, elaborado em artesanato por pesquisadores e especialistas, burilado e organizado por Neri (2007), revela os resultados de uma pesquisa, solicitada pelo Serviço Social do Comércio-SESC de São Paulo, com o fim de obter um perfil sobre os idosos brasileiros no atual contexto. Tal estudo trouxe contribuições que confirmam e comprovam os dados constatados nesta investigação, principalmente no que tange a escolarização, quando Neri (2007) afirma que os resultados da pesquisa reforçam a realidade conhecida, que a população idosa é menos escolarizada que as gerações mais jovens, apresentando um quantitativo elevado de analfabetos e ainda de tantos com dificuldade de ler e escrever.

Nos diálogos destacamos a forma como os idosos declararam que contribuem na renda familiar, com o salário da aposentadoria, citando que muitas vezes a família sobrevive apenas dessa renda, ressaltando ainda que também participam cuidando da casa e dos netos para que os filhos possam estudar ou sair em busca de trabalho.

Em relação à participação na renda familiar, Camarano (2004) reforça que os benefícios da previdência que constitui a renda dos idosos, pelo menos para uma parcela expressiva dessa categoria, tem se tornado cada vez mais um componente relevante para a

sobrevivência das famílias brasileiras, a mesma autora acrescenta que em quase todo o mundo tem aumentado o período em que os filhos dependem economicamente dos pais, na maioria, idosos.

Constatamos uma questão interessante, que é uma realidade, nos Centros de Convivência, as idosas se destacam no quantitativo, pois das vinte águias de amor, apenas 03 (três) são do sexo masculino. Reportamos sobre essa questão em Camarano (2004), quando menciona que o envelhecimento tem relação com gênero, destacando que da população total de idosos, 55% são mulheres. Essa realidade, afirma a autora, comprova que a prevalência de mulheres foi mais expressiva nas últimas décadas, inclusive com maior participação no fluxo migratório rural urbano.

Os idosos expressaram a necessidade de viver com alguém e nesse aspecto, descobrimos o estado civil das 20 (vinte) águias do amor (idosos), 05 (cinco) são viúvas, 04 (quatro) separadas, 04 (quatro) solteiras e 07 (sete) casadas; mas, com a experiência de vida, após acertos e desacertos, perdas e ganhos, 05 (cinco) convivem com esposo(a); 07 (sete) com filhos, 03 (três) com netos, 04 (quatro) com outros parentes e apenas uma vive sozinha.

Na verdade, este fato imprime o fortalecimento das relações consigo mesmo e ainda, intergeracionais para garantir o sentido do curso da vida. Isso revela que o medo da solidão impulsiona os idosos a conviver com alguém, sejam filhos, netos, um companheiro (a) ou até amigos, menos ficar sozinho(a);

Concordando com Camarano (2004, p. 31) “A co-residência entre idosos e filhos adultos tem sido uma prática generalizada nos seus arranjos domiciliares” e, adotar o estilo de vida que inclua a convivência com alguém, melhora a autoestima e proporciona satisfação e bem estar; inclusive merece destaque a rotina de atividades que exerce em função de produzir algo e ocupar o tempo para se sentir útil e continuar trabalhando; nesse sentido, as idosas são atuantes, demonstram uma vitalidade que impressiona, pois todas ajudam nos trabalhos domésticos, duas entre elas, no tempo de plantio e colheita trabalham a na roça e até quebram coco, e ainda encontram tempo para participar de atividades, tais como: Centro de Convivência dos Idosos, do Projeto Intergeracional, das Pastorais da Igreja, visitar os amigos (a) ou parentes, enquanto que os idosos do gênero masculino, realizam esporadicamente trabalhos na roça, mas apenas um afirmou que trabalhou demais na vida e, que, como está aposentado, sua rotina é participar do Centro de Convivência, da Igreja, viajar e visitar amigos.

No diálogo com os idosos, constatamos que todas fizeram opção pelo catolicismo, frequentam a paróquia da COHAB em Caxias e participam das pastorais dessa mesma Igreja;

essa revelação confirma que a religiosidade é um ponto forte e inerente à vida dos idosos, pois durante os contatos as manifestações de cantorias, rezas e reflexões giravam em torno da espiritualidade. Isso também se constata em Neri (2007), na pesquisa realizada, quando afirma que a religião é um espaço para fortalecer laços sociais e continua presente na sociedade brasileira; alertando ainda, sobre o expressivo número de idosos que se apresentam católicos. Essa abordagem pode ser temática para a discussão sobre o “futuro do pertencimento religioso no país” (NERI 2007, p. 132), observando o crescimento de outras religiões.

Interpelando os idosos sobre os maiores problemas enfrentados com relação à saúde, prevaleceram as dificuldades com a visão e com o sistema respiratório, seguidas dos aspectos relacionados a dores nas articulações, o que dificulta a locomoção e deslocamento para vários lugares. Mesmo assim, possuem um dinamismo na interação com as atividades realizadas no cotidiano. Nesse aspecto, vale ressaltar Neri, (2007, p. 57) “As condições econômicas dos idosos refletem-se na sua saúde e no seu acesso aos serviços de saúde”; e, concordando com a autora, os sujeitos da pesquisa manifestaram que enfrentam dificuldades em conseguir consultas e fazer exames. Por residir na periferia e, não possuir condições financeiras se submetem a esperar prazos extensos nos Postos Médicos e que acaba comprometendo e agravando os problemas de saúde.

Após análise desses dados, podemos inferir que a realidade dos idosos está em consonância com a história social e econômica no Brasil, pois o perfil da população idosa está refletido nas desigualdades de renda, de direitos nas diversas instâncias, lembrando que as pessoas envelhecem dentro de um contexto histórico social, inclusive da cidadania de uma sociedade, como enfatiza a mesma autora.

Em suma, embora enfrentando os conflitos existenciais, tanto os jovens, adultos, como os idosos trazem consigo marcas históricas que determinam o perfil delineado, no entanto, é na fase adulta que a pessoa caminha para um aumento gradual do desenvolvimento cognitivo, em profundidade e uma maior compreensão dos problemas, do seu papel e isto influencia os conteúdos afetivo-emocionais e a sua forma de pensar e estar no mundo.

A partir do perfil dos idosos, aprofundamos o diálogo com as temáticas que vão ao encontro dos objetivos desta investigação com as falas que se entrelaçam porque carregam em si histórias de vida, que traduzem e configuram seres que na sua essência têm saberes, sonhos, experiências e desejos. Das falas das águias de amor (idosos) referentes aos motivos que os impediram de estudar, (APÊNDICE J) predominaram os seguintes:

Não estudei, minha família não deixou, principalmente meu pai, o homem tinha que ter uma roça, um paiol de arroz, um cavalo e uma mulher bonita. (Aga1)
Meu pai não deixou estudar, porque se aprendesse a ler e a escrever ia mandar carta para namorado. (Aga2, 5 e 7)
Morava no interior, meu pai não deixava estudar, porque se não arranjava namorado, porque aprendia fazer carta para namorado, devia era trabalhar na roça. (Aga3)
Meu marido não deixou eu estudar, porque dizia que ia arranjar homem. (Aga4)
Não frequentei escola, porque trabalhava na roça e no interior não tinha escola. (todas as águias amor)

O diálogo favoreceu a interação de todos os idosos que, com entusiasmo, expressaram com orgulho as atividades que exerceram e que foram importantes para a sobrevivência dos familiares. Nessa abordagem, percebemos o quanto esse tema provocou trocas de experiências e interação uns com os outros, pois as informações que passavam iam se complementando com o outro, quando diziam, eu também trabalhei disso [...], como exemplo, destacamos recortes dos diálogos registrados (APÊNDICE J):

[...] durante a minha vida dediquei o meu trabalho na agricultura, na roça, plantando e colhendo arroz, feijão, mandioca e milho. (Aga12 e 13)
Trabalhei na agricultura, não me formei na área, mas conheci e troquei experiências com doutores, técnicos nesse assunto[...] criei bode, porco e galinha. (Aga14)
“Fazer as coisas de casa, parir e criar os filhos”. (Aga15, 18 e 19)
“Além de parir filhos, trabalhei na roça, fazia coivara, plantei arroz, mandioca, milho e feijão, em geral começava o plantio em dezembro e depois a gente ia pra colheita” [...] também participava da farinhada, penerando e fazendo farinha, tirando leite da vaca. (Aga16)
“Além de trabalhar na roça, quebrei coco e ainda quebro [...] plantava, colhia [...] capinava e fazia caeira”. (Aga17)

Esses diálogos têm estreita relação com a fala de Bosi (1994, p. 20) no texto elaborado por Chauí, que constitui apresentação do livro *Memória e Sociedade de Ecléa Bosi*:

“Eles também trabalharam” – não somente cada um dos recordadores foi um trabalhador, mas, sobretudo os recordadores são, no presente, trabalhadores, pois lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição. (BOSI, 1994, grifo do autor, p. 20).

Atualmente, a rotina das idosas é cuidar dos serviços domésticos, dos netos e, os idosos, continuam indo para a zona rural, na época do plantio e colheita e, em casa, alimentando o costume de fazer as hortas e plantios no quintal da casa para ter acesso aos legumes e frutas e criação de aves; os idosos destacaram que se dedicavam na época certa do plantio da mandioca, milho e feijão no mês de dezembro e colhem em maio do ano seguinte, e as frutas como caju e manga nos meses de outubro, novembro e dezembro.

Os diálogos são frutos de uma história de vida, remontada nos arquivos que a memória registrou e que se constitui experiência vivida, como sustenta Bosi (1994, p. 53): “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano”. É a partir desse pensamento que pesquisamos, resguardando as raízes e o chão da vida dos sujeitos, recheada dos saberes e experiências que comprovam a riqueza da educação ao longo da vida.

A análise das categorias temáticas contribuiu para concluir sobre os motivos que impediram os idosos de frequentarem a escola e revelou uma profunda relação com a questão de gênero, o que nos remete ao contexto histórico cultural da formação dos idosos e de sua trajetória de vida.

Os idosos não tiveram oportunidade de frequentar uma escola, como direito fundamental que possibilitasse sua inserção nos diversos setores da sociedade, devido a vários fatores como: morar no campo, trabalho, machismo, ignorância, dentre outros. Nesse aspecto corrobora Neri (2007, p. 161), “O acesso à educação foi cerceado para boa parte da população idosa, principalmente rural, ao longo da vida, reduzindo a sua cidadania.” Os idosos têm a concepção da importância do estudo na vida do cidadão, isso é constatado quando afirmam que, estudando se tornam independentes, não pedindo a alguém para fazer leituras, ensinar os netos, assinar o nome e outros benefícios, conforme verificamos nas falas das águias do amor (idosos) (APÊNDICE K)

Estou estudando, porque acho importante aprender ao menos assinar o nome e não botar o dedo. (Aga1)

É importante estudar, porque quem não estuda é cego, surdo e mudo e quando alguém pergunta se sabe assinar o nome, tem que botar o dedão é chato. (Aga2)

Para ajudar ensinar os filhos e netos. (Aga7)

Para ler a Bíblia. (Aga8)

É importante, porque a gente melhora de vida. (Aga11)

Pra arranjar trabalho e o pão de cada dia. (Aga13)

Essas falas expressam o quanto é importante a inserção dos idosos nos contextos educativos a fim de continuar o aprendizado na perspectiva de melhorar as relações no cotidiano em todas as instâncias sociais.

Nessa diretriz, Vasconcelos e Brito (2009, p. 130) afirmam: “Que a leitura de mundo possibilita a decifração e a interpretação crítica e analítica das situações limites a partir da percepção do indivíduo e da maneira como esse aprendeu a se relacionar consigo mesmo e com o mundo.” Os resultados da pesquisa se coadunam com as ideias do autor, quando tenciona buscar um novo saber para incorporar aos já existentes, confirmando o que diz Freire (1997, p. 11): “A leitura de mundo precede a leitura da palavra.”

Sem dúvida, apropriando-se dessa leitura de que nos fala Freire (1997), os idosos teriam na educação um instrumento para promover a sua inserção social. Ainda concordando com Freire (1987, p. 19-20), “a palavra instaura o mundo do homem”, nesse sentido, poder estar inserido no contexto social, ser sujeito ativo e proativo do seu entorno, aprender a ler é aprender a dizer a sua “palavra que diz e transforma” Freire (1987, p. 20). Dizer sua palavra é ter consciência da sua função de sujeito do seu entorno social, de sua história; e, na fala das águias do amor, a importância de estudar confirma o desejo de buscar mudanças, melhorar de vida, ou seja, ter vida digna. Como bem ressalta:

[...] o componente essencial para um indivíduo alcançar a integridade é a aceitação de si mesmo e do seu ciclo da vida com uma realidade única e inevitável, descobrindo uma ordem e uma significação da totalidade de sua vida individual e essa posição não se traduz em uma atitude de resignação, mas de dignidade. O idoso tem a necessidade de envelhecer com qualidade e dignidade. (OLIVEIRA, 1999, p. 109).

Nesse propósito, é a educação que possibilita um aprendizado permanente que inicia desde o nascimento e evolui através de um processo contínuo de formação escolar ou não escolar.

Sabidamente Freire (1987), enfatiza que a educação é a força que impulsiona o pensar crítico, problematizador em relação à condição humana no mundo, que se estabelece na relação dialógica entre o educador problematizador, no seu ato cognoscente e na cognoscitividade dos educandos, de modo que em lugar dos alunos serem considerados como depósitos, são investigadores críticos. E, na medida em que esse processo ocorre notamos na fala dos idosos, que apropriar-se da leitura e da escrita, é se garantir, é ter autonomia de se sentir sujeito de sua história, sobretudo, participar, interagir, o que sem dúvida contribui para autoestima das águias. Na abordagem de Cunha (1986, p.11) “A autoestima é uma implicação do valor que uma pessoa atribui aos diversos elementos do conceito que ela tem de si mesma”.

Reafirmando o que diz Freire (1987) podemos mediar conhecimentos que possibilitem a interação homem e meio. Nesse processo, os idosos abordaram que o diálogo comunica, melhora as relações consigo mesmo e com os outros.

Essa condição do apropriar-se das competências leitora e escritora como instrumento de inserção social e exercício da cidadania, constitui nesta análise a construção de um tempo digamos “o não perdido”, porque não dizer não oportunizado para que os idosos possam se refazer, pois enquanto há vida, a esperança permeia as expectativas, embora remotas, pela negação dos direitos, pois segundo Freire (1997, p. 29) “Eu espero na medida

em que começo a busca, pois não seria possível buscar sem esperança [...] Uma educação sem esperança não é educação.”

A seguir, registramos os fatos que marcaram a vida das águias do amor (idosos), citando as perdas e os ganhos (APÊNDICE L).

Perdas:

Separação por causa de outra. (Aga1)

Morte da minha mãe e pai. (Aga2)

Arrependimentos de uma decisão tomada. (Aga4)

Meu casamento não foi bom, o homem me deixou sozinha com 9 filhos, era uma escadinha. (Aga5)

Namorar, me casar nova e separar. (Aga11)

Ganhos:

O aniversário de minha mãe de 90 anos. (Aga14)

Ter uma casa e oportunidade de criar 12 filhos. (Aga15)

O nascimento dos meus filhos e netos. (Aga18)

Só coisas boas, gostava de festa, me casei e gostei, pois casar é viver bem. (Aga19)

Quando aprendi a ler e a escrever. (Aga20)

Eu me sinto feliz, porque vivi até essa idade e consegui me aposentar. (Aga17).

Em relação às perdas e ganhos percebemos nas falas que os idosos internalizam pensamentos como forma de apoio para minimizar sofrimentos ou muitas vezes servindo como martírio e fazendo dessas concepções filosofia de vida.

Como bem ressalta Bosi (1994, p. 83):

O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, *investiga, pesquisa, confronta* esse tesouro de que é guardião. De outro lado, *recupera* o tempo que correu e aquelas coisas que quando perdemos nos sentimos diminuir e morrer.

Para Mucida (2006, p. 144), “O medo da morte associa à perda, que é o inevitável o indizível, sobretudo, constituindo-se, sobre a única certeza que temos, paradoxalmente, dela nada sabemos”; o autor, com esse pensamento, remete-nos a uma reflexão sobre as perdas que podemos ter na vida, associando a morte como algo que é líquido e certo; No entanto, as águias de amor externaram que as perdas, foram experiências que serviram de aprendizado para a vida, embora marcados pelo sofrimento e dor.

Os ganhos são recompensas que ao longo da vida ajudaram os idosos na superação das frustrações, dos objetivos não alcançados, como forma de reconstruir uma vida nova, lembrando Neri (2004) quando aborda sobre os eventos da vida, como importantes fontes de influência ao longo da vida, que orienta a personalidade no enfrentamento dos desafios e ajustamento nos aspectos biológico, social e psicológico em função do desenvolvimento do ser humano.

A autora menciona ainda que há vários tipos de eventos de vida, alguns esperados outros inesperados, alguns são vividos e guardados como positivos, outros negativos, enfatizando ainda que, os eventos positivos também exigem do ser humano adequação, ajustamento, que por sua vez exigem envolvimento emocional e social.

Como podemos confirmar:

Que na velhice deve-se aprender a suportar momentos difíceis que acontecem na vida, sem deixar abater-se pelo desânimo, seja pela morte de alguém da família, por outro tipo de separação ou arrependimento por tomar alguma decisão tomada. Pois fazer algo de positivo na vida é de grande importância para sobressair-se de momentos difíceis e levantar a autoestima. (POLETTI; DOBBS, 2010, p. 82).

Afirma Neri (2005, p. 23) “Grandes acontecimentos, como casamentos realização de uma viagem [...] podem ser considerados eventos positivos que ocorrem na vida das pessoas durante todo o curso do desenvolvimento.”

Qualquer atividade ou acontecimento que provoquem mudanças positivas na vida de um idoso pode proporcionar felicidade; e, na visão dos idosos citam vários eventos, inclusive dando ênfase à questão religiosa, como os festejos de São Gonçalo, São Benedito, São Sebastião, São Francisco e Santos Reis, que tradicionalmente no interior se faz promessas, os organizadores escolhem uma data para comemorar e chamam a comunidade para uma grande festa, com som, comida e bebida.

Na interface entre perdas e ganhos constatamos que essa questão não envolve só os idosos, mas afeta todas as idades, ou seja, perder ou ganhar faz parte, portanto, envelhecer é continuar vivendo com toda intensidade como em qualquer outra etapa da vida.

Nessa arena, destacamos:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutar infinito. (BOSI, 1994, p. 39).

Com essa afirmação a mesma autora, atribui à memória uma função decisiva no processo psicológico total:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 46).

Concordando com a autora, podemos recorrer às falas dos sujeitos da pesquisa e ter uma leitura, que na nossa percepção, para os idosos externarem suas perdas e ganhos, foi necessário se afastar do tempo, ir ao contexto e se encontrar, com a serenidade possível e a indignação quando mencionava as perdas, na perspectiva do refazer-se, de construir e escrever uma nova história a partir dos ganhos.

Recorremos a Zimerman (2000), quando enfatiza as características dos idosos que na nossa concepção tem uma relação intrínseca com as falas das águias do amor (idosos) quanto às perdas e os ganhos:

- a) Crise de identidade, provocada pela falta de papel social, o que levará a uma perda de autoestima;
- b) Mudanças de papéis na família, no trabalho e na sociedade. Com o aumento de seu tempo de vida, ele deverá se adequar a novos papéis;
- c) Aposentadoria, já que, hoje, ao se aposentar, ainda restam à maioria das pessoas, muitos anos de vida; portanto, elas devem estar preparadas para não acabarem isoladas, deprimidas e sem rumo;
- d) Aqueles que não se preparam (isolamento x depressão);
- e) Perdas diversas, que vão da condição econômica ao poder de decisão, à perda de parentes e amigos, da independência e da autonomia;
- f) Diminuição dos contatos sociais, que se tornam reduzidos em função de suas possibilidades, distâncias, vida agitada, falta de tempo, circunstâncias financeiras e a realidade da violência nas ruas.

Investigando sobre as concepções de velhice, percebemos que as águias de amor (idosos), associam a velhice às patologias, ainda como algo depreciativo, com a conotação forte dos estigmas tradicionais relacionado a perdas. (APÊNDICE M).

Preocupação, doença, vício de alcoolismo, cigarro e exagerar no trabalho e desgosto, algo que lhe machuca de mais e você não sabe como resolver. (Aga1 e 2)
Abandono, doença, sofrimento e solidão. (Aga3 e 5)
Envelhecer é desprezar a vida, não querer sair de casa, não quer participar de nada, ficar triste em casa, a velhice lhe acompanha isto é que é envelhecer. (Aga7 e 10)
Não é muito bom porque era melhor quando fui novo, mas mesmo eu estando ficando velho eu estou aproveitando mais a vida. (Aga20).

Neri (2005, p. 39), enfatiza que “Uma velhice bem sucedida depende em grande parte das crenças sobre as capacidades para manejar a própria vida e o mundo externo”; com

esse olhar, podemos destacar que os sentimentos e vontades continuam e estão latentes nos idosos, o que depende da forma como administram suas limitações e emoções.

Nessa questão mencionamos a resiliência, como temática importante para estudos e reflexão considerando o enfrentamento das perdas e ganhos pelos idosos, pois eles têm uma capacidade extraordinária de serem resilientes. Segundo Melillo e Ojeda, (2005, p. 15), resiliência é “A capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade.” Ser resiliente exige preparação, viver e aprender com as experiências adversas, com mudanças, doença, dores, alegrias, tristezas, perdas, ganhos, solidão ou abandono, por isso, a educação ao longo da vida se torna eixo mediador quanto à possibilidade de fomentar a resiliência dos idosos, para que possam enfrentar os problemas peculiares à etapa de suas vidas e lutarem pela garantia dos seus direitos para obter a inserção social de modo favorável ao bem estar e felicidade. Poletti e Dobbs (2010), afirmam que com as limitações, os idosos utilizam mecanismos para superar as feridas do passado, com atividades, assumindo responsabilidades, enfim muitos não conseguem, ficam em depressão. Reitera ainda, que os resilientes idosos que vivem melhor são aqueles que cultivam uma expressão artística, praticam a dimensão espiritual e podemos ainda destacar a participação em grupos. É impressionante a capacidade dos sujeitos pesquisados de superar os problemas, sobretudo em família.

As autoras acima mencionadas afirmam que as pesquisas sobre resiliência ainda carecem de se importar com a trajetória da vida, no confronto com as dificuldades da velhice. Percebemos ainda nas relações intergeracionais que isso contribui para compreender melhor o que acontece na vida das pessoas idosas que demonstram resiliência a fim de apoiá-las no enfrentamento de suas dificuldades, para que mantenham resistência até os últimos dias de sua vida, o que se constitui em um desafio para todos nós.

Com isso, mencionamos valores incorporados e defendidos como reflexos de uma educação peculiar, aquela herdada pelos antepassados que são preservados como se fosse um tesouro, os quais foram citados nos conselhos dos idosos (APÊNDICE N):

Devemos orientar e ajudar uns aos outros e ser unidos. (Aga1)
É preciso saber viver, ter paz e amar para viver bem. (Aga2)
Viva, amando ao seu próximo, procure viver com felicidade. (Aga3)
Cada qual deve cuidar de si e viver sua vida respeitando os outros. (Aga4)
Ser educado, prestar atenção às pessoas e tratar bem. (Aga5)
Ser amigo, amizade sincera é a coisa mais importante. (Aga6)
Que as pessoas sejam mais solidárias e humanas. (Aga7)
Aproveitar e valorizar cada dia mais a vida que Deus nos deu, como se fosse o último. (Aga8).

Quando a pessoa chega a 3ª idade, tem que procurar participar do Centro do idoso. (Aga9)

Não beber, não fumar, não usar drogas e fazer o bem. (Aga10)

Que as pessoas a cada dia que passa plantem a semente da paz, amor e da felicidade que é disso que precisamos. (Aga11)

Para todos os jovens e adultos que prestem atenção a vida, vamos procurar viver, ter fé, procurar a igreja e a vida é essa. (Aga12).

Nesses conselhos, observamos que o amor, desponta como um valor imprescindível para obter felicidade e dignidade, nas falas das águias do amor (idosos), é um bem maior, é o fio condutor, que proporciona uma relação saudável com todas as gerações.

Nessa assertiva, o indivíduo quando se apropria de conhecimentos passa a julgar o mundo de forma mais racional, agindo de maneira mais prudente na sociedade a qual está inserido. Portanto, concordando com Neri (2005) é essencial que se ultrapasse a visão de que o idoso é um ser frágil e dependente, e estabelecer um diálogo que possibilite a melhoria do relacionamento; daí a importância de valorizar os conselhos dos idosos, de respeitar suas opiniões.

Nesse contexto inserimos o diálogo, recorrendo a Freire:

[...] o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma *práxis* social, que é compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre nosso *ethos* cultural, sobre nossa educação, linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca. (STRECK, 2008, p. 130).

Desta forma, quando existe diálogo não há possibilidade de uma relação de dominação, pois implica uma relação aberta, horizontal, ou seja, exige do educador e educando um respeito mútuo, uma atitude de compreensão, de aceitação e principalmente de humildade.

Nos dilemas vividos nas perdas e ganhos as águias de amor, com as experiências e muita propriedade, expressaram conselhos para as gerações mais jovens como forma de prevenir, ou seja, evitar perdas e obter mais ganhos na vida.

Recorrendo a Todaro (2009, p. 39) “As atitudes de uma pessoa ou grupo de pessoas funcionam como predisposição positivas ou negativas para as práticas sociais, as ações individuais e suas experiências”, por isso a participação na vida social é um aspecto positivo na vida de um idoso.

4.1 Diálogos com as Águias de Amor (idosos) após realização dos Círculos de Cultura

As atividades gerontagógicas realizadas por meio dos Círculos de Cultura favoreceram diálogos manifestados na segunda entrevista que comprovam mudanças em relação às concepções sobre velhice, aprendizagens e experiências marcantes, sugestões e perspectivas de participação no projeto; nessa direção, as falas dos filhos, netos e os professores foi objeto de análise comparativa para verificar as concepções sobre velhice e sugestões para uma velhice saudável com a participação de outras gerações e com o profissional da educação que trabalha com a categoria idosa.

4.1.1 Concepções de Velhice, Mudanças, Aprendizagens e Experiências

Em relação à concepção de velhice, após aplicação das atividades gerontagógicas, os idosos externaram evidências que caracterizam mudanças significativas sobre velhice, iniciando com as concepções, mediados pelas aprendizagens e experiências. (APÊNDICE O).

É ter prazer de viver com saúde, paz e harmonia, ter capacidade de viver os melhores anos da minha vida. (Aga1 e 17)

É ter amadurecimento, conhecimento e agora tenho oportunidade de estudar e passear e me divertir com meus amigos. (Aga2)

Viver com a minha família, participar do Projeto Intergeracional, das atividades e me divertir bastante. (Aga4)

Tenho oportunidade de aprender, passear, ter amigos, experiências para compartilhar coisas que eu não tinha quando era jovem. (Aga6)

É ter conhecimentos para compartilhar com os mais jovens. (Aga8 e 20)

Para mim é maravilhoso, porque já tive muitas experiências na vida. Sou feliz, não tenho revolta com a minha idade, não me acho incapaz de nada graças a Deus. Só tenho que agradecer a Deus por estar durando todos esses anos. (Aga10)

É bom porque estou aproveitando a liberdade. Quando eu era nova não podia sair de casa, agora participo de diversas coisas. (Aga11 e 19)

É a última etapa da vida, eu me divirto mais, coisa que eu não fazia na juventude. (Aga12 e 18)

Envelhecer é uma dádiva de Deus. É ter experiência. Envelhecer é muito bom, pois se aposenta, aí tem seu dinheiro e paga suas contas e não vive humilhado pelos outros. (Aga13 e 15)

Foi bom porque quando eu era jovem só trabalhava depois que eu aposentei eu renasci de novo, parei de trabalhar, exageradamente e passei a me divertir, dançar, brincar boi, brincar quadrilha. (Aga14)

Envelhecer é viver bem ter sabedoria ter experiência de vida e ser feliz, respeitar para ser respeitada amar e ser amada compreender para ser compreendida. (Aga17).

Envelhecer na fala de Tommasi (2010, p. 17), “Amadurecer e envelhecer são condições tão naturais da vida quanto nascer e morrer.” É nesse entendimento que se pautam os comentários dos professores e dos filhos. A longevidade, reportando Barreto (1999), abre

possibilidades que superam a visão de que as pessoas da terceira idade pertencem a categorias de aposentados ou internados em hospitais, afirmando que “A longevidade prolonga poderes e desejos, assim como transforma as pessoas.” (BARRETO, 1999, p. 62). Nessa direção, menciona Neri (2000, p. 97):

A visão de velhice em que bem-estar significava mera ausência de doenças foi substituída pelo reconhecimento de que, nessa fase, embora exista o risco de perda de autonomia, há a possibilidade de crescimento e bem-estar, e da continuidade do desenvolvimento.

O envelhecimento para Dummée (2010, p. 23) “Não é apenas um problema fisiológico ou físico, psicológico ou cultural. É um problema de espiritualidade”, o que pode ser notado na fala das Águias do Amor (idosos). Nessa perspectiva, Grün (2008, p. 9), afirma que faz parte do envelhecer “os passos do aceitar, do largar e do ir além de si mesmo”, portanto é um processo individual e cada um decide como envelhecer e como as coisas externas e seus limites os afetarão.

Abordamos estes conceitos a partir dos paradigmas atuais sobre as pessoas idosas desmistificados de preconceitos, tais como sujeitos descartáveis, frágeis e sem validade, pois ainda são patentes os pejorativos atribuídos a essa categoria, vez que a sociedade é marcada pela presença de várias gerações. A esse respeito importa realçar a versão conceitual evidenciada por Ferreira (2001), que define “Velho” como alguém muito idoso, antigo, que está gasto pelo uso, desusado, obsoleto. A palavra “velho” traz consigo, um conjunto de conotações pejorativas, numa sociedade que idolatra a juventude, a beleza e a força física, ser “velho” significa estar envolvido em um universo de rejeição, preconceitos e exclusão.

Nesse contexto, Peixoto (1998), assegura que, os termos velho e velhote podem ou não estar carregados de conotações negativas, mas quando isso acontece são empregados para reforçar uma situação de exclusão social. Exclusão, que no contexto das relações, em muitas situações dentro da própria família é notável o descaso para com os idosos, que culturalmente imprimiram e reforçaram mitos a respeito da velhice, tema que circulou em todos os países membros da ONU, em 1999. Segundo os mitos, a maioria dos idosos vive nos países desenvolvidos, os idosos são todos iguais; homens e mulheres envelhecem da mesma forma; os idosos são frágeis; os idosos não têm muito para dar; os idosos são um peso para a sociedade; todo idoso é doente; todo idoso é rabugento; todo idoso é preguiçoso.

Desta forma, Monteiro (2005, p. 45) complementa: “Os velhos em nossa sociedade são estigmatizados porque apresentam uma identidade com vários atributos negativos conhecidos como: declínio, fraqueza, dependência, deficiência, impossibilidade e

assim por diante”. Portanto, o autor remete à uma reflexão que a velhice não pode ser vista exclusivamente por uma “Perspectiva biológica, porque o humano não é somente uma entidade biológica. É, também, um ser social, cultural, psicológico e espiritual.” (MONTEIRO, 2005, p. 46). Assim, cabe a nós questionar profundamente essas teorias para que possamos revelar a face obscurecida do idoso que está oculto aos nossos olhos no atual contexto social.

Nesse entendimento, compreendemos que somente através do envelhecimento temos a possibilidade de experimentar a transformação, a perplexidade, ansiedade, as certezas e incertezas, porque sair do casulo para alcançar novos vôos é ter medo e ousadia. E, viver é estar consciente da mobilidade que ocorre no próprio corpo, pois é através dele, que damos sentido a nossa vida. Portanto aceitar esse processo, necessita de auto educação para compreender o que ocorre no envelhecimento.

Em superação aos mitos, e paradigmas tradicionais, adotamos a concepção de Neri (2005, p. 153), quando afirma:

[...] a velhice é reinventar, buscar entusiasmo e capacidade de recuperação, de uma redescoberta de si, dos outros e do mundo, que resultará em novas realizações e aquisições em busca da autoestima, atingir projetos frustrados ao longo da vida, em outras etapas, permitindo uma velhice bem-sucedida.

A autora coloca em xeque nuances que apontam para mudanças fundamentais no contexto da categoria em estudo, em superação aos antigos paradigmas que ainda persistem sobre o envelhecimento emergindo para um tratamento valorativo da pessoa idosa, a partir de uma educação inclusiva, repercutindo na elevação da autoestima, sobretudo, na inserção social dos idosos.

Alves (2001, p. 138), fala do envelhecer comparando com a arte de voar: “quem é rico em sonhos não envelhece nunca. Pode até morrer de repente, mas morrerá em pleno voo”; E, alimentando esse pensamento, porque não dizer que ser jovem ou idoso, é um estado de espírito. Isso rompe as formas preconceituosas e descabidas sobre envelhecer, pois enquanto há vida, há esperança, e não se pode podar a vivacidade dos idosos, que no dizer do inesquecível João Paulo II, na Carta aos anciãos, em 1999, escrita quando ele tinha 79 anos, transcrito por Toneto (2002, p. 37):

Os anciãos ajudam a contemplar os acontecimentos terrenos com mais sabedoria, porque as vicissitudes os tornaram mais experimentados e amadurecidos. Eles são guardiões da memória coletiva e, por isso, intérpretes privilegiados daquele conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social. Excluí-los é como rejeitar o passado, onde penetram as raízes do presente, em nome de uma

modernidade sem memória. Os anciãos, graças à sua experiência amadurecida são capazes de propor aos jovens conselhos e ensinamentos preciosos.

Neri (2005) tece importantes versões sobre essa temática, quando cita que utilizamos muitos termos para designar o idoso e a velhice, muitas vezes para disfarçar preconceitos, adotando termos do tipo “terceira idade”, “idade madura”, “melhor idade”, “feliz idade”, que podem expressar um eufemismo (de origem grega, quer dizer “que soa bem”). Desta forma, para desmistificar conotações negativas ou pejorativas a respeito da velhice, face aos novos paradigmas, neste trabalho adotamos o termo idoso como forma ideal de se referir às pessoas dessa categoria, concordando com a definição de Freire (1995, p. 56), quando afirma que:

[...] os critérios da avaliação da idade, da juventude ou da velhice não podem ser os do uso do calendário. Ninguém é velho só porque nasceu há muito tempo ou jovem porque nasceu há pouco. Somos velhos ou moços muito mais em função de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos curiosos ao saber, cuja procura jamais nos cansa e cujo achado jamais nos deixa imovelmente satisfeitos. Somos moços ou velhos muito mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo e se o que fizemos continuar a encarnar sonho nosso sonho eticamente válido e politicamente necessário.

Concordando com Freire, entendemos que no calendário da vida, quando conseguimos harmonizar corpo e mente, o que vale é a beleza e a juventude interior que expressa felicidade e motiva viver plenamente o instante que detemos nas mãos e não a ordem cronológica do tempo. Desta forma, a pessoa idosa é aquela que tem tido a felicidade de viver uma longa vida, de ter acumulado saberes e experiências. Portanto, retomando a velhice como uma das etapas da vida, e a mais longa se assim for oportuno, observamos que esta não é só uma categoria social, mas uma construção histórica e cultural, haja vista que em cada cultura, se classifica as idades em função dos papéis, direitos e posição social.

Construindo e ressignificando as concepções sobre velhice, percebemos a relação com as formas de conceber o envelhecimento, por isso apresentamos alguns conceitos para diferenciar velhice do processo de envelhecer.

Na concepção de Velasco (2005), envelhecer é um processo que começa com o nascimento e só termina com a morte, a mesma autora reforça que o conceito do tempo no processo de envelhecimento, pode ser concebido nos aspectos: físico, biológico, psicológico e social. Como bem afirma o autor: “O envelhecimento não é a velhice. O envelhecimento é um processo irreversível, que se inscreve no tempo, começa com o nascimento e acaba com a morte do indivíduo”. Concordamos quando ainda afirma que Envelhecer deve ser a reinvenção criativa de si mesmo e a busca de novas fontes de satisfação.

Nesse contexto, Mascaro (1997, p. 39) explicita sobre a idade cronológica, esclarecendo a diferença em relação a idade biológica:

A idade cronológica é marcada pela data de nascimento da pessoa e nem sempre ela caminha juntamente com a idade biológica. A idade biológica é determinada pela herança genética e pelo ambiente, e diz respeito às mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo.

A idade social relaciona-se às normas, crenças, estereótipos e eventos sociais que controlam através do critério de idade o desempenho dos idosos. Por meio dessas afirmações percebe-se que o envelhecimento está na cabeça das pessoas, não é porque o indivíduo chegou a uma determinada idade cronológica que a mesma não possa ter novas expectativas em sua vida, como trabalhar, namorar, fazer atividades físicas, ao contrário isso tudo é muito importante para um envelhecimento saudável.

Kachar (2003) se refere à velhice com olhar na França do século XIX, pois a palavra velhice estava associada ao perfil das pessoas com mais idade, sem condições econômicas, caracterizando os trabalhadores quando entravam para a velhice de inválidos ou incapazes. Então nessa sociedade, os velhos que possuíam condições econômicas eram chamados de idosos e a terminologia velho ficou associada à incapacidade para produzir, velho, pobre e inativo. A autora destaca que na França, a palavra velho, na década de 60, foi trocada pelo termo idoso, que tinha uma conotação discriminadora, mas essa mudança não reverteu as alterações políticas e sociais. Colabora ainda, lembrando que as modificações na França, influenciaram as nossas concepções, imprimindo o termo terceira e quarta idade, sem compromisso com as modificações nas políticas públicas voltadas para a velhice.

Para Mazo (2004), no Brasil a aceção “terceira idade” foi empregado inicialmente pelo SESC em São Paulo no ano de 1977, comumente utilizado nas Universidades da Terceira Idade e em várias redes de associações e grupos de convivência dos idosos.

Neste enfoque, outros estudiosos contribuem com as concepções acerca da velhice, no entanto, com olhar nos paradigmas atuais, para desconstruir os paradigmas tradicionais inclusive reforçado pela mídia, de uma falsa imagem cultural construída desde a nossa infância sobre a velhice. Concordamos com Chopra (1994), quando diz que o corpo não tem idade e a mente não tem fronteiras. Portanto, toda idade pode ser feliz, por isso devemos descartar as concepções impregnadas de preconceitos e pejorativos que escamoteiam a realidade que envolve as pessoas de idade avançada, muitas das vezes tratadas com termos que reforçam o mercado de consumo e interesses políticos, sociais e econômicos.

Para ilustrar essa questão, duas teorias sobre o envelhecimento servem como base do discurso gerontológico, na concepção de Caradec (2001, p. 17):

A primeira conhecida como teoria do desengajamento, defende que um envelhecimento normal implica a diminuição progressiva dos papéis sociais do indivíduo e a redução de suas interações sociais, transformando a natureza de suas relações com o mundo social. Elas deveriam priorizar mais os laços afetivos em detrimento de outros tipos de relações mais funcionais. Ao fim desse processo de desengajamento progressivo, o indivíduo atingiria um novo estado de equilíbrio psicológico. A segunda teoria denomina-se teoria da atividade e defende justamente o contrário da primeira. Para a teoria da atividade, um envelhecimento bem-sucedido deve compensar as perdas de certos papéis e habilidades pela intensificação de outros. Trata-se de fomentar naqueles que envelhecem uma atitude voluntarista, que consista em manter um nível elevado de engajamento em atividades diversificadas, estreitando ao máximo os laços sociais de toda sorte.

Através dos comentários dos idosos bem como da fala dos autores supracitados, que envelhecer é um processo natural e individual do ser humano e que nessa como em qualquer outra fase da vida há limitações e possibilidades de superação. Nesse entendimento ressaltamos o pensamento das Águias da Vida (filhos), sobre velhice:

Velhice é natural [...] é um ponto na vida de alegria [...] a gente pede a Deus que chegue nessa idade. (Agv1)

Eu gostaria de chegar na idade dos meus pais, com saúde e saber viver melhor. (Agv2)

Velhice significa viver muito, se eu chegar até lá eu vou ficar muito agradecida a Deus, então eu quero chegar nesse ponto, não sei se consigo, quando eu vejo um idoso, arrumadinho acho muito legal! E quando a mãe vem pra cá ela se sente muito bem! (Agv3)

Não tenho muito a falar, a velhice chega para todos nós, se conseguirmos. (Agv4)

Velhice pra mim é a melhor idade, significa que tem experiência, sem contar que você vem de uma geração, acho muito importante envelhecer no meio dos filhos, da família e com muito carinho. (Agv5).

Na fala das águias da vida o significado da velhice está relacionado ao processo natural e temporal, visualizando os idosos como seres dotados de condições de desenvolver atividades prazerosas e promotoras de realização pessoal, pois se estiverem informados e integrados à vida social, serão capazes de acompanhar e participar das mudanças sociais, na perspectiva de atingir uma velhice bem sucedida e com longevidade.

Mas, para atingir essa longevidade é preciso também estar perto das pessoas que nos amam e cultivar a felicidade por meio do que gostamos de fazer, ou seja, o amor e a compreensão familiar são as palavras chave para uma vida longa.

A velhice não está relacionada apenas a nossa aparência física, mas a forma como encaramos o mundo. Por esta razão a velhice não deve ser vista como um obstáculo que nos

impede de realizar determinadas coisas, mas como uma fase de descobertas e procura pelo saber.

O significado da velhice na visão de Faleiro e Loureiro (2006) está relacionado a uma condição de longevidade, na qual o indivíduo se distingue dos outros, sobretudo porque é portador de uma memória de histórias já vividas em um corpo diferente da época atual. Esse aspecto pode ser visto como um ponto positivo, pois em determinadas situações a narrativa da memória pode influenciar na resolução de diversas situações na vida.

As Águias da Vida (filhos) dizem que o envelhecimento é um processo natural da vida e é um privilégio envelhecer, pois esta fase mostra ser o momento de ter e trocar experiências entre mudaram e podem continuar mudando. Envelhecer em meio familiar é importante para não somente transmitir experiências, mas obter espaço para diálogo e compreensão entre diferentes gerações. Na fala das Águias da Esperança (netos), percebemos aspectos positivos que convergem para novas concepções de velhice:

*A velhice é coisa da vida, todo mundo que vive muito, fica velho. (Age1)
É mais uma etapa da vida, de quem já viveu muito e tem muito a ensinar. (Age2, 3)
Na minha opinião, velhice é sinal de que você teve muita saúde, é muito bom envelhecer, vendo os filhos e os netos crescerem, deixar uma história pra continuar outra nos seus filhos e netos. (Age4).*

As águias da esperança (netos) são realistas e defendem uma concepção atualizada sobre velhice, sem mencionar nas falas, alguma forma de discriminação, preconceitos em relação a essa temática; demonstram entender o envelhecimento como algo natural, na crença de que só quem vive muito experimenta esse processo; e, partindo dessa compreensão revemos a classificação das idades em Mascaro (1997):

A idade cronológica é marcada pela data de nascimento da pessoa e nem sempre ela caminha juntamente com a idade biológica. A idade biológica é determinada pela herança genética e pelo ambiente, e diz respeito às mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo. (MASCARO, 1997, p. 39).

A idade social relaciona-se às normas, crenças, estereótipos e eventos sociais que controlam através do critério de idade o desempenho dos idosos. Por meio dessas afirmações percebemos que o envelhecimento está na cabeça das pessoas, não é porque o indivíduo chegou a uma determinada idade cronológica que a mesma não possa ter novas expectativas em sua vida, como trabalhar, namorar, fazer atividades físicas, ao contrário isso tudo é muito importante para um envelhecimento saudável.

Ainda sobre essa temática, outro autor Dubois-Dumée (2010) diz que,

A vida não é um rio comprido e tranquilo” que corre da montanha para o mar onde se perde. Envelhecer é uma longa aprendizagem, uma aventura, até uma aventura essencialmente espiritual. Não peso, mas um dom; Não é uma decadência, mas uma oportunidade; não uma desgraça, mas uma graça. Portanto, é necessário preparar-se para ela, pois em certa medida, é verdade que se tem a velhice que se merece. A velhice é a herança da nossa juventude. (DUBOIS-DUMÉE, 2010, p. 14).

Concebemos velhice a partir do entendimento de Neri (2000) que, quando trata do envelhecimento bem sucedido no aspecto psicológico, com base em outros estudos, enfatiza os aspectos positivos do envelhecimento, ao invés de estudar só as perdas e declínios. A autora afirma que o envelhecimento bem-sucedido é uma competência adaptativa da pessoa, com a capacidade de superar os desafios resultantes do corpo, mente e meio ambiente. Os desafios podem ser biológicos, mentais, autoconceituais, interpessoais e socioeconômicos. Para os estudiosos essa competência é multidimensional: emocional, cognitiva e comportamental. Neri (2000), conclui “que o envelhecimento humano é um processo individual e diferenciado em relação às variáveis mentais, comportamentais e sociais”.

A partir dessa leitura, os filhos e netos imprimem contribuições pertinentes à realidade atual, tecendo comentários e suas impressões acerca dos cuidados para obter uma velhice saudável.

Concordando com Neri (2000), o importante é ter em mente que a velhice pode ser de qualidade, quando existe a disposição para enfrentar os desafios da vida, lutando pelos direitos, colocando projetos em prática dentro das suas limitações e potencialidades. Nessa direção é inquestionável o entendimento de Alves (2004) sobre velhice, como construção social, portanto relacional, que além de cada sociedade compartilhar suas visões sobre o que é velhice, dependendo das relações sociais travadas entre as gerações, as pessoas concebem a identidade do ser idoso.

Com isso, é importante destacar a opinião das Águias da Vida (filhos) dos cuidados para uma velhice saudável:

A felicidade pode ser vivida em todas as idades [...] se cuidar, na alimentação, fazer exercícios, caminhada, leituras. (Av1 e 2)

Se cuidar melhor, fazer exercícios, não se isolar, conversar, porque alguns idosos são exigentes, meu pai diz que participar de movimentos é frescura, vagabundagem, mas se ele fosse com minha mãe, era melhor, porque a mãe depois que participa desses programas, ela dança, joga baralho, sabe se divertir, passear e ele só sabe se reclamar. (Av4)

Fazer exercícios, conviver com outras pessoas, ter cuidados com alimentação, ir sempre ao médico fazer check-up. (Av3, 5).

As Águias da Esperança (netos), também externaram o que pensam sobre uma velhice saudável:

Se cuidar bem, comer bem, exercitar e assim viver a vida [...] e participar desse projeto é muito bom, porque as pessoas idosas ficavam em casa, sem nenhuma atividade. (Ae1)

Praticar exercícios, conviver com outras pessoas, ir para escola e passear, porque é a última fase da nossa vida e a gente tem que aproveitar. (Ae2 e 3).

Na visão das Águias de Luz (professores) sobre velhice, detectamos ideias que demonstram algumas leituras obtidas no decorrer de sua formação, seja esporadicamente e que nos anima na perspectiva de superar as concepções tradicionais sobre essa questão:

Velhice pra mim não é se enterrar, morrer pra vida, é ressurgir, renascer a cada dia e está em constante atividade. (A11)

A velhice é um momento Auro, depois de tanta experiência, de tanto quebrar a cabeça, agora é hora de recapitular e ver até nos fracassos, as vantagens [...] a velhice é momento de experiência, deixemos de lado os adjetivos que tentam suavizar e entender mesmo a velhice como processo de um corpo que vai se debilitando aos poucos, mas nem por isso deixa de ser útil. (A12)

Velhice é uma etapa da vida e única, quero ser feliz na velhice, na juventude é uma coisa, os pensamentos mudam, pensar que já viveu superou muitas coisas, conquistas, é muito bom. (A13 e 4).

Ter uma qualidade de vida requer cuidados com o corpo e assim manter uma vida saudável; a partir da terceira idade exige também muitos cuidados, pois, alguns idosos não praticam atividades e não tem uma boa alimentação. Alguns não se sentem motivados por seus filhos, que isolam seus pais em casa por serem velhos e definam o que eles podem e devem fazer, com isso levam uma vida sedentária e não buscam ter vida com qualidade.

Concordando com Neri (2007, p. 191):

De maneira ampla, a perspectiva do envelhecimento bem sucedido enfatiza que o estilo de vida escolhido pelas pessoas determina a qualidade de seu envelhecimento, pois a escolha dos alimentos ingeridos e as atividades ocupacionais, sociais e físicas influenciam a capacidade de evitar doenças, o nível de funcionamento físico e mental e o engajamento com a vida.

Na fala de Neri (2000), o envelhecer não precisa necessariamente ser acompanhado de perdas, nem de doenças ou afastamento social; são necessários cuidados com a saúde, contato com pessoas e busca de informações sobre essa etapa da vida para que se tenha uma velhice saudável. Nesse sentido, utilizar bem o tempo é fundamental para rever e definir rotinas em busca de manter o equilíbrio, harmonia e ter uma vida saudável.

Relembramos Freire (1992b, p. 50), que nos fala da importância de nos temporalizarmos, face às novas expectativas que vislumbramos ou projetamos para nossa vida, por isso afirma: “Tempo perdido, do ponto de vista humano, é o tempo em que os homens são “retificados,” não é um tempo perdido, posto que é onde se gera o novo tempo, de outras dimensões, no qual o homem conquistará a sua condição de homem.”

Na afirmativa de Faleiros e Loureiro (2006, p. 52):

A espiritualidade pode auxiliar os idosos no controle da ansiedade, uma neurose dos tempos modernos de que as pessoas de todas as idades padecem. Ela ajuda, a saber, parar e contemplar as coisas do dia-a-dia, em meio à agitação do cotidiano. Ela também pode auxiliar na aceitação da própria realidade, de si mesmo do próprio ciclo como uma realidade única e inevitável.

Todo idoso tem o direito de escolher uma religião e ser respeitado pelas suas escolhas espirituais, pois a espiritualidade é um fator que contribui para uma vida mais saudável, porque a igreja ou local onde o idoso frequenta para exercer sua espiritualidade é um ambiente de relações sociais, onde ele pode dialogar e participar das atividades.

Kalache (2005), coordenador do programa de envelhecimento da OMS, em uma entrevista à revista *Veja* corrobora ao dizer que o sistema de saúde e a infraestrutura urbana não leva em consideração o aumento acelerado de pessoas na terceira idade.

As nações ricas têm melhor infraestrutura e oferecem mais oportunidade de emprego, recreação e educação. Porém existem outros fatores igualmente importantes para o bem-estar dos idosos, pois envelhecer é um processo e, agora que a vida das pessoas se tornou mais longa, a sociedade precisa responder com medidas práticas.

Concordamos com Kalache (2005), pois as sociedades precisam estar preparadas para receber uma grande quantidade de idosos e isso vem ocorrendo com uma enorme velocidade. A sociedade tem que se organizar para oferecer adaptação em transportes coletivos, atividades culturais e físicas, oferta de melhor qualidade na saúde pública.

Após participação nas atividades gerontagógicas, as águias de amor (idosos), afirmaram que houve mudanças significativas nas suas vidas, ocorridas nas relações sociais que sem dúvida implica em práticas de cidadania, como podemos conferir em alguns exemplos apresentados, com suas respectivas categorias temáticas, no quadro a seguir (APÊNDICE P):

Mudou a gente aprendeu muitas coisas maravilhosas, a gente não sabia e hoje já está sabendo explicações boas. (Aga1)

Mudei, eu aprendi a colocar meu nome mais direito e tenho ciência de algumas coisas. (Todas as águias. amor)

Porque eu já sei os meus direitos que eu não sabia que tinha direito de nada, agora eu estou sabendo que tenho direito em muitas coisas. Às vezes viajo, eu perguntei a um amigo meu policial e ele me disse que ter carteira é bom, pode os motoristas não liberar, mais o direito é nosso. (Aga10)

Mudou muito, sai da rotina, participei de muitas coisas, estudei, cantei e aprendi muito. (Aga11).

Nas falas das águias do amor (idosos), percebemos que as atividades oportunizaram a troca de aprendizagens e experiências, de modo especial no que se refere ao processo de aprender ler e escrever, que nos lembra Pinto (1994, p. 99):

A alfabetização ocorre como consequência imediata da visão da realidade, associando-se a imagem da palavra à imagem de uma situação concreta. Posteriormente, a decomposição da palavra em seus elementos fonéticos e a recomposição destes em outras palavras se faz sem nenhuma dificuldade e é um produto da criação intelectual do próprio educando (e não uma sugestão externa que lhe é imposta pelo professor).

Para o exercício da cidadania plena, além de aprender a ler e a escrever, o indivíduo precisa apropriar-se da função social da leitura e da escrita, isto é, deve ser capaz de fazer uso dessas duas práticas no dia-a-dia; esse entendimento está implícito nas afirmações dos entrevistados, para os quais o conhecimento era limitado, depois de frequentarem o Projeto, mudanças significativas ocorreram, contribuindo efetivamente para a vida no seu contexto.

Na fala de Oliveira (1999, p. 188), “Os idosos, pela própria experiência de vida adquirida através dos anos, podem contribuir na teorização e praticidade de planos e projetos voltados para eles mesmos.”

Retomando as falas concordamos com Neri (2005, p. 199), quando afirma “Quanto maior o envolvimento dos idosos em atividades maior a satisfação e, assim melhores são a saúde física, mental, o autoconceito e a aceitação social.”

Nessa assertiva, entendemos que o idoso tem capacidade de se envolver ativamente em programas sociais, buscando assim melhorias de vida, que possam interagir na sociedade, de forma independente, caracterizando assim a sua inserção na sociedade, fazendo valer o que reza no Estatuto do Idoso.

4.2 Experiências Marcantes e a Inserção Social dos Idosos

Lima (2000, p. 51) enfatiza que às condições históricas atuais, com a complexidade social e vendo a velhice como problema social, são totalmente propícias e favoráveis para despertarmos a criticidade no idoso, por estar desacomodado socialmente.

Revedo as declarações dos idosos, percebemos que educá-los é proporcionar um novo caminho; uma educação que contribui para uma nova postura diante dos desafios da atualidade e de reconquista de seus espaços.

Na fala de Neri (2005, p. 81)

[...] eventos de vida são definidos como acontecimentos significativos que ocorrem num momento particular causando algum impacto na vida do indivíduo (DAVIS, 1996), [...] quanto maior o envolvimento dos idosos em atividades maior a satisfação e, assim, melhores são a saúde física e mental, o autoconceito e a aceitação social [...]. Idosos bem-sucedidos são os que permanecem ativos, porque a atividade permite enfrentar o desengajamento social.

Com este pensamento, comprovamos nas falas das águias do amor (idosos) as experiências marcantes durante e após participação nas atividades gerontagógicas, citando os eventos (APÊNDICE Q).

Boi brilho das Gerações e tenho fé em Deus que vamos brincar outra vez esse ano. (Aga1 e 2)
Todas foram boas, os dias de lazer no Sítio, os encontros no Centro de Convivência, A visita na Schincariol foi bom, aprendi como fazer cerveja, muitas coisas foram explicadas pra nós, agora se perguntarem sobre Schincariol, a gente já sabe falar como se faz cerveja, né. (Aga3, 4 e 7)
A Viagem de São Luís, gostei muito das praias e das palestras na UEMA. (Aga5 e 6)
Diversas coisas, o que mais marcou foi o Seminário, as leituras e o café da Manhã. (Aga8, 9 e 10)
Marcou, porque a gente não fica só em casa, tem um lugar muito legal que a gente pode ir e você é uma pessoa muito maravilhosa. (Aga13, 18 e 19)
Fui bem recebida pelo Reitor na UEMA de São Luís, a gente se sentiu muito feliz com uma participação muito boa e acolhimento. (Aga17)
Influenciou sim, inclusive naquele dia na UEMA, no Seminário o Dr. Veloso deu esclarecimento pra nós sobre nossos direitos. (todas as ag. amor)
O Projeto da UEMA com a Profa. Deuzimar, o café da manhã, as caminhadas, os banhos, os estudos e o Estatuto.(todas as ag.amor)
As professoras, que são muito dedicada, explica bem, o projeto eu só tenho pena, porque fiquei sem minha esposa que era minha companheira e depois disso eu perdi muita aula. Porque eu penso todo dia que estou só. (Aga20).

Como parte indispensável desta investigação, buscamos extrair dos sujeitos da pesquisa (águias do Amor – idosos), sugestões para continuar as atividades do Projeto Intergeracional, visando à continuidade em outros percursos que poderão ser trilhados por nós e outros pesquisadores, e, nesse aspecto, percebemos o quanto as Águias de amor despertaram para a vida, com a sua participação e discernimento sobre seus direitos (APÊNDICE R).

Com apoio da UEMA, eu quero que o projeto continue, com nós, com muito amor, como vem sendo com a nossa educadora ProfªDeuzimar e a Profa. Bete. (todas ag. amor)
Apoio da UEMA e das autoridades. (todas ag. amor)
Sugiro um abaixo assinado para levar a Prefeitura para ajudar o Projeto, com a ajuda da Pastoral do Idoso. (todas ag. amor)
O Prefeito botasse médico, pra fazer meus exames, a gente vai fazer em Teresina porque aqui não estou achando vantagem não. (Aga8)
Um local pra gente ficar só nós, continuar os estudos e nos manter informado pra gente viver mais e melhor, a gente passa a viver vida melhor, o projeto de leitura deve continuar e mais passeios pra gente também. (todas ag. amor)
Outros cursos para melhorar a leitura. (todas ag. amor)
Participação na Igreja, fazer cursos de bordado, tricô, crochê, informática para entreter a vida até a hora que Deus chamar... (todas ag. amor)

Criar um Centro Educacional para idosos [...] articular com o conselho dos idosos a delegacia do idoso em Caxias [...] continuar com os projetos de alfabetização [...] palestras. (todas ag. amor).

4.3 Sugestões para o Projeto, Eventos e Participação

Compartilhar os saberes e os conhecimentos teóricos e práticos, com os idosos, o saber fazer, o aprender e seguir aprendendo é possibilitar o crescimento contínuo nas relações sociais; nessa direção, as atividades gerontagógicas contribuíram para mudanças significativas na vida dos idosos, com falas que reforçam o desejo de continuar participando e com sugestões para melhoria das atividades. Isso denota a importância da educação ao longo da vida, como instrumento de inserção social, como diz Neri (2004, p. 32):

[...] a educação para idosos deve proporcionar mudanças, nas atitudes sociais dos próprios idosos, proporcionar a inserção do idoso na comunidade, para que ele possa participar plenamente das decisões levando em consideração os vários aspectos: afetivos, cognitivos e ambientais. Uma educação que valorize os idosos e que elevem a sua autoestima.

Na perspectiva de continuar com a participação de todos em função de firmar um compromisso com o trabalho iniciado, observamos o entusiasmo e o empenho de todos para continuarem no projeto em pauta (APÊNDICE S).

Participação da Igreja, fazer bordados, aqueles que quiserem continuar estudando é uma participação boa. (todas ag. amor)
Desejo sim. Desejo melhorar minha leitura, minha letra. (todas ag. amor)
Sim, sem nenhuma dúvida, com certeza eu adoro a Universidade, os idosos, as professoras que tem carinho pelas pessoas idosas que a gente vê na cara das pessoas que recebem as pessoas com a maior satisfação. (todas ag. amor)
Sim, porque o projeto é muito bom. (todas ag. amor)
Eu desejo, olha eu deixei até de me operar, porque se eu fosse me operar eu ia me afastar. (Aga7).

Em geral, percebemos que os idosos são resistentes em participar de algum projeto, mas, se forem convidados a experimentar situações novas podem se apaixonar e entrar de cabeça em novos saberes tais como: projeto de dança, leitura, encontros religiosos e outros.

Reportando-nos à fala de Neri (2005, p. 26), o senso de bem-estar resulta da avaliação que o indivíduo realiza sobre as suas capacidades, as condições ambientais e a sua qualidade de vida, a partir de critérios pessoais combinados com os valores e as expectativas que vigoram na sociedade.

Nesta direção, os relatos dos idosos confirmaram uma mudança de vida, a conquista pela autonomia e satisfação pessoal na participação das atividades. Nesses percursos e achados, trocamos saberes, construímos uma história que marcou nossas vidas, de pesquisadora e pesquisados e, no ato de descrever, temos prazer e felicidade de fazer memória deste trabalho, pois na fala de Bosi (1994, p. 90) “A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.”

5 GERONTAGOGIA DIALÓGICA E INTERGERACIONAL

Neste capítulo, descrevemos o registro dos diálogos entre teóricos que se identificam com a Gerontagogia Dialógica e Intergeracional interagindo com os resultados da pesquisa e argumentando da sua importância para a educação ao longo da vida em convergência aos objetivos construídos para esta investigação, que sem dúvida é pertinente e atual no cenário da educação maranhense e, particularmente caxiense.

5.1 Educar e aprender ao longo da vida: um diálogo entre Freire, Neri, Cachione e Kachar

A temática educar e aprender ao longo da vida, dando prioridade a categoria dos idosos, precisa ser inserida nos contextos educacionais escolares e não escolares, a partir de referenciais que confirmam o quanto podemos contribuir para revitalizar as práticas pedagógicas, tendo como princípio o que Freire (1992a, p. 52) nos ensina: “O sentido do saber é uma busca permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando”. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos, estamos sempre nos perguntando, nos refazendo e indagando, por isso “A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado.” Na *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996, p. 64, 91), destaca: “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente.” É também na inconclusão que nos tornamos consciente e o que nos impulsiona continuamente na procura que é alicerce da esperança.

Na troca de saberes com autenticidade, Freire (1987, p. 94) admite: “Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.” Essa possibilidade de “Ensinar inexiste sem aprender e foi aprendendo socialmente que, historicamente, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar.” (FREIRE, 1996, p. 26).

Acerca dessa prática de ensinar concordamos com Freire (1996), pois não é só transmitir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção, ressaltando ainda que o saber se faz, renova e se supera constantemente, e, enquanto isso o saber superado já é ignorância, ou seja, ultrapassado; nesse processo, todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber, que ao mesmo tempo exige renúncia da visão bancária da educação, que defende o saber como doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (FREIRE, 1987).

Nessa perspectiva de ensinar e aprender, não é possível respeito aos educandos, se não se reconhece a importância dos conhecimentos de experiência anteriores com que chegam à escola, o que exige rigor científico, como afirma Freire (1996, p. 77), “Quanto mais me torno rigoroso na minha prática de conhecer tanto mais crítico, porque crítico, respeito devo guardar pelo saber ingênuo ser superado pelo saber produzido através do exercício da curiosidade epistemológica.”

Sem dúvidas, cada educando e educador traz consigo conhecimentos e experiências acumulados ao longo das suas vidas, percursos que carregam em si marcas negativas e positivas, que depende do tipo de escola, sistema social e família.

Concordamos com Freire (1996) quando diz que aprender é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito, que exige autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser, que não tem data marcada. Freire (1996, p. 121), “É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.”

Nessa busca incessante pelo saber, tem que estar envolta a curiosidade, tal como enfatiza Freire (1996, p. 35) “Sem a curiosidade que nos move, inquieta, nos insere na busca, jamais aprenderemos ou ensinaremos algo.” Então ensinar, aprender e pesquisar lidam com dois momentos do ciclo gnosiológico: aquele que ensina e o que aprende o conhecimento ou seja, a docência, decorrente do ato dialógico de quem ensina aprendendo docência/discência e a pesquisa, são indissociáveis, como práticas requeridas por estes momentos, pois o professor pesquisador não é só uma qualidade que deve ser peculiar a sua própria formação, mas uma forma inerente do ato de ensinar e aprender, sendo a sua prática docente indagadora, investigadora em constante busca, a pesquisa.

A educação concebida dessa forma transcende, exige amor, coragem e, sendo a prática docente, algo especificamente humano, é profundamente formadora, ética. “[...] é tudo isso: a afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.” (FREIRE, 1996, p. 164) tarefa que se efetiva no fazer - ação-reflexão, com o compromisso de libertação.

Deste modo, quando se fala de uma “pedagogia do oprimido” em Freire, Bosi (1994) tem razão, o endereço tem nome certo, trata-se de uma pedagogia que possa dar conta de uma situação, no universo das relações sociais, de uma camada da população subjugada pela dependência e opressão.

Com este enunciado apontamos a Gerontagogia, contribuição da Pedagogia na Gerontologia, como uma forte aliada nas mudanças de concepções e atitudes dos idosos e nas suas relações, principalmente no que tange à educação ao longo da vida.

No Brasil, a Gerontagogia é tratada com outra terminologia: Gerontologia Educacional ou Educação Gerontológica. É um campo interdisciplinar que se desenvolve no âmbito da evolução da educação dos idosos, da formação de recursos humanos para lidar com a velhice, e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento.

Cachioni (2003) situa a Gerontagogia como disciplina das ciências da educação. A autora ressalta que a questão da educação antecede o envelhecimento e os seus sujeitos; entende que a Gerontagogia está mais preocupada com o ensino aprendizagem. A autora aborda que outros estudiosos da Gerontagogia compreendem que essa ciência deve estar atrelada a gerontologia e a outras especialidades como a psicologia, a filosofia, a antropologia, a história, a sociologia e a economia, que poderão ajudar no momento em que for necessário decidir sobre o que, para que e como educar as pessoas idosas.

A palavra Gerontologia¹² é de origem grega, *gero* que significa velho e *logia* que significa estudo. Gerontologia, segundo Néri (2005, p. 95), “É o campo multi e interdisciplinar que visa à descrição e à explicação das mudanças típicas do processo do envelhecimento e de seus determinantes genético-biológicos, psicológicos e socioculturais.”

A autora destaca ainda, as três áreas de abrangência da Gerontologia Educacional: Educação para idosos, para a população em geral sobre a velhice e os idosos, através de programas que ofereçam espaços intergeracionais e a formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos. Em Síntese, Neri ressalta que a Gerontologia Educacional deve ser entendida como um método de organização, ensino, instrução, e facilitação do aprendizado e também como intervenção social voltada a socialização e a ressocialização dos idosos, dos que trabalham com eles e da sociedade em geral.

Assim como a Gerontologia Educacional citamos a Andragogia¹³, que segundo Madeira (2000), no contexto cultural em que se situaram as primeiras iniciativas com a educação de adultos, antes das transformações do Século XX, tratava-se apenas de educação

¹²O termo Gerontologia Educacional, segundo Neri (1999), foi usado pela primeira vez na Universidade de Michigan, como título de um Programa de doutorado, tendo sido definido pela primeira vez por Peterson em 1976. Esse teórico apontou essa área responsável pelo estudo e pela prática das tarefas de ensino com idosos e o processo de envelhecimento.

¹³Ciência da Educação de Adulto. O termo grego (anhr, andros) refere-se ao varão ou elemento masculino.

de homens adultos. Atualmente, a abordagem é mais ampla e abrange homens e mulheres (adultos).

O pesquisador canadense Lemieux (2000), defende que assim como a pedagogia tem sua base teórica na psicologia educacional, a Gerontagogia tem como base a gerontologia educacional, portanto, a situa como disciplina da ciência da educação. Para Lemieux (2000, p. 118) *“Gerontagogia es la ciencia aplicada que tiene por objeto el estudio de métodos y técnicas seleccionadas y reagrupadas e nun habeas corpus de conocimientos orientados em función del desarrollo del discente mayor.”*

Segundo Cachione (2003), a proposta da Gerontagogia se estendeu aos programas americanos e canadenses e, em 1991, foram aderidos nos programas espanhóis, formando grupo de estudiosos e pesquisadores nas Universidades de Granada, inclusive criando cursos de especialização em Gerontagogia, na intenção de qualificar profissionais para o trabalho educacional.

Segundo Moreno, Fresneda López E Muñoz López (2004, p. 105) Gerontagogia

[...] etimologicamente proviene del griego “geron” (viejo, mayor) y “ago” como verbo o “agogía” como sustantivo (concluir/conducción), que quiere decir “conducir a un viejo”. El criterio de edad diferencia la Gerontagogía de la Pedagogía, su carácter es esencialmente práctico, hace referencial al conjunto de conocimientos, métodos y técnicas que dan sentido al carácter específico de la educación em los sujetos de más edad.

Néri (2005) destaca que no Brasil a Gerontologia Educacional abrange educação não escolar e educação escolar com atividades de lazer e sociabilidade, inclusive em Programas pertinentes à modalidade da Terceira Idade. Afirma que *“A educação para idosos, também pode ser vista em termos compensatórios, visando a alfabetização, a educação básica em saúde e a informação sobre o processo de envelhecimento”* (NERI, 1999, p.123), embora segundo discussão atual é uma questão muito mais de direito, trata-se de ter uma educação ao longo da vida.

Na concepção de Mínguez (2004, p. 118), encontramos uma definição para Gerontagogía *“sencillamente como la ciencia que estudia El hecho y las posibilidades educativas em las personas mayores”*, o autor conclui que:

no es viejo o la vieja los que nos ocupa, sino la persona, el ser humano, com una historia, um acceso a los recursos de todo tipo, una capacidad de acción y un saber hacer concretos. Em efecto, la educación em sujetos de edad es hija em primer lugar del aprecio y valoración de la persona y su bagaje sociocultural. (MÍNGUEZ, 2004, p. 118).

Neste trabalho, nos referimos à Gerontagogia, numa abordagem de educação ao longo da vida. Concordando com Kachar (2001), ao afirmar que:

Uma escola voltada aos idosos é ensinar a repensar o pensamento, para criar grupos permeados por um sentimento de identidade e gerar vínculos, criar situações de aprendizagem para unidos ganharem força e coragem para reagirem aos estigmas da velhice (perdas, isolamento, incapacidade), para viverem um novo paradigma de velhice (ganhos, lutas, participação e autonomia), e desta forma estarem fortalecidos para sua inserção na família e em outros grupos sociais. (KACHAR, 2001, p. 24).

Nesse sentido, ressignificar a velhice é reinventar, buscar entusiasmo e capacidade de recuperação, de uma redescoberta de si, dos outros e do mundo, que resultará em novas realizações e aquisições em busca da melhoria da autoestima e de atingir projetos frustrados ao longo da vida, em outras etapas, permitindo uma velhice bem-sucedida.

Retoma-se, neste trabalho, a Gerontagogia, numa abordagem de educação ao longo da vida, concordando com Kachar (2001), que urge a necessidade de unir esforços de todos, políticos, familiares, educadores em função da inserção social dos idosos, para afastar o sentimento de compaixão e rejeição por não acreditar que o idoso possa ter uma velhice participativa, atuante e feliz. Para tanto, é necessário qualificar educadores, capazes de refletirem sobre a problemática e, junto com os idosos, buscarem novos caminhos, soluções, na perspectiva da aprendizagem cidadã, em prol da qualidade de vida e dignidade humana.

Cachione (2003), no livro *“Quem educa os idosos”?* apresenta um estudo, abordando as principais Universidades pioneiras e que deram continuidade no Brasil com atividades voltadas para os idosos e formação de profissionais para atuarem junto a esse segmento, as quais destacamos: Universidade da Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Universidade da Terceira Idade da Universidade Metodista de Piracicaba; Universidade Aberta à Terceira Idade de São Paulo; Universidade Aberta da Terceira Idade do Rio de Janeiro; Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina; Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade da Universidade de Passo Fundo e Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Maria.

Com isso, aproveitamos para destacar que atualmente, temos conhecimento de ações isoladas ou fragmentadas em várias IES no Brasil, inclusive no Maranhão, através das parcerias da UFMA e UEMA, com a UNITI, no entanto, centralizada em São Luis, sem ampliar para os diversos Campis do interior. Nesse enfoque se insere o Programa Intergeneracional que propomos como uma forma de contribuir no trabalho de extensão

Universitária em Caxias, Maranhão, visando não só realizar esta investigação, mas ampliar em toda a UEMA para executar atividades gerontagógicas não só com idosos, mas envolver outras gerações, inclusive integrando os acadêmicos nessas atividades, computando na integralização curricular do curso.

Concordamos em Cachione (2003) que com o aumento na oferta de Programas educacionais para adultos maduros e idosos, nos últimos vinte anos, cresceu a preocupação no que se refere a formação de professores, assim como aos fundamentos e métodos apropriados para a educação continuada dessa categoria. Nesse sentido, a autora aborda que a educação dos mais velhos e a formação de pessoal, emerge para a construção de novas possibilidades no ato de educar idosos, que na literatura podemos encontrar várias denominações, porém todas representam nomenclaturas dessa nova área, dentre as quais, cita: Gerontologia Educacional, Educação Gerontológica, Gerontagogia, sem descartar a existência de outros exemplos. Assegura, porém, que no Brasil essa questão ainda é incipiente.

Exatamente, nesta pesquisa adotamos a denominação Gerontagogia, por entender a proximidade com a Pedagogia, enquanto promissora na perspectiva de adquirir as competências e habilidades concernentes ao trabalho pedagógico com idosos, seja em contextos escolares e não escolares e, ainda por ser o Curso de Pedagogia, o mediador na formação de profissionais para atuar na modalidade Educação de Jovens, Adultos e Idosos, seja em nível de alfabetização, por exemplo, no Programa Brasil Alfabetizado, seja no ensino fundamental, 1º Segmento, muito embora na prática são destinados professores sem a devida formação, conforme constatamos nesta pesquisa.

É necessário aumentar a informação e orientar as pessoas e instituições a mudar suas concepções, para um olhar mais positivo em relação aos idosos e a velhice a fim de modificar as atitudes e maneiras como a sociedade trata os idosos. Isto posto, é de suma importância promover a educação ao longo da vida para todos, controlando as condições que geram a pobreza, o analfabetismo e o baixo rendimento educacional nos vários níveis de ensino, incluindo os idosos.

Desta forma, temos um desafio, conforme coloca Cachione (2003), para um trabalho educacional interdisciplinar, com metodologias adequadas, que valorize as experiências acumuladas e que torne o idoso, sujeito da sua aprendizagem, a partir da contribuição de profissionais de diversas áreas do conhecimento, para cumprir com a tríplice classificação dos conteúdos da Gerontagogia: Educação voltada para atender as necessidades da população idosa; Educação para a população em geral, de forma intergeracional,

permitindo às outras gerações rever conceitos sobre velhice e idosos e seu próprio processo de envelhecer; Formação de profissionais para o trabalho de educação dos idosos.

Os professores que trabalham com idosos, conquistando e atingindo o chão da vida dos idosos, podem com o sucesso alcançado, contribuir para autoestima e maior envolvimento, pois na pesquisa detectamos o quanto os idosos elogiam, e essa avaliação é extremamente importante para o docente, essa relação de troca de conhecimentos que denominamos intergeracional, dá-se entre o saber sistematizado e as experiências de vida.

Essa troca de saberes e experiências resulta na possibilidade de adotar novos valores, formas de pensar e respeito, que sem dúvida implicam na autoestima e na forma de ver a vida, do próprio processo de envelhecer. As relações afetivas vão se fortalecendo, pela oportunidade, de serem respeitados e valorizados, com sentimento de amizade e bem estar, isso tudo vivenciamos de maneira singular nesta investigação.

Articulando as ideias de Freire às das autoras supracitadas, propomos a Gerontagogia Dialógica intergeracional, alicerçada na educação enquanto processo permanente, ou seja, ao longo da vida, buscando dinamizar objetivos, métodos e conteúdos em atendimento as necessidades dos idosos e da comunidade intergeracional. Para isso, indicamos os temas geradores, os círculos de cultura como cerne de um trabalho pedagógico profícuo e de superação às dificuldades e formas discriminatórias em relação as pessoas idosas, visando a inserção social nos diferentes ambientes, para que possam adquirir sentimento de pertencimento neste mundo, sendo útil e feliz na condição de idoso. Isso só será possível com Políticas Educacionais adotadas pelas Instituições e pessoas que tenham o compromisso de oportunizar a inclusão desse segmento, principalmente os 35% da população idosa brasileira analfabeta.

5.2 Contribuições da neurociência para educação dos idosos

Aproveitamos para mencionar e ressaltar as contribuições significativas da neurociência para a educação, como garantia da plasticidade cerebral e possibilidade para educar e aprender ao longo da vida, também como nuance para validar o que defendemos na Gerontagogia.

A partir desse entendimento, dialogamos com Kachar, Lima e Neri pelo crédito e dedicação dessas pesquisadoras para a gerontologia, como também na educação. Com isso, lembramos que desde o início deste século, várias descobertas científicas têm modificado nossa forma de ver, pensar e intervir neste mundo.

Kachar (2001) cita como exemplo disso, as transformações ocorridas, com a ciência cognitiva, a nova ciência da mente, assim definida pelos estudiosos dessa área; descreve ainda que vários pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, na década de 40, se reuniram para estudar a mente e a cognição. Dessa forma, a interdisciplinaridade passou a ser adotada como uma das principais características do que se concebe como ciência cognitiva.

Tratando desse assunto, nos envolvemos numa teia de reflexões, quando nos percebemos como ser em construção, que passa por um processo dialógico, exigindo reconhecer que somos um todo, portanto, pensar que o cérebro, mente e corpo estão imbricados, porque também fazem parte do mundo, é sobretudo estar vivo e se sentir sujeito da história que construímos.

Tudo isso, para afirmar em Kachar (2001), resulta na interação e produção de significados, que envolve sentimentos, emoções, como também o contexto histórico que por sua vez tem efeitos sobre a cognição que define pontos importantes na interação com o mundo.

Exemplos disso podem ser vistos nas falas das águias do amor (idosos) após participação nas atividades dos Círculos de Cultura:

Mudou demais, porque eu aprendi o que eu não sabia e eu estou entendendo o que eu nunca entendi. (todas as ag. amor)
Ter muita amizade, fazer amigos, aprender a ler escrever, que eu escrevia muito ruim, não tinha noção, mas pra mim estar desenvolvido, Graças a Deus, leio qualquer jornal, sabendo da História do Brasil. (Aga2)
Mudou muita coisa por exemplo conhecer os meus Direitos, no Estatuto do Idoso. (todas as ag. amor).

Tendo como referência a ciência cognitiva, argumentamos sobre a capacidade dos idosos continuarem aprendendo e ensinando, a partir das seguintes contribuições:

Kachar (2001), ressalta que neste século, se constata o quanto o cérebro vem substituindo a força física na atual conjuntura, e com isso, aumentou os estudos sobre essa questão, considerando a longevidade humana e, mais precisamente os problemas de memórias e o seu declínio após a meia idade, como forma de evitar a deteriorização cerebral. Assim, destaca as metas a serem alcançadas com o novo conhecimento da plasticidade cerebral: “aumentar a capacidade mental do indivíduo, ajudando-o a concentrar-se, sintonizar habilidades sensório-motoras, mantê-los motivados, melhorar a memória, acelerar o tempo de reação, diminuir o estresse e evitar o envelhecimento cerebral”.

Em superação ao mito de que nascemos com um cérebro com tamanho e potencial determinado, os neurocientistas citando Kachar (2001), sabem que o cérebro é um órgão com surpreendente plasticidade, pela sua dinamicidade, cresce e se modifica. A partir da década de 70, com os avanços da medicina aliado as novas tecnologias, os cientistas começaram a conhecer a estrutura e funcionamento do cérebro.

Desse modo, as descobertas e contribuições da nova biologia do cérebro, provocaram novas constatações: “[...] as células cerebrais continuam produzindo novos dendritos e receptores, geram novas sinapses, ou junções para comunicação, e, com isso alteram a essência de neurotransmissores que estimulam as atividades cerebrais.” (KACHAR, 2001, p. 19) e, o mais curioso, os cientistas começam a reconhecer o quanto uma pessoa pode influenciar os fatores que controlam o funcionamento mental, através do estilo de vida (exercícios físicos, alimentação, convivência e espiritualidade).

Pensando dessa forma, podemos perceber que estamos diante de uma nova realidade científica, o cérebro é um órgão em crescimento e mudança; sua capacidade e vitalidade, depende de como tratamos [...] e as descobertas revolucionárias, expressa Kachar (2001) sobre as atividades dos sistemas neurotransmissores, com o auxílio dos alimentos, provocam mudanças na atividade do cérebro e no comportamento. Enfatiza ainda, que os neurotransmissores formam a eletrificação do cérebro, são, portanto, a essência da memória, inteligência, criatividade e humor.

Essas descobertas e inovações científicas derrubam a crença de que os idosos perdem a capacidade de aprender. Os cientistas também acreditavam que na velhice, 40% das células do cérebro seriam destruídas e assim, todas as pessoas teriam perda de memória e redução da capacidade intelectual. Felizmente na atualidade, as constatações científicas revelam que a plasticidade do cérebro, com a sua dinâmica, permite gerar redes de comunicação em qualquer idade, o que podemos confirmar nas falas das águias do amor(idosos), em resposta aos questionamentos sobre o aprendizado obtido após participação nas atividades realizadas nos Círculos de Cultura:

Diversas coisas, porque às vezes estava distraída não tinha conhecimento, não tinha sabedoria e hoje mesmo que não saiba bem a leitura, a gente sabe pelo menos conversar e se entender com as pessoas. (Aga19).

Mudou sim, pois eu já sei me comunicar melhor com as pessoas e me sinto muito bem. (Aga17).

Kachar (2003, p.20), lembra que embora todas as pessoas nasçam com número fixo de células cerebrais, isso não define a capacidade mental, pois depende da proliferação das conexões ao longo da vida. Em síntese, adverte a autora, “[...] ao envelhecermos

precisamos encontrar meios de aumentarmos a eficiência do funcionamento cerebral, em vez de nos preocuparmos com neurônios perdidos, e pensar no que podemos fazer para preservá-los ou rejuvenescê-los, se necessário.”

Atualmente, os especialistas acreditam que os principais motivos da aparente diminuição das habilidades intelectuais e de memória nos idosos, são as doenças e não o envelhecimento, pois segundo Kachar (2003), é inegável que o cérebro com o envelhecimento encolhe ligeiramente, a velocidade de processar novas informações e recuperar o que está armazenado diminui, mas não há perdas totais, apenas diminui o ritmo; Desta forma, a memória e a fluência verbal não diminuem com a idade, com o tempo, o cérebro estando saudável, em geral, diz a autora, recupera informações tão bem quanto os jovens, no seu ritmo, conforme constatamos nas falas das águias de amor (idosos) após participação nas atividades realizadas nos Círculos de Cultura, em outra abordagem:

Mudou muito, me senti feliz, liberada, com mais saúde. (Aga15)

Muito, pra mim eu vivi de novo. (Aga20)

Marcou muitas coisas, porque eu vivia só doente, andava de cabeça quente, com netos, depois disso eu vivo mais feliz. (Aga11)

Mudou muito, porque passei a conhecer os direitos dos idosos, eu não sabia, então a gente passou a viver melhor, além disso é bom para nós todos arranjar mais amigos pra se viver mais. (Aga16).

Como bem afirma Lima (2000, p. 21) “É imperativo que se faça a desconstrução da imagem desse idoso estigmatizado. O estigma encarcera o idoso, calando e excluindo-o do convívio social e profissional.” Com isso, precisamos mudar a visão tradicional de que o idoso é inútil, doente e dependente, atributos também vinculados aos mecanismos do capitalismo, quando se refere à beleza e juventude, descartando o direito do ser humano ter uma velhice saudável e rejuvenescida.

A mesma autora, também afirma que as constatações sobre a plasticidade do cérebro, com a possibilidade de regenerar-se continuamente, implicará, significativamente na educação dos idosos, para refutar o mito de que os idosos não aprendem mais, tendo a crença de que a educação norteada por uma proposta pedagógica e metodológica sedimentada em teóricos e estudiosos que contemplam os idosos contribuirá nas mudanças e melhoria da qualidade de vida dessa categoria.

Neri (2005, p. 65), referindo-se a educação permanente, afirma que “[...] representa para o ser humano, uma construção contínua dos seus conhecimentos e aptidões e da sua capacidade de discernir e agir, tendo consciência de si próprio e do ambiente, bem como desempenhar o seu papel social no mundo.” Dessa forma, corrobora a autora a

educação permanente apresenta-se como instrumento de promoção de uma velhice bem-sucedida, com qualidade de vida biológica, psicológica e social.

Com essa prerrogativa, ilustramos na fala das águias de luz (professores):

A educação é importante, senão eles podem atrofiar a mente, esquecer as coisas, por isso tem que tá em prática. (Ag1)

A velhice é um processo, não é uma doença, tem que ser encarada como natural; diz um ditado popular que quem de novo não morre tem que envelhecer [...] por isso é importante quando eles vêm, sou da rotina de casa e querem aprender algo”. Ag2
Trabalhar com eles sobre o que é velhice é às vezes difícil, pois alguns não querem aceitar a velhice [...] fico a pensar como vou ser, a gente tem que se preparar psicologicamente e emocionalmente [...] tem gente que pensa que a velhice é o fim, mas é como qualquer outra etapa da vida [...] é importante eles continuarem aprendendo algo, muitos não tiveram oportunidade, chegaram no C.I assinando com o dedão e até recuavam com vergonha das pessoas e a gente começou a orientar e incentivar e hoje eles dizem alegres, eu assino meu nome e sou uma pessoa diferente. (Ag3).

A partir dessas constatações, atribuímos à educação ao longo da vida como mecanismo poderoso em função de oportunizar em todas as idades, de modo particular as pessoas idosas, a exercitarem intelectualmente o cérebro, para que possam permanecer ativas e proativas, dando sentido às suas vidas e tendo melhor desempenho nas suas atividades do cotidiano.

Com isso, inserimos indagações possíveis de serem pensadas e respondidas no contexto acadêmico e nos diversos ambientes educativos: Quais os desafios na educação dos idosos? É perda de tempo investir na educação ao longo da vida dessa categoria? Vamos continuar alimentando os estigmas e equívocos, de que aos mais velhos, o futuro é a morte? Quem é responsável pela desmistificação do que culturalmente e historicamente foi impregnado a respeito de velhice e do processo de envelhecer? Qual a modalidade de ensino que deve absorver integralmente os idosos como política educacional? Como as Universidades podem inserir na tríade ensino, pesquisa e extensão projetos e programas educacionais voltados para os idosos na perspectiva intergeracional?

Defendemos e acreditamos numa pedagogia específica para os idosos, que exige de todos nós uma reforma no pensamento, como diz Morin (2002), mudanças dos estigmas sobre velhice que por meio da educação construirá uma nova forma de ver a vida nessa etapa, como ser de possibilidades para continuar seu aprendizado, de ter o sentimento de pertencimento e inserção neste mundo, ampliando suas potencialidades, sendo sujeito do seu tempo e espaço para construir novos projetos e alimentar o sentido da vida.

5.3 Educação dialógica e a relação intergeracional

Segundo Houaiss (2010, p. 1031), “O termo dialógico é utilizado no sentido de trocar opiniões, comentários, com alternância dos papéis de falante e ouvinte; dialogar, procurar entender-se; interação entre dois ou mais indivíduos.” Essa definição se supera quando pensamos no diálogo conforme Freire (2000, p. 115): “Nutre-se do amor, da humanidade, da esperança, de fé e confiança.”

O diálogo é o ponto estratégico para desencadear o processo de educação e aprendizagem. Para tanto, é necessário que o educador tenha conhecimento da realidade dos idosos através de um diagnóstico para coletar informações sobre a sua história de vida. Nesse processo, o respeito aos idosos é fundamental para compreender suas dificuldades e facilidades nas atividades a serem realizadas.

Gadotti (1996), referindo-se à filosofia educacional de Paulo Freire, menciona o diálogo como um dos principais elementos da práxis educativa, pois o diálogo consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas, processo que se consolida na interação e valorização do saber entre quem ensina e aprende. Neste enfoque, adotar uma pedagogia dialógica é, sem dúvida, partir do contexto para dar respostas a esse contexto, pois no trabalho com idosos, o diálogo conforme Gadotti (1996) possibilita a comunicação e aparece como exigência para nossa existência, permitindo ultrapassar o imediatamente vivido. Para Freire (1987, p. 83):

[...] não há diálogo, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens, enfatizando ainda: Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não é possível o diálogo, argumentando que sem humildade não há diálogo, que ao mesmo tempo exige um pensar crítico, pois sem diálogo não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.

Partindo desse entendimento, importa destacar que a educação ao longo da vida é um processo de mão dupla, uma vez que o ato de educar, remete a um educar-se primeiro daquele que ensina com a fluência daquele que ao aprender também ensina, no dizer de Freire (1996, p. 25), “[...]quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”.

Considerando a presença de gerações diferentes nas turmas de alfabetização, destaca-se necessidade do trabalho sobre o enfoque intergeracional, na perspectiva de valorizar cultura, valores e princípios importantes para as relações inter-pessoais na família, na escola e em todos os espaços do convívio social.

Nesse entendimento, uma postura dialógica é de suma importância no processo educativo dos idosos tanto em contextos escolares e não escolares. Segundo Pinto (1994, p.

29), “[...] a educação é um processo que dura ao longo de toda vida, é um fato histórico, existencial, social e cultural.” Portanto, a educação é a formação do homem pela sociedade, no intento de integrá-lo conscientemente ao seu contexto. Com este pensamento, na sociedade todos se educam permanentemente, pois a educação deve ser contínua, considerando que a educação deve estar voltada para atender os fins coletivos.

Na concepção de Kachar (2001, p. 41) os adultos maduros e idosos têm uma situação privilegiada para aprender, as experiências e seus conhecimentos acumulados ao longo de suas vidas. Portanto, esses fatores devem ser respeitados no processo educacional, principalmente na elaboração de uma proposta curricular que contemple os saberes gerontagógicos.

Nessa linha de pensamento, Cachioni (2003, p. 127), afirma que a

[...] relação professor/aluno é percebida como uma intensa troca de conhecimentos, onde existe um encontro intergeracional entre dois grupos de aprendizes, um que possui o saber técnico-científico e o outro com a experiência de toda uma vida. As mudanças decorrentes dessa relação possibilitam a adoção de novos valores, crenças e expectativas, que implicam alteração de autoimagem e da forma de encarar a vida, a velhice e o próprio envelhecimento.

Com esse enfoque, abordamos sobre a socialização docente, admitindo que é no chão da sala de aula que ocorre essa relação, de modo específico na educação de Jovens, Adultos e Idosos, um encontro de três gerações, por que não dizer quatro, com o professor, pois esse espaço de interação oportuniza as trocas de experiências e a construção de novos saberes, inferindo com mudanças nas relações e melhoria na forma de enxergar-se e de ver o mundo, sociedade, de ser idoso ou de estar em processo de ser idoso.

Partindo do pressuposto de que as relações intergeracionais são fundamentais para superar conflitos e conseguir equilíbrio nas relações interpessoais de uma geração a outra, tomamos este eixo temático como um componente pedagógico indispensável na relação docente educativo para construir ou reconstruir e vivenciar valores.

Nessa direção, o diálogo e as relações intergeracionais podem ser suportes na proposição e aplicação de atividades, que neste trabalho são denominadas de gerontagógicas, o que carece revisitar conceitos de atividades. Com isto, destacamos a importância da atividade como forma de significação tanto pessoal como intergeracional na construção da identidade dos idosos. Como define Oliveira (1999) as atividades humanas como formas de relação do homem com o mundo são direcionadas por motivos, por fins a serem alcançados. Nessa ótica, a mesma autora concebe atividade como uma construção pessoal e que depende

das condições objetivas e subjetivas de vida de cada indivíduo. Na ótica de Leontiev (1999), atividade é:

[...] o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele tal como se apropria de um instrumento; e o sentido é “uma relação que se cria na vida, na atividade do sujeito”, ou seja, ele é uma construção pessoal que depende das condições objetivas e subjetivas de vida de cada indivíduo. (LEONTIEV, 1999, p. 102).

Este trabalho também enfatiza o tema da autoestima, numa abordagem gerontológica, para atender os idosos, observando que, por diversos fatores, nas relações com familiares, trabalho, igreja, associações, comunidade, eles são afetados, ou melhor, comprometem a elevação da sua autoestima. Isso também exige da política educacional, ações educativas que contribuam para inserí-los na escola, como via também, de valorizá-los, reforçar os saberes e experiências acumuladas e reelaborar esse conhecimento na perspectiva de mantê-los vivos.

Cunha (1986) define a etimologia das palavras *auto*, que vem do grego *auto*, de *autos*, de si mesmo, por si mesmo, espontaneamente que se documenta em alguns compostos formados no próprio grego. E estima do latim a *estimare* que significa avaliar, apreciar, amar. Retomando o conceito sobre a autoestima, cabe ressaltar que esta expressão tem sido explorada pela mídia, para reforçar o sistema social, em defesa dos seus interesses. Dentre alguns exemplos; livrarias vendem livros de autoajuda, parece que o assunto virou moda, principalmente quando popularmente se diz “cuidado como stress”, “não pode ficar de baixo astral”.

No entanto, para Moisés (2004, p. 18), “[...] formou-se um consenso de que autoconceito é a percepção que a pessoa tem de si mesma, ao passo que a autoestima é a percepção que ela tem do seu próprio valor”, razão pela qual abordamos sobre as águias do amor, que demonstram nos depoimentos o quanto ficam felizes quando as relações em família estão em harmonia.

No contexto das relações intergeracionais, ressalta-se que todas as gerações devem respeitar e ter um bom relacionamento com os idosos, numa reciprocidade é claro, na qual os valores sejam bases na formação das gerações em qualquer idade. Hoje, mais do que antes, é preciso promover a felicidade humana, sem riscos, sem medos, sem preconceitos e estigmas discriminatórios.

Para Néri (2005), relações intergeracionais é o termo utilizado para referir-se às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações. A definição de

relações intergeracionais não deve restringir-se ao contexto familiar, mas envolve todo o campo social da vida dos indivíduos. Ela ressalta que a participação do idoso em atividades intergeracionais não se restringe à oportunidade de serem doador e receptor de serviços, mas reside também no resgate da autoestima, em atualização, capacitação e na valorização e reconhecimento de si mesmo como ser integrado, integrador e participativo na sociedade.

Abordamos, conforme Spósito (2003, p. 13) o termo geração, em dois sentidos:

- Sentido Clássico (Social) – é a ideia de um grupo que compartilha as mesmas experiências, e que sofre os mesmos impactos de um determinado momento histórico.
- Sentido de Sucessões – as pessoas se encontrando nas várias etapas do ciclo de vida. A família é uma sucessão de gerações: crianças, jovens e adultos.

Erikson (1998) apresenta o conceito de geratividade como um dos estágios do desenvolvimento referente à vida adulta e à velhice. O estágio gerativo é o mais longo precedente a velhice; possui grande importância para a transmissão de conhecimentos, para a convivência entre gerações e para um empenho maior por parte da pessoa na transmissão da bagagem cultural acumulada ao longo dos anos vividos.

Aceitar a capacidade de aprender de cada um constitui fator preponderante para o resgate da autoconfiança, indispensável na aprendizagem, porém desacreditada e marginalizada ao longo de praticamente todas as experiências dos idosos. A partir dos referenciais teóricos e tendo como suporte básico a Pedagogia Freiriana, defendemos uma pedagogia propulsora de uma educação autêntica superando os mecanismos de inculcação de uma cultura alienante, adotando o tema gerador como elemento fundamental do processo, utilizando textos diversificados, dando ênfase ao diálogo, como desencadeador do processo de educação e aprendizagem, tendo em vista a formação holística do idoso.

Nesta abordagem, inclui-se a contribuição de Vygotsky (1991), que enfatiza o papel da mediação pedagógica, mediada pelo outro e dialógica, mediada pela palavra. Com esse enfoque, o autor, trabalha com duas funções da linguagem com a função principal de realizar o intercâmbio social e, nesse sentido é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagens. Nesse processo, é a palavra que revela os significados e os sentidos a partir das relações mantidas com o contexto histórico e cultural. Os significados são construídos ao longo da história humana, com base nas suas relações com o mundo físico e social, que estão em constante devir, sendo um componente essencial da palavra, e ao mesmo tempo um ato de pensar, sobre os processos de internalização de significados adquiridos pela cultura.

Nessa relação que podemos chamar de dialógica, inserimos os idosos, que na interação com outras gerações contribuem na recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados, processo importante no repasse de experiências e saberes acumulados pelos idosos, às gerações mais jovens.

Partindo desse prisma, através da palavra, o diálogo se constitui na base para a comunicação das pessoas consigo mesmo, e com os outros. Para ele o aprendizado é o aspecto necessário e universal, uma espécie de garantia do desenvolvimento das características psicológicas, especificamente humanas e culturalmente organizadas, nessa questão colabora Freire (1987, p. 167) “[...] na teoria da ação antidialógica a elite dominante mitifica o mundo para melhor dominar, [...] na verdade, no ajustamento, o homem não dialoga, não participa; pelo contrário, se acomoda a determinações que se superpõem a ele.”

Para o autor o anti-diálogo não comunica, faz comunicado, (FREIRE, 2000, p. 116), “[...] porque o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”, nesse sentido essa relação eu-tu, não se esgota. (FREIRE, 1987, p. 78).

Por isso, nas relações intergeracionais, Freire (1987, p. 79) aponta que “o diálogo é uma exigência existencial” é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos, endereçados ao mundo, necessitam estar em constante humanização, disponíveis ao diálogo:

Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto dos pássaros, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que fecha na recusa, é na minha disponibilidade permanente à vida – a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo –, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil (FREIRE, 1996, p. 151-152).

Lembrando Freire (1999, p.117), que diz “[...] pode-se dialogar e não monologar, quando se reconhece no interlocutor outro que também é dono de uma concepção legítima.” Em consonância com o mesmo pensamento Ferrigno (2003, p. 31) enfatiza que “O compartilhamento das experiências de velhos e moços ao combater o preconceito etário pode efetivamente contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa, tolerante, democrática e social.”

Destacamos neste item a fala das águias da vida (filhos) sobre a importância do diálogo como forma de escutar, entender e respeitar os idosos, relatando como isso ocorre com seus avós:

Acho que a gente tem que saber como conversar e atender eles, o diálogo é muito importante e muitos jovens não respeitam e tratam com ignorância [...] é importante conversar e ouvir eles. Av1

É difícil, mas a gente tem que aceitar e aprender a respeitar a maneira de pensar deles, para poder viver bem; conversar é muito importante, pra entender, pois os idosos têm uma forma de ver a vida diferente. Av2

É muito importante, antigamente a gente não conversava, meu pai vivia no mundo, agora ele se aquietou mais, ele se abre comigo e eu com ele, relacionamento de amigo. Av3

[...] com minha mãe o diálogo é importante, conversamos sobre tudo um pouco que ela acha importante para mim, pelo que ela sofreu. Av4

Gosto de conversar com minha mãe, às vezes ela se esquece das coisas, a memória dela é fraca, eu tenho que ta reavivando, com as pessoas idosas eu gosto de conversar saber o que eles estão pensando, porque às vezes eles ficam muito calados não é bom para eles, gosto de ta perto e conversar. Av5

As Águias da Vida (filhos) acham o diálogo fundamental, pois devemos respeitar as opiniões dos idosos e utilizá-las para amadurecimento, considerando suas experiências de grande valia. Dialogar é uma forma de contribuir na elevação da autoestima das águias do amor, é um desafio aceitar e respeitar o que elas têm a dizer, mas é bom não contrariá-los, impondo nossas ideias, pois não é fácil mudar costumes e valores adquiridos no passado. Nessa direção, o diálogo é a única maneira para se ter um relacionamento amigo entre gerações, pois essa é uma via para construirmos o afeto e o respeito, ideia que encontra reforço na fala de Freire (1995, p. 74) “[...] não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação está no núcleo do fenômeno vital. Nesse sentido, a comunicação é vida e fator de mais vida.” O diálogo é essencial para o ser humano e importante para sabermos os reais interesses das mais variadas gerações. Essa interação dialógica nos ajuda a compreendermos uns aos outros.

Nos reportamos, às águias da esperança (netos) que também externaram suas opiniões sobre a importância do diálogo para interagir com os idosos em função de escutar, entender e respeitar os seus avós:

Muito importante, gosto de conversar com eles, tenho paciência. Age1

Gosto muito de conversar com eles, já viveram muito e tem muita coisa para ensinar. Age2 e 3

É importante dialogar, pra entrar em acordo, pra não haver briga, porque cada pessoa tem seu jeito de pensar. Age4

Sempre converso com eles, acho muito importante, porque aprendo muitas coisas da vida. Age5

As Águias de Luz (professores) apontam o diálogo como eixo norteador no sucesso das atividades realizadas com os idosos, destacando a letra de músicas, como texto que envolve e contribui para o diálogo, troca de saberes e experiências, como podemos constatar:

Bem interessante e tem que haver diálogo, a gente percebe quando ele chega arredo e procura conversar e se abrir. (A11)
Com a música há diálogo, com o tempo, com as emoções, com a vida [...]. (A12)
Eles gostam da gente escutar eles. A13
O diálogo é muito importante, eles valorizam muito a troca de experiência. (A14)
O diálogo é importante, às vezes eles precisam de conversar e aconselhar. (A15)

Essas falas confirmam a necessidade de se ter definido alternativas metodológicas que possam conquistar os idosos, adequando conteúdos à realidade, dinamizando e exercitando o valor do diálogo e do saber escutar.

O diálogo para os professores constitui instrumento, para o processo educativo com as águias do amor, pois elas valorizam o saber escutar. Isso reforça em Bosi (1994, p. 82) “[...] o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.”

O idoso precisa ser acreditado, quando essa confiança provém de pessoas mais jovens, ele se sentirá mais útil, logo mais ativo, mais feliz. A pesquisa revela isso, por exemplo, quando os professores relatam momentos de encontros dessas gerações, em eventos propostos em seus ambientes de estudo. Segundo os professores (águias de luz), filhos e netos participam desses eventos. Isso pode acarretar saberes recíprocos, o que pode ser referendado na fala de Ferrigno (2003, p. 144), “todavia não há como negar a reciprocidade de influências nas relações entre as gerações.” Esse aspecto pode ser constatado nas falas das águias de luz (professores):

Nas datas comemorativas, é importante fazer encontros com avós, filhos e netos [...] é fundamental importância, a troca de experiência, é um aprendizado, todo dia a gente aprende com eles [...] e eles com a gente, nos conhecem, sabe se a gente ta bem, a gente procura saber deles, ter esse aconchego. (Agl1)
A gente não tem muito contato com a família deles, mas é importante, a gente sabe que muitos deles ficam mais em casa cuidando dos netos. (Agl2)
Não tenho experiência com atividades que envolvem essa relação. (Agl3)
O ideal, é que eles acompanhem a evolução do tempo, por ex. eles ficaram impressionados e eufóricos quando tiveram acesso as aulas de informática, eles acharam uma experiência única. (Agl4).

No que se refere às relações intergeracionais podemos registrar aspectos positivos e relevantes nos depoimentos das águias da vida e da esperança, de suma importância para a elevação da autoestima dos idosos, pois o reconhecimento, respeito e atenção de outras gerações principalmente dos filhos e netos, é comparado a um elixir de vigor e felicidade para os idosos.

Desta forma, destacamos as relações intergeracionais nos depoimentos dos filhos e netos que anunciam essa boa nova nos tempos sombrios, que as gerações acham ultrapassado tomar bênção, dizer com licença, ouvir conselhos e respeitar os mais velhos. Na visão das Águias da Vida (filhos):

A gente tem que respeitar os idosos, eu me relaciono muito bem, converso e atendo o que me pedem [...] sempre obedecer, pois na nossa criação o que vale é a voz da experiência. (Av1)

Com meu pai, o relacionamento é mais difícil de se lidar, com a mãe é melhor, porque ela gosta de ouvir a gente e aconselhar.(Av2)

Meu relacionamento é bom com meu pai, quando a gente se vê, a gente conversa, mas tem que ter muita paciência e compreensão; sempre converso com minha mãe, ela me dá conselhos, dicas para a vida. (Av3)

Meu relacionamento com meus pais é muito bom, minha mãe não provoca, não tem teima, não é de se chatear, acho muito bom. (Av4)

Meu relacionamento é muito bom, às vezes a gente briga um pouco porque ela é teimosa, faz coisas que não é pra fazer, mas a gente se dá bem, moramos juntas.(Av5).

Vivemos em uma sociedade heterogênea, onde cada um tem seu modo peculiar de viver, pensar, ser e agir. É preciso que as diversas gerações busquem um relacionamento mais próximo para entender os valores e costumes da outra. Para enfatizar essa verdade, recorremos a Neri (2005) quando afirma que de uma geração para outra ocorrem mudanças de costumes e valores. Antes a educação dada pelos pais era autoritária e os filhos eram obedientes e não contestavam seus ensinamentos. Hoje, percebemos que a relação entre pais e filhos necessita ser dialógica, o que possibilita um maior entendimento por ambas as partes, contribuindo para harmonizar as relações em família.

Os idosos têm sempre algo importante para passar as outras gerações, a Águias da Vida (filhos) se relacionam muito bem com seus pais, conversam e buscam obedecê-los, trocam experiências através de um bom relacionamento entre pais e filhos, compreendem melhor o modo de cada um ser, pensar e agir.

Os idosos (águias de amor) externaram suas experiências, como eram os seus costumes e valores de antes comparando com os costumes e valores de hoje, o que continua e modificou. Devemos valorizar e compreender a maneira como os idosos nos orientam para a

vida não somente pelas experiências, mas por saberem como a sociedade está se tornando agora, pois eles têm uma visão de passado, presente e futuro do mundo em que vivemos.

As Águias de Esperança (Netos) e as relações intergeracionais, relatam como ocorre a relação com seus avós:

Acho muito bom, a gente se respeita... cuido sempre dos avôs e obedeço. (Ae1)
Muito bom, eu cuido deles, converso, porque a gente aprende muito com eles. (Ae2)
Eu respeito muito, me aconselho com eles, porque são maduros. (Ae3)
Sou muito carinhoso, gosto de brincar, vou dormir na casa dos meus avôs. (Ae4)
Eles são importantes para mim, a gente conversa, eles me orientam. (Ae5).

Esses depoimentos vão ao encontro das ideias de Beauvoir (1990, p. 582), que afirma: “[...] quando os netos se tornam adolescentes ou adultos, nada em sua história anterior pesa nas relações que mantêm com seus avós”. Estes últimos encontram, na afeição que os netos lhes manifestam uma desforra contra a geração intermediária, sentem-se rejuvenescer ao contato de sua juventude. Fora de qualquer ligação familiar, a amizade dos jovens é preciosa para as pessoas idosas.

Concordamos com Beauvoir (1990), pois que, a partir do momento que netos dão a devida atenção aos seus respectivos avós, através de uma conversa, um conselho entre outros, os mesmos se sentem úteis entre seus familiares. Tomando por fio condutor essa afirmação, podemos perceber uma interrelação com as falas dos entrevistados: Águias da Esperança 2 e 3.

O respeito dos netos por seus avós é uma maneira de ajudá-los a enfrentar essa nova etapa de suas vidas, etapa esta não menos importante que as outras.

Concordamos com Petrini (2005, p. 23) que assevera,

[...] a família é a primeira estrutura que sustenta e suporta este vínculo de solidariedade intergeracional em relação ao cuidado da vida. É um microcosmo humano que reflete o macrocosmo da humanidade; Nela ocorre a ontogênese de cada ser humano que existe, de modo absolutamente único e singular. Os mesmos ainda afirmam que “efetivamente, a família é uma escola, a escola básica da vida, onde seus membros assumem o risco de educar, o risco de expor diante da razão crítica de uma nova geração o significado que encontraram para a existência, que pode ser confirmado ou rechaçado, assumido com reflexões e reparos, ou bem com alegria e com gosto pela vida.

As reflexões e interpretações em torno das relações entre gerações, migram para repensar o desafio de pensar as relações entre gerações forjadas na diversidade, lembrando que a valorização da memória, pode estabelecer pontes para integrar as gerações, embora com suas peculiaridades (PARK; FERNANDES, 2006a).

Comparamos essa interação ao pensamento de Monteiro (2005, p. 65), quando expressa: “[...] esse fio é tecido juntamente com outros fios, ou seja, cada ser humano é um ser único, mas dependente do outro para tecer a grande teia.” Nessa integração, construímos nossa própria história composta pela história do outro.

Recorrendo a Bruner (2002, p. 16) se pode aferir que, o homem tem a “[...] capacidade de organizar e comunicar sua experiência de forma narrativa.” De acordo com o autor, é na construção de histórias e mitos e ao ouvir as histórias de outrem, que lidamos com nossa realidade.

A partir da afirmação de Bruner (2002) percebemos que o indivíduo sente a necessidade de transmitir suas experiências, pois por meio dessa troca de experiências constrói-se a cultura de uma sociedade; afirma ainda que é por meio das narrativas que nós constituímos, que nos transformamos na pessoa que somos, ou seja, é por intermédio das histórias que contam e das histórias que contamos, inclusive sobre nós mesmos, que nos formamos e nos transformamos a cada dia, continuamente.

Essa questão, relembra Freire (2000, p. 17) “[...] falar do dito não é apenas redizer, mas reviver o vivido que gerou o dizer que agora, no tempo do redizer, de novo se diz. Redizer, falar do dito, por isso envolve ouvir novamente o dito pelo outro sobre ou por causa do nosso dizer.” E isso acontece porque o “[...] homem é um ser de relações e não só de contatos [...]” (FREIRE, 2000, p. 47).

Segundo Tomizaki (2010a), a relação entre diferentes gerações coloca em evidência um dos problemas para o ser humano, a finitude da vida, alertando que um dos processos que permeia as relações intergeracionais é a socialização. Nessa interação, o autor complementa que não podem ser transmitidas de uma geração a outra por meio da hereditariedade e sim pela educação.

Para Tomizaki (2010b, p. 323), “Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional” numa abordagem geracional pode potencializar as pesquisas que assumem como objeto de investigação a educação, especialmente as análises sociológicas dos fenômenos educativos. Por isso, a realização de um estudo geracional, sem dúvida alguma, significa estar preparado para analisar disputas, alianças, rupturas e continuidades de uma geração a outra.

Assim, embora educação e gerações sejam realidades diversas, esses dois fenômenos sociais estão intrinsecamente ligados em função da necessidade de cada geração transmitir aos seus sucessores o que gostaria que fosse preservado e continuado da sua herança. Por outro lado, o próprio fenômeno geracional pode provocar mudanças tanto nos

modos de se educar as novas gerações quanto naquilo que deve ou não ser transmitido de uma geração a outra.

Com isso, é necessário fazer um exercício quanto à elaboração de conceitos e denominações sobre geração. Tomizaki (2010b) cita que, ao contrário daquela sociedade imaginária, as sociedades humanas são perpassadas por desafios impostos pela sucessão geracional. E os fenômenos fundamentais que resultam da simples existência das gerações, são: (a) o surgimento permanente de novas gentes culturais; (b) o desaparecimento de as gentes culturais anteriores; (c) o fato de os as gentes de um conjunto geracional participarem somente de um período limitado de tempo no processo histórico; (d) a necessidade de transmissão permanente de bens culturais acumulados; (e) a continuidade “eterna” da substituição das gerações.

O autor colabora ainda afirmando que embora as gerações possuem, na sucessão biológica, sua condição de existência concreta, elas não se efetivam como tal sem a constituição de uma situação material e simbólica capaz de criar o pertencimento a uma coletividade. Reitera ainda que só se fala de uma situação de geração, quando as pessoas participam potencialmente em acontecimentos e experiências criando laços entre elas.

Na verdade, cada um vive com pessoas da mesma idade e de idades diferentes confrontados com muitas possibilidades simultâneas. Para cada um o mesmo tempo é outro tempo, quer dizer, uma outra idade de si mesmo, que ele só partilha com aqueles da sua idade.

Nesse sentido, afirma Tomizaki (2010b, p. 335) “[...] um grupo se constitui como uma unidade de geração quando é capaz de construir uma reação unitária, uma ressonância comum, organizada de maneira análoga por indivíduos que estão precisamente ligados entre si”. E ainda, para ele, “[...] uma geração familiar é filha de seus pais, uma geração social é, por sua vez, filha de seus anos de formação, filha do seu tempo e de sua idade.” (TOMIZAKI, 2010b, p. 338). Portanto, as gerações familiares nunca estão descoladas da realidade das gerações sociais ou históricas.

Desta forma, os estudos geracionais não podem ser concebidos divorciados da concepção de que as gerações são formadas e existem em sua concretude histórica e social. Ele ainda complementa afirmando que o movimento de sucessão das gerações faz com que sempre haja um grupo que olha para frente e outro que se volta para o que já passou; ou melhor, concomitantemente, existem vários grupos que representam o futuro e outros tantos que podem ser identificados com o passado. Penso que a dinâmica intergeracional, que possibilita que “as faces” das gerações sejam viradas em direção ao passado, encontra apoio

nos processos de socialização mediados por diferentes instâncias socializadoras (família, escola, trabalho, igreja etc), que balizam todo e qualquer encontro entre gerações.

Nesse processo, o autor afirma que “o essencial em todo processo de transmissão é que a nova geração cresce imersa em comportamentos, sentimentos e atitudes herdadas”. E a herança transmitida para a nova geração será de “mão dupla”, pois no caso da educação escolar não é somente o professor que educa o aluno, mas também o aluno educa o professor.

O autor assegura que a coesão das unidades geracionais é o resultado da socialização. E nesse aspecto, conclui pensar a educação em uma perspectiva geracional (TOMIZAKI, 2010b, p. 342), “Significa enraizá-la em seu pertencimento social, atribuindo-lhe sentidos mais amplos, fortemente pautados no movimento das interações sociais.”

Nessa perspectiva, indagamos: como se dão as relações intergeracionais? buscamos em Vygotski (1991) que atribui a linguagem como fundamental para o surgimento do pensamento humano. Para esse autor “[...] o pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir.” (VYGOTSKI, 1991, p. 108). Com isso, as palavras que constituem o pensamento e a memória dos sujeitos são apropriadas nas relações sociais, também nas relações intergeracionais. Nessa interação entre fala e construção da memória, concebemos que as relações intergeracionais se estabelecem nesse movimento de completude, diversidade de pensamentos, antagonismos e, sob esse ponto de vista, os idosos quando se recordam e falam de suas memórias refletem e ressoam as relações socialmente e historicamente produzidas, apropriadas nas práticas sociais. Quem recorda, conta uma história, as vezes como no adágio popular “aumenta mas não inventa”, omite, modifica, simplifica, cria e recria, é nesse contexto que ressaltamos os valores e princípios transmitidos de uma geração para outra.

Identificamos nas falas das águias de luz (professores) no que se refere à formação e as experiências acumuladas com atividades educativas com idosos, que os que trabalham nos Centros de Convivência dos Idosos são disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação de Caxias; São profissionais que não possuem formação e nem experiência de trabalho pedagógico com a categoria dos idosos. Decisões dessa natureza são similares às que ocorrem nas turmas de alfabetização de jovens, adultos e idosos.

As águias de luz (professores) contribuem externando sobre a formação e a sua importância no trabalho educativo com os idosos, destacando também suas experiências:

Sou formada em letras e tenho 05 anos de experiência de trabalho com idosos, não fiz cursos na área, mas participei de vários seminários sobre idosos. É importante ter capacitação para professores que trabalham com idosos, é como se ensina para

crianças, tem que ter uma metodologia própria, um trabalho voltado para a idade deles. A11

Tenho formação em nível médio, mas sempre participei de cursos sobre música. A formação dos professores deve envolver a música, porque funciona como terapia, eles se sentem valorizados, lembra seus belos momentos, isso traz alento para eles. A12

Sou formada em Pedagogia Cristã, tenho 01 ano de experiência com educação dos idosos e não fiz nenhum curso específico. Precisamos fazer cursos para saber como trabalhar com idosos, to aprendendo agora, só tenho experiências. A13

Eu trabalho com alfabetização de idosos do C.I da Cohab, fiz magistério nível médio, tenho 03 anos de experiência e já participei de 02 seminários sobre idosos, mas não fiz nenhum curso específico para essa área.[...]eu gostaria de ter oportunidade de fazer um curso específico para atuar como professora de idosos. A14

Sou formada em Ciências da Religião e magistério a nível médio com 4º ano adicional; trabalho com idosos desde 1985 e não fiz nenhum curso específico, só participei de seminários. É importante fazer cursos na área, pra saber como lidar com os idosos, para saber interagir com eles. A15

Ao observar as falas dos professores, constatamos que o principal empecilho existente entre eles e os idosos é a falta de preparo profissional para lidar com essa categoria. Todos, a sua maneira, externam a necessidade de ter uma formação adequada. Concordamos com Nóvoa (1994, p. 30) quando diz: “A formação implica a mudança dos professores e das escolas, o que não é possível sem um investimento positivo das experiências inovadoras que já estão no terreno.”

Então, como afirmam as águias de luz (professoras), experiências elas possuem, adquiriram com a prática diária, que pode ser aprimorada com uma formação eficiente, como propõe Nóvoa (1994, p. 18) “[...] mais do que um lugar de aquisição de técnicas e conhecimentos a formação dos professores é o momento chave da socialização e da configuração profissional.”

Constatamos nos depoimentos das águias de luz que além de não possuírem formação específica para atuarem com a educação dos idosos, todas precisam de formação, como também de conhecimento das metodologias dinamizadoras que proporcionem melhores condições para o aprendizado dos idosos.

É bem verdade que os idosos costumam exigir livros, principalmente no processo de alfabetização, prevalecendo esse recurso didático como prioridade, mas indicamos alternativas diversificadas para tal processo, visto que o livro deve ser o chão da vida, ou seja, a realidade dos idosos, que se torna muito mais abrangente do que adotar um livro. Daí, o diálogo como cerne do círculo de cultura, com temas geradores extraídos do contexto e cotidiano dos idosos, que sem dúvidas, renderá muito mais no processo de ensinar e aprender.

Kachar (2001, p. 40) complementa:

Esse novo educador deve ser capaz de “criar condições para que cada indivíduo possa se conhecer como aprendiz, saber como aprende e como atua diante de uma nova situação de aprendizagem ou de um problema inusitado. Isto implica entender a aprendizagem segundo uma abordagem sociointeracionista, enfocando as dimensões social, afetiva e cognitiva, como proposto por Freire (1970), Maturano (1995), Piaget (1976) e Vygostsky (1991)”.

Na fala dos professores, notamos que dentre outros recursos à música se destaca, pois os idosos memorizam as letras de músicas da sua juventude, da Igreja e, principalmente aquelas que marcaram suas vidas. Nessa reflexão colabora Bosi (1994) ressaltando: hoje, fala-se tanto em criatividade mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza.

Nessa questão, ressaltamos a fala das Águias de Luz (professores) sobre as metodologias utilizadas nas atividades realizadas com os idosos no Centro de Convivência:

Percebo e procuro fazer brincadeiras, trazer textos diferentes, com opiniões deles sobre os temas. A11

As formas de trabalho com idosos devem ser variadas, primeiro conscientizar os idosos de que eles não são inúteis, deixar de lado esse dito popular que diz que cavalo velho não aprende a trotar. Preparar temas de acordo com o que mais precisam. Exemplos, textos sobre receita de bolo, bíblicos, fazer pequenas caminhadas, assuntos sobre vestimenta e coisas do cotidiano. A12

Dialogar, conversar com eles, saber opiniões, utilizando livros, quadro [...] eles gostam muito da gente escutar eles. A13

As formas variam, os idosos exigem livros para aprender a ler e escrever [...] gostam de brincadeiras, jogos [...]. O planejamento é anual, mas nos encontros nunca foi falado sobre a Pedagogia de Paulo Freire [...] o que mais se faz nessas reuniões é preparar os encontros para datas comemorativas. A14

Utilizamos vários materiais, conforme a necessidade se aplica as atividades. A15

Em relação aos recursos didáticos, destacaram conforme as experiências vivenciadas, os principais, segundo as Águias de Luz (professores) os mais solicitados pelos idosos:

*Utilizamos mais livros, pois os idosos cobram muito o livro, eles exigem mesmo. A11
A música é muito importante para realizar os encontros, mesmo que não saibam ler, eles cantam. A12*

Utilizo livros, quadro e muita conversa. A13

Nas experiências, as Águias de Luz (professores), citam as dificuldades na realização das atividades com os idosos:

A gente tem que respeitar a individualidade, mas tem idoso que não quer se integrar, as vezes eles levam para outro sentido, as vezes não sabemos como agir. A11

Alguns não são perseverantes, por diversos motivos. A12

Se fizer uma coisa pra um tem que fazer para todos. A13

Não tenho tido dificuldades, trabalhei 14 anos com educação infantil, então tá sendo uma experiência nova, não só ensino, como aprendo com eles. A14

Às vezes é a família que não incentiva eles virem participar da escola. A15

As dificuldades em torno de ensinar sem que se tenha a preparação adequada são notáveis e abarcam uma série de fatores; o que se observa por parte das águias de luz são os esforços que fazem para realizarem atividades prazerosas mais próximas da realidade dos idosos; isso é válido, uma vez que Freire (1996, p. 92) afirma que o professor deve procurar meios para se formar e levar a sério seus estudos, pois “[...] o professor que não se esforça e não está a altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.” Com isso, é fundamental buscar superar as dificuldades, propondo atividades inovadoras e sedutoras, que toquem a vida, contemplando o que mais gostam de fazer e participar. Dentre as sugestões, os eventos que enfatizam as relações intergeracionais são apontados como uma das formas de elevar autoestima e proporcionar momentos de lazer, integração e felicidade.

Concordamos com Whitaker (2010), quando diz que está na hora da educação escolar trabalhar no sentido de formar novas atitudes, novos paradigmas para uma sociedade menos competitiva e mais sensível ao sofrimento, nessa perspectiva, reforça o autor os idosos não oferecem perigo, apenas despertam ternura, oferecem sabedoria, confiam em suas memórias. É possível, então, que professores de crianças e adolescentes penetrem mais facilmente na complexa área dos direitos humanos, lendo o Estatuto do Idoso e colocando seus alunos em contato com a riqueza histórica representada pela memória dos idosos.

Nesse viés, para superar as dificuldades, as Águias de Luz (Professores), explicitam sugestões de atividades que podem validar o trabalho educativo com os idosos em função de obter sucesso no aprendizado:

Eles gostam da participação dos mais jovens nas atividades, por exemplo, veio uns alunos de uma escola interagir com uma atividade neste Centro. A dança, hidroginástica, são atividades que eles mais gostam: jogar, fazer trabalhos manuais e leituras [...] a leitura mais é na sala de aula. (A2 e A4)

Utilizar sempre a música na educação dos idosos. (A11)

Acho que deve ter uma reciclagem sobre como trabalhar com idosos [...] nas atividades fazer dinâmicas, passeios, trabalhar com a música, dança, ajuda na autoestima dos idosos. (A13)

Para superar as dificuldades é interessante fazer o que eles gostam como artes manuais, fazer crochê, bordado, reciclagem; no lazer, brincadeiras, contar história, música, dança (forró). (A15).

A educação em qualquer fase do desenvolvimento humano transforma uma vida, quando se pensa um idoso que outrora tivera tantas vivências, experimentando outra face desse universo, podemos perceber a euforia que os domina. Isso é subsidiado pela fala de Kachar (2001, p. 23) quando afirma: “É muito grande a transformação que ocorre no idoso quando ele tem acesso ao saber.”

Entendendo dessa forma, defendemos a educação como instrumento que conduz à inserção social dos idosos, pois segundo os professores, eles gostam de participar e de serem valorizados nos grupos que frequentam, assim destacam as águias de luz (professores):

A igreja eles gostam de participar e também dos encontros sobre idosos. (A12)
Além de participar do C.I da Cohab, participam dos grupos da Igreja, no Projeto da Universidade". (A14)
"Participam na Igreja, fazem parte da Pastoral dos Idosos e Sindicato dos Aposentados". (A15).

As informações acerca do aluno possibilitam ao professor focar todas as suas dimensões, para melhor lhe ensinar. Portanto, indo ao encontro o pensamento de Paulo Freire (1999), no que diz respeito às metodologias para o ensino, é válida a argumentação de que a pretensão central não está em tão somente, garantir meios que possibilitem ao educando as habilidades de leitura e escrita. O processo educacional vai além dos elementos considerados básicos, principalmente quando se destina a um público específico.

Neri e Sueli Freire (2000) abrem uma ampla discussão sobre a boa velhice, e ao discorrer sobre os aspectos educacionais desta fase, tratam dos métodos de ensino, esclarecendo que não há um modelo ou um padrão único estabelecido, de como o profissional docente deverá agir diante de tal situação. As professoras ao discursarem sobre metodologias e recursos didáticos, mediante suas experiências, colocam exemplos louváveis utilizados por elas e que agradam o idoso, ressaltando a importância de se consultar o idoso sobre suas dificuldades e preferências, para então planejar suas aulas, tornando-as agradáveis; esse procedimento exige o diálogo, como sendo indispensável em sala de aula.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, considerando os benefícios que uma relação intergeracional saudável produz, vale ressaltar a diferença dessa convivência para a autoestima do idoso e para a emissão de um conceito de si mesmo. Erick Erikson (1998) aborda o envelhecer como um grande privilégio, permite o *feedback* sobre uma longa vida que pode ser revivida em retrospecto. Assim como esse teórico do desenvolvimento psicossocial, as águias de luz pensam a velhice como algo proveitoso, coroa da vida, cheio de vivências; Como são o diferencial quando se está na sala de aula, são saberes que podem tornar esse momento mais interessante para ambas as partes, o que proporciona um olhar diferente ao longo da vida; como afirmam as águias da luz 4 (quatro) e 5 (cinco), a conversa é uma troca de práticas de vida de experiências.

5.4 A memória, lembranças e conteúdos intergeracionais

O relato dos idosos e professores são indicadores para construir uma proposta curricular que resgate e valorize princípios norteadores de uma prática pedagógica para todas as idades e modalidades de ensino, na perspectiva de transmitir não só uma herança cultural, experiências, mas, sobretudo, valores que nos dias atuais são tão necessários para as relações intergeracionais.

O relato sobre saberes e experiências estão presentes na vida dos idosos e professores, revela a riqueza de história de vida, memórias e lembranças que permanecem presentes entre as gerações, conforme Águias de Amor (idosos):

Meus pais e avós me ensinaram a respeitar os mais velhos, rezar, quebrar coco, fazer bordado, ter educação e costurar. (Aga1)

Minha mãe me banhava e me levava pra casa da minha avó e ela me ensinou a rezar o Pai Nosso, Ave Maria, me contava história do tempo que ela era mocinha. (Aga2)

Minha mãe me levava para a missa para rezar, respeitar os mais velhos, dar bênção, costurar, cozinhar e fazer as prendas domésticas. (Aga3)

Meu pai e minha mãe, foi um exemplo para mim, em todos os momentos nos educaram com amor e carinho, ensinando a respeitar e amar o próximo ensinando a trabalhar para valorizar o que ele nos dar. Ele foi um pai maravilhoso, pena que Deus o levou, mas ele ficou em meu coração, minha mãe tá com 97 anos, mas é bem lúcida. Se preocupa com todos os filhos e a mãe mais querida e amada de todos os filhos e netos, bisnetos e tataranetos. (Aga4)

Eu aprendi com meus familiares muitas coisas boas. Com eles aprendi a amar e respeitar as pessoas que me cercam, pode ser idoso, jovem, criança, ou pessoas com deficiências, para mim são todos iguais, tenho o mesmo carinho. Sou amiga e tenho o maior respeito com todas elas. (Aga5)

Meu pai era muito bom, nunca me bateu, me ensinou a trabalhar e respeitar os mais velhos. Minha mãe é brava e gostava de bater, me ensinou a quebrar coco, meus avós eram bons, mas não tínhamos convivência. (Aga6)

Meus avós eram muito carinhosos. Bem ele me ensinou a respeitar e a trabalhar. Não passar no meio de duas pessoas quando estão conversando. Me ensinava o catecismo. Eu tinha uma mãe boa, mas não fui criado com ela. (Aga7)

Meu pai eu não conheci. Minha mãe era pessoa boa, me ensinou muito a não discutir com as pessoas. Me ensinou rezar e respeitar as pessoas. Minha vó me amava muito, dela eu só tenho boas lembranças. (Aga8)

Meus padrinhos me ensinaram em primeiro lugar o batismo, depois continuar sempre andando na missa e procissão e rezar antes das refeições e a noite, e bênção todos os dias. (Aga9).

Recorrendo a Bosi (1994), podemos confirmar o quanto as experiências e saberes transferidos pelos idosos são preciosas para a construção da identidade das gerações mais jovens, pois como defende a autora:

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles

ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente. Para Hegel, é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento. (BOSI, 1994, p. 74).

A partir do momento em que nasce, o homem começa a construir a sua aprendizagem, portanto não se restringe à aprendizagem formal, mas à educação integral; Aliás, a própria existência humana está intimamente ligada à aprendizagem, pois muito antes de existirem as escolas, o homem teve que aprender a sobreviver e transmitir conhecimentos que foram sendo cada vez mais aprimorados, atualizados, na medida em que a sociedade se tornou mais complexa, evoluindo para a aprendizagem formal.

A formalização da aprendizagem, o saber sistematizado, cientificamente comprovável, trouxe consigo a desvalorização de outros saberes relegados ao senso comum, mas tão importantes na construção de nossa história. Os dados apresentados mostram através da fala dos idosos e dos professores que a valorização desses saberes é importante, sobretudo para a valorização da nossa cultura e história.

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 1994, p. 82).

Essa questão remonta a história de vida dos idosos que, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, “[...] vão temporalizando os espaços geográficos e fazendo história pela sua própria atividade criadora, fazendo memória, acumulando experiências e saberes quando não acessado pela escola formal, adquirido na escola da vida” (FREIRE, 1983, p. 33), marcado pelas perdas e ganhos e assim ao longo da vida vão construindo e refazendo-se tentando ser feliz.

Nessa reflexão cabe ressaltar Freire (2000, p. 49):

No ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz, por outro lado, da descoberta de sua temporalidade, que ele começa a fazer precisamente quando, vorando o tempo, de certa forma então unidimensional, atinge o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã. Na história de sua cultura terá sido o tempo – o da dimensionalidade do tempo – um dos seus primeiros discernimentos [...] O homem existe – existere – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se.

Essa máxima de Freire, nos motiva na construção de uma assertiva, a memória é a alma do tempo, com ela construímos e desconstruímos tudo que somos e temos. Bruno (2003) em *Retratos da velhice* propôs uma aproximação do universo das pessoas idosas na tentativa de descobrir, com elas, *questões* em torno do “trabalho da memória visual”, quando pessoas, na sua velhice, interrogam tanto suas fotografias como suas próprias existências e biografias, o que se guarda, se elege e se conserva. Essa questão vale recordar em Park e Fernandes (2006b, p. 40):

O processo de esquecimento produz e deixa de existir, enquanto que a lembrança carrega o potencial da existência. Somos quem somos por causa daquilo de que nos lembramos; é isso que nos confere identidade e que permite o nosso reconhecimento por um outro. [...] nós inventamos nossas lembranças, o que é o mesmo que dizer que inventamos a nós mesmos, porque nossa identidade reside na memória, no relato de nossa biografia. [...] É isso que nos dá “visibilidade”, pois, do contrário, seremos “sombra”. Nós existimos porque há luz, que nos torna “enxergáveis”.

Portanto, no dizer de Izquierdo (2004, p. 40) “Cada um de nós é quem é porque tem suas próprias memórias”, em *A arte de esquecer*, é a memória que compreende o processo de evocar lembranças paralelamente ao de apagamento ou esquecimento.

Abordar sobre memória, Izquierdo (2004) com seu tema correlato é o tempo, passado, presente e futuro que se interconectam sempre e tornam-se relativizados em razão dos diferentes referenciais que são tomados.

Tal acepção retoma a reflexão de Monteiro (2005, p. 27) quando diz “O tempo não é o inimigo, mas sim totalidade, existência, possibilidade de realização e cumprimento de nossa missão durante a passagem do rio da vida.” Para o autor, o tempo é uma abstração, ele só existe em nossa consciência. Portanto, ele reitera “Temos todos os tempos: somos o verão que aquece, somos a primavera que desabrocha, somos o outono que contempla, somos o inverno que silencia. Em suma, somos todas as estações. Em nosso presente encontram-se também o passado e o futuro.” (MONTEIRO, 2005, p. 63).

Nesta investigação, relembremos Park e Fernandes (2006b), quando afirmam que as versões das pessoas sobre seus passados mudam quando elas próprias mudam. Assim, as histórias mudam tanto com a quantidade de tempo (a experiência acumulada pelo narrador), quanto com a qualidade do tempo (os aspectos que ele quer enfatizar durante a narrativa). Com isso, nenhuma história será contada duas vezes de forma idêntica, cada história que ouvimos é única.

Mas, como diz Bosi (1994, p. 82) “O ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim,

de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens”, nos faz pensar sobre as marcas positivas das lembranças que temos, principalmente daquilo que absorvemos dos ensinamentos religiosos, dos depoimentos das Águias de Amor (idosos) merece destaque:

Minha mãe me ensinou a rezar, respeitar, me ensinou a ajudar as pessoas. Minha mãe conversava muito comigo, minha mamãe me aconselhava. Eu sinto muita falta dela, sinto muito saudade dela, minha mãe, melhor do mundo. Aga1

Meus bisavós não conheci, mas os avós maternos e paternos eu lembro bem, mas no meu tempo nós tínhamos muita obediência aos pais. Sempre meu avô paterno gostava de reunir as crianças. Botar pra rezar, meu pai sempre nos aconselhava bastante, mas não chegou a me criar. Aga2

Meu pai trabalhava na estrada de ferro, nós éramos 12 irmãos, meu pai trabalhava muito e só chegava de noite e não tinha tempo pra mim. Minha mãe me dava conselho pra mim estudar porque eu não queria. Meus irmãos se formaram e eu não porque eu só queria namorar. Meu avô era grosseiro, minha vó era muito boa, carinhosa. Aga3

Meus avós me ensinaram a rezar, tratar pessoas com respeito, chamar de tio, minha mãe ensinou a cozinhar, quebrar coco, passar café, fazer bolo. Meu pai era muito delicado comigo, nunca me bateu e quando brigava comigo eu chorava. Aga4

Minha mãe sim aprendi muito com ela, aprendi a respeitar os mais velhos a não falar de boca cheia, tomar benção às pessoas mais idosas, a esperar o amigo, escovar os dentes, lavar as mãos antes e depois das refeições enfim, pena que não tenho minha mãe comigo para me ouvir, me dar apoio e o carinho que às vezes eu tanto preciso. (Aga5).

E, as Águias de Luz (professores), confirmam os pronunciamentos das Águias do amor (idosos), demonstrando carinho e respeito pelos idosos:

Uma das lembranças [...] carinho, respeito, atenção. Ajudar nas tarefas de casa, cuidar dos irmãos menores. Obediente na religião e nas orações cotidianas. Gostava muito dos meus avós paternos, não conheci os maternos. Ouvia com muita atenção suas histórias [...].

Meu pai foi embora muito cedo, hoje tenho saudades mas também passou muitas coisas boas, experiência de vida. Mas minha mãe se dedicou a todos nós, experiências, comportamentos e somos gratos por tudo.

Tenho lembranças fortes e muitas saudades, principalmente da infância, quando estudava aqui em Caxias e nas férias íamos todos para o interior, casa dos avós. Era o momento mais esperado, porque seria toda a família: pai, avós, primos, reunidos na mesma casa. Era uma delícia, e os momentos compartilhados são inesquecíveis. Família reunida, esta é a maior saudade.

Reforçando essas falas como reminiscências da turma de doutorado da UFC 2007.2, destacamos recortes de um texto elaborado por um GT (Grupo de Trabalho) da disciplina Educação Brasileira, com título “Relações Geracionais” que no tocante às lembranças e memórias os relatos dos doutorandos se imbricam e complementam fortalecendo e valorizando os saberes apreendidos com os idosos.

Isto posto, a convivência entre pessoas que estão em momentos diferentes do ciclo de vida possibilita o diálogo entre as relações etárias e geracionais, fazendo-se necessário

retomar conceitos e reflexões que possam convergir para uma compreensão e interação com as narrativas das histórias de vida dos doutorandos do período letivo 2007.2.

As narrativas das memórias de experiências e conhecimentos ao longo da vida, expressam marcas que de forma positiva ou negativa foi tecendo, construindo e moldando o homem e mulher que somos, o que nos faz lembrar as reflexões filosóficas quando se questiona: que tipo de homem e sociedade estamos formando? Somos fruto de histórias bem ou mal vividas, mas que retratam as duas instâncias formadoras: Vida e Escola, não há como fazer rupturas, é como um tecido, tingindo no chão da família e complementada nos outros espaços sociais; Nesse contexto, apontamos as relações etárias e intergeracionais como fatores essenciais para a construção de uma cultura de paz, tendo como *locus* principal a família.

O crescente envelhecimento populacional e aumento da longevidade têm possibilitado maior tempo de convivência entre gerações, o que requer uma preocupação maior direcionada para a melhoria da qualidade de vida dos idosos e também das relações familiares e sociais.

Os depoimentos dos doutorandos em Educação, nas faixas etárias de 28 a 60 anos, retratam de forma fidedigna as relações etários-geracionais ilustradas nas suas trajetórias de vida, como se pode observar a seguir:

[...] Aos dois anos, meu avô morre vítima de uma parada cardíaca, os filhos já tinham casado e diante do fato, a mãe vó tomou a decisão de vender tudo e tentar a vida na capital São Luis, embora analfabeta, minha vó, desejava conseguir sua aposentadoria e me dar educação escolar; chegando a São Luis, o dinheiro que restou depois da partilha com os filhos, deu para comprar uma casa na época, simples de taipa e coberta de palhas, situada no bairro Vila Palmeira, periferia da cidade, em uma rua com muitos pés de palmeiras e eucaliptos; cresci com simplicidade, dizem que neto criado com vó é cheio de manias e dengos, o que não funcionou comigo, pois minha vó me dava carinho e atenção, com ensinamentos e conselhos rigorosos e normas de obediência, e sempre dizia que a maior riqueza que podia me dar era educação, portanto que eu me virasse e aproveitasse as oportunidades, estudando muito, só assim Deus me ajudaria. Da minha vó, aprendi a amar e cultivar a cultura da minha terra, principalmente o Bumba meu Boi, respeitar os mais velhos, tomar benção, a gostar de estudar e de participar da minha comunidade religiosa. (DS).

As narrativas de memórias vividas demonstram que as gerações são continuamente construídas, desconstruídas e reconstruídas, a relação entre elas está sendo sempre refeita, pois essas novas relações, por sua vez, determinam novos comportamentos nas futuras gerações, dinamicamente, retroalimentando-se permanentemente:

[...] Logo que nasci, fui morar com meus avós, meu irmão, tios e tias, em virtude da separação de meus pais. Tinha uns seis meses quando minha mãe foi para o Rio de Janeiro trabalhar para ajudar a nos criar. A vida não foi fácil. Casa grande, família despedaçada, conflitos, briga, violência, alcoolismo entre outros. Meu avô bebia e

jogava baralho, vivíamos com pouco dinheiro e com a ajuda de minha bisavó. Tempo difícil, morei com várias tias, que já haviam casado, mas nunca me ajustei aquele lar ou lares que transitei durante esses longos onze anos. [...] Quando reconstruindo minha memória, recebia visita de minha vó e mãe que vieram do Pará para passar uns dias comigo, o exercício de lembrar com o outro foi uma experiência boa e ao mesmo tempo ruim, pois se de um lado recordei momentos bons da infância e da adolescência, velhas lembranças foram reacendidas, velhas dores foram rememoradas e isso me fragilizou bastante. Mas sei que o que aconteceu não podemos mais alterar, não posso mudar o passado, mas posso alterar meu futuro, principalmente ao que se refere ao meu filho, amá-lo mais, ouvi-lo mais, conviver mais com ele e cuidar mais de do meu corpo e daqueles que amo. (MRDO).

A sociedade moderna ao cultivar os valores do progresso, da inovação, da juventude e, principalmente, do consumo, produziu uma imagem negativa de velhice e de envelhecimento, associada a algo ultrapassado, sem validade e caracterizados como um processo contínuo de perdas físicas, psíquicas e sociais.

Os idosos são a gentes de preservação da memória cultural, desta forma, são responsáveis pela transmissão das tradições, de valores que podem ser incorporados pelas gerações mais jovens, mesmo que permaneçam em estado latente, ou seja, oculto, portanto desenvolver trabalhos com idosos se reveste de fonte de prazer e troca de experiências.

[...] Em 1999, comecei a trabalhar com o Grupo Cabelos Brancos do Dendê, que começou com 8 idosos e hoje tem 70 participantes. É o local onde me sinto mais realizada, e aprendo todo dia. O contato com pessoas com ricas experiências de vida tem servido como lição – de coragem, enfrentamento - e, também, aprendi que a pessoa pode ser feliz sem ter muitas posses materiais, que a felicidade está no ser e não no ter. (MC)

[...] Por intermédio da devoção de minha mãe, aprendemos a acompanhar o novenário de maio, a procissão, os leilões, a missa aos domingos e a grande festa nos dias 13 de maio e de outubro [...] até hoje, os dias 13 parecem marcar as presenças dos nossos pais que já se foram. [...] Outra lembrança muito forte dos meus pais é o Natal. Mesmo a família crescendo, genros, noras, netos, não podia faltar ninguém. Os que moravam fora chegavam às vésperas, vinham de onde estivessem. Reunir a família toda era uma alegria. Para não ter problema com a visita dos familiares dos genros e noras, meu pai antecipou a data para o dia 23, assim todos estavam ali, com a “lapinha” armada, ou a encenação da “lapinha viva” com os próprios netos, para ouvir as palavras deles, fazer as orações antes da distribuição de presentes e da ceia do Natal. (ZMPS) .

É importante o papel dos idosos na tradição oral e educacional das gerações atuais e futuras. No momento que se perdem as histórias e tradições perpassadas por eles, se perde também a memória da vida. Na realidade, o passado se encontra concentrado no presente e cria no ser humano um processo permanente de rejuvenescimento e vontade de viver.

[...] Minha avó teve em vida cerca de 165 descendentes entre filhos, netos, bisnetos e tetranetos, e morreu com quase cem anos de idade; digo isso apenas porque lembro que entre nós “vogava”, expressão que minha mãe utilizava, próprio da sua cultura familiar, a ideia de que os mais velhos tem que educar os mais novos e estes tem que obedecer, isso era muito claro entre os seus filhos, já entre os netos

era motivo de brincadeiras [...] nossos pais nos faziam lembrar que é essencial ter respeito aos outros [...] minha mãe nos dizia sempre que o que fazia uma pessoa era a sua educação e para se educar o sujeito teria que estudar bastante e querer ser alguém de bem. (MRCA).

As memórias autobiográficas expressam nas relações etárias-geracionais uma descoberta da identidade da própria pessoa, na construção do eu e do profissional, marcada pela influência dos exemplos das pessoas mais experientes, despertando um compromisso para um trabalho com idosos.

O olhar sobre esses relatos se apoia na convicção de que o compartilhamento das experiências entre gerações, ao combater o preconceito etário, pode efetivamente contribuir para a edificação de uma sociedade mais justa, tolerante, democrática e solidária.

A sociedade moderna ao cultuar os valores do progresso, da inovação, da juventude e, principalmente, do consumo, produziu uma imagem negativa de velhice e de envelhecimento, associada a algo ultrapassado, sem validade e caracterizados como um processo contínuo de perdas físicas, psíquicas e sociais.

Vários autores referem-se aos idosos como a gentes de preservação da memória cultural, desta forma, são responsáveis pela transmissão das tradições, de valores que podem ser incorporados pelas gerações mais jovens, mesmo que permaneçam em estado latente, ou seja, oculto.

Reiteramos esse texto, com o pensamento de Bosi (1994, p. 47):

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida.

Nesse aspecto, podemos afirmar que é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento, pois a autora descreve que os idosos não se contentam, em geral, em aguardar passivamente que as lembranças os despertem, eles procuram no tempo e espaço, interrogam outros, compulsam seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não fizeram o registro escrito (BOSI, 1994).

Por isso a importância de transmitir a experiência, quando os meios de comunicação falham, no dizer de Bosi (1994, p. 79) quando “Não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou uma vida para aprender”, certamente os abate, fere na alma, como se alguém lhes tomassem o que é de mais precioso, sua memória, que remonta sua história de vida.

Constatamos isso na fala de Whitaker (2010, p. 184) “Quando se pede a um idoso que fale sobre o passado, seus olhos brilham e a torrente de memórias que é capaz de mobilizar é espantosa.” Admitimos essa questão, porque construímos nossa história tendo como referência as nossas raízes, antepassados dos quais herdamos não só uma carga genética, sobretudo valores, ensinamentos e experiências nunca apreendidos nas escolas, como diz Whitaker (2010, p. 186) “Quando somos jovens, estamos em processo de construção permanente da nossa identidade. O idoso revê posições, reformula atitudes, repara seus erros, está em constante trabalho da memória.”

Desta forma, lembramos Bosi (1994, p. 78), “Privá-los da liberdade de escolha, em torná-los cada vez mais dependentes ‘administrando’ sua aposentadoria, obrigando-os a sair de seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o idoso) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar”, é tirar o direito de viver com dignidade e de ser feliz.

Como também corrobora Thompson (1992): a construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo. Para esse autor, as narrativas, em geral são também utilizadas para contar vidas individuais, visando transmitir valores.

Nessa prerrogativa, nos alerta Bosi (1994):

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 1994, p. 82).

Para Thompson (1992), referindo-se a uma pesquisa realizada por um grupo ligado a uma Associação Educacional em *East London*, tendo como referência a história oral, o grupo composto por pessoas na faixa etária de 20 a 70 anos, construíram mediante relatos individuais, uma história de vida e trabalho e, sobretudo criava confiança entre si na capacidade de todos em colaborar para escrever a história.

Nesta direção, o autor aborda que é recorrente entre os especialistas em envelhecimento reconhecer a importância das reminiscências, pois é uma forma dos idosos manifestarem o sentimento de suas origens e identidade, utilizado ainda para tratamento psicológico dos idosos. O autor ressalta ainda que a relação da história com a comunidade, remete a uma série de trocas, de informações e interpretações, entre educadores e seus alunos,

entre classes e gerações, porque a história é construída em torno de pessoas estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho.

O autor enfatiza ainda, que construir a história é trazer para dentro da comunidade e tirar de dentro dela, ajudando os menos favorecidos e de modo especial os idosos para alcançar dignidade e autoconfiança, propiciando assim, contato e a compreensão entre classes sociais e entre gerações, gerando sentimento de pertencimento a um lugar e época.

Concordamos com Thompson (1992, p. 210) quando afirma:

Tanto quanto o jovem, o idoso precisa ter oportunidade de exprimir seus sentimentos, conversar sobre os problemas, elaborar suas tristezas; por exemplo, num momento da vida em que desejam transmitir sua experiência moral para uma geração mais jovem, reconsiderar o doloroso aprendizado da paternidade, e expressar a culpa, o desgosto, a insegurança, o medo e a apreensão que estão ligados a sua preocupação de não terem sido pais eficientes.

E esse movimento emerge de uma relação dialógica e intergeracional, Telles (1999, p. 54), lembrando Arendt, afirma:

Sem a ação para pôr em movimento no mundo o novo começo de que cada homem é capaz por haver nascido, “não há nada que seja mais debaixo do sol”; sem o discurso para materializar e celebrar, ainda que provisoriamente, as coisas novas que surgem e resplandecem, “não há memória”; sem a permanência duradoura do artifício humano, “não havendo recordação das coisas que têm de suceder depois do nós”. E sem o poder, o espaço da aparência produzido pela ação e pelo discurso desaparecerá tão rapidamente quanto o ato e a palavra viva.

Nessa direção, Telles assevera ser o diálogo humanizador, processo que ocorre de forma horizontal, com base nas ideias de Arendt (1974):

Pois o mundo não é humano por ter sido feito pelos homens e tampouco se torna humano porque a voz humana nele ressoa, mas somente quando se torna objeto de diálogo. Por mais intensamente que as coisas no mundo nos afetem, por mais profundamente que elas possam nos emocionar e nos estimular, só se tornam humanas para nós quando podemos debatê-la como nossos semelhantes (TELLES, 1999, p. 45).

5.4.1 Memórias e experiências

Concordando com Freire (1996, p. 33) quando afirma que “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, Todaro (2009), entende que os contrastes de valores, de etnias, de visão contemporânea são facilmente perceptíveis em sala de aula, principalmente na esfera da EJA onde influem fatores como idade, experiências, saberes não legitimados, que podem ser facilmente percebidos principalmente nas falas das Águias do Amor, bem como das

Águias de Luz. Tais saberes precisam ser aceitos e valorizados em sala de aula, sobretudo na EJA, onde a bagagem de conhecimentos dos alunos é maior e desconsiderá-la é negar toda a história de vida dos alunos.

Na visão de Todaro (2009), conhecer e valorizar os saberes do aluno torna mais humano um processo exclusivo dos seres humanos, reforçando este pensamento lembrando Freire (1996, p. 102), que além de afirmar que “Ensinar é uma especificidade humana”, entende que a escola não é o único espaço de aprendizagem concluindo que:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos a ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aulas das escolas, nos pátios dos recreios em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significados. (FREIRE, 1996, p. 50).

O que aprendemos na vida com nossos pais, avós, bisavós, os conhecimentos transmitidos pelos idosos, jamais devem ser desconsiderados ou inferiorizados, pois são as nossas experiências que nos faz ser quem somos, é o nosso “eu”, e, portanto é cheio de significados. Abrir mão das nossas vivências bem como das vivências dos nossos idosos é negar a nossa origem, nossa essência, nossa cultura, nosso passado e, portanto a nossa história. Nessa convicção, as Águias de Luz (professores) apontam sugestões para conteúdos que tenham conexão com a realidade dos idosos, a saber:

A escola deve trabalhar resgatando os costumes e cultura. Com respeito carinho [...]. Integração, passando experiência, conscientizando sobre o valor do ser humano. Fazer o estudo do conteúdo através da integração do aluno com o mesmo. Primeiro fazer o diagnóstico da vida dos idosos. Conhecer seus hábitos, qualidades, depois de todo esse processo de trabalho o aluno na sala de aula, ele vai aprender e saber ensinar o que lhe foi trabalhado. Oportunizando os alunos, sempre estarem socializando, compartilhando, esses momentos que marcaram sua vida. É interessante porque você não esquece, e o professor pode está trabalhando valores; a família está em uma roda, num grande círculo e desse momento saí histórias muito interessantes. Através de oficinas, ensinando os valores e principalmente o respeito aos idosos, pois essa nova geração desconhece. É de fundamental importância nas escolas públicas. (Águias de Luz).

As Águias do Amor (idosos) também colaboram indicando os conteúdos e atividades que devem ser trabalhado na educação dos idosos:

Palestras educativas sobre valores e tradições, nas reuniões com pais e alunos. (Aga1)
Os professores devem explicar a importância e o respeito dos idosos durante as aulas. (Aga2)
Atividades que explique como envelhecer. (Aga3)
Respeitando uns aos outros. Saber diferenciar a pessoa mais velha da mais nova, respeitando com amor e carinho que tudo dar certo. Aonde tem respeito e compreensão tudo se resolve na santa paz. (Aga4).

Ser alegre, educado, respeitar para também ser respeitado e ter convívio com a família. (Aga5)

As crianças para ser boazinhas nas escolas com as professoras, tem que os pais ensinar em casa, os jovens são mais difíceis. O adulto assim como nós, como você, respeita. (Aga6)

As crianças respeitando as professoras. Os jovens deviam tratar melhor as professoras, pois elas são pessoas muito pacientes. Os adultos tratam bem os professores. (Aga7)

Ensinando o educando como o aluno deve se comportar diante das situações e respeitar as pessoas que estão ao seu redor. (Aga8).

5.4.2 Aprendizagem idosos e a escola

Para os idosos é de suma importância a responsabilidade do educador a respeito do progresso do ensino aprendizagem dos alunos e o resgate dos valores na sociedade. Citando Todaro (2009, p. 16):

Espera-se que os docentes tenham uma postura crítica no processo ensino aprendizagem e na seleção e sequenciação de conteúdos, considerando: planejamento, levantamento de conhecimentos prévios, contato com os educandos, uso e análise dos materiais didáticos, retomada e progressão, e, principalmente, adequação da prática pedagógica em relação ao desenvolvimento dos alunos.

Observando o que dizem, os professores devem enfatizar o valor do idoso e a sua autonomia deixando-os mais seguros sobre seus direitos e deveres. Na fala de Todaro (2009, p. 18), “os professores percebem o valor dos diferentes saberes e procuram a eles o quanto são capazes, além de criar um relacionamento afetivo que demonstra o interesse em ajudá-los a aprender.”

De acordo com os idosos, que enfatizam o ensino dos valores por parte dos educadores aos educandos, este fator torna-se de suma importância para que haja um respeito mútuo resgatando os ensinamentos tradicionais. Recorrendo a Todaro (2009, p. 18) “Os professores procuram estabelecer com seus alunos, uma troca de conhecimento baseada em vivências, histórias e experiências enriquecidas na relação com o outro e na descoberta de novos horizontes.”

Daí, Freire (1992c) considerar a dialogicidade da educação, seu caráter gnosiológico, sem o qual não é possível prescindir de um prévio conhecimento a propósito das aspirações, dos níveis de percepção, da visão do mundo que tenham os educandos.

Canalizamos este argumento para o processo de alfabetização dos idosos, que na visão de Freire (2001) a prática da alfabetização tem que partir exatamente dos níveis de leitura de mundo, de como os idosos estão lendo sua realidade porque toda leitura de mundo está grávida de um certo saber e, é exatamente por meio da comunicação, diz Freire (1992b,

p. 69), “Diálogo, no encontro entre interlocutores, intergeracionais, a alfabetização não se processa apenas como transferência de saber, mas na busca de significação dos significados.”

Com isso, Freire (1992b, p. 53) reforça que “O papel do educador não é de ‘encher’ o educando de ‘conhecimento’ de ordem técnica ou não, mas assim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos e, na alfabetização, Freire (1987) admite não é apenas meio de libertação, mas instrumento essencial para todas as mudanças sociais, que sem dúvidas exige uma prática pedagógica compromissada, em favor da vida, “Com amorosidade, pois o amor compreende e respeita o próximo”, completa (FREIRE, 1983, p. 29).

Portanto, como diz Bosi (1994): A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida.

E, nessa direção recordamos Bosi, (1994, p. 20):

Como deveria ser uma sociedade para que na velhice um homem permaneça um homem? A resposta é radical [...]: seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como um homem. A noção que temos da velhice decorre mais da luta de classes do que do conflito de gerações. E mais adiante, lemos: “Entre as famílias mais pobres, a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças”.

Nesse sentido Bosi (1994, p. 77) acrescenta: “O velho não participa da produção, não *faz* nada: deve ser tutelado como um menor”, este se abre com a reflexão acerca da opressão da velhice através da espoliação do direito à memória e da prematura senilidade engendrada pela cotidiana degradação do trabalho.

Finalizando este capítulo, lembremos Freire, todos nós, “como um ser da ação e da reflexão, “admirador” do mundo. Como um ser de atividade que é capaz de refletir sobre si e sobre a própria atividade que dele se desliga, o homem é capaz de “afastar-se” do mundo para ficar nele e com ele. Somente o homem é capaz de realizar esta operação, de que resulta sua inserção crítica na realidade (FREIRE, 1992b, p. 31). É nessa perspectiva que propomos uma Pedagogia para educação ao longo da vida, de modo especial para aqueles a quem teve e continua tendo direitos negados, de falar e escrever a sua própria história.

Defendemos em Lima (2000, p. 55) que “Educar o idoso, é dar-lhe um caminho para alcançar novos níveis de percepção, de conhecimentos e de ação e, as pessoas, dentro da complexidade atual, visualizarão diferentes bifurcações neste caminho.” E, nesse sentido a Gerontagogia Dialógica e Intergeracional pode não dar conta por si só na superação de todas as dificuldades e obstáculos, mas certamente se constitui uma possibilidade para a educação ao longo da vida.

6 CONCLUSÃO

Nos percursos e achados da pesquisa trocamos experiências e saberes, construímos laços de amizades, pois adotando a pesquisa-ação, o envolvimento e a interação foram indubitáveis entre os sujeitos, quais sejam, pesquisadora e águias do amor (idosos), vida (filhos), esperança (netos) e de luz (professores) para consolidar os objetivos desta investigação.

Na interface entre a busca e o desejo de colher as informações, os impasses e obstáculos, inicialmente pela falta de recursos financeiros para aquisição de materiais didáticos e lanches para os encontros e ainda de infraestrutura condizente as atividades. Notável desprezo por colegas da área da educação, quando expressavam “vai pesquisar esse tema relacionado a “idoso” que o destino é morrer, como se a morte fosse desígnio só para idosos, quantos morrem até mesmo antes de nascer. Sem discretude, risos e atribuições pejorativas ao tema, questionando para que o sistema educacional investir na educação dos idosos?

Lembramos ainda nesse enfoque, as dificuldades financeiras na execução das atividades sempre mantendo boas relações com parceiros que faziam doações de materiais didáticos, a cessão do espaço do SESI-Serviço Social da Indústria para realizar a pesquisa e aplicar as atividades; enfrentamos também ciúmes das lideranças que trabalham com Centros de Convivência dos Idosos, achando que estava ocupando ou tomando espaço ou fazendo política contra a Prefeitura; críticas por renunciar a vida em família nos finais de semana para atender a agenda com idosos, até em atividades extra, a exemplo, as caminhadas, lazer, café da manhã, dentre outros; enfim, faltou apoio da Universidade que não deu retorno a uma proposição encaminhada ao CEPE-Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão com fito de ampliar o Projeto Intergeracional em outros Centros da UEMA-Universidade Estadual do Maranhão, embora tenha sido aprovado pela Resolução N° 641/2005/CEPE/UEMA.

Em meio às adversidades, impasses, equívocos e obstáculos, aos poucos tudo isso fortaleceu os vínculos e a perseverança de todos que mergulharam na tarefa de garimpar tesouros, encontrar resultados para as perguntas formuladas nesta pesquisa.

Nessa perspectiva, a educação despontou como instrumento de empoderamento na construção de conhecimentos para superação e enfrentamento dos desafios, por exemplo, do analfabetismo em dois sentidos, da leitura do mundo e da palavra.

Na trajetória da pesquisa, percorremos uma longa estrada nas informações iniciais, comprovamos que todas as águias de amor não tiveram oportunidade de frequentar escola, por vários motivos, dentre os principais, citamos, o trabalho, a família, por resistência dos maridos, além da inexistência de escolas na localidade que residiam, pois sendo meio rural, as escolas ficavam na sede do município de Caxias. Essa realidade condicionou todas as águias a permanecerem à margem do processo de escolarização, mesmo assim não perderam o desejo de continuar aprendendo, enfatizando nas falas a importância de estudar para melhorar a qualidade de vida, ganhar autonomia, aprendendo a ler e escrever para ser independente, lendo e escrevendo o chão da sua vida, o cotidiano, ajudando inclusive no acompanhamento dos estudos dos filhos e netos.

Ao longo do percurso descobrimos que as perdas e ganhos foram importantes para acumular experiências e saberes, as perdas concentradas nas relações por casamento, morte de um ente querido, separação, criação dos filhos sem parceiros, por outro lado, em recompensa, os ganhos, o nascimento dos filhos e netos, a oportunidade de conhecer outras cidades, ter o mérito de viver muito e conseguir aposentadoria.

Nesse diálogo, constatamos que as Águias de Amor (idosos), associavam a velhice e o envelhecimento às doenças, ou seja, como processo patológico, concepção que os relegava ao desprezo a si mesmo, como objeto descartável e com prazo de validade vencida, mas no íntimo de cada águia, um tesouro guardado, os valores, como algo preservado na tentativa de conservar e transferir aos mais jovens, por meio de conselhos, um sinal de alerta, o segredo de viver muito e ser feliz.

Com o propósito de continuar a trajetória, chegamos à primeira encruzilhada, planejamos e aplicamos as atividades gerontagógicas. Perseguindo os objetivos da pesquisa, começamos pelo processo de alfabetização dos idosos, tendo como base atividades que cunham uma pedagogia baseada no diálogo e nas relações intergeracionais, e com uma proposta curricular de alfabetização contemplamos temas geradores extraídos das entrevistas e do Estatuto do Idoso articulados a outros saberes relacionados ao processo de envelhecimento e da própria vida dos idosos. Nessa perspectiva, utilizamos como metodologia os Círculos de Cultura, tendo como pilar o diálogo, para troca de experiências e saberes, alfabetização, danças, encontro entre gerações para confraternização de datas comemorativas, lazer e dinâmicas, seminários intergeracionais, palestras educativas sobre saúde, educação e meio ambiente), utilizando a música como texto principal para interagir com as temáticas.

Após essa longa caminhada, encontramos resultados significativos ao encontro dos objetivos da pesquisa, pois as falas das águias de amor, demonstraram mudanças sobre as concepções acerca da velhice e do envelhecimento, aumento da autoestima, autonomia na leitura e escrita, alfabetização digital, conhecimento e exigência dos direitos, perseverança e engajamento não só nas atividades do projeto, mas também na comunidade, pastorais, associações e Centro de Convivência, de modo que começaram a avaliar, quanto ao local que eram mais acolhidos e quais atividades eram mais relevantes para as suas vidas. Outro aspecto importante, foram os eventos envolvendo outras gerações, filhos e netos que na visão das águias contribuíram para fortalecer os laços em família.

Desta forma, retomamos ao problema da pesquisa para confirmar que os Círculos de Cultura, após aplicação das atividades gerontagógicas e análise dos elementos que propiciaram uma postura dialógica e intergeracional para autoestima e inserção social dos idosos; consolidamos os objetivos da pesquisa, tendo como suporte uma Pedagogia específica, a Gerontagogia, para afirmar que é possível realizar projetos e programas educacionais voltados para a educação continuada dos idosos, a exemplo dos resultados comprovados mediante aplicação das atividades gerontagógicas, que permitiram identificar indicadores das mudanças significativas na vida das águias de amor: a participação, perseverança e engajamento nas atividades com alegria e gestos de solidariedade; valorização pessoal; envolvimento dos filhos e netos com a melhoria das relações na família.

Destacamos ainda que, durante a trajetória da pesquisa, constatamos nas interlocuções das águias de amor (idosos), vida (filhos), esperança (netos) e de luz (professores), mudanças nas concepções sobre velhice e envelhecimento, com sugestões de como obter uma velhice saudável e feliz, o que denota avanços e resultados favoráveis das atividades realizadas.

As águias de luz (professores), confessaram a importância da formação para o trabalho educativo dos idosos, admitindo que mesmo sem terem uma formação específica, se esforçam na realização das atividades, mas ponderam quando externam sobre a necessidade de alcançar melhor preparo, metodologia e recursos didáticos adequados à educação dos idosos. Isso remete à necessidade da formação inicial e continuada dos professores da educação de jovens, adultos e idosos.

Prosseguindo com os elementos revelados, nas relações intergeracionais estabelecidas com as águias do amor (idosos) e de luz (professores), aferimos que foram surpreendentes as falas sobre memórias e lembranças apreendidas com os pais e avós, herança de saberes, aprendizagens e valores que marcaram suas vidas, contribuições para a formação e

construção de todos os envolvidos no seu contexto histórico. Para reafirmar que a memória é a alma do tempo, por meio da memória registramos e construímos nossa história, pois as narrativas se entrelaçam entre as gerações, de modo que herdamos e retransmitimos nossas raízes, tradições e identidade.

Observamos que as águias de amor (idosos), após participação nas atividades, começaram a pensar e agir diferente, com mais vitalidade, demonstrando a vontade de enfrentar obstáculos que antes lhes pareciam intransponíveis. Um idoso consciente faz diferença, pois reclama com argumentação, propõe soluções antes não pensadas, adquire a capacidade de planejar a curto, médio e longo prazo para alcançar seus objetivos.

Na verdade, a escola permaneceu e ainda permanece distante, no que se refere a um projeto pedagógico que contemple a categoria dos idosos. Após praticamente uma década do que reza o Estatuto nos artigos relacionados à educação, não temos uma política condizente à educação dos idosos, mesmo com o elevado índice de analfabetismo concentrado na faixa etária a partir de 60 anos de idade.

De fato, o analfabetismo é um desafio e exige uma dupla estratégia: garantir o acesso e o sucesso escolar de crianças e adolescentes e implementar ações específicas para educação de jovens, adultos e idosos, observando que atualmente existe um contingente expressivo de idosos principalmente nas turmas de alfabetização, o que demanda uma política educacional voltada para educação de jovens e adultos que contemple os idosos, assegurando-lhes o direito de continuar estudando.

Consideramos que o processo de envelhecimento exige aprendizagens, adaptações e participação, encarar a vida de forma construtiva, face aos problemas que vão surgindo, preservando e promovendo a autonomia possível, não somando apenas as perdas e as diminuições de capacidades físicas ou intelectuais, mas dinamizando ao máximo os aspectos positivos. Para tanto, é necessário desmistificar a ideia de que o idoso é um ser inútil e improdutivo, pois a velhice é um dom e um privilégio, porque nem todos têm a sorte de alcançá-la, considerando que essa etapa da vida é marcada pela experiência e sabedoria, o que permite um melhor conhecimento do passado, uma vivência do presente e melhor preparo para o futuro.

A partir dos resultados obtidos, dos múltiplos olhares e leituras, descobrimos durante a pesquisa-ação, que o atual contexto histórico-social exige mudanças de paradigmas em relação à velhice e ao processo de envelhecimento, como ponto de partida para renovação significativa dos atos de pensar e agir com posturas revestidas dos paradigmas atuais, reconhecendo que envelhecer é um processo natural, uma das etapas da vida que, como as

outras, requer cuidados e possui suas peculiaridades, com uma diferença: acúmulo de experiências e saberes adquiridos na escola da vida, também constatado na fala das águias do amor.

Transformações importantes vêm ocorrendo nas relações familiares, pois tendo aumentado o tempo de vida, cresceu o tempo de convivência adulta entre pais e filhos. Dessa forma, temos famílias pequenas e mais espaço entre as gerações, o que permite relações intergeracionais vivenciadas durante mais tempo. Por outro lado, pela fragilidade e rompimento crescente do casamento e recasamento e crescente número de divórcios, a família nuclear deixou de ser dominante, dando lugar a uma diversidade de recomposições familiares com impactos na coesão familiar e no potencial de solidariedade intergeracional.

A solidariedade entre as gerações deve reconstruir-se hoje, olhando o futuro. E, todos nós somos responsáveis em criar condições na construção de uma sociedade para todas as idades, de modo particular na educação, propondo alternativas pedagógicas para o processo docente educativo, conclamando governo, sociedade e escola a se redimirem da dívida social para com milhares de idosos excluídos da escolarização, garantindo o direito de ser sujeito ativo e proativo do seu entorno social e da sua história, conquistando desta forma, a cidadania. E, nas pesquisas, a educação, em suas diferentes modalidades, familiar, escolar, religiosa, comunitária, política, dentre outras, faz parte do conjunto de processos sociais que estruturam o fenômeno geracional, condicionando os modos de transmissão de atitudes e valores entre as gerações.

É necessário aprender sobre o envelhecimento na escola, na universidade e no trabalho, pois muitos conflitos e ignorância persistem, porque ninguém lida bem com o que não conhece e nós não aprendemos sobre o nosso próprio envelhecimento. Há uma cultura, um passado, uma experiência e uma vontade própria de respeitar as pessoas idosas, que devem ser respeitadas na sociedade, transmissoras às gerações mais jovens de um patrimônio, de valor inestimável, a ser preservado.

O estatuto do idoso traz um novo olhar em relação aos idosos, sujeito de direitos, no entanto, ainda perdura uma gama de preconceitos sobre envelhecimento na nossa sociedade, que precisa ser educada para compreender os novos paradigmas. Com esse propósito, chegamos em um momento histórico que é preciso rever as posturas que infantilizam o idoso e o assistencialismo que ameaça principalmente as camadas exploradas, fortalecendo políticas que reforçam os preconceitos e marginalizam essa categoria.

A velhice e o processo de envelhecimento ainda são pouco tematizados nos estudos da área da educação, no entanto este grupo etário tende a fortalecer sua presença na

agenda sócio-demográfica, em função do crescimento contínuo dessa parcela da população. E, portanto, faz-se necessário, que se produzam pesquisas capazes de analisar as práticas de discriminação etária, o ageísmo, exercício intelectual para que estas sejam combatidas por meio da educação.

Reconhecemos a educação como ponto de partida e chegada para o início de um tempo novo, em função de resgatar e transmitir valores para garantir aos idosos, também sujeitos de direitos, dignidade com qualidade de vida, garantindo ainda nas relações intergeracionais, uma sociedade autossustentável, pensando e construindo de forma intergeracional a felicidade humana, negada ao longo da história para milhares de idosos excluídos do processo de escolarização e do desenvolvimento social.

Nessa perspectiva, devemos tratar a educação como processo contínuo, pois a educação ao longo de toda a vida e na velhice é considerada um instrumento fundamental à determinação de uma velhice bem sucedida. As políticas educacionais, no entanto, ainda são insuficientes e deixam de fora milhares de pessoas do processo educativo no Brasil, o qual tem seus reflexos na qualidade de vida das pessoas idosas no país.

Postulamos que, uma escola voltada aos idosos, como é o caso das Universidades abertas à terceira idade, deve ter como finalidade ensinar os idosos a repensar o pensamento, criar espaços para uni-los, formando grupos permeados por um sentimento de identidade e geração de vínculos. Unidos, também na convivência intergeracional, ganharão força, coragem para reagirem ao estigma de velhice, de perdas, isolamento, incapacidade, para viverem o novo paradigma de velhice, de ganhos, de lutas, de participação e autonomia. E, desta forma, estarão fortalecidos para sua inserção na família e em outros grupos sociais.

Tendo por fundamento básico as metas traçadas em todos os espaços de debate e construção em torno da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, de modo especial os destacados pelo Plano Nacional da Educação-PNE, urge implementar uma proposta pedagógica que tenha como base os princípios da Educação Continuada, de qualidade, para todos, norteadas pelos pilares da Educação: aprender a conhecer, a fazer, a ser e a viver juntos, voltada para superar os desafios e as exigências do atual contexto social, como via para a melhoria da qualidade de vida e exercício da cidadania.

Face ao exposto, postulamos ainda a necessidade de ser incluída na Política Educacional uma Pedagogia propiciadora não só de inserção dos idosos em contextos escolares e não escolares, como também inserir nas propostas curriculares da educação básica, conteúdos que contemplem a educação intergeracional e para o envelhecimento. Nessa abordagem é indispensável que as Propostas dos Cursos de formação de professores,

principalmente em Pedagogia, possam fornecer as competências para atuarem, de modo especial nas turmas de Educação de Jovens, Adultos e Idosos-EJAI, ancorada na contribuição da Gerontagogia, a partir dos novos paradigmas sobre velhice e envelhecimento e, assim contribuir com a educação ao longo da vida.

Nesse enfoque, é necessário rever conceitos sobre velhice, como princípio integrador e mediador, para definir e adotar paradigmas atuais em função de utilizar metodologias mais adequadas para alfabetização e formação ao longo da vida dos idosos.

Com esse compromisso e propósito, sentimos a responsabilidade de não só contribuir com esta tese, mas eleger e recomendar proposições que podem ser contempladas na política de educação brasileira, dentro das metas definidas pela Secretaria de Educação Continuada, Diversidade e Inclusão-SECADI/MEC com a participação dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos-EJA e Agenda Territorial, inclusive tendo como referência e respeitando os documentos produzidos na esfera da participação popular.

Em suma, a temática abordada tem uma relevância social emergente para o processo educativo, inclusive em outras modalidades de ensino, pois no atual contexto os problemas relativos a relações interpessoais, remetem a dois olhares: formação continuada como princípio básico ao longo de toda a vida e a relação entre as gerações como forma de desconstruir e construir com as devidas adaptações, conhecimentos e experiências que proporcionem a formação do ser humano em todas as dimensões. Portanto, as atividades gerontagógicas constituem-se uma alternativa viável e necessária para o processo docente educativo, no entanto não exime outras formas de pensar e fazer pedagógico no trabalho com alfabetização de jovens, adultos e idosos.

Propomos a partir dos estudos e experiências nesta investigação, recomendações para a formação continuada dos idosos:

1- Na escola:

- Promover capacitação continuada para professores;
- Inclusão de matrículas dos idosos nas turmas de alfabetização e EJA (1º e 2º Segmento);
- Promover encontros entre as gerações na escola (pais, filhos, avós, bisavós);
- Estabelecer parcerias com instituições que trabalham com jovens, adultos e idosos para troca de experiências e conhecimentos;
- Proporcionar momentos de lazer, terapia através da música, artes, caminhada, passeios e outros;

- Promover Feira de Ciência Intergeracional;
- Realizar atividades, tais como: conferências, seminários, teatro, filmes...;
- Criar Grupos de Solidariedade (autoajuda para idosos: Acompanhar para Igrejas, Bancos, Hospital, dentre outros).

2 - Na sala de aula:

- Trabalho com dinâmicas, música, filmes, jornais, revistas, desenhos, pinturas, dramatização;
- Projeto de sala de aula, utilizando tema gerador (contexto e realidade social);
- Produção de textos (rimas, paródias, repentes, versos, versículos bíblicos);
- Caderno de registros e documentários dos fatos, contos e histórico das tradições culturais;
- Portfólio das atividades dos alunos;
- Palestras educativas com diversas temáticas;
- Criar círculos de leitura para preservar a memória histórica entre as gerações;
- Criar círculo de cultura religiosa (momentos de espiritualidade, partilha e oração).

3 - Para as IES:

- Possibilitar o ingresso através da matrícula dos idosos da comunidade em disciplinas isoladas nas áreas da Educação, Artes, Saúde, dentre outras;
- Criar e implantar curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens, Adultos e Idosos, a exemplo do Projeto da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, por meio da Resolução N° 48/2008 de iniciativa da SECADI/MEC/FNDE;
- Implementar a disciplina Gerontagogia em todos os cursos de licenciatura, de modo especial no curso de Pedagogia;
- Firmar Convênio com Instituições Governamentais e não governamentais para conjugar ações em favor dos idosos;
- Criar e implantar o núcleo de extensão da Educação de Jovens e Adultos incluindo a categoria do Idoso (NUEJAI), dinamizando atividades do tipo: (teatro, dança, coral, artes manuais, coreografias, educação física; Promover cursos, palestras, seminários, excursão e outros eventos envolvendo os idosos.

Para concluir, ressaltamos que esta tese não pretende esgotar as alternativas do pensar e fazer pedagógico na educação do idoso, mas apontar, sobretudo, vias necessárias e possíveis para otimizar o processo de alfabetização e educação ao longo da vida dos idosos.

Esperamos que este trabalho suscite outras contribuições significativas para aperfeiçoar e aprofundar essa temática que, com o passar do tempo, consolidou-se na continuidade das atividades em busca de outros objetivos e não somente os previstos nesta tese, tudo isso é evidente e foi provocado pela participação, engajamento e perseverança das águias de amor (idosos).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALVES, Rubem. **As cores do crepúsculo**: a estética do envelhecer. Campinas: Papirus, 2001.
- ARENDT, Hannah. **Vies politiques**. Paris: Gallimard, 1974.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BARRETO, Frederico Flósculo Pinheiro. **Humanidade**: terceira Idade. Espaços para a terceira idade. n. 46, p. 54-65, out. 1999.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 2004.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Estatuto do Idoso**: Lei nº. 10.741, de Outubro de 2003. Brasília, DF: Centro de Documentação e Informação, 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição Federal (1988)**. Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos: Parecer CNE/CEB No 11/2000. Relator Conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção 1, p. 18.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA**. Brasília, DF, 2008.
- BRUNER, J. **Making stories**: law, literature, life. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?:** um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Alínea, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia. **Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARADEC, Vicent. **Sociologie de La vicillesse et du vieillissement.** Paris: Nathan, 2001.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e interação:** uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2005.

CHOPRA, D. **Corpo sem idade, mente sem fronteiras:** alternativa quântica para o envelhecimento. Tradução de Haroldo Netto. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer e a amizade.** Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS. (V: 1997: Hamburgo, Alemanha). **Declaração de Hamburgo:** agenda para o futuro. Brasília: SESI/UNESCO, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Fraternidade e pessoas idosas:** texto-base CF-2003. São Paulo: Salesiana, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA IDOSA. **Construindo a rede de proteção e defesa da pessoa idosa-RENADI.** Brasília: Presidência da República, 2006.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel.** 9. ed. São Paulo: Global, 2001. (Obras de Cora Coralina).

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice:** socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: FAPESP, 1999.

DUMÉE, Jean-Pierre Dubais. **Envelhecer sem ficar velho:** a aventura espiritual. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Gerontologia).

EDUCAÇÃO e direitos humanos: contribuições para o debate. **Cadernos do CEDES,** São Paulo, v. 30, n. 81, maio/ago. 2010.

ERIKSON, Erik. **O Ciclo de vida completo.** Porto Alegre: ARTMED, 1998.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; DIAS, Cristina Maria de Souza (Org.). **Maturidade e velhice:** pesquisas e intervenções psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Cidadania: os idosos e a garantia de seus direitos.** In: NÉRI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivência, desafios e expectativa na terceira idade.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições SESC, 2007.

FALEIROS, Vicente de Paula; LOUREIRO, Altair Macedo Lahud (Org.). **Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz.** Brasília, DF: Universa, 2006.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRIGNO, José Carlos. **Co-educação entre gerações.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: SESC, 2003.

FIÚZA, César. **Direito Civil: curso completo.** 9. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 34. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** São Paulo: Olho d' Água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática libertadora.** 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992a.

FREIRE, Paulo. **Ética utopia e educação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra.** 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma bibliografia.** São Paulo: Cortez, 1996.

GRÜN, Anselmo. **A sublime arte de envelhecer.** Tradução de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000**. Brasília, DF, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2003**. Brasília, DF, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2008**. Brasília, DF, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Brasília, DF, 2010.

IZQUIERDO, I. **A arte de esquecer**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

JUNG, C.G. **The Stages of life (As fases da vida)**. Princeton: University Press: Londres: Rautledge & KeganPoul, 1972.

KACHAR, Vitória. **Longevidade**: um novo desafio para a Educação. São Paulo: Cortez, 2001.

KACHAR, Vitória. **Terceira idade e informática**: aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003.

KALACHE Alexandre. Um mundo mais velho: o elo se fecha. **Veja**, São Paulo, n. 1912, p. 11-15jul. 2005.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato Peixoto; RAMOS, Luiz Roberto. The aging of the world population: a new challenge. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 200-210, 1987.

LEMIEUX, A.; MARTINEZ, M. S. Gerontagogia beyond works: a reality. **Educational Gerontology**, local, v. 26, p. 475-498, 2000.

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Morales, 1999.

LEVINSON, D. *et al.* **The Seasons of a Man's life (As fases da vida de um homem)**. Nova York: Knopf, 1978.

LIBANIO, João Batista. **A arte de forma-se**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

LIMA, Mariúza Peloso. **Gerontologia educacional**: uma pedagogia específica para o idoso: uma nova concepção de velhice. São Paulo: LTr, 2000.

LINHARES, Célia; LEITE, Maria Gaspar. **Alfabetização educadora de jovens, adultos e idosos maranhenses**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

MASCARO, Sônia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos, 310).

- MAZO, Giovana Zarpellon. **Atividade física e o idoso**: concepção gerontológica. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez (Org.). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MÍNGUEZ, Jesús García. **La educación en personas mayores**: ensayo de nuevos caminos. Madri: Narcea, 2004.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer**: histórias, encontros, transformações. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MORENO, Matias Bedmar; FRESNEDA LÓPEZ, Maria Dolores; MUÑOZ LÓPEZ, Juana. **Gerontagogía**: educacion em personas mayores. Granada: Universidad de Granada, 2004.
- MORIGUCHI, Dr. Emílio. Idoso, precisamos de tua sabedoria. **Jornal Mundo Jovem**, Porto Alegre, mar. 2003. Seção Sociologia, p. 12-13.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MOYSÉS, Lúcia. **A auto-estima se constrói passo-a-passo**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- NEGREIROS, Teresa Creusa de Goes Monteiro. **A nova velhice**: uma visão multidisciplinar. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papyrus, 2001.
- NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil**: vivência, desafios e expectativa na terceira idade. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo: Edições SESC, 2007.
- NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2005.
- NERI, Anita Liberalesso. **Velhice bem-sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas: Papyrus, 2004.
- NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.
- NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (Org.). **E por falar em velhice**. Campinas: Papyrus, 2000.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa, Dom Quixote, 1994.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento**: um processo sócio – histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva: **Terceira idade**: do repensar dos limites aos sonhos possíveis. São Paulo: Paulinas, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Marco de Ação de Belém**: sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos. Belém, 2009.

PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Apresentação: filigranas da memória: intercâmbios de gerações. **Cadernos do CEDES**, São Paulo, v. 26, n. 68, p. 5-8, jan./abr. 2006a.

PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Lembrar-esquecer: trabalhando com as memórias infantis. **Cadernos do CEDES**, São Paulo, v. 26, n. 68, p. 39-59, jan./abr. 2006b.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS DE BARROS, M. M. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PETRINI, José Carlos. (Org.). **Família, sociedade e subjetividades**: uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2005.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a educação de adultos**: introdução e entrevista de Demerval Saviani e Betty Antunes de Oliveira. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

POLETTI, Rosette; DOBBS, Bárbara. **A resiliência**: a arte de dar a volta por cima. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PY, Ligia *et al.* **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004.

RAMAYANA, Marcos. **Estatuto do idoso comentado**. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2004.

RICHE, Rosa. Oficina da palavra: ler, escrever bem para viver melhor! In: RICHE, Rosa; REZENDE, Luciane (Org.). **Curso de Filosofia**: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: Ed. SEAF, 1998.

RODRIGUES, N. C. **Conversando com Nara Costa Rodrigues sobre Gerontologia Social**. In: SCHONS, C. R.; PALMA, L.T. S. (Org.). 2. ed. Passo Fundo: Ed. UFP, 2000.

ROMÃO, José Eustáquio. Círculo epistemológico-Círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, ano 9, n. 13. p.137-195, jan./jun. 2006.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. **Português, literatura, gramática, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2004.

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade**: a marginalização do corpo idoso. 3. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

SPÓSITO, Marília Pontes. Gerações em solidariedade. **Jornal Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano 41, n. 334, p. 13, mar. 2003.

STAUDE, John-Raphael. **O desenvolvimento adulto de C. G. JUNG**. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

STRECK, Danilo. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TELLES, Vera da Silva. **Direitos sociais**: afinal do que se trata? Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TODARO, Mônica de Ávila. **Vovô vai à escola**: a velhice como tema transversal no ensino fundamental. Campinas: Papyrus, 2009. (Coleção Vivacidade).

TOMIZAKI, Kimi. Apresentação. Educação e direitos humanos: contribuições para o debate. **Cadernos do CEDES**, São Paulo, v. 30, n. 81, p. 129-131, maio/ago. 2010a.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr./jun. 2010b.

TOMMASI, Sonia Bufarah; ORMEZZANO, Graciela (Org.). **Envelhecer com sabedoria**. São Paulo: Paulinas, 2010.

TONETO, Bernadete. **Idoso com muito prazer**: felicidade não tem idade. São Paulo: Salesiana, 2002.

VASCONCELOS, Maria Lúcia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Mack. Pesquisa, 2009.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. **Aprendendo a envelhecer à luz da psicomotricidade**. São Paulo: All Print, 2005.

VIEIRA, Sônia; HOSSNE, William Saad. **A ética e a metodologia**. São Paulo: Pioneira, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semnovich. **A Formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fortes, 1991.

WHITAKER, Dulce C. Andreatta. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse “novo” ator social, titular de direitos. **Cadernos do CEDES**, São Paulo, v. 30, n. 81, p. 180, maio/ago. 2010.

ZIMERMAM, Guite I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ZITKOSKI, Jaime José. **Horizontes da refundamentação em educação popular**. Frederico Westphalen, RS: Ed. URI, 2000.

**APÊNDICE A – CESSÃO DO ESPAÇO DO SESI (SERVIÇO SOCIAL DA
INDÚSTRIA)-CAXIAS/MARANHÃO**

Caxias-MA, 03 de Março de 2008.

Sr. Diretor,

Conforme diálogo mantido com V.Sa, encaminho a programação anexa, que trata das atividades que serão realizadas com um grupo de idosos que participam do Projeto de Pesquisa para fins de estudos em nível de doutorado em educação pela Universidade Federal do Ceará.

Na oportunidade, solicito a colaboração de V.Sa em disponibilizar o espaço dessa renomada Instituição para realizar as atividades ora mencionadas, firmando uma parceria indispensável para efetivar todos os objetivos propostos no Projeto de Pesquisa.

Atenciosamente,

**Prof.^a Deuzimar Costa Serra
Doutoranda**

Ilmo. Sr.

Adilson Reis Pinto de Sousa

M.D. Diretor do SESI/SENAI

Caxias – MA

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS
SÓCIO-DEMOGRÁFICOS**

Amigos do Projeto Intergeracional, precisamos da sua colaboração para responder este questionário que será de grande valia para realizar uma pesquisa sobre a Educação.

1-Faixa etária:

60 a 69 anos 70 a 79 anos 80 a 85 anos

2-Sexo:

Masculino Feminino

3-Grau de Instrução:

Não Alfabetizado Alfabetizado E. Fund. Incompleto E. Fund. Completo

4-Origem

Urbana Rural

5-Estuda?Que modalidade?

Alfabetização; Ensino Fundamental – Séries iniciais. Outro_____

6-Estado civil:

Casado (a) Viúvo (a) Solteiro (a) Divorciado (a) Outro

7-Trabalho remunerado:

Sim Não Aposentado (a)

8-Atividades na sua rotina diária:

Doméstico Agricultura Trabalhos manuais

Auxiliar operacional (vigia ou zelador) Outros_____

09- Religião:

Católica Evangélica Espírita Nenhuma

Outro: _____

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA IDOSOS

Amigos do Projeto Intergeracional, a sua participação nesta entrevista é valiosa para aprofundar os estudos sobre educação de idosos, que poderá contribuir para melhoria de processos educativos com essa geração.

1. Motivos que impediram de estudar e a importância de continuar estudando;
2. Dificuldades de aprendizagem com leitura ou escrita;
3. Apresenta problemas de visão ou Outros problemas de saúde;
4. Renda mensal e participação nas despesas da família;
5. Participa de movimentos comunitários;
6. Importância de participar de movimentos;
7. Comentar sobre a importância do diálogo e o relacionamento com outras gerações (filhos, netos...) na família e a Convivência atual;
8. Concepções sobre velhice;
9. Acontecimento marcante na vida (perdas e ganhos).
10. Conselhos para a vida.

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA PROFESSORES QUE TRABALHAM COM EDUCAÇÃO DE IDOSOS

PROFESSOR: Ao responder estas questões você estará contribuindo significativamente para realização de uma pesquisa e estudos na Educação de Idosos, pois, sua participação é valiosa e essencial para este trabalho. Obrigada!

1. Idade;
2. Grau de instrução;
3. Tempo de trabalho com Educação do Idoso;
4. Participação em cursos sobre Educação do Idoso;
5. Qualificação para atuar na Educação de Idosos;
6. Alternativas metodológicas (gerontagógicas) utilizadas na alfabetização dos Idosos;
7. Recursos didáticos utilizados para alfabetização dos Idosos;
8. O diálogo como estratégia no processo de alfabetização dos Idosos;
9. Dificuldades que enfrenta no trabalho educativo com Idosos;
10. Sugestões para a melhoria do Processo de alfabetização dos Idosos;
11. Atividades realizadas que propiciam a elevação da auto-estima e inserção social dos idosos;
12. As relações entre as gerações como tema gerador;
13. Concepções sobre envelhecer.

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM FILHOS E NETOS DOS IDOSOS

Prezado filho (a) ou neto (a) do Grupo de idosos do Projeto Intergeracional, sua participação nesta entrevista é importante para realizar as conclusões de um estudo sobre a educação dos idosos que participam do projeto intergeracional, sua colaboração é grandiosa para concluir esta pesquisa.

- 1.** Comentar sobre o relacionamento com seus pais e avós;
- 2.** Dialogar sobre os problemas no relacionamento com os mais velhos;
- 3.** Comentar sobre a importância do diálogo nas relações com os pais e avós;
- 4.** Concepção de envelhecer;
- 5.** Sugestão para ter uma velhice saudável.

**APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA
(APÓS INTERVENÇÃO)**

Amigos do Projeto Intergeracional, para continuar nossas atividades, precisamos da sua colaboração, com sugestões para melhorar o projeto.

1. Mudanças na vida, após participação no projeto;
2. Lembrança de uma experiência que marcou no projeto; (Contar uma experiência vivida durante as atividades do projeto que marcou a vida);
3. Sugestão para o projeto intergeracional continuar com apoio da Universidade;
4. Se deseja continuar participando do projeto; Por quê;
5. Citar outras atividades que a Universidade poderia oferecer para os idosos no projeto intergeracional;
6. Se o estudo do Estatuto do Idoso teve influencia na vida; Contar um exemplo;
7. Significado de envelhecer.

APÊNDICE G – PLANOS DE TRABALHO

TEMA GERADOR: Meu Nome.

1 – O QUÊ?

- O Nome;
- Texto: Águia.

2– PARA QUÊ?

- Para reconhecer a importância da existência de si mesmo, do nome e das relações consigo mesmo e com o outro.

3 – COMO?

- Diálogo sobre a origem do nome;
- Reflexão sobre o texto da Águia;
- Exercícios práticos com dinâmicas (qual é o seu nome) (dinâmica das vogais);
- Conversa dois a dois;
- Dinâmica de apresentação: Gestos: A (se abraçar) E (estender as mãos à frente) I (suspender um braço) O (com os braços, gesticular no formato de barriga) U (esticar as duas mãos pra cima).

4 – O QUE UTILIZAR?

- Cartaz com Letras;
- Texto.

5 – COMO AVALIAR?

- A participação nos trabalhos de grupo.

6 – ONDE PESQUISAR?

- Revistas, texto de música (as vogais) e da Águia.

TEMA GERADOR: Família**1– O QUÊ?**

- FAMILIA

2– PARA QUÊ?

- Reconhecer a importância da família na formação do ser humano, como primeira escola da vida.

3 – COMO?

- Reflexão sobre a Música: Oração da Família de Pe. Zezinho;
- Dialogando sobre o tema, com base nas questões:
- O que é família? Importância? Qual a realidade da família atual? Como viver em família? Relacionar os problemas enfrentados na família.

4 – O QUE UTILIZAR?

- CD da Música Oração da Família.

5 – COMO AVALIAR?

- A participação nos Círculos de Cultura;
- Na elaboração de atividades sobre o tema.

6– ONDE PESQUISAR?

- Livros, Revistas, Letra da Música “Família”

TEMA GERADOR: Vida**1– O QUE?**

Textos:

- Música: É preciso saber viver (Roberto Carlos); Vida (Gonzaguinha);
- Dialogar sobre a música.

2 – PARA QUÊ?

- Reconhecer a importância da vida e como melhor conviver consigo mesmo e com os outros;
- Valorizar a vida como um bem precioso, aprendendo a aceitar e respeitar as diferenças.

3 – COMO?

- Apresentação/nomes;
- Leitura compartilhada do texto da música “É preciso saber viver” e Vida;
- Diálogo sobre o tema VIDA: O que é vida? Importância? O que significa saber viver?

4 – O QUE UTILIZAR?

- CD da Música “É preciso saber viver” (Roberto Carlos) e Vida (Gonzaguinha);
- Texto da música.

5 – COMO AVALIAR?

- Leitura do texto da música;
- Interpretação e diálogo em círculo sobre a vida.

6 – ONDE PESQUISAR?

- Na letra da música “É preciso saber viver” (Roberto Carlos) e Vida (Gonzaguinha)

TEMA GERADOR: Trabalho**1– O QUE?**

Textos:

- Música: Cidadão;
- Reflexão da parábola a Vaquinha;
- Dialogar sobre a música.

2 – PARA QUÊ?

- Reconhecer a importância do trabalho para uma vida digna;
- Valorizar todo tipo de trabalho, como forma de dignificar o ser humano.

3 – COMO?

- Leitura compartilhada do texto da música: Cidadão;
- Diálogo sobre o tema TRABALHO: Tipos? Importância?

4 – O QUE UTILIZAR?

- CD da Música “Cidadão” (Lúcio Barbosa) Vocalista: Zé Ramalho
- Texto da música.

5 – COMO AVALIAR?

- Leitura do texto da música;
- Diálogo sobre trabalho.

6 – ONDE PESQUISAR?

- Na letra da música “Cidadão”.

TEMA GERADOR: Valores: amor, respeito, responsabilidade, fraternidade, solidariedade e justiça.

1– O QUE?

Textos:

- Parábola: A ilha dos sentimentos;
- Dialogar sobre o texto;
- Valores a serem trabalhados: amor, respeito, responsabilidade, fraternidade, solidariedade e justiça (30 min.);
 - ✓ **DINÂMICAS:** Balões – 50 com palavras que expressam valores (trocar balões com os colegas, cumprimentando), logo após, forma frases que expressam a relação da educação com o valor encontrado.
- Diálogo/relação com o texto anterior;
- Atividades, localizar palavras, sublinhar, destacar, escrever, criar frases.

2 – PARA QUÊ?

- Reconhecer a importância dos valores: amor, respeito, responsabilidade, fraternidade, solidariedade e justiça, para melhor convívio consigo mesmo e com os outros.

3 – COMO?

- Apresentação/nomes;
- Leitura compartilhada;
- Diálogo sobre o tema;
- Exercícios práticos sobre o texto.

4 – O QUE UTILIZAR?

- Texto da Parábola;
- Cartaz.

5 – COMO AVALIAR?

- Avaliação diagnóstica;
- Atividades orais e escritas;
- Desenhos;
- Dramatização.

6 - ONDE PESQUISAR?

- Nos textos, revistas, livros, etc.

TEMA GERADOR: As fases da vida (Estações do ano)

1– O QUÊ?

- O Ciclo da vida em quatro estações;
- Músicas: Como uma onda (Lulu Santos)/Tempo Rei (Tim Maia)

2– PARA QUÊ?

- Para compreender as fases da vida e as características das idades.

3 – COMO?

- Diálogo sobre o Ciclo da vida, comparando as quatro estações.

4 – O QUE UTILIZAR?

- Texto de Rubens Alves;
- Texto de Esther Harding (autora de estudos sobre a vida e as quatro estações).

5 – COMO AVALIAR?

- Participação nos diálogos;
- Elaboração de pequenos parágrafos sobre velhice.

6 – ONDE PESQUISAR?

- Nos textos, revistas, livros, etc.

TEMA GERADOR: Círculos de leitura**1– O QUÊ?**

- LEITURA E ESCRITA X NOME, VIDA, FAMÍLIA, TRABALHO E VALORES

2 – PARA QUÊ?

- Reconhecer e distinguir consoantes das vogais;
- Exercitar lendo e escrevendo palavras, frases e pequenos parágrafos.

3– COMO?

- Pronúncia das letras do alfabeto;
- Leitura das letras no formato de uma corrente;
- Exercício escrito de palavras, frases e pequenos parágrafos.

4 – O QUE UTILIZAR?

- Letras no formato caixa alta;
- Corrente para colagem das letras.

5 – COMO AVALIAR?

- Participação nos diálogos e Exercícios.

6 – ONDE PESQUISAR?

- Nos textos, revistas, livros, etc.

OFICINA: GESTÃO DA LINGUAGEM NO PROJETO INTERGERACIONAL

PLANOS DE TRABALHO

TEMA GERADOR: NOME

1 – O QUE?

Textos:

- Música: De Teresina à São Luís (compositor: João do Vale e Helena Gonzaga; voz: Alcione)
- Dialogar sobre a música;
- Analisar a letra da música a partir de nomes próprios.

2 – PARA QUÊ?

- Utilizar de forma adequada a letra maiúscula nos diversos textos a partir da música;
- Aprender/reconhecer o tipo de letra utilizada para escrever o nome do participante (substantivo próprio).

3 – COMO?

- Apresentação/nomes escritos;
- Leitura compartilhada;
- Diálogo sobre a música;
- Exercícios práticos sobre o texto.

4 – O QUE UTILIZAR?

- Música;
- Texto;
- Mensagem;
- Data show;
- Letras (alfabeto).

5 – ONDE PESQUISAR?

- Nos textos, revistas, livros, etc.

6 – COMO AVALIAR?

- Avaliação diagnóstica;

- Atividades orais e escritas;
- Depoimentos.

7 – REFERÊNCIAS:

- CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual. 2005.
- <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/leitura-pelo-aluno-aprender-ler-eja-515557.shtml>
- Luiz Gonzaga: Seu Canto, Sua Sanfona, Seus Amigos vol. 7 Cd Gonzaga
- Riche, Rosa. Oficina da palavra: ler, escrever bem para viver melhor! / Rosa Riche e Luciane Rezende, Antonio (org.). Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação - 8. ed. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar. Ed. SEAF, 1998;
- SARMENTO, Leila Lauer e Tufano, Douglas. Português, literatura, gramática, produção de texto. São Paulo: Moderna. 2004.

TEMA GERADOR: GÊNERO TEXTUAL “CARTA”

1 – O QUÊ?

- Produzir uma carta coletivamente;
- Analisar a letra da música “Valsinha” de Chico Buarque de Holanda
- Observar e explorar as diferenças entre a linguagem oral e a escrita.

2 – PARA QUÊ?

- Desenvolver habilidades orais;
- Estimular a produção da carta coletivamente.

3 – COMO?

- Produção da Carta coletivamente;
- Analisando a música Valsinha de Chico Buarque;
- Conversando com a turma sobre o envio e recebimento de cartas.

4 – O QUE UTILIZAR?

- Texto, som, cd, cartaz, Data show, letra da música “Valsinha”.

5 – ONDE PESQUISAR?

- Revistas, livros, internet.

6 – COMO AVALIAR?

- A participação nos trabalhos de grupo.

7 – REFERÊNCIAS:

- CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual. 2005.
- <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45099/>
- <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45186/>
- <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/leitura-pelo-aluno-aprender-ler-eja-515557.shtml>
- Riche, Rosa. Oficina da palavra: ler, escrever bem para viver melhor! / Rosa Riche e Luciane Rezende, Antonio (org.). Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação-8.ed. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar. Ed. SEAF, 1998;
- SARMENTO, Leila Lauer e Tufano, Douglas. Português, literatura, gramática, produção de texto. São Paulo: Moderna. 2004.

TEMA GERADOR: TEXTO POÉTICO

1 – O QUÊ?

- Leitura de texto poético.
- Processo de escrita.

2 – PARA QUÊ?

- Aumentar o conhecimento literário;
- Discutir acerca da leitura;
- Analisar os textos poéticos.

3 – COMO?

- Falando um pouco sobre a autora Cora Coralina;
- Lendo o Poema *Das Pedras* de Cora Coralina;
- Fazendo questionamentos a respeito do poema;
- Analisando os pressupostos e subtendidos contidos no poema.

4 – O QUE UTILIZAR?

- Data show, Cartões, lápis e cópias da poesia *Das Pedras*, de Cora Coralina, publicado em *Meu Livro de Cordel*.

5 – ONDE PESQUISAR?

- Livros e revistas.

6 – COMO AVALIAR?

- Releia o poema e pergunte ao grupo o que mudou na compreensão do texto depois das atividades. Analise a coerência entre as respostas e as perguntas que foram feitas durante todo o trabalho e as mudanças efetivas entre a leitura inicial e a final.

7 - FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

- Coralina Cora, 1889 – 1985. *Meu Livro de Cordel/ Coralina* – 9. ed. – São Paulo: Global, 2001 (obras de Cora Coralina).
- <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/leitura-pelo-aluno-aprender-ler-eja-515557.shtml>

DIREITOS FUNDAMENTAIS (05 ENCONTROS)

PLANOS DE TRABALHO

TEMAS GERADORES:

- O Estatuto do Idoso e os direitos fundamentais;
- Velho é o teu preconceito.

1 – O QUÊ?

- Direitos fundamentais: Vida, Saúde, Educação, Esporte e lazer, Trabalho e Previdência Social.

2– PARA QUÊ?

- Conhecer os direitos fundamentais garantidos no Estatuto do Idoso;
- Exercitar a leitura e escrita a partir das conclusões dialogadas sobre o tema.

3 – COMO?

- Diálogo sobre o tema;
- Produção de parágrafos sobre os direitos fundamentais dos idosos;
- Leitura de trechos da lei, utilizando o retroprojeter e Data Show.

4– O QUE UTILIZAR?

- O Estatuto do Idoso, Lei Nº 10.741, de 01/10/2003.

6– COMO AVALIAR?

- Participação nos diálogos e na elaboração de frases e pequenos textos.

5 – ONDE PESQUISAR?

- No Estatuto do Idoso, Lei Nº 10.741, de 01/10/2003 e na CF/1988
- Estatuto do Idoso em Cordel

PLANOS DE TRABALHO

TEMA GERADOR: Estatuto do idoso em Cordel

1– O QUÊ?

- Estatuto do Idoso em Cordel

2 – PARA QUÊ?

- Apresentar as características do Cordel no Estatuto do Idoso;
- Discutir sobre as temáticas do Estatuto do Idoso em Cordel;
- Relacionar as temáticas do Estatuto do Idoso em Cordel com a realidade dos participantes.

3 – COMO?

- Formar grupos para apresentação do Estatuto do Idoso em Cordel de acordo com a escolha do grupo;
- Discutir acerca da temática do Cordel relacionando com a realidade dos participantes.

4 – O QUE UTILIZAR?

- O Estatuto do Idoso em cordel.
- Mensagem.

5– ONDE PESQUISAR?

- No Estatuto do Idoso em Cordel, (Org. Deuzimar Serra).

6 – COMO AVALIAR?

- Observando a participação dos alunos.

ROTEIRO DOS EVENTOS

PLANOS DE TRABALHO

1-O QUE?

- **Tema:** Encontros Intergeneracionais (Confraternização, Aniversários, Atividade Cultural com Boi Brilho das Gerações, Dia dos Idosos e Serestas).

2-PARA QUE?

- Promover encontros intergeracionais para resgatar e fortalecer valores primordiais a convivência humana;
- Organizar e promover atividades culturais para integração entre as gerações: idosos, filhos e netos.

2- COMO?

- Planejar e organizar atividades diversificadas que contemplem e destaque os principais valores: respeito, responsabilidade, fraternidade, diálogo, amor, solidariedade e justiça. (Exemplos: Dinâmicas, paródias, parábolas, fábulas, teatro, dramatização e músicas);
- Outras atividades: Apresentação do Boi Brilho das Gerações; Literatura em Cordel, Poesias, Versos, Serestas, narração de pequenos fatos, histórias e lição de vida, envolvendo a participação de pelo menos três gerações: Pais, filhos e avós.

CRITÉRIOS BÁSICOS PARA REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES:

- Criar comissão organizadora, composta por alunos, professores e pais de alunos;
- Selecionar e planejar as ações;
- Eleger as principais atividades que serão apresentadas no dia do evento.

3 – PERÍODOS PARA REALIZAÇÃO:

- Principais eventos da Escola, aproveitando as datas comemorativas: dia das mães, páscoa, dia dos pais e outros.

4 – LOCAIS DE REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES:

- Universidade, Centros de Convivência dos Idosos, SESI (Caxias), Instituições que trabalham com programas sociais, Igrejas e outros.

EVENTOS

PLANOS DE TRABALHO – FESTEJO JUNINO

TEMA GERADOR: Encontro das Gerações (Boi Brilho das Gerações)

1-TITULO: BOI BRILHO DAS GERAÇÕES

2-ANO DE CRIAÇÃO: 2008

3-OBJETIVOS GERAIS:

3.1-Promover atividades com o Bumba meu boi, que cultive e resgate as raízes e identidade cultural maranhense;

3.2-Oportunizar momentos de integração entre gerações, envolvendo idosos, filhos e netos.

4-MARCO REFERENCIAL:

O grupo de idosos do Centro de Convivência da Cohab, Caxias-MA, participam do Programa de extensão Universitária denominado Intergeracional, aprovado no Colegiado da UEMA, em 2005, através de Projeto elaborado e apresentado pela Prof^a Deuzimar Costa Serra, ao Departamento de Educação do CESC/UEMA;

O Boi Brilho das Gerações, integra o Programa Intergeracional, como uma das atividades educativas e culturais interagindo idosos com outras gerações;

As atividades do Programa estão relacionadas a uma Pesquisa para fins de aprofundamento e estudos de Tese de Doutorado pela UFC (Universidade Federal do Ceará).

5-LOCAIS DE ENCONTROS: SESI/SENAI de Caxias-Maranhão

6-DIAS DA SEMANA: AOS SÁBADOS E DOMINGOS

7-RESPONSÁVEIS: Deuzimar Costa Serra, Otila Moraes e Cristiane Oliveira Nunes

II SEMINÁRIO INTERGERACIONAL

Período: 20 a 21/11/2009

PLANO DE AÇÃO

Dia 20 /11/2009 – MATUTINO E VESPERTINO

9h00 - Abertura: Composição da Mesa e a execução do Hino Nacional e Caxiense.

Apresentação Cultural: Dramatização “Colhemos”

1-TEMA: Estatuto do Idoso com foco na educação continuada, qualidade de vida e longevidade.

2-OBJETIVO GERAL:

- Propiciar um encontro entre gerações, espaço para estudar, refletir, dialogar e trocar experiências na perspectiva de congregar ações educativas que contribuam para autoestima, educação continuada, qualidade de vida e longevidade do segmento jovem, adulto e idoso.

3-PROGRAMAÇÃO:

“Colhemos aquilo que plantamos” (**Idosos do Projeto Intergeracional**)

9h30 - MESA REDONDA - Tema: Estatuto do Idoso em Caxias: Avanços e Desafios

Componentes: Daniel Ponte Vieira – Defensor Público/Dr. Antonio Manoel Araújo Veloso – Juiz de Direito da Infância e Juventude/ Dr. Fernando Evelin – Promotor dos direitos dos idosos da comarca de Caxias.

10h30 – Intervalo/ Lanche

10h45 – Continuação da Mesa Redonda

11h15- Participação da Plenária:

11h45- Lançamento do Estatuto do Idoso em Cordel.

12h00 - Intervalo/Almoço

14h00 - Palestras

- Secretaria Municipal de Assistência Social (Ação Integrada nos Centros dos Idosos)– Sec. Dr.^a Maria de Fátima Liguori Trinta.
- Política do Idoso em Caxias: Avanços e Desafios - Sr.^a Josefa Sousa Oliveira (Presidente do Conselho do Idoso - Caxias/MA).
- A contribuição da Universidade na formação continuada dos idosos numa perspectiva intergeracional – Prof.^a MSc. Deuzimar Costa Serra.

15h50 – Intervalo/Lanche

16h00 – Palestra: Alimentação é Vida

18h00 - Encerramento das atividades do dia.

Dia 21/11 - MATUTINO E VESPERTINO

9h00 – OFICINAS

Temas: 1-Corpo e Movimento; 2-Educação para o envelhecimento; 3-Roda de Leitura Intergeracional; 4 - Prevenir para Viver Melhor; 5-Formática no Cotidiano

10h30 – Intervalo/ Lanche

10h45 – Continuação das Oficinas

12h00: Intervalo/ Almoço.

14h00 Plenária

- ✓ Socialização das experiências e atividades realizadas nas Oficinas;
- ✓ Avaliação do II Seminário Intergeracional;

16h00 - Apresentação Cultural: Projeto Intergeracional (C.I. Cohab);
Repentistas

18h00 – Encerramento

OBS: REGISTRA-SE A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DOS ALUNOS DO CURSO DE ENFERMAGEM COM ATENDIMENTO AOS IDOSOS E PALESTRAS NA ÁREA DA SAÚDE, CONTROLE DA PRESSÃO, GLICOSE E PESO.

AULAS PASSEIO
PLANOS DE TRABALHO

TEMA GERADOR: SÃO LUIS, SÃO JOSÉ DE RIBAMAR, PROJETO REVIVER

1– O QUÊ

Viagem a São Luis, São José de Ribamar e Projeto Reviver

2– PARA QUÊ?

Para conhecer pontos turísticos e históricos do Maranhão

3 – COMO?

Locar um ônibus;

Orientar percurso nas três cidades;

Visitar dialogando sobre a importância dessas cidades para nossa história e sociedade maranhense.

4 – O QUE UTILIZAR?

Ônibus;

Utensílios pessoais;

Mapa do Maranhão

5 – COMO AVALIAR?

Participação dos Idosos, filhos e netos

6 – ONDE PESQUISAR?

Mapa e pessoas da comunidade

TEMA GERADOR: SCHINCARIOL**1– O QUÊ?**

Visita a Schincariol

2– PARA QUÊ?

Conhecer a fábrica e o seu funcionamento;

Conhecer os procedimentos para produção da cerveja.

3 – COMO?

Locar um Ônibus;

Orientar o percurso e como agir dentro da Fábrica;

Participar da exposição oral do funcionário da Fábrica sobre os procedimentos para produção da cerveja.

4 – O QUE UTILIZAR?

Ônibus e pertences pessoais

5 – COMO AVALIAR?

Participação dos idosos durante a exposição oral sobre os procedimentos da produção da cerveja.

TEMA: LAZER E RECREAÇÃO**1– O QUÊ?**

Lazer e Recreação no Sítio: Hidroginástica, Danças, Jogos e Dinâmicas.

2– PARA QUÊ?

Promover a interação entre os idosos;

Oportunizar momentos de lazer e recreação para o bem estar e convívio saudável entre os idosos.

3 – COMO?

Locar Ônibus;

Orientar percurso;

Articular os recursos materiais para realização do Lazer: Alimentação, água, sucos e utensílios pessoais

4 – O QUE UTILIZAR?

Ônibus, Bolas, Bilharina, Baralho e Dinâmicas

5 – COMO AVALIAR?

A participação dos idosos, filhos e netos

ROTEIRO DE EVENTO PLANOS DE TRABALHO

Dia Nacional do Idoso

1 – O que?

- **Temas:** Oficinas Pedagógicas
- 1 – Roda de Leitura Intergeracional;
- 2 – Corpo, Arte e Movimento (pintura, parábolas, dinâmicas, desenho, dança, música, poesia, versos);
- 3 – Memória cultural e histórica. (Narrar história de vida (linha do tempo));
- Árvore genealógica;
- 4 – Alfabetização digital (noções sobre computação).

2 – Para que?

- Compreender as diferentes leituras na relação entre gerações, destacando os valores (respeito, responsabilidade, diálogo e solidariedade);
- Desenvolver atividades artístico cultural que estimule a participação e o aumento da auto-estima dos idosos;
- Exercitar noções elementares de informática;

3 – Como realizar?

- Utilizando alternativas metodológicas diversificadas, por meio de atividades educativas, envolvendo leitura, narração de história, dinâmicas, paródias, fábulas, história de vida, músicas e noções de informática.

4 – O que utilizar?

- Papel chamex, livros, revistas, tintas, pincéis, papel almaço, caneta, lápis, borracha, papel 40, papel madeira, cartolina, Microsystem, CD e cavalete.

5 – Como avaliar?

- Participação dos idosos nas atividades;
- Produção de textos;
- Narração de fatos, história de vida;
- Digitação de letras, números, palavras e frases.

TEMA GERADOR: Partilha do Café da Manhã

1– O QUÊ?

Partilhar um Café da Manhã;

Compartilhar e dialogar sobre a importância de continuar estudando...

2– PARA QUÊ?

Para interação dos idosos no grupo;

Valorizar momentos de partilha e cooperação.

3 – COMO?

Partilhar frutas, pães, suco e leite.

4 – O QUE UTILIZAR?

Pães, sucos, leite e café

5 – COMO AVALIAR?

Participação dos idosos

PLANO DE TRABALHO – CICLO DE PALESTRAS SOBRE OS TEMAS:

(Parceria com o Curso de Enfermagem do CESC/UEMA)

TEMAS GERADORES:

- Saúde & Longevidade; (Caminhadas, hidroginástica, Massagem, Música...)
- Prevenção X Qualidade de vida (diabete, colesterol, hipertensão);
- Doenças da visão;
- Alzheimer;
- Insônia;
- Hábitos Alimentares;
- Osteoporose;
- Doenças de Próstata.

1– O QUÊ?

TEMAS SOBRE SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA

2– PARA QUÊ?

- Reeducar os hábitos alimentares para manter uma vida saudável, adquirir bem-estar e melhoria da autoestima.

3 – COMO?

- Diálogo sobre os temas (esclarecimentos);

4 – O QUE UTILIZAR?

- Cartazes, pincéis e cartolina;
- Área de convivência e salas do SESI de Caxias;
- Data show

5– COMO AVALIAR?

- Observando através dos depoimentos as mudanças ocorridas no modo de pensar e agir;
- A participação do grupo.

PLANO DE TRABALHO – PREPARAÇÃO NATALINA

TEMAS GERADORES:

- Arte e Terapia;
- Paz.

1– O QUÊ?

- Trabalhos manuais: confecção de enfeites natalinos;
- Guirlanda, mosaicos e utensílios pessoais;
- Coreografia da música “Todos estão surdos” de Roberto Carlos.

2 – PARA QUÊ?

- Decorar casa no período do natal;
- Descobrir na arte um prazer para construir a beleza das coisas que produzimos;
- Para difundir a mensagem por meio da apresentação durante a confraternização;
- Partilhando, através de mensagens e troca de presentes.

3– COMO?

- Criando sistema de monitorias, onde os que já sabem ensinam os que não sabem;
- Socializando experiências com trabalhos manuais.

4 – O QUE UTILIZAR?

- Papel crepom, celofane, tinta, pincel, papel laminado, bolas de natal, isopor.

5 – COMO AVALIAR?

6– ONDE PESQUISAR?

- Nas revistas, jornais;
- A participação dos idosos.

APÊNDICE H – ATIVIDADE SOBRE MEMÓRIA COM OS IDOSOS*Aprendendo e Ensinando para viver melhor***ATIVIDADE**

- 1.** Lembranças e experiências com meus pais, avós e bisavós.

- 2.** Como a Escola poderia trabalhar esse conteúdo com crianças, jovens e adultos?

- 3.** Para você o que é envelhecer?

APÊNDICE I – BOI BRILHO DAS GERAÇÕES

COMPOSITORA: *Deuzimar Costa Serra*

REF.: *Chegou (bis) o boi Brilho das Gerações, pra brincar neste terreiro, com muita animação (bis) Ê rapaziada! Ê moçada!*

1 – O boi brilho das gerações, encantou os corações com a presença de todos, integrou as gerações.

2 – A vida tem mais valor quando tem paz e amor entre as gerações construindo um mundo irmão. (novo)

3 – Escute ó gerações, ouçam bem com atenção na vida só é feliz, quem respeita o seu irmão.

4 – A Deus rendemos graças pela vida que nos foi dada, por todas gerações e a experiência acumulada.

5 – A princesa do sertão, é Caxias do Maranhão, berço dos poetas, o brilho das gerações.

6 – Adeus já vou embora, agradeço pela atenção, qualquer dia eu volto pra animar este terrão.

APÊNDICE J – QUADRO 2 – MOTIVOS QUE IMPEDIRAM OS IDOSOS DE FREQUENTAR A ESCOLA

MOTIVOS QUE IMPEDIRAM DE FREQUENTAR A ESCOLA	
GÊNERO	“Não estudei, minha família não deixou, principalmente meu pai, o homem tinha que ter uma roça, um paiol de arroz, um cavalo e uma mulher bonita”. (Aga1)
	“Meu pai não deixou estudar, porque se aprendesse a ler e a escrever ia mandar carta para namorado”. (Aga2)
	“Morava no interior, meu pai não deixava estudar, porque se não arranjava namorado, porque aprendia fazer carta para namorado, devia era trabalhar na roça”. (Aga3)
	“Meu marido não deixou eu estudar, porque dizia que ia arranjar homem”. (Aga4)
	“Não continuei os estudos porque casei”. (Aga5)
CONTEXTO	“Não frequentei escola, porque trabalhava na roça e no interior não tinha escola”. (todas as ag.amor)
	“Não estudei porque morava no interior”. (todas as ag.amor)
	“Não tinha mãe e nem pai e morava no interior, por isso não estudei”. (Aga6, 7 e 8)
TRABALHO	“Meu pai tirou da escola, não deixou estudar porque tinha que trabalhar”. (Aga9)
	“Nasci na zona rural, não tinha escola, tinha que trabalhar na roça”. (Aga10 e 20)
	“Não continuei os estudos porque tinha que trabalhar e cuidar da família”. (Aga11)
	“Durante a minha vida dediquei o meu trabalho na agricultura, na roça, plantando e colhendo arroz, feijão, mandioca e milho”. (Aga12 e 13)
	“Trabalhei na agricultura, não me formei na área, mas conheci e troquei experiências com doutores, técnicos nesse assunto...criei bode, porco e galinha”. (Aga14)
	“fazer as coisas de casa, parir e criar os filhos”. (Aga15, 18 e 19)
	“Além de parir filhos, trabalhei na roça, fazia coivara, plantei arroz, mandioca, milho e feijão, em geral começava o plantio em dezembro e depois a gente ia pra colheita”...também participava da farinha, penerando e fazendo farinha, tirando leite da vaca”. (Aga16)
	Uma Águia, mãe de 17 filhos, enfatizou: “além de trabalhar na roça, quebrei coco e ainda quebro...plantava, colhia...capinava e fazia caeira”. (Aga17)

Fonte: Projeto Intergeracional, 2009.

APÊNDICE K – QUADRO 3 – IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR

IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR	
AUTONOMIA X AUTO ESTIMA	“Estou estudando, porque acho importante aprender ao menos assinar o nome e não botar o dedo”. (Aga1)
	“É importante estudar, porque quem não estuda é cego, surdo e mudo e quando alguém pergunta se sabe assinar o nome, tem que botar o dedão é chato”. (Aga2)
	“O mundo me ensinou a ler e escrever e contar, foi necessidade, não foi a escola, tive que fazer um curso de relações humanas para arranjar emprego em 1975 no Tucuruí”. (Aga3)
	“Porque a gente estudando vê a leitura e não precisa perguntar pra ninguém quando chegar no comércio”. (Aga4)
	“Porque cada dia a gente aprende”. (Aga5)
	“É muito bom deixar de ser analfabeta. É bom a gente saber estudar. (Aga6)
	“Para ajudar ensinar os filhos e netos”. (Aga7)
	“Para ler a Bíblia”. (Aga8)
LEITURA DE MUNDO X INSERÇÃO SOCIAL	“É muito ruim a pessoa olhar e não enxergar, meu sonho é aprender aqui para ler a Bíblia na Igreja”. (Aga9)
	“Porque sabe mais da vida”. (Aga10)
	“É importante, porque a gente melhora de vida”. (Aga11)
	“Pra mudar de vida”. (Aga12)
	“Pra arranjar trabalho e o pão de cada dia”. (Aga13)

APÊNDICE L – QUADRO 4 – FATOS QUE MARCARAM A SUA VIDA

FATOS QUE MARCARAM A SUA VIDA	
PERDAS	“Separação por causa de outra”. (Aga1)
	“Morte da minha mãe e pai”. (Aga2)
	“Não conhecer mãe e pai”. (Aga3)
	“Arrependimentos de uma decisão tomada”. (Aga4)
	“Meu casamento não foi bom, o homem me deixou sozinha com 9 filhos, era uma escadinha”. (Aga5)
	“Tinha uma filha que tinha uma venda e um dia os malandros mataram e hoje crio os filhos dela”. (Aga6)
	“Ficar só para criar os filhos”. (Aga7)
	“Hoje eu estou velha, não tenho ninguém para me perturbar, mais entreguei minha vida a Jesus”. (Aga8)
	“Quando tinha minha saúde”. (Aga9)
	“Perdi uma irmã minha há 06 meses”. (Aga10)
	“Namorar, me casar nova e separar”. (Aga 11)
	“Quando casei, meu marido era mesmo que ser minha mãe e meu pai, o que é bom dura pouco só 28 anos – faleceu”. (Aga12)
	“A morte de meu filho por acidente”. (Aga13)
GANHOS	“O aniversário de minha mãe de 90 anos”. (Aga14)
	“Ter uma casa e oportunidade de criar 12 filhos”. (Aga15)
	“Passeio em São Luis e São José de Ribamar”. (Aga16)
	“Quando os meus filhos estão em casa”. (Aga17)
	“O nascimento dos meus filhos e netos”. (Aga18)
	“Só coisas boas, gostava de festa, me casei e gostei”, pois casar é viver bem”. (Aga19)
	“Quando aprendi a ler e a escrever” (Aga20)
“Eu me sinto feliz, porque vivi até essa idade e consegui me aposentar” (Aga17)	

Fonte: Projeto Intergeracional, 2009

**APÊNDICE M – QUADRO 5 – CONCEPÇÕES NEGATIVAS SOBRE
ENVELHECIMENTO**

CONCEPÇÕES	ENVELHECER
	<p>“Preocupação, doença, vício de alcoolismo, cigarro e exagerar no trabalho e desgosto, algo que lhe machuca de mais e você não sabe como resolver”. (Ága1 e 2)</p> <p>“Abandono, doença, sofrimento e solidão” (Ága3 e 5)</p> <p>“Envelhecer é desprezar a vida, não querer sair de casa, não quer participar de nada, ficar triste em casa, a velhice lhe acompanha isto é que é envelhecer. (Ága7 e 10)</p> <p>“É bom mais se não tivesse problema de saúde era melhor, temos que aceitar o que Deus quer”. (Ága11 e 13)</p> <p>“Não é muito bom porque era melhor quando fui novo, mas mesmo eu estando ficando velho eu estou aproveitando mais a vida”. (Ága 20)</p>

Fonte: Projeto Intergeracional, 2009

APÊNDICE N – QUADRO 6 – VALORES

ACONSELHAR	
VALORES	“Devemos orientar e ajudar uns aos outros e ser unidos”. (Aga1 e 2)
	“É preciso saber viver, ter paz e amar para viver bem”. (Aga 3)
	“Viva, amando ao seu próximo, procure viver com felicidade”. (Aga 4 e 5)
	“Cada qual deve cuidar de si e viver sua vida respeitando os outros”. (Aga 7)
	“Ser educado, prestar atenção as pessoas e tratar bem”. (Aga 6)
	“Ser amigo, amizade sincera é a coisa mais importante”. (Aga10 e 11)
	“Que as pessoas sejam mais solidárias e humanas”. (Aga12 e 13)
	“A vida é muito boa com saúde e dinheiro para comprarmos o que necessitamos”. (Aga14)
	“Aproveitar e valorizar cada dia mais a vida que Deus nos deu, como se fosse o último”. (Aga15)
	“Quando a pessoa chega a 3ª idade, tem que procurar participar do centro do idoso”. (Aga16)
	“Não beber, não fumar, não usar drogas e fazer o bem”. (Aga17 e 19)
	“Ter bons procedimentos”. (Aga 20)
	“Que as pessoas a cada dia que passa plante a semente da paz, amor e da felicidade que é disso que precisamos”. (Aga 9)
	“Para todos os jovens e adultos que preste atenção a vida, vamos procurar viver, ter fé, procurar a igreja e a vida é essa”. (Aga 8)

Fonte: Projeto Intergeracional, 2009.

**APÊNDICE O – QUADRO 7 – CONCEPÇÕES POSITIVAS SOBRE
ENVELHECIMENTO**

CONCEPÇÕES POSITIVAS	ENVELHECER
	<p>“É ter prazer de viver com saúde, paz e harmonia, ter capacidade de viver os melhores anos da minha vida”. (Ága1 e 17)</p> <p>“É ter amadurecimento, conhecimento e agora tenho oportunidade de estudar e passear e me divertir com meus amigos”. (Ága 2)</p> <p>“Viver com a minha família, participar do Projeto Intergeracional, das atividades e me divertir bastante”. (Ága 4)</p> <p>“Na minha opinião é uma vitória, viver com a minha família, ter saúde e se cuidar”. (Ága 5 e 16)</p> <p>“Tenho oportunidade de aprender, passear, ter amigos, experiências para compartilhar coisas que eu não tinha quando era jovem”. (Ága 6)</p> <p>“É uma felicidade, um sinal que a gente tem muita coisa boa como experiência, saúde para compartilhar”. (Ága 3 e 7)</p> <p>“É ter conhecimentos para compartilhar com os mais jovens”. (Ága 8 e 20)</p> <p>“Envelhecer é ótimo porque é sinal que a gente já viu muitas coisas boas”. (Ága 9)</p> <p>“Para mim é maravilhoso, porque já tive muitas experiências na vida. Sou feliz, não tenho revolta com a minha idade, não me acho incapaz de nada graças a Deus. Só tenho que agradecer a Deus por estar durando todos esses anos”. (Ága 10)</p> <p>“É bom porque estou aproveitando a liberdade. Quando eu era nova não podia sair de casa, agora participo de diversas coisas”. (Ága 11 e 19)</p> <p>“É a última etapa da vida, eu me divirto mais, coisa que eu não fazia na juventude”. (Ága 12 e 18)</p> <p>“Envelhecer é uma dádiva de Deus. É ter experiência. Envelhecer é muito bom, pois se aposenta, aí tem seu dinheiro e paga suas contas e não vive humilhado pelos outros”. (Ága 13 e 15)</p> <p>“Foi bom porque quando eu era jovem só trabalhava, depois que eu aposentei eu renasci de novo, parei de trabalhar, exageradamente e passei a me divertir, dançar, brincar boi, brincar quadrilha”. (Ága 14)</p> <p>“É uma vida nova no idoso, temos muitos direitos”. (Ága 15)</p> <p>“Felizes são aqueles que envelhecem porque tem muitas pessoas que não conseguem”. (Ága 16)</p> <p>“Envelhecer e viver bem ter sabedoria ter experiência de vida e ser feliz, respeitar para ser respeitada amar e ser amada compreender para ser compreendida”. (Ága 17)</p> <p>é agradecer a Deus pelos anos de vida, não depender, ser independente, passear, ser feliz, ter amigos, viver muito, respeitar outras idades...(Ága 18,19 e 20)</p>

Fonte: Projeto Intergeracional, 2009.

APÊNDICE P – QUADRO 8 – MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS

APÊNDICE Q – QUADRO 9 – EXPERIÊNCIAS MARCANTES

EXPERIÊNCIAS MARCANTES	
EVENTOS	“Boi brilho das Gerações e tenho fé em Deus que vamos brincar outra vez esse ano”.(Aga1 e 2)
	“Todas foram boas, os dias de lazer no Sítio, os encontros no Centro de Convivência, A visita na Schincariol foi bom, aprendi como fazer cerveja, muitas coisas foram explicadas pra nós, agora se perguntarem sobre Schincariol, a gente já sabe falar como se faz cerveja, né”(Aga 3,4 e 7)
	“A Viagem de São Luís, gostei muito das praias e das palestras na UEMA”. (Aga 5 e 6)
	“Diversas coisas, o que mais marcou foi o Seminário, as leituras e o café da Manhã”.(Aga 8, 9 e 10)
	“Marcou, porque a gente não fica só em casa, tem um lugar muito legal que a gente pode ir e você é uma pessoa muito maravilhosa”. (Aga 13)
	“Fui bem recebida pelo Reitor na UEMA de São Luís, a gente se sentiu muito feliz com uma participação muito boa e acolhimento” (Aga17)
“Influenciou sim, inclusive naquele dia na UEMA, no Seminário o Dr. Veloso deu esclarecimento pra nós sobre nossos direitos, todo mundo estava lá. Drª Cecília falou sobre alimentação, Drª Silviane que falou sobre a leitura, foi maravilhoso, foi tudo de bom”. (todas as ag.amor)	
ATIVIDADES	“O Projeto da UEMA com a Profª Deuzimar, o café da manhã, as caminhadas, os banhos, os estudos e o Estatuto”. (todas as ag.amor)
	“Ter muita amizade, fazer amigos, aprender a ler escrever, que eu escrevia muito ruim, não tinha noção, mas pra mim estar desenvolvido, Graças a Deus, leio qualquer jornal, sabendo da História do Brasil”. (Aga19)
	“As professoras, que são muito dedicada, explica bem, o projeto eu só tenho pena, porque fiquei sem minha esposa que era minha companheira e depois disso eu perdi muita aula. Porque eu penso todo dia que estou só”. (Aga 20)
	“Marcou, porque a gente não fica só em casa, tem um lugar muito legal que a gente pode ir e você é uma pessoa muito maravilhosa”. (Aga18)

APÊNDICE R – QUADRO 10 – PROJETO INTERGERACIONAL: SUGESTÕES

SUGESTÕES	
PROJETO INTERGERACIONAL	“Com apoio da UEMA, eu quero que o projeto continue, com nós, com muito amor, como vem sendo com a nossa educadora Profª Deuzimar e a Profª Bete”. (todas as ag.amor)
	“Apoio da UEMA” e das autoridades” (todas as ag.amor)
	“Sugiro um abaixo assinado para levar a Prefeitura para ajudar o Projeto, com a ajuda da Pastoral do Idoso”. (todas as ag.amor)
	“Continuar, você sabe que nós lhe ama de coração, não queremos nos afastar de você”. ”. (todas as ag.amor)
	“O Prefeito botasse médico, pra fazer meus exames, a gente vai fazer em Teresina porque aqui não estou achando vantagem não”. (Aga 8)
	“Um local pra gente ficar só nós, continuar os estudos e nos manter informado pra gente viver mais e melhor, a gente passa a viver vida melhor, o projeto de leitura deve continuar e mais passeios pra gente também”. (todas as ag.amor)
	“Outros cursos, para melhorar a leitura”. (todas as ag.amor)
	“Participação na Igreja, fazer cursos de bordado, tricô, crochê, informática para entreter a vida até a hora que Deus chamar...” “criar um centro educacional para idosos...articular com o conselho dos idosos a delegacia do idoso em Caxias...continuar com os projetos de alfabetização...palestras” (todas as ag.amor)

Fonte: Projeto Intergeracional, 2009

**APÊNDICE S – QUADRO 11 – PROJETO INTERGERACIONAL: PERSPECTIVAS
DE PARTICIPAÇÃO**

PERSPECTIVAS DE PARTICIPAÇÃO	
ATIVIDADES	“Participação da Igreja, fazer bordados, aqueles que quiserem continuar estudando é uma participação boa” (todas as ag.amor)
	“Desejo sim. Desejo melhorar minha leitura, minha letra”. (todas as ag.amor)
	“Sim, sem nenhuma dúvida, com certeza eu adoro a Universidade, os idosos, as professoras que tem carinho pelas pessoas idosas que a gente vê na cara das pessoas que recebem as pessoas com a maior satisfação”. (todas as ag.amor)
	“Sim, porque o projeto é muito bom”. (todas as ag.amor)
	“Eu desejo, olha eu deixei até de me operar, porque se eu fosse me operar eu ia me afastar”. (Aga7)

Fonte: Projeto Intergeracional, 2009

APÊNDICE T - PRODUÇÃO DOS IDOSOS

MATÉRIA: Parabéns no dia 8 de março 1875 DATA: ___/___/___

Hoje é o dia Internacional da Mulher.
 e meu elogio para todas mulheres do mundo e
 do Brasil. gente eu acho que se deve acabar
 com o preconceito sobre as mulheres que
 a inda existe gente a minha mensagem
 para as mulheres do mundo e a non. e
 pat. que carrego com nigo. speres. a
 minha mensagem para todas as
 mulheres de todos nivel. do mundo.
 enclusivel a mulher que ajuda construir
 o nosso Brasil. que e as ministras.
 e as senadoras. as governadoras. e as
 disintargadoras. as prefeitas e a nossa memoria
 as Deputadas Federal. e as Deputadas estadual.
 as Vereadoras. as disintargadoras. e as
 i. a. promotoras. as a di. vogadas. e as
 medicas. as mulheres da sigurancas. e as
 mulheres jornalistas. Todas as mulheres
 de nivel importante. mas acho que
 as professoras da Educacao. e que tem
 o todo poder do mundo. Parabéns nossas
 professoras do mundo. e do Brasil.
 a musica com Roberto Carlos e Nossa Senhora
 a sino Agervon Ribeiro da Silva ~~trabalha~~
 Foi avob de idade.
 desculpe meus erros a V Benjamin ~~constant~~
 cari constant Nova caxias no 1615

Agradecimento.

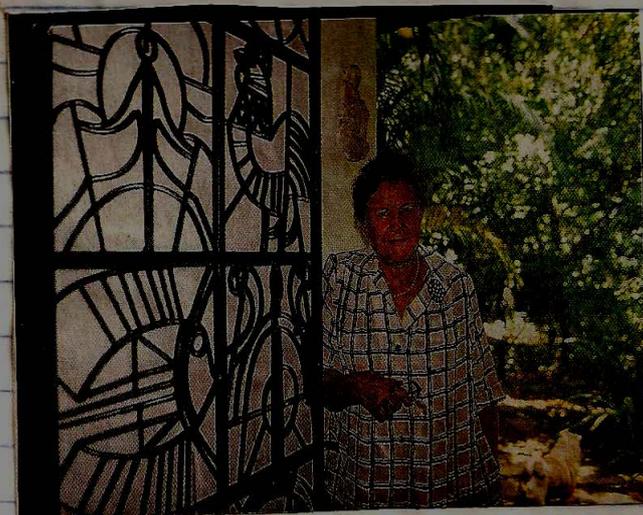
gente bom dia para todos
 aqui nós estamos em centro de
 convivência do idoso cci coHab que é
 um centro educativa para beneficiar os
 idosos com educação saúde e paz e ter o
 nosso direito livre com este projeto que é
 o projeto intergeracional que veio para
 ficar nos idosos estamos todos
 muito satisfeito com o projeto e com
 nossa professora que tanto tem
 feito por nós incluído a nossa
 educadora que é a professora Deuzimar
 que tem dado toda força por nós
 com todo prazer gente nos estamos
 agradecendo todos amigos que
 tiveram a caridade de adiar os olhos
 e pedido da professora Deuzimar para
 os idosos que estão todos escrevendo.
 tem graça em nosso top Deus. ela já
 teve também o prazer de levar a gente
 e mostra as casa da educação superior.
 pois tinha muitos idosos que não conhecia
 para nós é um prazer porque a casa da
 educação será a casa do maior futuro
 para toda família brasileira obrigado
 todas Educadoras e educadores.
 Deus e quem e quem vai dar todo
 o corpo na vida de todos. pedido
 do a luno Sen Maldade.

Agneñon Ribeiro da Silva

artigo 37 Estatuto do idoso
Projeto Intergeração Professora: Delzimar
Da Habitação

Art. 37 O idoso tem direito a moradia digna natural ou substituta ou desacompanhado de seu familiares quando assim o desejar ou ainda em instituição pública ou privada

Art 38 Nos programas habitacionais públicos ou subsidiados com recursos públicos o idoso goza de prioridade na aquisição de imóvel para moradia própria



Agemôn Ribeiro da Silva

~~Assim~~ assim d conta
 79) o estatuto do Idoso.
 que os Idoso do Brasil
 agora o seu direito
 é garantido.
 Mas a qui no Maranhão,
 pelas ^{tudo} mãos ^{foi} poderosa,
 o pobri já tem murrido.
 o projeto do presidente
 a qui perdeu a ascção.
 o pobri do carroceiro
 também ficou na mão
 o dinheiro da previdência.
 destruiu o Farto Simão.
 Manoel moran e frutas

2 conta a qui tambem

o estatuto
si algum sorber.

que o Idoso foi maltratado.
Va a delegacia.

e de parte do desgraçado
quando ele sai da cadeia
ai o pobre ta arrasado.

ascim conta o estatuto glorioso
o Idoso

comer bem. si ele tiver condicao

si esperar pela familia

ele vai fica na mão.

eles bebe o dinheiro de caxaca

e fica rolando no chão.

3

Muitos nos chamam de velhos.

E poucos nos dão valor.

Nós somos jovens por dentro.

Isso é que agrada o Senhor.

Vivemos a melhor idade

com saúde e muito amor.

Entelhecer com saúde

exige dedicação.

Si cuide em quanto hta no to,

Si não fica na mão,

Si empregú em bibeê Caxaça

e a caba o coração

~~ESTRE~~
VOCE PENSA QUE A VELHICE E TRISTE

MAIS A NOSSA NAO E TRISTE NAO.

QUE JIBLAR PELO O DA O DA VIDA

CANTAMOS COM MUITA EMOCÃO.

QUE VIVER COM MUITA ALEGRIA,

NAO DER LUGAR A SOLIDÃO.

TENTE EN ALEGRIA OS OUTROS.

ABRINDO AS PORTA DO TEU CORAÇÃO.

① Maria Yulia Pereira dos Santos
Projeto intergeracional

Diálogo

Estatuto do idoso

Temas: direitos vida

família/Estado, fazes maradia

saúde previdência

Educação social

Do direito à vida

O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta lei e da legislação vigente.

É obrigação do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade

Antonia Francisca de Silva

nome pro feto intergeracional

deólogo Estatuto do idoso

temos direito de vida Família,

Estatuto de Saúde, Educação lazer

moradia Previdência social

-Ho toda pessoa idosa tem direito à liberdade

isso foi garantido, no estatuto i é

verdade passear, estudar, divertir-se

Sem perder a dignidade

Parabens

minha querida professora amiga que é a
 aquela grande lida Educadora confiante.
 Deus Ilmoor Ferro, é com todo prazer que
 eu estou dando os meus votos de
 parabens por este belo dia tão importante
 que é dia internacional da mulher pois
 hoje sera o seu dia eu tenho voce
 como uma das Mulher mas importante
 para milhares de alunos que voce já
 deu a educação a onde eu agradeço
 voce no sentido de convivência do idoso.
 a sua cooperação para mim foi muito
 importante pois já me sinto alfabetizado
 muito a briga pelo sua paciência
 e das queridas professoras que
 tiveram com a minha pessoa que
 tem 73 anos agradeço a Deus por
 todas aquelas que tiveram paciência
 com mim e a esta boa parte de
 Educação eu tenho voce como uma
 eroi educadora Professora eu desejo
 diplomação ele no quadro da minha parede
 de da minha casa desculpe os erro
 pesso a Deus que ja é e sempre
 seja a luz do seu caminho com
 muita saúde e paz para toda sua
 familia desculpe o amigo que não
 pode esquecer de voce tchau

Agenor Ribeiro da Silva
 este nome erado e diplomação

**ANEXO A – RESOLUÇÃO Nº 641/ 2005 CEPE/ UEMA- PROJETO
INTERGERACIONAL**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA

Cidade Universitária PAULO VI - C.G.C. 06.352.421/0001-68 - FONES: 245 6708 / FAX: (098) 245 5882
Criada nos Termos da Lei Nº 4.400 de 30.12.81 - Vinculada à Gerência de Ciência e Tecnologia, Ensino Superior e
Desenvolvimento Tecnológico - Caixa Postal 09 - São Luís/Maranhão

Resolução n.º 641/2005 CEPE/UEMA

**Aprova a criação do Programa
Intergeracional da Universidade Estadual
do Maranhão-UEMA**

O Reitor da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, na qualidade de Presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE, tendo em vista o prescrito no Estatuto da UEMA, em seu Art.58, inciso VIII e,

considerando a necessidade de implantar o Programa Intergeracional em todos os *campi* da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, objetivando o desenvolvimento de atividades que integrem todas as gerações, na perspectiva de oferecer à população idosa a prática de atividades educativas que lhe possibilite revitalizar a participação social e política, assumir conscientemente o seu processo de envelhecimento e gozar do pleno exercício de sua cidadania;

considerando ainda, o que decidiu este Conselho nesta data,

RESOLVE:

Art. 1º - Aprovar a criação do Programa Intergeracional em todos os *campi* da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis, na forma do projeto anexo a esta Resolução.

Art. 2º - Esta Resolução entra em vigor nesta data.

Cidade Universitária Paulo VI, em São Luís (MA), 19 de abril de 2005.


Prof. Waldir Maranhão Cardoso
Presidente do CEPE

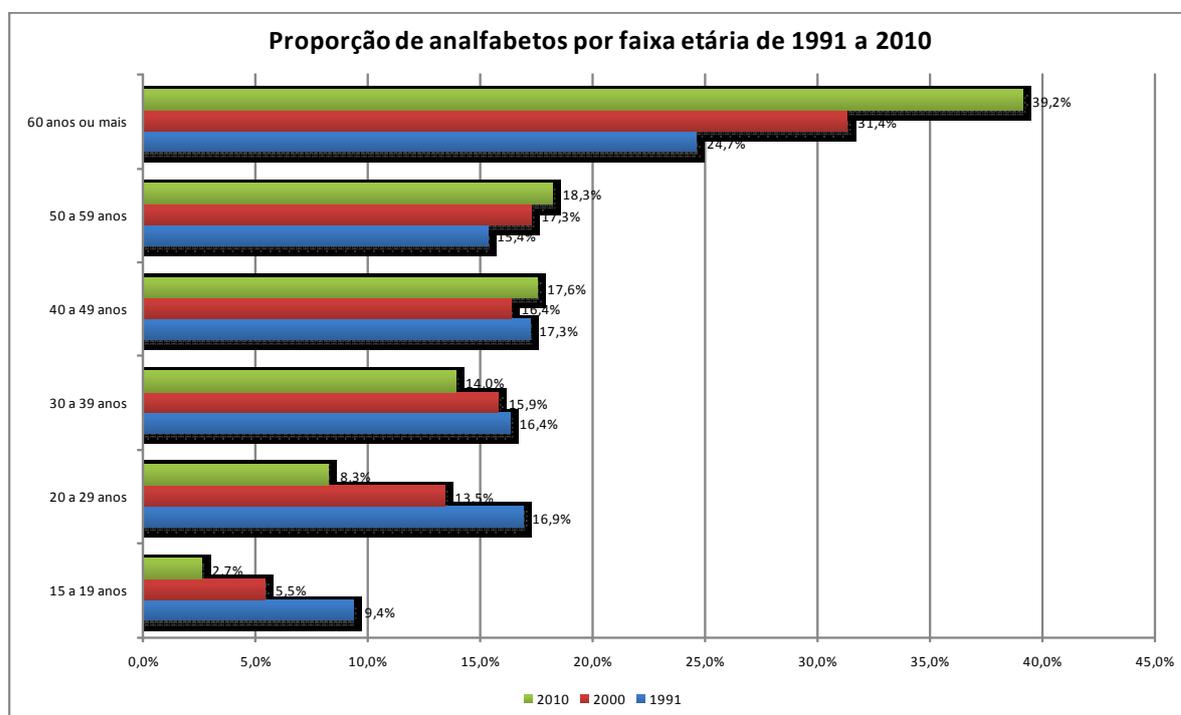
ANEXO B – DADOS ESTATÍSTICOS ÍNDICE DE ANALFABETOS BRASIL

Tabela 1 - Taxa de Analfabetismo (a partir de 15 anos)

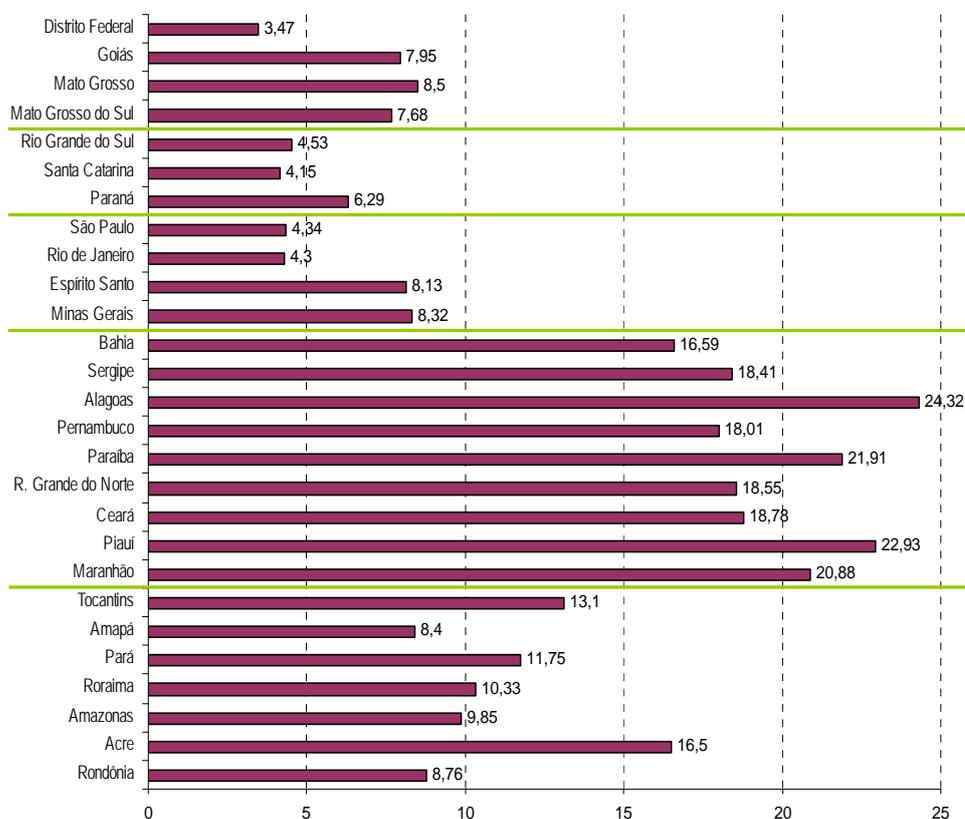
Analfabetismo no Brasil (a partir dos 15 anos de idade)		
Ano	Contingente (em milhões)	%
1920	11,4	64,9
1940	13,3	56,0
1950	15,3	50,5
1960	15,9	39,6
1970	18,1	33,6
1980	18,6	25,4
1991	19,2	20,1
1996	15,1	14,1
2000	13,0	13,6
2010	14,0	9,7

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, contagem populacional 1996/Censo 2000/2010.

ANEXO C – GRÁFICO 1 – PROPORÇÃO DE ANALFABETOS POR FAIXA ETÁRIA DE 1991 A 2010



ANEXO D – GRÁFICO 2 – TAXA DE ANALFABETISMO POR UNIDADE FEDERATIVA



ANEXO E – TABELA 2 - POPULAÇÃO RECENSEADA, POR SEXO E GRUPOS DE IDADE, SEGUNDO DADOS DO IBGE – CAXIAS/MARANHÃO – 2010

MARANHÃO			CAXIAS		
De 60 a 80 anos ou mais			De 60 a 80 anos ou mais		
MULHERES	HOMENS	TOTAL	MULHERES	HOMENS	TOTAL
1.056.516	636.04	1.692.556	9.061	7.230	16.291

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

**ANEXO F – TABELA 3 – PARTICIPAÇÃO DE IDOSOS NA POPULAÇÃO
BRASILEIRA 1940/2000/2010**

TABELA 03: Participação de idosos na população brasileira 1940/2000/2010

Participação de idosos na população brasileira 1940/2000/2010:	
Anos	Percentual
1940	4,06
1950	4,25
1960	4,75
1970	5,06
1980	6,06
1990	7,30
1996	7,89
2000	8,06
2001	9,01
2010	11,3

População Brasileira de Idosos com 21 milhões com mais de 60 anos/estimativa.

Fonte: IBGE/PNAD 2010

ANEXO G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Sua participação é importante, e você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos. A pesquisa terá como tema Educação dos Idosos, para propor e aplicar atividades contando com a sua participação. Se o senhor (a) permitir, pretendemos aplicar um questionário e entrevista, utilizando gravador para melhor compreensão dos dados coletados. Para realizar este trabalho, garantimos o sigilo quanto às informações prestadas. Caso aceite participar, não haverá qualquer prejuízo para você sobre as informações fornecidas.

Durante a realização da pesquisa, se por qualquer motivo resolver desistir, tem toda liberdade para retirar seu consentimento. Em caso de dúvidas, favor comunicar-se com a pesquisadora: Deuzimar Costa Serra, por meio dos telefones (99)3521-1031/9989-6610, ou no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, Rua Coronel Nunes de Melo 1127, Rodolfo Teófilo; Telefone (85)3366-8338.

ENDEREÇO DA RESPONSÁVEL PELA PESQUISA

NOME: Deuzimar Costa Serra

ENDEREÇO: Praça Magalhães de Almeida 835

BAIRRO: Centro – CEP 65.606.060 – Caxias do Maranhão

TELEFONES PARA CONTATO – (99)3521-1031/9989-6610

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação – Doutorado

ANEXO H – SINOPSE DOS FILMES “O ESTUDANTE” E “UP – ALTAS AVENTURAS”

O Estudante

O Estudante conta a aventura de Chano, um homem de 70 anos de idade, que acaba de se inscrever na universidade para estudar Literatura. Assim, se encontra com o mundo dos jovens, de costumes e tradições muito diferentes das suas. Porém, com Dom Quixote sempre como exemplo, Chano atravessa a barreira das gerações e faz novos amigos, torna-se um guia e ajuda a resolver seus problemas. Até que um forte golpe acontece em sua vida e serão agora seus jovens amigos, que terá que ajudá-lo a superar.

Título original: El Estudiante

Duração: 95 minutos (1 hora e 35 minutos)

Gênero: Drama

Direção: Roberto Girault

Ano: 2009

País de origem: MÉXICO

UP – Altas Aventuras

Carl Fredricksen (Edward Asner) é um vendedor de balões que, aos 78 anos, está prestes a perder a casa em que sempre viveu com sua esposa, a falecida Ellie. O terreno onde a casa fica localizada interessa a um empresário, que deseja construir no local um edifício. Após um incidente em que acerta um homem com sua bengala, Carl é considerado uma ameaça pública e forçado a ser internado em um asilo. Para evitar que isto aconteça, ele enche milhares de balões em sua casa, fazendo com que ela levante vôo. O objetivo de Carl é viajar para uma floresta na América do Sul, um local onde ele e Ellie sempre desejaram morar. Só que, após o início da aventura, ele descobre que seu pior pesadelo embarcou junto: Russell (Jordan Nagai), um menino de 8 anos.

Título original: (Up)

Lançamento: 2009 (EUA)

Direção: Pete Docter

Atores: Edward Asner, Chico Anysio, Christopher Plummer, Jordan Nagai.

Duração: 96 min

Gênero: Animação

Status: Arquivado

ANEXO I – TEXTO DA ÁGUIA

Os biólogos que estudam as águias dizem que essas aves possuem a maior longevidade da espécie, chegando a viver setenta anos. Mas, para chegar a essa idade, aos quarenta anos elas têm que tomar uma séria e difícil decisão. Neste período, suas unhas estão compridas e flexíveis, por isso não conseguem mais agarrar as presas das quais se alimentam. Os bicos alongados e pontiagudos estão curvos, apontando contra o peito. As asas estão envelhecidas e pesadas por causa da espessura das penas, e voar é quase impossível.

Nesse momento, a águia só tem duas alternativas: morrer ou enfrentar um doloroso processo de renovação que terá duração de cento e cinquenta dias. Esse processo consiste em voar para o alto de uma montanha e se recolher em um ninho próximo a um paredão onde ela não necessite voar. Ao encontrar esse lugar, a águia começa a bater com o bico em uma parede até arrancá-lo, com grande dor.

Então ela espera nascer um novo bico, com o qual arrancará suas unhas velhas. Quando as novas unhas começam a nascer, ela passa a arrancar as velhas penas. E só após cinco meses sai para o famoso vôo de renovação e mais trinta anos de vida.

Texto do Livro Reencontro Consigo Mesmo

Autor: Osório Torres de Freitas

Edições Paulinas, 2003

ANEXO J – MÚSICA “ORAÇÃO DA FAMÍLIA”

(Pe. Zezinho)

1 – Que nenhuma família comece em qualquer de repente/ Que nenhuma família termine por falta de amor./ Que o casal seja um para o outro de corpo e de mente./ E que nada no mundo separe um casal sonhador.

2 – Que nenhuma família se abrigue debaixo da ponte;/ Que ninguém interfira no lar e na vida dos dois./ Que ninguém os obrigue a viver sem nenhum horizonte;/Que eles vivam do ontem, no hoje e em função de um depois.

3 – Que a família comece e termine sabendo onde vai/ E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai./ que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor/ e que os filhos conheçam a força que brota do amor.

Ref: *Abençoa, Senhor, as famílias. Amém!// Abençoa, Senhor, a minha também!*

4 – Que marido e mulher tenham força de amar sem medida./ Que ninguém vá dormir sem pedir ou sem dar seu perdão/ Que as crianças aprendam no colo o sentido da vida;/ Que a família celebre a partilha do abraço e do pão.

5 – Que marido e mulher não se traiam nem traiam seus filhos./ Que o ciúme não mate a certeza do amor entre os dois/ que o seu firmamento a estrela que tem maior brilho/ Seja a firme esperança de um céu aqui mesmo e depois.

ANEXO K – ATIVIDADE DA ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA

PROJETO INTERGERACIONAL



Org. Profa Deuzimar Costa Serra

NOME: Joana Marques da Silva

Árvore Genealógica

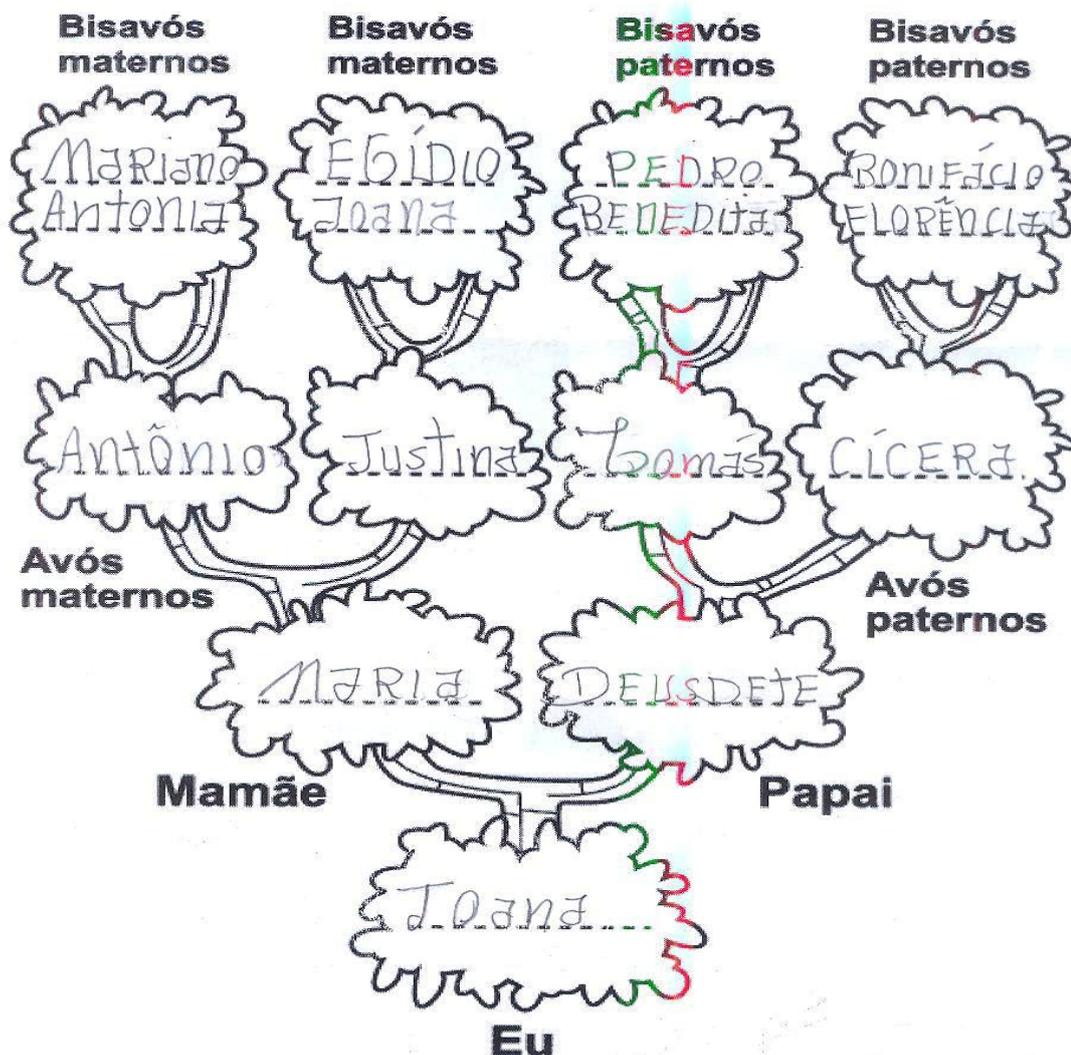


www.smartkids.com.br

-Instruções:

Vamos completar a árvore genealógica da sua família? Então imprima esta página e depois preencha cada ramo da árvore com os nomes dos seus familiares.

Boa diversão!



ANEXO L – MÚSICA “É PRECISO SABER VIVER”

Compositor: (Roberto Carlos) Vocalista: (Roberto Carlos)

1 – Quem espera que a vida/ Seja feita de ilusão/ Pode até ficar maluco/ Ou morrer na solidão/
É preciso ter cuidado/ Pra mais tarde não sofrer/ É preciso saber viver/ toda pedra no
caminho/ você pode retirar/ Numa flor que tem espinho/ Você pode se arranhar/ Se o bem e o
mal existem/ você pode escolher/ é preciso saber viver.

ANEXO M – MÚSICA “O QUE É, QUE É?”

Compositor: Gonzaguinha

Ref: *Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz. Ah! Meu Deus. Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita, é bonita, é bonita e é bonita. (bis)*

1 – E a vida, e a vida o que é diga lá meu irmão, ela é a batida de um coração, ela é uma doce ilusão. Ê, oh! Mais e a vida ela é maravilha ou é sofrimento, ela é alegria ou lamento. O que é, o que é meu irmão. Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo, é uma gota, é um tempo que nem dar um segundo. Há quem fale que é um divino mistério profundo, é um sopro do Criador numa atitude repleta de amor. Você diz que é luta e prazer, ele diz que a vida é viver, ela diz que melhor é morrer, pois amada não é e viver é sofrer. Eu só sei que confio na moça e na moça eu ponho a força da fé, somos nós que fazemos a vida como der ou puder ou quiser, sempre desejada por mais que esteja errada, ninguém quer a morte, só saúde e sorte e aperto da roda e a cabeça erguida, fico com a pureza da resposta das crianças, é a vida, é bonita, é bonita e é bonita.

ANEXO N – TEXTO “A ILHA DOS SENTIMENTOS”

Reinilson Câmara

Era uma vez uma ilha, onde moravam todos os sentimentos: a Alegria, a Tristeza, a Sabedoria e todos os outros sentimentos. Por fim o amor. Mas, um dia, foi avisado aos moradores que aquela ilha iria afundar. Todos os sentimentos apressaram-se para sair da ilha.

Pegaram seus barcos e partiram. Mas o amor ficou, pois queria ficar mais um pouco com a ilha, antes que ela afundasse. Quando, por fim, estava quase se afogando, o Amor começou a pedir ajuda. Nesse momento estava passando a Riqueza, em um lindo barco. O Amor disse:

- Riqueza, leve-me com você.

- Não posso. Há muito ouro e prata no meu barco. Não há lugar para você. Ele pediu ajuda a Vaidade, que também vinha passando.

- Vaidade, por favor, me ajude.

- Não posso te ajudar, Amor, você está todo molhado e poderia estragar meu barco novo. Então, o amor pediu ajuda a Tristeza.

- Tristeza, leve-me com você.

- Ah! Amor, estou tão triste, que prefiro ir sozinha.

Também passou a Alegria, mas ela estava tão alegre que nem ouviu o amor chamá-la. Já desesperado, o Amor começou a chorar. Foi quando ouviu uma voz chamar:

- Vem Amor, eu levo você!

Era um velhinho. O Amor ficou tão feliz que esqueceu-se de perguntar o nome do velhinho. Chegando do outro lado da praia, ele perguntou a Sabedoria.

- Sabedoria, quem era aquele velhinho que me trouxe aqui?

A Sabedoria respondeu:

- Era o TEMPO.

- O Tempo? Mas porque só o Tempo me trouxe?

- Porque só o Tempo é capaz de entender o "AMOR".

ANEXO O – MÚSICA “CIDADÃO”

(Lúcio Barbosa) Vocalista: Zé Ramalho

1 – Tá vendo aquele edifício moço, ajudei a levantar./ Foi um tempo de aflição, era quatro condução: duas pra ir, duas pra voltar./ Hoje depois dele pronto, olho pra cima, fico tonto, mas me chega um cidadão./ E me diz desconfiado, tu tá aí admirado, ou tá querendo roubar./ Meu Domingo tá perdido, vou pra casa entristecido, dá vontade de beber./ e pra aumentar o meu tédio, nem posso olhar pro prédio que ajudei a fazer.

2 – Tá vendo aquele colégio moço, eu também trabalhei lá./ Lá eu quase me arrebento, pus a massa e fiz cimento, ajudei a rebocar./ Minha filha inocente, vem pra mim toda contente, pai vou me matricular./ Mas me diz um cidadão, criança de pé no chão, aqui não pode estudar./ Essa dor doeu mais forte, porque é que eu deixei o norte, eu pus a me dizer./ Lá a seca castigava, mas o pouco que plantava, tinha o direito a colher.

3 – Tá vendo aquela igreja moço, onde o padre diz Amém, pus o sino e o badalo, enchi minha mão de calo,/ lá eu trabalhei também./ Lá foi que valeu a pena, tem quermesse, tem novena, e o padre me deixa entrar./ Foi lá que Cristo me disse, rapaz, deixe de tolice, não se deixe amedrontar./ Foi eu que criei a terra, enchi o rio, fiz a serra, não deixei nada faltar./ Hoje o homem criou asas e na maioria das casas eu também não posso entrar.

ANEXO P – PARÁBOLA DA VAQUINHA

“Era uma vez, um sábio chinês e seu discípulo. Em suas andanças, avistaram um casebre de extrema pobreza onde vivia um homem, uma mulher, três filhos pequenos e uma vaquinha magra e cansada. Com fome e sede o sábio e o discípulo pediram abrigo e foram recebidos. O sábio perguntou como conseguiam sobreviver na pobreza e longe de tudo.

- O senhor vê aquela vaca? - disse o homem. Dela tiramos todo o sustento. Ela nos dá leite que bebemos e transformamos em queijo e coalhada. Quando sobra, vamos à cidade e trocamos por outros alimentos. É assim que vivemos.

O sábio agradeceu e partiu com o discípulo. Nem bem fizeram a primeira curva, disse ao discípulo:

- Volte lá, pegue a vaquinha, leve-a ao precipício ali em frente e atire-a lá em baixo.

O discípulo não acreditou.

- Não posso fazer isso, mestre! Como pode ser tão ingrato? A vaquinha é tudo o que eles têm. Se a vaca morrer, eles morrem!

O sábio, como convém aos sábios chineses, apenas respirou fundo e repetiu a ordem:

- Vá lá e empurre a vaquinha.

Indignado, porém resignado, o discípulo assim fez. A vaca, previsivelmente, estatelou-se lá embaixo.

Alguns anos se passaram e o discípulo sempre com remorso. Num certo dia, moído pela culpa, abandonou o sábio e decidiu voltar àquele lugar. Queria ajudar a família, pedir desculpas. Ao fazer a curva da estrada, não acreditou no que seus olhos viram. No lugar do casebre desmazelado havia um sítio maravilhoso, com árvores, piscina, carro importado, antena parabólica. Perto da churrasqueira, adolescentes, lindos, robustos comemorando com os pais a conquista do primeiro milhão. O coração do discípulo gelou. Decerto, vencidos pela fome, foram obrigados a vender o terreno e ir embora. Devem estar mendigando na rua, pensou o discípulo.

Aproximou-se do caseiro e perguntou se ele sabia o paradeiro da família que havia morado lá.

- Claro que sei. Você está olhando para ela.

Incrédulo, o discípulo afastou o portão, deu alguns passos e reconheceu o mesmo homem de antes, só que mais forte, altivo, a mulher mais feliz e as crianças, jovens saudáveis. Espantado, dirigiu-se ao homem e disse:

- Mas o que aconteceu? Estive aqui com meu mestre alguns anos atrás e era um lugar miserável, não havia nada. O que o senhor fez para melhorar de vida em tão pouco tempo?

O homem olhou para o discípulo, sorriu e respondeu:

- Nós tínhamos uma vaquinha, de onde tirávamos o nosso sustento. Era tudo o que possuíamos, mas um dia ela caiu no precipício e morreu. Para sobreviver, tivemos que fazer outras coisas, desenvolver habilidades que nem sabíamos que tínhamos. E foi assim, buscando novas soluções, que hoje estamos muito melhor que antes.

- Moral da história: às vezes é preciso perder para ganhar mais adiante. É com a adversidade que exercitamos nossa criatividade e criamos soluções para os problemas da vida. Muitas vezes é preciso sair da acomodação, criar novas ideias e trabalhar com amor e determinação.

ANEXO Q – MÚSICA “DE TERESINA À SÃO LUÍS”

Compositor: (João do Vale e Helena Gonzaga) Voz: Alcione

1 – Peguei o trem em Teresina pra São Luís do Maranhão, atravessei o Parnaíba, ai, ai, que dor no coração.

Ref: *O trem danou-se naquelas brenhas, soltando brasas, comendo lenha (bis) e soltando brasas, tanto queima como atrasa. (bis)*

2 – Bom dia Caxias, terra morena de Gonçalves Dias, Dona Sinhá, avisa pra seu Dá, que hoje estou muito avexado, desta vez não vou ficar.

3 – Boa tarde Codó, o folclore Catibó, gostei de ver meninas de bom trato, vendendo aos passageiros de comer mostrando o prato.

4 – Alô Coroatá, os cearenses acabam de chegar, pra meus irmãos uma safra bem feliz, vocês vão para Pedreiras que eu vou pra São Luís.

ANEXO R – VALSINHA

Compositor: Chico Buarque / Vinícius de Moraes

Um dia, ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar.
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar.
E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar.
E nem deixou-a só num canto, pra seu grande espanto, convidou-a pra rodar.
E então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar.
Com seu vestido decotado cheirando a guardado de tanto esperar.
Depois os dois deram-se os braços como há muito tempo não se usava dar.
E cheios de ternura e graça, foram para a praça e começaram a se abraçar.
E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou.
E foi tanta felicidade que toda cidade se iluminou.
E foram tantos beijos loucos, tantos gritos roucos como não se ouvia mais.
Que o mundo compreendeu. E o dia amanheceu em paz.

ANEXO S – POEMA “DAS PEDRAS”**(Cora Coralina)**

Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim. Levantei uma escada muito alta
e no alto subi. Teci um tapete floreado e no sonho me perdi.

Uma estrada, um leito, uma casa, um companheiro.

Tudo de pedra. Entre pedras cresceu a minha poesia. Minha vida...

Quebrando pedras e plantando flores. Entre pedras que me esmagavam

Levantei a pedra rude dos meus versos.

ANEXO T – POEMA “QUEM É VOCÊ?”

(Cora Coralina - 1889-1985)

Sou mulher como outra qualquer.

Venho do século passado e trago comigo todas as idades.

Nasci numa rebaixa de serra entre serras e morros.

“Longe de todos os lugares”.

Numa cidade de onde levaram o ouro e deixaram as pedras.

Junto a estas decorreram a minha infância e adolescência.

Aos meus anseios respondiam as escarpas agrestes.

E eu fechada dentro da imensa serra que se azulava na distância longínqua.

Numa ânsia de vida eu abria o vôo nas asas impossíveis do sonho.

Venho do século passado.

Pertencço a uma geração ponte, entre a libertação dos escravos e o trabalhador livre.

Entre a monarquia caída e a república que se instalava.

Todo o ranço do passado era presente.

A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carrancismo.

Os castigos corporais.

Nas casas. Nas escolas.

Nos quartéis. e nas roças.

A criança não tinha vez.

Os adultos eram sádicos aplicavam castigos humilhantes.

Tive uma velha mestra que já havia ensinado uma geração antes da minha.

Os métodos de ensino eram antiquados e aprendi as letras em livros superados de que ninguém mais fala.

Nunca os algarismos me entraram no entendimento.

De certo pela pobreza que marcaria para sempre minha vida.

Precisei pouco dos números.

Sendo eu mais doméstica do que intelectual, não escrevo jamais de forma consciente e raciocinada, e sim impelida por um impulso incontrolável.

Sendo assim, tenho a consciência de ser autêntica.

Nasci para escrever, mas o meio, o tempo, as criaturas e fatores outros contramarcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata a que está ligada à vida e à saúde humana.

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.

Sempre houve na família, senão uma hostilidade, pelo menos uma reserva determinada a essa minha tendência inata.

Talvez, por tudo isso e muito mais, sinta dentro de mim, no fundo dos meus reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.

Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado.

Preconceitos de classe.

Preconceitos de cor e de família.

Preconceitos econômicos.

Férreos preconceitos sociais.

A escola da vida me experimentou as deficiências da escola primária que outras o destino não me deu.

Foi assim que cheguei a este livro sem referências a mencionar.

Nenhum primeiro prêmio.

Nenhum segundo lugar.

Nem Menção Honrosa.

Nenhuma Láurea.

Apenas a autenticidade da minha poesia arrancada aos pedaços do fundo da minha sensibilidade, e este anseio: procuro superar todos os dias minha própria personalidade renovada, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto.

Luta, a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes,

Quem sentirá a Vida destas páginas...

Gerações que hão de vir de gerações que vão nascer.

ANEXO U – LETRA DA MÚSICA “COMO UMA ONDA”

(Tim Maia)

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi
um dia
Tudo passa, tudo sempre
passará
A vida vem em ondas,
como um mar
Num indo e vindo
infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente viu há
um segundo
Tudo muda o tempo todo no
mundo
Não adianta fugir
Nem mentir pra si mesmo
agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar (2X)

ANEXO V – TEMPO REI

(Lobão)

1 – Não me iludo, tudo permanecerá do jeito que tem sido transcorrendo, transformando tempo, espaço navegando em todos os sentidos, pães de açúcar, corcovados, fustigados pela chuva e pelo eterno vento, água mole, pedra dura tanto bate que não restará nem pensamento.

Refrão:Tempo Rei, ó Tempo Rei (bis) transformai as velhas formas do viver. Ensinai-me ó pai, o que eu ainda não sei, mãe senhora do Perpétuo Socorrei.

2 – Pensamento, mesmo fundamento singular do ser humano de um momento para o outro poderá não mais fundar nem gregos, nem baianos, mães zelosas, pais corujas vejam como as águas de repente ficam sujas, não se iludam, não me iludo, tudo agora mesmo pode estar por um segundo.

ANEXO W – TEXTO “A VELHICE”

Rubem Alves

Por oposição aos gerontologistas, que analisam a velhice como um processo biológico, me interessa pela velhice como um acontecimento estético.

A metáfora mais bonita que conheço para a velhice é o crepúsculo , o pôr - do - sol .

O crepúsculo é lindo . Faz pensar.

No crepúsculo tomamos consciência da rapidez do tempo...

No crepúsculo sentimos o tempo fluir rapidamente.

Por isso muitas pessoas tem medo dele.

A famosa “happy hour” foi inventada como terapia para a tristeza do crepúsculo...

A juventude eterna , que é o padrão estético dominante em nossa sociedade , pertence à estética das manhãs.

As manhãs tem uma beleza única que lhes é própria. Mas o crepúsculo tem um outro tipo de beleza , totalmente diferente da beleza das manhãs.

A beleza do crepúsculo é tranqüila, silenciosa, talvez solitária.

No crepúsculo, tomamos consciência do tempo.

Nas manhãs, o céu é como um mar azul, imóvel.

Nos crepúsculos, as cores se põem em movimento: o azul vira verde, o verde vira amarelo, o amarelo vira abóbora, o abóbora vira vermelho, o vermelho vira roxo, tudo rapidamente

Ao sentir a passagem do tempo, nós nos apercebemos de que é preciso viver o momento intensamente.

Tempus Fugit - o tempo foge - portanto, Carpe Diem - colha o dia.

No crepúsculo, sabemos que a noite está chegando.

Na velhice sabemos que a morte está chegando.

E isto nos torna mais sábios e nos faz degustar cada momento como uma alegria única.

Quem sabe que está vivendo a despedida olha para a vida com olhos mais ternos ...”

ANEXO X – TEXTO “QUATRO ESTAÇÕES”

Mary Esther Harding

A teoria da analista inglesa que li numa revista estes dias faz sentido. Mary Esther Harding (1888-1971, psicóloga, quarta entre os seis filhos de um cirurgião dentista do condado de Shropshire) divide a existência humana em quatro, segundo as estações do ano. Segundo ela, até os 21 anos estaríamos na primavera, época de sementeiras e construções, nascimentos e desabrochares. Dos 21 aos 42 experimentaríamos dias e respectivas noites de verão, eles mais longos que elas, movimento e igualmente construções, só que outras. Dos 42 aos 63 seríamos como o outono das grandes colheitas, celebrá-las e acertar os ponteiros deixados pela temporada anterior. Daí em diante, haveríamos de aturar o inverno, ar frio, céu cinza, e os bichos hibernam, a gente mete o corpo por baixo das cobertas, a noite anoitece mais cedo e às vezes cai neve.

Se entendi direito, viveríamos como flores nos primeiros tempos, infância, adolescência e chegada à maioridade feito girassóis, rosas, margaridas, tulipas, as orquídeas que serviam para dar força e virilidade aos astecas e curavam tosses e doenças pulmonares dos chineses, e as violetas que os homeopatas usam desde 1829 para combater sinusites e reumatismos. (Às vezes tarde demais - mas antes tarde do que mais tarde - descobriríamos que faz bem ser um pouco heliotrópico, comportamento que, segundo a biologia, têm os vegetais que por motivos diversos voltam o tronco e membros para o sol).

Aos 20 e poucos e pela década seguinte moraríamos em um mundo quente como a noite da última quinta (um pouco menos abafado até que não faria mal), horário diferente, figurino leve, caipirinha de tangerina (delícia), a profusão de vermelhos e amarelos e cinzas e verdes do entardecer, compreensões e capacidades de perdoar e relativizar mais aguçadas que nunca, um cheiro diferente, e a ideia de que, entre dezembro e as águas de março, a vida pesa menos.

Aos 42 e pelos próximos 21 aniversários colheríamos o resultado das sementeiras de antes, luz solar incidindo sobre o Equador na perpendicular, ambos os hemisférios igualmente iluminados, dias e noites com duração semelhante, temperaturas mais amenas, menor umidade do ar, redução de chuvas, temporada de mudar, colher e ver as folhas que caem, mais ou menos amarelas, na calçada, nas ruas e na varanda.

Como os animais, armazenaríamos o que fosse preciso durante o outono, de comida à aposentadoria, de paciência à sabedoria, de informações aos afetos mais serenos, da casa arrumada com mesa, estantes, armários e plantas aos descendentes e os descendentes deles, dos sonhos tornados reais às lembranças. E então... possivelmente... então abriríamos as portas para o rigoroso inverno dos finais, até que não houvesse mais nada.

ANEXO Y – TEXTO “COLHEMOS O QUE PLANTAMOS”

NARRADOR: Um lenhador não tinha estudo. Muito trabalhador, cortava lenha desde o raiar do dia até o sol se pôr e vendia-se para uma cidade próxima, aplicando todo dinheiro no estudo de seu filho, que queria ser médico. O tempo foi passando. O menino conseguiu entrar na faculdade de medicina e tornou-se um grande médico, ficando famoso e muito rico. Construiu uma linda casa, casou-se e teve um filho. Seu pai, o lenhador, já muito velho e doente, foi morar com seu filho médico. Porém este tinha uma vida social intensa, recebia muitos amigos importantes em sua casa. Resolveu colocar seu pai no quarto do fundo, pois, como não tinha estudo e era muito simples, não deveria estar conversando com pessoas cultas.

NARRADOR: Com o passar do tempo, as mãos do lenhador, cansadas de tanto cortar lenha, já tremiam e acabavam por quebrar as louças finas do médico. Então este fez uma gamelinha de barro para as refeições do pai e colocava-o para comer no quintal.

NARRADOR: O filho do médico gostava de fazer companhia ao avô nas horas das refeições. Um dia o médico foi ao encontro de seu filho, e este estava no quintal fazendo uma gamelinha de barro. Então seu pai disse:

LEITOR 01: Para que isso, filho?

NARRADOR: Ao que ele respondeu:

LEITOR 02: Para você comer quando ficar velho e sua mão começar a tremer como a do vovô.

Nosso presente é fruto do nosso passado. Colheremos amanhã o fruto do que estamos plantando hoje. Vamos prestar atenção no tipo de semente que estamos plantando.